

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EXTENSÃO RURAL

Ewerton José de Medeiros Torres

**A AÇÃO COLETIVA E SEUS SENTIDOS: NARRATIVAS DE VIDA DE
MULHERES EM CONTEXTOS RURAIS NO SERIDÓ PARAIBANO**

Santa Maria, RS

2019

Ewerton José de Medeiros Torres

**A AÇÃO COLETIVA E SEUS SENTIDOS: NARRATIVAS DE VIDAS DE
MULHERES EM CONTEXTOS RURAIS NO SERIDÓ PARAIBANO**



Santa Maria, RS

2019

Ewerton José de Medeiros Torres

**A AÇÃO COLETIVA E SEUS SENTIDOS: NARRATIVAS DE VIDAS DE
MULHERES EM CONTEXTOS RURAIS NO SERIDÓ PARAIBANO**

Tese apresentada ao curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural (PPGExR) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Doutor em Extensão Rural**.

Orientador: Prof. Dr. Clayton Hillig

Santa Maria, RS
2019

Torres, Ewerton José de Medeiros
A AÇÃO COLETIVA E SEUS SENTIDOS: NARRATIVAS DE
VIDAS DE MULHERES EM CONTEXTOS RURAIS NO SERIDÓ
PARAIBANO / Ewerton José de Medeiros Torres.- 2019.
300 p.; 30 cm

Orientador: Clayton Hillig
Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Maria, Centro de
Ciências Rurais, Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural, RS,
2019

1. Relações de gênero 2. Gênero rural 3. Mulheres camponesas
4. Agroecologia 5. Extensão rural I. Hillig, Clayton II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor. Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável: Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

©2019

Todos os direitos autorais reservados a Ewerton José de Medeiros Torres. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte. E-mail: ewerton@agronomo.eng.br

Ewerton José de Medeiros Torres

A AÇÃO COLETIVA E SEUS SENTIDOS: NARRATIVAS DE VIDAS DE MULHERES EM CONTEXTOS RURAIS NO SERIDÓ PARAIBANO

Tese apresentada ao curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural (PPGExR) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Doutor em Extensão Rural**.

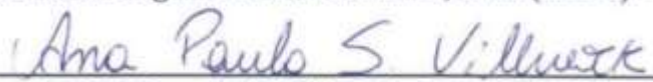
Aprovado em 27 de Agosto de 2019:




Clayton Hillig, Dr. (UFSM)
(Presidente/ Orientador)



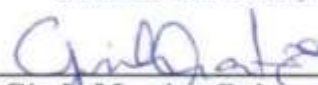
Alessandra Regina Müller Germani, Dra. (UFFS) – Parecer



Ana Paula Schervinski Villwock, Dra. (UFRGS) – Parecer



Cassiane da Costa, Dra. (UERGS)



Gisele Martins Guimarães, Dra. (UFSM)

Santa Maria, RS
2019

A todas, todos e todes que não fogem da lutam ou que já morreram lutando pela equidade entre gêneros e pelo justo direito de existir com cada uma de suas diferenças. Venceremos!

AGRADECIMENTOS

Este é um trabalho que fala sobre trajetórias de pessoas das quais eu não conhecia, mas sabia que estavam ali fazendo parte de uma estrutura maior, na construção de um território. E enquanto contava suas histórias, escrevia um pouco da minha. Para isso contei a contribuição de muita gente, visto que até concluir esse trabalho de doutoramento, a trajetória que escolhi me pôs em contato com novos ensinamentos, oportunidades e percepções.

Sendo assim, primeiramente quero agradecer igualmente a todas as mulheres que direta e indiretamente participaram dessa pesquisa. Eu parei pra fazer as contas de quantas mulheres e histórias de vida diferentes eu tive em contato pra agradecer aqui, mas me perdi totalmente, visto que se somavam para mais de oitenta e poucas, o que me fez incorrer no esquecimento do nome de, como se diz na Paraíba, uma *ruma* de gente.

Apesar do campo empírico dessa pesquisa de tese ter sido na Paraíba, considero que se iniciou no Rio Grande do Sul ainda, quando da proposta qualificada no projeto seria se trabalhar com realidades deste Estado. Dessa forma, quero deixar aqui minha gratidão pela contribuição das mulheres do Grupo Roseli Nunes, do município de Ibiacá, e do Grupo de Mulheres Construindo Sonhos de Santa Margaria do Sul, que se dispuseram a compartilhar suas histórias, impressões e opiniões. O agradecimento se estende às técnicas do CETAP, da EMATER e da equipe de ATES, que me conduziram para estas localidades.

Da Paraíba quero agradecer às mulheres que conheci e outras que reencontrei, as quais participam de dinâmicas e projetos como o Coletivo, o GA de Mulheres, a ASA Paraíba, o PATAC, o Polo da Borborema, a AS-PTA, o CASACO, a Bodega Agroecológica, o Procace, o FIDA e o Semear. Algumas contribuições foram bem sutis, umas foram importantíssimas para que eu me desconstruísse sobre alguns conceitos e opiniões, e outras foram cruciais pra que essa pesquisa se desenvolvesse. Agradeço sobretudo às mulheres participantes dos grupos pesquisados em Cubati, Juazeirinho e Pedra Lavrada. Sem a contribuição valiosíssima de vocês esse trabalho não teria sentido algum.

Às minhas queridas amigas espalhadas por todo o Brasil, que se prestaram a serem minhas revisoras, lendo meus textos ainda crus e mal lapidados. Às amigas feministas que fiz em Santo Ângelo; às minhas alunas feministas do Instituto Federal Catarinense do *campus* de Araquari, SC; às mulheres que contribuíram nas minhas bancas de avaliação... Muito obrigado pelas críticas e orientações.

À minha família, que me deu todo o suporte e apoio para que eu pudesse consolidar o desenvolvimento da pesquisa em todas as fases. Sem a energia familiar nessa reta final não sei se eu conseguiria concluir.

Quanto à trajetória do doutorado, entrego meus agradecimentos às primeiras amizades que fiz em Santa Maria, desde a pioneira visita à cidade em 2012, na Feira da Economia Solidária, quando eu ainda almejava em concluir o mestrado. São amizades que cultivo até hoje. Tem também os que me recepcionaram quando fui morar na cidade em 2015, oferecendo bastante apoio principalmente em moradia; e os amigos e colegas que fui fazendo com o passar do tempo nos grupos que fui me inserindo na cidade, como os do PPGExR, do Instituto Você, do LUFÉ, do Projeto Negócio a Negócio, do Rotaract Club Santa Maria-Liberdade, do clube de leituras TAG Livros... Bem como os (as) amigos (as) virtuais que fiz nos momentos de ~~éie~~ procrastinação nas redes sociais. Para algumas amizades, talvez já tenha ocorrido nossa última vez de nos ver, e isso é normal. O importante é reconhecer o quanto seu aprendizado se expande e ressignifica a cada universo que o seu universo pessoal entra em contato.

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001. Assim, estendo meus agradecimentos à CAPES pela oferta da bolsa de doutorado, aos professores do PPGExR pelos ensinamentos durante esses anos e à UFSM pela disponibilização de diárias que possibilitaram as viagens de estudos durante o curso de doutorado.

Ah! Muito importante também agradecer a todas as pessoas que se mobilizaram em 2018 para me ajudar no transporte de meus cães Clara, Marina e Buba de Santa Catarina para a Paraíba, que foi o momento mais aperreado pra mim nesse período, mas que pude sentir o que é solidariedade de verdade.

Por fim, à cordelista Juliana Soares, que nos presenteou com essa beleza de cordel, que você lerá a seguir, trazendo intrinsecamente em seus versos, a essência das mulheres com histórias aqui narradas.

Meu muito obrigado a todos (as) vocês!

Flores do Seridó

Ao longo de toda história,
A nós basta lembrar,
A força que a mulher tem,
Não precisa nem falar,
Vários feitos realizados,
E sonhos concretizados,
Que a vida vem pulsar.

Mulheres que estão a frente,
Muito a frente do seu tempo,
Desafiando sistemas,
Com todo merecimento,
Na ciência, na educação,
No trabalho e na criação,
Na arte do conhecimento.

Como flores da caatinga,
Elas resistem bravamente,
Exalando o perfume,
Dá força principalmente,
Lutando dia após dia,
Com coragem e alegria,
Vencendo certamente.

Mulheres que em seus grupos,
Vão seus sonhos cultivando,
Construindo amizades,
E pela vida caminhando,
A família defendendo,
E de nenhum esquecendo,
Aos poucos se ajudando.

Mulheres de muita fé,
Fé na própria força sua,
Que por nada se abala,
E o bem se perpetua,
E com a cabeça erguida,
Vai fazendo a sua vida,
Sem nunca "ficar na sua".

Vivendo a liderança,
E com mobilização,
De forma coletiva,
Desenvolvem toda ação,
Atuando no empoderamento,
Ficam longe do esquecimento,
De toda população.

Inspiram uma as outras,
Isso é espetacular,
Sendo pai e sendo mãe,
Com o coração a sangrar,
Buscando força da terra,
Por aqui não se encerra,
É preciso ainda cultivar.

Cultivar as outras flores,
Que na caatinga não estão,
São elas as Margaridas,
Que está em todo rincão,
Por todo nosso Nordeste,
Norte, sul, leste, oeste,
Com toda a emoção.

Sendo todas diferentes,
Prevalece a diversidade,
Superando obstáculos,
Raiz da felicidade,
Assumindo outro lugar,
Capazes de transitar,
Com subjetividade.

Assim, vão embelezando,
Sua vida e seu lugar,
Melhorando a existência,
É preciso valorizar,
As mulheres que militam,
As que no silêncio gritam,
E as que estão a marchar.

Juliana Soares
Nordeste, 29 de julho de 2019.
Cabaceiras-PB.

Informações técnicas:
Poema em estrutura de cordel.
Composição: 10 estrofes em septilhas.
70 versos metrificados em 7 sílabas poéticas.

RESUMO

A AÇÃO COLETIVA E SEUS SENTIDOS: NARRATIVAS DE VIDA DE MULHERES EM CONTEXTOS RURAIS NO SERIDÓ PARAIBANO

AUTOR: Ewerton José de Medeiros Torres

ORIENTADOR: Clayton Hillig

Esta tese parte da necessidade de se valorizar narrativas vivenciadas por mulheres em contextos ainda marcados por opressões como o machismo e o patriarcado, mas que se articulam em diferentes grupos. Buscou-se compreender qual a atribuição de sentido estas mulheres situadas em localidades rurais de três municípios do Seridó paraibano dão às suas ações coletivas. A metodologia utilizada foi a história de vida e a metodologia weberiana, com o auxílio dos relatos orais para a construção das narrativas. Os instrumentos para a coleta das informações foram entrevistas semiestruturadas, a observação, como também as dinâmicas grupais como a linha do tempo e os grupos focais. Cada grupo teve sua própria dinâmica de construção da linha do tempo e quinze mulheres foram entrevistadas. Identificou-se dois tipos principais de ação coletiva, um mais voltado aos sentimentos familiares e outro com marcas de militância. Os sentidos dessas ações são voltados ao convívio, ao trabalho e à renda, no entanto, a convivência configura-se como principal sentido para as mulheres nesta região do seridó se articularem.

Palavras-chave: Relações de gênero. Gênero rural. Mulheres camponesas. Agroecologia. Extensão rural.

ABSTRACT

THE COLLECTIVE ACTION AND THEIR SENSES: NARRATIVES OF WOMEN'S LIFE IN RURAL CONTEXTS IN SERIDÓ OF PARAÍBA

AUTHOR: Ewerton José de Medeiros Torres

ADVISOR: Clayton Hillig

This thesis is about valuing the tales told by women oppressed by sexism and patriarchy, but who find strength by gathering in groups. The main goal is to find out the meaning behind those groups, and the target was the women from three counties of the Seridó's Paraíba. The techniques chosen for this thesis were their life story, the stories they told, along the Weberian methodology to create their own narrative. The tools used to collect the data were scripted interviews, observation, as well as the monitoring of the group's dynamics, their timelines and the construction of even smaller groups within their own. Each group has its own agenda and a total of fifteen women were interviewed. The findings lead to the conclusion that there are two main groups in their dynamics: one is more focused on the family and their feelings and the other one, who fights to guarantee their rights, and also that the main reason why these women get together is to support each other, work and make a living in the Seridó region.

Keywords: Gender relations. Rural gender. Peasant women. Agroecology. Rural extension.

LISTA DE SIGLAS

ABA	Associação Brasileira de Agroecologia
ADERCCOR	Associação de Desenvolvimento Rural de Coalhada, Capoeiras e Região
ANA	Articulação Nacional de Agroecologia
AS-PTA	Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa
ASA	Articulação do Semiárido Brasileiro
ASA-PB	Articulação do Semiárido Paraibano
ATER	Assistência Técnica e Extensão Rural
ATES	Assessoria Técnica, Social e Ambiental à Reforma Agrária
ATP	Assessor Técnico Pedagógico
BSC	Bancos de Sementes Comunitários
CASACO	Associação de Lideranças, Organizações de Agricultores e Agricultoras Familiares do Cariri Paraibano
CBA	Congresso Brasileiro de Agroecologia
CEASA	Centrais Estaduais de Abastecimento
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CENTRAC	Centro de Ação Cultural
CEPFS	Centro de Educação Popular e Formação Sindical
CESE	Coordenadoria Ecumênica de Serviço
CETAP	Centro de Tecnologias Alternativas Populares
CF8	Centro Feminista Oito de Março
CMN	Casa da Mulher do Nordeste
Coletivo	Coletivo Regional das Organizações da Agricultura Familiar do Cariri, Seridó e Curimataú Paraibano
COONAP	Cooperativa Trabalho Múltiplo de Apoio às Organizações de Auto Promoção
COOPERCUC	Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá
COOPERNUT	Cooperativa de Produção de Suplementos Naturais de Campina Grande
COP3	3ª sessão da Conferência das Partes da Convenção de Combate à Desertificação e à Seca
CUT	Central Única dos Trabalhadores
CSsR	Congregação do Santíssimo Redentor
DETR	Departamentos Estaduais de Trabalhadores Rurais
EJA	Educação de Jovens e Adultos
EMATER	Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural
EMEPA-PB	Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária da Paraíba S. A.
EMPAER	Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária
ENA	Encontro Nacional de Agroecologia
FIDA	Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola
FRS	Fundo Rotativo Solidário
GA	Grupo de Animação
GT	Grupo de Trabalho
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
INSA	Instituto Nacional do Semiárido
INCRA	Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária
JPN	Junina Paixão Nordestina
LGBT	Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais
MST	Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra

ONG	Organização Não-Governamental
ONU	Organização das Nações Unidas
OSCIPI	Organização da Sociedade Civil de Interesse Público
P1+2	Programa Uma Terra e Duas Águas
P1MC	Programa um Milhão de Cisternas
PA	Projeto de Assentamento
PAA	Programa de Aquisição de Alimentos
PATAC	Programa de Aplicação de Tecnologias Apropriadas às Comunidades
Petrobras	Petróleo Brasileiro S.A.
PNAE	Programa Nacional de Alimentação Escolar
PPGExR	Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural
PRACASA	Programa de Associativismo e Capacitação do Pequeno Produtor Rural no Semiárido
Procase	Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú
PROPAC	Programa de Promoção e Ação Comunitária
SAB	Semiárido Brasileiro
SENAR	Serviço Nacional de Aprendizagem Rural
SIF	Serviço de Inspeção Federal
SIGRA	Sistema Integrado de Gestão Rural da ATES
STTR	Sindicato de Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais
Sudene	Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste
UEPB	Universidade Estadual da Paraíba
UERGS	Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
UFCG	Universidade Federal de Campina Grande
UFPB	Universidade Federal da Paraíba
UFSM	Universidade Federal de Santa Maria
UVA	Universidade Estadual do Vale do Acaraú

SUMÁRIO

E EU SEIO?	1
1 A AÇÃO COMO BÚSSOLA	7
1.1 Ação e relação social	7
1.2 A ação coletiva e o viés da reciprocidade	10
1.3 A racionalidade e as racionalizações	13
2 GÊNERO, MULHERES, AGROECOLOGIA	17
3 DESENVOLVIMENTO PARA QUEM?	27
3.1 Conviver, porque a seca continua!.....	28
3.2 Anima-te, a luta pulsa no Semiárido!	30
4 TRAJETÓRIAS PERCORRIDAS E A LEITURA DA REALIDADE	35
4.1 O chão que enraizou a pesquisa e as pessoas envolvidas	35
4.2 Recursos metodológicos	37
5 A CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS NA FORMAÇÃO DOS LAÇOS	41
5.1 Grupo Vitalidade, a arte que movimenta	44
5.2 Grupo Mulheres Filhas da Terra, o compromisso com a luta.....	62
5.3 Grupo Mulheres Camponesas do Semiárido, cultivando saberes e sabores	78
6 A FLORA DAS MULHERES	91
6.1 <i>Jacaranda</i> , a professora que costura um sonho de amizade.....	91
6.2 <i>Annona</i> , em tudo, por tudo, pela família.....	99
6.3 <i>Luziola</i> , com fé vai, e vai mermo.....	103
6.4 <i>Caesalpinia</i> , a liderança obstinada que ninguém para.....	110
6.5 <i>Janusia</i> , uma ideia não nasce sozinha	118
6.6 <i>Marcetia</i> , atuando na cena do empoderamento jovem	122
6.7 <i>Myrcia</i> , a jovem inspirada em suas guerreiras.....	125
6.8 <i>Lippia</i> , um tantin pra cada um	129
6.9 <i>Cariniana</i> , primeiramente Deus, segundo o que representamos	132
6.10 <i>Cedrela</i> , quando é preciso ser mãe e pai	141
6.11 <i>Griffinia</i> , o trabalho com a vontade ainda da terra	145
6.12 <i>Fridericia</i> , se até cada dedo é dum tamanho diferente	153
6.13 <i>Myrsine</i> , a raiz da felicidade e da superação.....	162
6.14 <i>Dalbergia</i> , eu o pai e ele a mãe, igual diz o ditado.....	166
6.15 <i>Cattleya</i> , a que cultiva margaridas.....	176

7 QUE SENTIDO FAZ?	195
REFERÊNCIAS	201
APÊNDICE A - PRIMEIRA INSPIRAÇÃO	209
APÊNDICE B - SEGUNDA INSPIRAÇÃO	227
APÊNDICE C - GUIA DE PERGUNTAS NORTEADORAS DAS ENTREVISTAS .	252
APÊNDICE D - RETRATOS DA PESQUISA	253
APÊNDICE E - PLANTAS REPRESENTADAS	267
ANEXO A - MODELO DE BOLETIM SISTEMATIZADOR	275

E EU SEIO?

Nessa tentativa mesclada de prefácio e introdução, inicio com essa expressão, utilizada no Nordeste por quem não sabe de alguma coisa ("*E eu seio disso?!*"). Falo isso, porque aqui conto através de minha percepção a história de 15 mulheres, que se integram em grupos no território do Seridó paraibano e, talvez, não seja meu local de fala mais adequado. Assim, em muitos trechos deixei elas mesmas contarem essas histórias nas páginas que lhe são dedicadas, e com suas narrativas, conseguem descrever uma realidade que talvez você não conheça.

Mas e você? É do tipo de pessoa que gosta de ver quando outras pessoas conquistam sonhos? É aquele tipo de gente que a pele fica arrepiada pelo simples fato de ver o outro saindo de uma situação de opressão e conseguindo se emancipar? Eu acredito que sim. Com esse trabalho, te convido a conhecer trajetórias de vida que também abordam isso. Vou tentar te aproximar de uma realidade específica da região semiárida brasileira e mostrar a diversidade de sonhos que são articulados dentro de um território. Por meio dessas trajetórias, quero mostrar como o desenvolvimento nesses contextos rurais se rabisca, se desenha e se pinta de formas distintas e complementares. Juntas, elas resolveram unir suas energias em ações coletivas, promovendo a agroecologia e a melhoria de vida das famílias camponesas, mesmo que ainda imersas em uma realidade social marcada com obstáculos que necessitam de superação diária, como o patriarcado, o machismo e a misoginia, se constituindo como sujeitos históricos e políticos de suas próprias histórias.

Essa tese foi construída através da coleta de depoimentos, dos quais eu tentei construir uma imagem de um território que vive um momento de grande força e construção de uma organização feminina. Portanto, cada depoimento traz uma concepção de vida diferente, residindo na individualidade uma grande força, e quando observados de longe, formam o que se pode chamar de uma memória afetiva coletiva.

Qualquer história dessas poderiam ser facilmente esquecidas e a minha intenção foi imergi-las da escuridão do desaparecimento para torná-las histórias que possam trazer reflexões para uma humanização de perspectivas de desenvolvimentos. Desenvolvimentos, porque, como você verá, cada dinâmica trabalha em um ritmo diferente, com uma proposta diferente. E por mais que se distingam em suas ideias, conseguem estabelecer certa união e articulação dentro deste território que foi citado. Essa união ora pode ser firme, ora efêmera,

dependendo de como se dá o diálogo, como uma colcha de retalhos individuais, costurados com linhas que podem ser fortes ou fracas.

Esse trabalho também fala muito sobre relacionamentos humanos, que não são nada simples, visto que à medida que podem vir supostos de empatia, também podem originar conflitos. E os grupos de mulheres não ficam fora disso. Quando elas se relacionam com agentes externos, todo o conflito pode ser dissolvido ou aumentado. Como também essas organizações podem enfraquecer sua atuação, que foi o que aconteceu com um dos grupos dos quais se pensava em trabalhar anteriormente nesta tese.

A primeira pesquisa desta tese, então, realizei no ano de 2016 no âmbito de uma disciplina do PPGExR, e tive a intenção de investigar sobre as trajetórias de vida e o protagonismo de mulheres assentadas do Projeto de Assentamento (PA) Seguidores de Natalino, em Ibiaçá, município do Noroeste do Rio Grande do Sul. Elas eram participantes do Grupo de Mulheres Roseli Nunes. O grupo, infelizmente, se desmobilizou depois do enfraquecimento da política de ATEs e o término dos contratos com a ONG que as assessorava.

Como resultado dessa pesquisa, foram escritos dois artigos que anexei no final desse trabalho (Apêndices A e B). Achei relevante estarem aqui, porque considero que foi a partir desse grupo que me inspirei para construir esta tese de doutoramento. Apesar de trazerem uma realidade totalmente diferente, de um território da região Sul do Brasil, é importante para compreender como foi construída a nova proposta de tese, quando elementos da luta de ambas as realidades prevalecem.

A aproximação com o campo de pesquisa na Paraíba foi sendo construída. Dessa forma, pesquisando no Seridó, posso dizer que me senti mais empoderado com o assunto, porque além de ser na minha região de origem, a pesquisa dialoga muito com temáticas que estudei na graduação de Agronomia e no mestrado de Agroecologia, que são, respectivamente, as experiências com Fundos Rotativos Solidários¹ e o manejo sustentável do umbuzeiro; temas que virão a aparecer nas histórias de alguns grupos. Grupos estes compostos por grandes lideranças locais, ou, como se costuma chamar, animadoras.

Essas animadoras atuam como mobilizadoras de suas comunidades, como também de um outro grande grupo a nível territorial, que você irá conhecer. Elas conseguem mobilizar e

¹ “Os Fundos Rotativos Solidários (FRS) são uma ferramenta de democratização das inovações agroecológicas das famílias agricultoras da Paraíba. No estado existem os mais variados tipos de FRS, com ou sem a circulação de moeda: Bancos de Sementes Comunitários (BSC), cercas de arame, campos de palma, fogões ecológicos ou pequenos animais” (AS-PTA, 2013).

mostrar seu trabalho não só em suas comunidades, mas ultrapassam as fronteiras municipais e territoriais. Sobre mobilizar, Toro e Werneck (1997) comentam que é quando se convoca vontades para um propósito determinado, com vistas a uma mudança na realidade. Foi exatamente isso que aconteceu em cada um dos grupos, elas mudaram suas realidades. As mudanças se faziam necessárias, e elas catalisaram esses processos.

Nesse mesmo contexto, Prado (2002, p. 60) define mobilização social como sendo “um processo de desenvolvimento de condições materiais, psicossociais e políticas que são necessárias para a constituição de ações coletivas”. Para o autor, mobilizar uma ação coletiva leva em conta aspectos como a identidade coletiva, a mobilização de recursos, a transformação das relações de subordinação em relações de opressão, e a demarcação das fronteiras políticas.

É nessa perspectiva que movimentos de ação coletiva, como os movimentos de cunho feminista, que põe a discussão das relações de gênero na pauta das mudanças sociais, manifestam que são necessárias transformações na sociedade com vistas a torná-la mais igualitária para os gêneros existentes. Esse tipo de ação conjunta, portanto, pode ser compreendido como o esforço de um coletivo de pessoas interessadas em atingir um objetivo em comum (SCHMITZ; MOTA; SOUSA, 2017).

Como Molyneux (2007) indica, é preponderante dar importância à organização e mobilização das mulheres no que diz respeito às conquistas dos seus interesses estratégicos, se tratando, portanto, de uma conquista decorrente da ação coletiva. Para Batliwala (1994, p.128), o que vem a ser definido como empoderamento feminino também irá se vincular a essa noção de interesses estratégicos.

Por mais que não seja o tema central da tese, ao passo que elas relatam suas histórias, percebe-se que o empoderamento vai sendo desenvolvido de formas diferentes, de acordo com cada experiência de cada mulher. Assim, sendo um processo individual para cada uma, dificilmente encontraremos uma mulher se empoderando sozinha nestas páginas, visto que anterior a este estado supõe um processo educativo por trás, com a troca de informações, valores e conhecimentos.

Com isso, se pretende possibilitar nesta tese um fortalecimento na compreensão da luta por equidade de gênero a partir da reflexão sobre as experiências relatadas. O trabalho visa também servir de sensibilização para ações extensionistas, que certamente poderão estar atuando direta ou indiretamente nestes processos educativos de empoderamento feminino. Visto que os profissionais que trabalham com extensão rural podem não perceber que diversos processos ocorrem tanto internamente nos indivíduos, como em suas relações sociais, existirá

um cuidado em apresentar uma rica diversidade de pensamentos para que estes agentes externos, ao lerem, possam entender que é importante programar e executar suas ações de maneira mais eficazes e humanizadas, estimulando o real ensejo dos indivíduos/atores envolvidos.

A riqueza das narrativas apresentadas aqui reside na possibilidade de compreender que ainda que atualmente estas mulheres ocupem espaços similares, compartilhando a vida na comunidade e nos demais grupos, suas trajetórias refletem diferentes formatos e motivações que as levaram a se organizar como estão. É perceber que, por mais que elas estejam juntas, são diferentes.

É, além disso, o fazer perceber no (a) agente externo (a), seja ele (a) extensionista, pesquisador (a), animador (a) de ONGs, ou qualquer outro (a), que irá se deparar com uma realidade que já supõe subjetividade e demandas das quais sua formação acadêmica ou profissional pode não o ter preparado. Como quando eu estive pesquisando com um dos grupos, que ao saberem que eu gosto de desenhar, me solicitaram um desenho de um banner. Contei que não teria tempo de pintar em virtude da tese, mas poderia rascunhar uma ideia. E a partir dessa minha pequena contribuição no rascunho em papel, elas correram atrás de materializar a ideia da forma que pensavam (Figura 1).

Portanto, a questão que se coloca é o de compreender o que levou estas mulheres a optarem por um modo de interação social coletivo. Será que os sentidos que elas dão à ação coletiva se repetem? Talvez. O que se propõe aqui é uma reflexão sobre o caráter valorativo que as mulheres têm dado para o trabalho ou a interação coletiva. Os diferentes sentidos destas ações foram coletados com a metodologia das histórias de vida à luz da metodologia weberiana, trazendo uma possibilidade de identificar o ponto de partida que as levaram buscar, o que podemos dizer, de um novo descortinar de perspectivas. Assim, o objetivo geral foi compreender quais as atribuições de sentidos são dadas à ação coletiva por mulheres situadas em localidades rurais de três municípios do Seridó paraibano, as quais participam de dinâmicas grupais. E a busca pelas suas histórias, suas racionalidades individuais e inserções nos grupos, bem como a compreensão de desenvolvimento que buscam configuram-se como objetivos específicos. A relevância desta tese é de destacar aspectos da organização coletiva de mulheres camponesas onde as vozes dessas possam também ser registradas.

Sobre a estrutura da presente tese, está integrada em mais sete sessões além desta parte introdutória. Da segunda à quarta parte serão abordados conceitos norteadores para compreensão o que venha a ser discutido posteriormente. Dessa forma, na segunda parte será colocada em evidência a questão nuclear deste trabalho, com a apresentação de conceitos

sociológicos encontrados na teoria de Max Weber sobre ação e ação social, fazendo-se uma explanação sobre relação social, racionalidade e solidariedade, dialogando sua teoria com a de outros autores.

Na terceira parte, foram abordadas questões sobre a construção da categoria gênero e sua relação com a agroecologia, colocando-se como se entende o que venha a ser gênero dentro de um processo histórico, e como surgiu no Brasil a condição de que para que ocorra agroecologia necessariamente precisam existir relações de gênero pautadas no feminismo, que luta pela equidade entre os gêneros.

Figura 1 – Painel da Junina Paixão Nordestina da comunidade Olhos D’Aguinha, de Juazeirinho, PB, que teve a ideia rascunhada em papel por Ewerton José de Medeiros Torres e pintada em tecido pelo artista paraibano Roberto Reis, do município de Remígio, PB.



Fonte: Autoria própria.

A quarta parte é a última que apresenta revisão bibliográfica, trazendo uma reflexão sobre desenvolvimento rural, dando posteriormente enfoque à perspectiva de desenvolvimento que se articula no Semiárido brasileiro. Na mesma parte é feito um resgate de como se construiu a articulação feminina que se trabalhou junto nesta tese, dando um

enfoque às organizações predecessoras que a deram origem, e a forma como vêm trabalhando coletivamente.

Assim, na quinta parte se apresentam aspectos da metodologia que se embasou para a “colheita” das histórias, situando onde e como foi feito com cada um dos grupos envolvidos. Em seguida, parte-se para a sexta seção do trabalho, que começa a contar sobre a história das mulheres envolvidas, como elas se organizam em grupos, como esses grupos foram criados e os sentidos que fazem eles serem mantidos até hoje. Com isso, adentram-se às histórias de 15 mulheres, que estão dissociadas entre os grupos, revelando, por meio de suas histórias, suas subjetividades, escolhas, idealizações de vida e sonhos. Por fim, na seção última, tenta-se resgatar os principais elementos que trazem o sentido de suas ações.

1 A AÇÃO COMO BÚSSOLA

Visando a compreensão dos diversos aspectos que levariam as mulheres a optarem por modelos de trabalho e socialização coletivos, esse trabalho traz primeiramente como base o modelo teórico da ação coletiva, estendendo a discussão aos conceitos de cooperação, reciprocidade, dádiva e solidariedade.

Pretende-se, nesta seção, fazer um pequeno apanhado dos conceitos principais que serão abordados com o intuito de se constituir uma localização da discussão, sem tomar muito tempo no aprofundamento de conceitos que já foram bem discutidos por outros (as) autores (as). Serão apresentados alguns conceitos que vêm da sociologia compreensiva de Max Weber. Segmentada em três partes, na primeira delas serão apresentados conceitos de ação, tipologias da ação social e relação social, bem como seu conceito de racionalidade, o que vai ajudar a compreender o objeto de estudo desta tese; na segunda parte será explanado sobre essa ação coletiva e como esta dialoga com o conceito de reciprocidade; por último, uma reflexão sobre a racionalidade e as racionalizações.

1.1 Ação e relação social

Em seu livro *Economia e Sociedade* (2014), Weber apresenta logo nas primeiras páginas os conceitos-chave que baseiam sua investigação sociológica, bem como define o que venha a ser sociologia. Para ele, a sociologia está fundamentada no indivíduo, que se ocupa da ação social; ele também se preocupa em entender, sob uma ótica racional, os motivos que estimularam determinadas ações.

Assim, em sua compreensão ação se trata de um comportamento humano “sempre que e na medida em que o agente ou os agentes o relacionem com um sentido subjetivo. Ação ‘social’, por sua vez, significa uma ação que, quanto a seu sentido visado pelo agente ou os agentes, se refere ao comportamento de outros, orientando-se por este em seu curso” (WEBER, 2014, p. 3).

Dessa forma, quando o indivíduo tiver sua ação direcionada aos outros esta ação é social, e daí cabe à investigação sociológica a atribuição de compreender o sentido ou o motivo que norteia esta ação, considerando um pensamento racional para explicar. Com isso, Weber, que já tinha notado aspectos sobre as ações humanas, percebeu que existe uma grande variedade de comportamentos, o que o fez elaborar algumas tipologias referentes a essa

variedade de condutas que uma pessoa possa tomar, com fins de compreender seus elementos determinantes.

Assim, para Weber o objeto de estudo da Sociologia passa a ser uma realidade infinita e para conseguir realizar análises é necessário construir tipos ideais, tipologias, que na verdade não existem, mas auxiliam para orientar a análise que se pretende fazer. Essas tipologias se tratam, então, de construções mentais formadas pelo indivíduo e representam os fatores mais marcantes percebidos na realidade. Desta maneira, de acordo com Weber (2014), a ação social é compreendida como qualquer ação realizada por um sujeito dentro um meio social que, precisamente, tenha um sentido determinado por seu autor. Dessa maneira, os tipos ideais, que servem como modelos, mas que são infinitos, podem ter essa infinidade resumida em quatro ações fundamentais.

A primeira delas é a racional e se define com base nos fins, nos objetivos que quer se alcançar, sendo comum existir um cálculo dos meios. Ocorre quando existe certa expectativa com relação às outras pessoas. Esta expectativa é usada para alcançar os objetivos desejados. Isto quer dizer então que a ideia central dessa ação são as estratégias, os meios estabelecidos racionalmente pelo indivíduo para obter o que quer.

A segunda consiste na ação social racional com relação aos valores, que não é mais os fins que justificam a ação, mas quando se age pela crença consciente em valores, que podem ser éticos, religiosos, estéticos, dentre outros. Este tipo de ação fez com que o indivíduo se comporte em detrimento de possíveis consequências.

Em seguida vem a terceira, ação social afetiva, que está relacionada aos sentimentos, à parte que lida com as emoções do ser humano, determinada por afeto. Por estar relacionada a um estado emocional, resulta em impulsos imediatos e “é quase indistinguível do comportamento reativo” (SCHLUCHTER, 2011, p. 328).

E por último, existe a ação social tradicional. Esta se baseia em costumes, hábitos, crenças religiosas e tradições que muitas vezes não são racionalizados, assim, sendo classificadas como a mais próxima da irracionalidade, como a afetiva também é vista. Este tipo de ação, então, não passa de uma reação surda a estímulos habituais (WEBER, 2014, p. 15). Nesta última se percebe muito a questão do inconsciente coletivo, aquelas coisas que os indivíduos fazem sem às vezes nem saber o porquê o fazem.

Para Weber, no entanto, os quatro tipos de ação são entendidos como uma progressão no que se refere ao grau de racionalidade. Dessa forma, as ações que se desenrolam conforme o primeiro modelo possuem maior grau de racionalidade. E para o sociólogo, esses modelos são úteis para definir o que venha a ser relação social, que é quando o indivíduo projeta sua

ação com base em outros agentes. Para Weber, “a relação social consiste, portanto, completa e exclusivamente na probabilidade de que se aja socialmente numa forma indicável (pelo sentido), não importando, por enquanto, em que se baseia essa probabilidade” (WEBER, 2014, p. 16).

A relação social, então, acontece quando o sentido da ação social for recíproco entre os indivíduos. Por isto, essas relações podem se configurar em efêmeras e duráveis. As primeiras são aquelas relações sociais que se desenvolvem em pouco tempo, e as duráveis, são aquelas que estão diretamente ligadas com a crença na validade moral das condutas que são garantidas pelas convenções sociais ou pelo direito, o que para Weber se revelam como as que realmente importam para a pesquisa sociológica. Para ele, a relação social além de poder ter ou não continuidade, pode ser ou não persistente ou ainda mesmo mudar radicalmente de sentido durante o seu curso, passando, de solidário a hostil.

Conforme estas denominações dadas por Weber, acredita-se ser interessante à compreensão deste trabalho, apresentar algumas variações nessas relações sociais colocadas pelo autor. Dessa forma, a primeira, que pode ser até a mais importante para os objetivos propostos aqui, seria a relação comunitária. Este tipo de envolvimento existe quando é presente na atitude da ação social um sentimento subjetivo das pessoas em pertencer ao mesmo grupo, o que pode ser apoiado em fundamentos afetivos ou tradicionais, ou até mesmo o que poderíamos chamar de uma solidariedade social.

Outra dessas variações seria a relação societária, que ocorre quando a atitude da ação social é balizada por intermédio de uma união dos interesses comuns ou motivada racionalmente, que aí se faz referência às ações baseadas nos valores e nos fins.

Essa relação societária pode ser fechada ou aberta. Quando for concebida de forma aberta, qualquer pessoa pode adentrar na comunidade ou sociedade, mas quando for fechada se operam regras que limitam as participações; e a partir desse aspecto fechado que vem a ser definido o que o autor chamou de associação (WEBER, 2014).

Em vista desta explanação sobre a teoria da ação social em Weber, tem-se que os tipos ideais tanto são racionais, como utópicos. Utópicos, porque esses tipos não pretendem ser um reflexo ou uma repetição da realidade, servindo apenas para explicá-la. Assim, quando constrói essas tipologias, coloca em evidência uma questão a respeito da continuidade dessas relações sociais que são criadas, ou seja, qual seria a base de sustentação que garanta a legitimidade destas relações, tendo em vista que o ‘social’ se origina no indivíduo e é manifestado pelo comportamento individual. Assim, cabem reflexões sobre as ações individuais também.

1.2 A ação coletiva e o viés da reciprocidade

O desenvolvimento da cooperação² é necessário ser entendido em seus níveis, partindo dos mais simples para os mais complexos. A ação coletiva trata-se de um processo em que as pessoas cooperam entre si e pode ser entendida como a dedicação de um conjunto de pessoas que visam chegar a um objetivo comum (SCHMITZ; MOTA; SOUSA, 2017, p. 206). Para estes autores, “a ação coletiva é realizada, principalmente, quando um determinado objetivo comum a um grupo de indivíduos não pode ser alcançado por meio de uma ação individual”.

De acordo com Cattani (2011), a ação coletiva compreende a possibilidade de um poder de decisão e da capacidade de agir. Tilly (1981, p. 17) reitera que a ação coletiva está presente em “[...] todas as ocasiões em que grupos de pessoas mobilizam recursos, incluindo seus próprios esforços, para alcançar objetivos comuns”.

No entanto, o aparecimento da ação coletiva não deve ser classificado como um fator natural, visto que o que ocorre exatamente é que ela é pouco provável que ocorra (OLSON, 1998). Axelrod (1984) e Ostrom (1990, 1998) reiteram este pensamento quando apontam que, além do interesse comum partilhado, a ação coletiva vai necessitar de recursos estruturantes, que possibilite aos participantes se engajarem. E nesta lógica é conhecida a influência da reciprocidade intermediando as relações humanas.

E, independente de necessitar de uma base estruturante, e pautar na lógica da reciprocidade, a existência da ação coletiva não requer um envolvimento prévio e consolidado entre os indivíduos. Como apontam Schmitz, Mota e Sousa,

[...] A ação coletiva visa a tentar resolver uma causa pontual e, para isso, não requer a existência anterior de uma união profunda, de uma confiança ou de um alinhamento ideológico entre os participantes. Por outro lado, pode se tratar de uma cooperação em longo prazo, como em uma empresa, que reúne pessoas com interesses diferentes e até divergentes. Em muitos casos, então, a cooperação pode ser considerada como um sinônimo da ação coletiva, especialmente quando se trata de ações coletivas duradouras [...] (2017, p. 205).

² Cooperação é aqui entendida como uma forma de ação coletiva na qual “dois agentes cooperam quando eles se engajam em um empreendimento comum para cujo resultado as ações de cada um são necessárias, e onde a ação necessária de pelo menos um deles não está sob o controle imediato do outro” (WILLIAM, 1988, p. 7).

De modo semelhante as autoras Maneschy, Conceição e Maia (2010) apontam que nos locais onde é possível encontrar um tecido social ativo, que possua formas de cooperação anteriores como a uma associação, por exemplo, tende a apresentar uma interação mais eficaz. Dessa forma, no que diz respeito a um processo de identidade coletiva, a ação entre pessoas ganha mais notoriedade.

Tal processo de identidade coletiva pode se configurar como regulador e também emancipador, visto que além de regular as maneiras que os sujeitos constituintes do coletivo se relacionam, é capaz de determinar limites destes sujeitos com o meio social em que estão incorporados, implicando também na regulação de suas relações de solidariedade (MELUCCI, 1996).

Em sua obra *A lógica da ação coletiva*, Olson (1998) fornece alguns conceitos sobre a teoria da ‘escolha racional’, na qual explica os fenômenos sociais pensados por meio da preferência de indivíduos com ideais racionais, seguindo uma lógica utilitarista da relação custo-benefício. Olson (1998) menciona também sobre a existência de integrantes de um grupo com interesses convergentes que não agem necessariamente para os promoverem, mesmo quando os objetivos já alcançados os permitissem usufruir de uma situação de vida melhor.

Olson (1998) ainda explica que nesse processo pode ser notada a existência de indivíduos com uma atitude denominada como *free rider*. Traduzindo, este termo teria o sentido de aproveitadores, ou os que pegam carona. Portanto, se tratam daquelas pessoas que se beneficiam das conquistas e dos resultados de um esforço coletivo, sem ter se dedicado a participar da ação coletiva em si, embora estes não podem ser excluídos do aproveitamento do bem obtido. Esse tipo de atitude é uma característica importante a ser identificado em dinâmicas de grupos, visto que quando uns trabalham mais que outros as noções sobre reciprocidade, solidariedade e dádiva podem assumir outro significado do que já se conhece convencionalmente.

Em se tratando de reciprocidade, Axelrod (1984) foi quem evidenciou o seu papel como elemento-chave para esclarecer a existência da ação coletiva, como também indicou várias referências para promover a cooperação, como o aumento em quantidade das interações entre os envolvidos e o ensino da prática da reciprocidade. Nessa racionalidade, Ostrom (1998, 2010) sugere paradigmas mais complexos para ocasionar em uma teoria mais ampla do comportamento racional, considerando também a importância da reciprocidade para a emergência da ação coletiva.

A relação entre ação coletiva e reciprocidade, dessa forma, transfiguram-se como temas de trabalhos relacionados ao campesinato e à agricultura familiar. Sabourin (2009, p. 13), que vem trabalhando neste viés, coloca a reciprocidade como “[...] não apenas uma categoria econômica diferente da troca de mercadorias [...]”, pois, além disso, configura-se como um princípio econômico que se opõe à troca mercantil.

Complementa que este princípio, na perspectiva antropológica, corresponde “[...] a um ato reflexivo entre sujeitos, a uma relação intersubjetiva, e não a uma simples permuta de bens ou de objetos, como pode ser ao limite, o caso da troca” (Ibid., 2012, p. 55).

Esse princípio designa “[...] relações e prestações que não impliquem a noção de cálculo ou que não privilegiem apenas a satisfação de interesses materiais privados que correspondem bem ao espírito do princípio de troca” (Ibid., 2012, p. 56). Já outros autores, como Castel (2003), correlacionam a reciprocidade à solidariedade e para Sabourin (2012, p. 55), a “reciprocidade é sinônimo de solidariedade (dependência mútua, fato de ser solidário) ou de mutualidade”.

Em uma perspectiva diferente, Mauss (2003) estudou a reciprocidade em sociedades classificadas como primitivas, contribuindo na reafirmação da existência de regras e forças presentes nos laços coletivos entre grupos, configurando no que qualifica como dádiva. Assim, em sua obra sobre a dádiva, Mauss (2003), encontrou elementos que ultrapassam a lógica do comportamento apenas pensado como racional, conhecidos como o princípio da dádiva, os quais se constituem de três momentos, o de dar, o de receber e o de retribuir. Esses auxiliam na criação e consolidação das relações entre grupos, como também podem iniciar desentendimentos caso sejam ignorados.

Por fim, não dá para falar sobre ação coletiva sem mencionar Gohn (1997), que traz outro sentido. Para a autora, existe um certo processo político neste tipo de ação. Ocorre, assim, uma retomada de um sujeito coletivo direcionado para uma identidade organizada por meio da estratégia de organização que visam uma consciência política. Mas para ela, essa “ação coletiva de pressão e reivindicação, antes presente na maioria dos movimentos sociais latino-americanos, converteu-se nos anos 1990 em ações voltadas para a obtenção de resultados, em projetos de parceria que envolve diferentes setores públicos e privados” (Ibid., 1997, p. 18). Portanto, “as pessoas, grupos e os movimentos agem segundo estímulos e estruturas de oportunidades externas. Eles usam sua racionalidade para escolher as melhores oportunidades políticas [...]” (Ibid., 1997, p.113).

Então, a ideia se volta de qualquer forma à fundamentação do que o indivíduo vem a pensar sobre sua ação. “No caso da dádiva, o que importa é a criação de amizades, alianças e

vínculos permanentes, além de conduta generosa e do prestígio que pode se ganhar com isso” (SCHMITZ; MOTA; SOUSA, 2017, p. 208).

1.3 A racionalidade e as racionalizações

Partindo do princípio de que as relações humanas são entrelaçadas com princípios não racionais, como a dádiva, esta seção do trabalho visa apresentar o outro lado, da racionalidade. Aqui se acredita que as escolhas humanas, inclusive as de agir coletivamente, também podem se fundamentar em algum critério lógico, que é passível de ser justificado ou explicado.

Como na primeira parte, os conceitos weberianos sobre racionalidade serão emprestados para atuarem como um meio analítico com vistas a tentar explicar os processos individuais que ocorrem com as diferentes mulheres entrevistadas.

O tema da racionalidade weberiana vem sendo explicado sobre a visão de diversos intérpretes. Sendo assim, diversas foram as sistematizações propostas no que concerne ao ponto de vista weberiano sobre a racionalidade, o que as tornam heterogêneas e divergentes em aspectos referentes à sua terminologia, conteúdo e, principalmente, significado (SELL, 2012). Assim, conforme Max Weber,

As racionalizações têm existido em diferentes esferas da vida, em uma grande diversidade de formas, em todas as culturas. Característico para sua diferença histórico-cultural é, em primeiro lugar: em quais esferas e em que direções elas foram racionalizadas. Portanto, trata-se novamente de identificar a peculiaridade específica e explicar a gênese do racionalismo ocidental e, no interior deste, do racionalismo moderno (1988, p. 11-12; 2001, p. 21).

A racionalidade foi classificada em diversas formas, e nesse sentido, Weber (1988) define quatro conceitos que estão em maior evidência: a racionalidade formal, a racionalidade substantiva, a racionalidade meio finalística e a racionalidade quanto aos valores. Estas últimas, a racionalidade relacionada a fins e a racionalidade quanto a valores, encontram-se diretamente relacionadas ao conceito de ação social, elucidado anteriormente.

Assim, Weber explica que o racionalismo pode ter diferentes significados, a depender do contexto em que é empregado, podendo expressar significados diferentes ao passo que se mudam os atores:

Pois bem, por esta palavra [racionalismo] pode se entender coisas bastante diversas, como as próximas exposições tornarão novamente compreensível. Há, por exemplo, “racionalizações” da contemplação mística, quer dizer, de um comportamento que, visto a partir de outros âmbitos da vida, é especificamente “irracional”, bem como racionalizações da economia, da técnica, do trabalho científico, da educação, da guerra, da justiça e da administração. Cada um desses âmbitos pode “racionalizar-se” sob pontos de vista e objetivos últimos da maior diversidade, e o que é “racional” para um pode, ao ser observado por outro, ser “irracional” (WEBER, 1988, p. 11; WEBER, 2001, p. 20-21).

O pensamento de Weber foi sendo revisitado por diversos autores, e estes foram fazendo novas releituras sobre a o que o sociólogo sobre as lógicas de racionalidade da ação social. Um deles foi Eisen (1978), que entendia que o conceito de racionalidade de Weber é, de fato, múltiplo, e existiriam pelo menos seis dimensões distintas vinculadas permanentemente ao conceito de racionalização. O primeiro seria o propósito, o que pode ser compreendido como uma busca consciente para o alcance de objetivos; o segundo seria a calculabilidade, ou seja, uma habilidade de adaptação dos meios e dos objetivos; em seguida viria o controle, que confere mais autonomia; depois a coerência lógica também é colocada, e assim entendida quando existe certa congruência; universalidade seria a quinta dimensão e, por fim a sistematicidade, fator que traz a importância da interligação entre todos os fatores.

Brubaker (1984) também assente desta distinção de variados sentidos na ideia weberiana de racionalidade, e que um denominador comum entre todas essas conotações não poderia ser excluído. Assim, para o autor, em Weber é possível identificar 16 sentidos para a racionalização. Então, assim como Eisen, Brubaker vai concluir que o conceito weberiano de racionalidade está voltado mais para entendimento de sua dimensão formal, enquanto que a dimensão teórico-prática é negligenciada.

Já Habermas (1987), dá ênfase a esta dimensão teórico-prática. Para o autor, a teoria tem um caráter apenas descritivo, portanto reduzido, enquanto que somente na prática é que Weber consegue estabelecer um elo entre a racionalização e sua teoria da ação social. Silva (2001), que estudou a razão instrumental e a razão comunicativa em Habermas, coloca que:

Habermas busca constituir uma forma de reflexão crítica sobre tal instrumentalidade racional como forma de emancipação social. Habermas desenvolve na Teoria da Ação Comunicativa uma análise teórica e epistêmica da racionalidade como sistema operante da sociedade, nesse sentido, deve-se analisar sua tese como contraposição da razão instrumental. Na ideia de mundo da vida, Habermas mostra a racionalidade

dos indivíduos mediada pela linguagem e comunicatividade. Esses elementos se constituem em instrumentos de construção racional dos sujeitos calcado na estruturação de três universos: o objetivo, subjetivo e social. (SILVA, 2001, p. 5).

Para Silva (2001), em Habermas possui a ideia de orientações dialógicas das ações sociais, não sendo esta decorrente de atitudes coercitivas ou meramente instrumentais, mas por um posicionamento dialógico, compreensivo e democrático que advém de um consenso comunicativo, “que nesse sentido deveria ser construído dentro das relações sociais em função das racionalidades das ações”.

E como Habermas trabalha muito bem esta questão da comunicação, este contínuo processo de comunicar está estreitamente relacionado ao conceito de ação social abordado por Weber. Desta forma, uma ação social apresenta-se como ação a partir da intenção de seu autor quanto à resposta a qual espera de seu interlocutor.

2 GÊNERO, MULHERES, AGROECOLOGIA

Antes da discussão sobre as trajetórias dos grupos e das mulheres rurais entrevistadas, se faz necessário uma breve revisão sobre a categoria de análise “gênero” para uma melhor compreensão das reflexões que possam vir a surgir. As questões de gênero estão presentes em muitos dos discursos dessas mulheres e esse termo geralmente vem sendo entendido como as interações entre dois gêneros diferentes, o feminino e o masculino. Mas também essas interações ocorrem entre as pessoas do próprio gênero, o que pode resultar daí ações coletivas como as organizações de grupos de mulheres e movimentos que levantam a bandeira do feminismo. Atualmente também existe a ideia de desnaturalizar o gênero e retirar essa binariedade masculino/feminino, conceito que a filósofa Judith Butler (2003) defende em *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*, com sua teoria *queer*³.

Aqui, porém, não serão tratados sobre questões de estudos queer, nem feministas, muito embora o conceito de feminismo esteja muito ligado ao de relações de gênero, que é um dos temas que se encaminham os diálogos desta tese. Desse modo, essa parte do trabalho se aproxima com o que Louro (1997) concebe do conceito de gênero, quando diz que este está ligado diretamente à história do movimento feminista contemporâneo, bem como esse conceito está implicado linguística e politicamente na luta das mulheres, sendo necessário se recuperar um pouco de todo o processo de construção do significado de gênero.

Esta autora segue uma corrente de pensamento chamada de pós-estruturalismo, a qual perpassa o campo fenomenológico⁴ e adentra em questões subjetivas, como por exemplo, no caso de uma mulher que pode ser oprimida pelo machismo, como também possa vir a ser a algoz, ou seja, a opressora em algumas situações. Isto quer dizer o que pós-estruturalismo pensa essas relações em movimento, sendo assim, lidas como subjetivas. E tudo nessas relações vai depender de fatores, visto que o poder não está em uma só pessoa. Não existe apenas um sujeito desenvolvendo esse papel, como no caso do exemplo, de opressor ou oprimido. Esse papel irá transitar entre os indivíduos, independente do gênero.

³ Queer significa um palavrão em inglês: “bicha, ou pessoa estranha, excêntrica”, e era considerada uma palavra ofensiva nas ruas dos Estados Unidos. No entanto, atualmente, tem sido adotada pela comunidade LGBT com o sentido positivo, de libertação cultural, de empoderamento (LIMAS, 2017).

⁴ “A fenomenologia é um movimento filosófico importante cuja origem remonta aos pensadores do século XIX e XX; todavia, ganhou maior notoriedade na bibliografia vigente a partir das proposições do filósofo e matemático Edmund Husserl. Este movimento filosófico tem como objetivo lidar com o problema dos aparecimentos, com aquilo que se mostra, que aparece ao indivíduo. Para tanto, se propõe ao exame da percepção, das figuras, da imaginação, da memória, da linguagem entre outros, com o objetivo de evidenciar a experiência como fonte originária do pensamento” (LISBOA; CARVALHO, p. 135).

Então, foi somente na década de 1980 que o termo “gênero” foi cunhado com o sentido que hoje se conhece, se caracterizando como uma categoria importante para a análise das relações sociais. No entanto, para ganhar esse novo significado que não existia nos dicionários, a luta feminista passou pelo que o movimento chama de “ondas do feminismo”, que demarcaram diversas épocas de reivindicações das mulheres em busca de conquistas de direitos. Então foi em meio a essa luta feminista que se concebeu a noção de gênero como categoria teórica e analítica (PORTELLA; GOUVEIA, 2019).

A antropóloga feminista Gayle Rubin, em 1975, escreveria um texto que mais tarde fica reconhecido como um marco para a constituição de teorias de gênero ligadas ao campo do pensamento feminista. Neste, ela expressa a ideia de que se as feministas almejam transformar as relações entre homens e mulheres, superando as desigualdades, elas enfrentarão certamente um impasse, que seria o patriarcado⁵. E nesta obra, parafraseando Marx em *O Capital*, ela lança uma pergunta "O que é uma mulher domesticada?" e em seguida responde: “Uma mulher é uma mulher. Ela se torna uma doméstica, uma esposa, uma mercadoria, uma coelhinha, uma prostituta ou ditafone⁶ humano em certas relações” (RUBIN, 1979, p. 158).

De acordo com Piscitelli (2004, p. 51), os posicionamentos de Rubin sofreram muitas críticas, no entanto suas colocações traziam dois conceitos importantes para os debates na época. “O primeiro deles está relacionado com a proposta de pensar nas construções sociais da mulher em termos de sistemas culturais”, já o segundo “está associado à exigência de compreender as realidades empíricas diversas, os contextos específicos nos quais o sistema sexo/gênero operacionaliza relações de poder”.

Antes de Rubin, ainda durante a segunda onda – que se inicia na década de 1960 – é que o feminismo começa, além de reivindicações políticas e sociais, adentrar em construções teóricas. Louro (1997) coloca que foi no ano de 1968 que ocorreu uma grande revolta com o sistema, na qual pessoas de diferentes grupos sociais expressariam “sua inconformidade e desencanto em relação aos tradicionais arranjos sociais e políticos, às grandes teorias universais, ao vazio formalismo acadêmico, à discriminação, à segregação e ao

⁵ “O conceito de patriarcado, mais especificamente de família patriarcal, foi bastante utilizado pela sociologia brasileira após a publicação de *Casa-Grande e Senzala: formação da família patriarcal brasileira* (1933) e de *Sobrados e Mucambos* (1936), ambos do sociólogo Gilberto Freyre. O modelo de família patriarcal descrito por Freyre, abarca um extenso grupo de pessoas em torno da autoridade de um patriarca, o chefe de família” (ZIRBEL, 2007, p.118).

⁶ Aparelho fonográfico para fins comerciais que grava (em tubos de cera) cartas ou textos ditados, que serão reproduzidos posteriormente por transmissão manual, datilografia ou digitação (MICHAELIS, 2019).

silenciamento”. Em seguida, a autora comenta de como foi sendo construído o feminismo a partir dessa época:

É, portanto, nesse contexto de efervescência social e política, de contestação e de transformação, que o movimento feminista contemporâneo ressurgiu, expressando-se não apenas através de grupos de conscientização, marchas e protestos públicos, mas também através de livros, jornais e revistas. Algumas obras hoje clássicas — como, por exemplo, *Le deuxième sexe*, de Simone Beauvoir (1949), *The feminine mystique*, de Betty Friedan (1963), *Sexual politics*, de Kate Millett (1969) — marcaram esse novo momento. Militantes feministas participantes do mundo acadêmico vão trazer para o interior das universidades e escolas questões que as mobilizavam, impregnando e "contaminando" o seu fazer intelectual — como estudiosas, docentes, pesquisadoras — com a paixão política. (LOURO, 1997, p. 3).

Nos anos 1980 a historiadora Joan Scott definiu gênero como uma categoria de análise para fenômenos históricos e sociais, falando que é “um elemento constitutivo das relações sociais, baseado nas diferenças anatômicas percebidas entre os sexos. Gênero é uma forma primária de significar as relações de poder” (SCOTT, 1995). Para Meyer (1996) a definição de Scott explica “como se deve pensar e concretizar o efeito do gênero nas relações sociais e institucionais”. Na análise de Portella e Gouveia, essa explicação é importante quando se dialoga com quatro dimensões da vida por onde as relações de gênero perpassam: a simbólica, a normativa, a institucional e/ou organizativa e a subjetiva. “Num outro plano, ao articular as relações de gênero ao poder, trabalha-se com dois campos interligados e fundamentais: o conflito e o reconhecimento de uma estrutura desigual de poder que, historicamente, tem sido bastante desfavorável às mulheres” (1998, p. 13).

Por essa estrutura desigual Ribeiro (2014) coloca, já na época da terceira onda, que algumas mulheres traziam críticas denunciando um discurso universal de que o feminismo pode ser excludente, visto as pautas de todas as mulheres não são as mesmas. Dessa forma, ela explica que as “opressões atingem as mulheres de modos diferentes, seria necessário discutir gênero com recorte de classe e raça, levar em conta as especificidades das mulheres. Por exemplo, trabalhar fora sem a autorização do marido, jamais foi uma reivindicação das mulheres negras/pobres”. A autora é uma das referências no Brasil sobre feminismo negro, uma nova vertente do movimento que aflorou em virtude das diferenças entre as mulheres.

Além da filósofa Djamila Ribeiro colocar em evidência as questões das pautas das mulheres negras, no Brasil a socióloga Heleieth Saffioti problematiza o conceito de gênero.

Acredita-se que as ideias do feminismo negro defendidas pela filósofa se aproximam muito das realidades que vivenciam as mulheres envolvidas nesta pesquisa, e o conceito de patriarcado que esta socióloga aborda em seu livro *Gênero, patriarcado, violência* reforça ainda mais esta realidade.

Sabendo-se que assim como o questionamento do que venha a se definir por homem e por mulher já causa muita discussão, o conceito de gênero em si é outro que não é unânime. Assim, Saffioti (2004) traz esse conceito primeiramente criticando Gayle Rubin, visto que a análise da antropóloga apresenta-se muito neutra, uma vez que o gênero pode oprimir como também alimentar relações igualitárias. Dessa forma, ela resgata o conceito de Joan Scott, visto que ela coloca que as relações de gênero estão amalgamadas entre relações de poder, o que distingue em hierarquias homens e mulheres em toda a história. Mas, para Saffioti, a historiadora não fez uma conexão importante em seu pensamento, a de atrelá-lo à concepção foucaultiana de poder, a qual diz que o poder está dissolvido na sociedade. Pensar assim, então, para Saffioti, dificulta muito a idealização de um projeto para transformação social.

Partindo dessas reflexões, Saffioti (2004) revela como o conceito de gênero é muito mais amplo que o de patriarcado. O gênero em si, vem acompanhando a humanidade desde sempre, já o patriarcado seria em sua concepção um resultado do capitalismo⁷, engendrado durante industrialização. Dessa forma, como ela explica, o patriarcado corresponde exatamente à desigualdade e à opressão, se configurando como uma possibilidade dentro das relações de gênero, mas não sendo a única, e se definindo também como um enfrentamento do feminismo, quando o movimento luta por querer derrubá-lo da sociedade.

Deve-se dar mais atenção ao patriarcado quando se está falando de gênero, porque de acordo com Saffioti, nos últimos milênios da humanidade, as mulheres foram postas sempre hierarquicamente inferiores aos homens, então, “tratar esta realidade exclusivamente em termos de gênero distrai a atenção do poder do patriarca, em especial como homem/marido, ‘neutralizando’ a exploração-dominância masculina” (SAFFIOTI, 2004, p. 136).

Dentro dessa perspectiva, as lutas contra o patriarcado tornam-se diárias, porque ele está dentro das famílias, dos ambientes de trabalho e demais espaços que as mulheres ocupam e vem ocupando. Superar o patriarcado não é tarefa simples, exige, dentre outras coisas que a mulher seja minimamente empoderada de si, visto que, por falta de informações, pode ocorrer que a opressão sofrida por ela seja considerada normal.

⁷ Existem opiniões de autoras como Segato (2012), que contrapõem a isso, argumentando que o patriarcado já existia antes do capitalismo, como um produto de uma colonialidade. Assim, portanto, o patriarcado não seria resultado do capitalismo, mas potencializado por este sistema.

Por empoderamento, a ONU Mulheres Brasil define que é quando as pessoas, independente de gênero, podem assumir o controle das suas vidas: definir os seus objetivos, adquirir competências, aumentar a autoconfiança, resolver problemas, e desenvolver a sua sustentabilidade. É, simultaneamente, um processo e um resultado (ONU, 2016). Empoderamento é sobretudo falar de poder. Lagarde (1996, p. 209) entende que o empoderamento implica numa transformação dos mecanismos de poder patriarcais fundados na opressão, assim como na mudança de normas, crenças, mentalidades, usos e costumes, práticas sociais, e, sobretudo na conquista de direitos pela mulher (apud LISBOA; MANFRINI, 2005, p. 74).

E para essa ideia ser colocada dentro da realidade, mudanças estruturais se farão necessárias. Em vista disso, Friedmann (1996, p. 8) assente que empoderamento “é todo acréscimo de poder que, induzido ou conquistado, permite aos indivíduos ou unidades familiares aumentarem a eficácia do seu exercício de cidadania”.

Este autor define três tipos de empoderamento necessários às mulheres, chamando-os de poder, que são o social, o político e o psicológico. O poder social diz respeito a acessar determinadas estruturas de produção doméstica, como por exemplo o conhecimento, a participação em organizações sociais e o envolvimento com questões financeiras, dentre outras. O poder político está ligado às tomadas as decisões, que garante tanto o voto, como a voz e a possibilidade de atuar na ação coletiva. Por fim, o poder psicológico, trabalha a consciência individual e a autoconfiança, sendo este poder, recorrentemente associado como um resultado da conquista dos outros dois (FRIEDMANN, 1996).

Conforme Stark (1996), com o empoderamento as pessoas tornam-se donas de si e passam a tomar suas próprias decisões, sendo isto determinado num espaço que ocorra democracia e equidade entre os envolvidos nas tomadas de decisões. Sobre equidade Carvalho, Andrade e Junqueira trazem uma definição:

Equidade refere-se à construção da igualdade de usufruto de direitos e bens sociais a partir do reconhecimento das diferenças entre as pessoas. Equidade de gênero significa igual valorização de atributos considerados masculinos e femininos, seja na vida individual, seja nas práticas sociais. Nesse sentido, iniquidade ou desigualdade de gênero não é simplesmente discriminação de sexo ou exclusão de mulheres de posições de privilégios e poder; de modo mais amplo, refere-se à assimetria de gênero, ou seja, à valorização dos atributos de um gênero em detrimento do outro; na cultura androcêntrica, corresponde à desvalorização das expressões femininas (2009, p. 13).

No entanto, numa perspectiva histórica, as mulheres e os homens não compartilham de oportunidades iguais. Então é crucial se estabelecer equidade, visto que isso pode conduzir a uma igualdade. Igualar mulheres e homens neste princípio da equidade é um compromisso que cabe sobretudo a políticas públicas, e para exigí-las a militância dos movimentos sociais se faz necessária.

Em vista disso, Ferreira e Mattos (2017) analisam esta questão de busca pela equidade na esfera do campesinato, fazendo uma aproximação dos diálogos entre a agroecologia⁸ e o feminismo. De acordo com os autores, “no âmbito da família rural camponesa, persistem processos que perpetuam relações de gênero injustas, e que reforçam o poder patriarcal”, o que pode causar às mulheres que vivem na realidade da agricultura familiar brasileira ainda lugares de subordinação.

O advento da discussão da agroecologia é recente no Brasil, datando do início da década de 1980, quando era chamada ainda de agricultura alternativa, e emergia como um movimento social que se opunha à modernização agrícola proveniente com o pacote da Revolução Verde. Nos anos 2000 esse movimento ganha força com a realização do I Encontro Nacional de Agroecologia (I ENA) e a construção da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA). As organizações que estavam envolvidas nesses momentos passaram a incorporar, ainda que tangencialmente, uma abordagem de gênero em suas esferas de trabalho (FERREIRA e MATTOS, 2017).

No entanto, por mais que estivesse subentendido nesses meios, o debate sobre gênero nas instituições ainda não estava surtindo o efeito esperado, visto que “isto por si deveria conferir aos processos agroecológicos um caráter emancipatório para todas as pessoas. Todavia, ao aprofundar essa análise com relação à condição da mulher agricultora, observamos que esse caráter emancipatório deixa a desejar” (Ibid., 2017).

Então, a mulher ainda vinha sendo invisibilizada, seu trabalho não era reconhecido, sendo isto encarado como uma questão política, do qual Pacheco aponta como silêncios:

⁸ O conceito de agroecologia ainda está em construção, e talvez essa "obra" nunca termine. Altieri (1989), um dos precursores a tentar definir, diz que se trata de uma ciência emergente que tem como base de estudo os agroecossistemas (ecossistemas agrícolas), e que integra conhecimentos de agronomia, ecologia, economia e sociologia. A agroecologia proporciona, então, “as bases científicas para apoiar o processo de transição do modelo convencional para estilos de agriculturas de base ecológica ou sustentável, assim como do modelo convencional de desenvolvimento a processos de desenvolvimento rural sustentável” (CAPORAL e COSTABEBER, 2002, p. 14). Outros autores tão importantes nessa formulação do conceito, como Gliessmann, Sevilla-Guzmán, Casado, Molina e Hetch, vêm colocando outros elementos, que ampliam o conceito e hoje se considera que a agroecologia não é apenas uma ciência, mas também pode ser entendida como prática ou movimento social, que possui seis dimensões para se atingir a sustentabilidade: ecológica, econômica, social, cultural, política e ética.

Os “silêncios” sobre as mulheres requerem outra matriz de análise que parta dos ecossistemas e sistemas de produção, da ampliação do conceito de trabalho e produtivo, em articulação com a questão da diversidade social, como constitutiva de uma visão de agricultura sustentável que relacione gênero e agroecologia. O debate continua em aberto (1997, p. 11).

Com o crescimento do movimento agroecológico, que passa a ser visto também como ciência, vai se abrindo espaços no sentido de incluir as mulheres agricultoras e apoiá-las para que enfrentem sua condição de vulnerabilidade e, neste sentido, conquistem os poderes, que foram falados anteriormente, em todas as esferas que ela ocupa: pessoal, produtiva, familiar e política. Só que um fator crucial nesse processo é a família. Conforme Siliprandi (2002), a família não deve ser idealizada, ou seja, no sentido de não se entender esse grupo social como algo monolítico e harmônico, visto que nem todos integrantes podem contribuir da mesma forma para o êxito familiar, uma vez que os objetivos e as estratégias de ação são difusos, e tratar a família como algo homogêneo oculta as relações desiguais de poder que as mulheres agricultoras sofrem em suas relações familiares (FERREIRA e MATTOS, 2017).

Aos pouco ocorre a aproximação do feminismo e da agroecologia. No Nordeste essa junção de bandeiras se confunde com a própria história das lutas feministas, lugar onde surgiu a Casa da Mulher do Nordeste (CMN), em Pernambuco, o Centro Feminista Oito de Março (CF8), no Rio Grande do Norte, e o Cunhã Coletivo Feminista, na Paraíba. Em 2004, as mesmas entidades animaram o I ENA, organizaram I Seminário Nacional sobre Gênero e Agroecologia, no qual saiu como encaminhamento a criação do GT (grupo de trabalho) Gênero da ANA que, mais tarde, viria se chamar GT Mulheres da ANA, sendo um espaço de auto-organização criado exclusivamente para as mulheres qualificarem sua participação em espaços na Articulação Nacional. Esta mobiliza e anima, além dessas organizações nordestinas citadas, outras que vieram a se formar depois, como a Marcha das Margaridas e a Rede Ater (Ibid., 2017).

Outro grande marco dessa aproximação da agroecologia com o debate de gênero foi a criação do Congresso Brasileiro de Agroecologia (CBA), o qual teve a primeira edição em 2003, organizado pela Associação Brasileira de Agroecologia (ABA) desde então e com realização bianual. O evento foi pensado inicialmente na valorização da pesquisa acadêmica em agroecologia, e posteriormente se constituiu como espaço de articulação política. “Foi a partir das demandas da própria ABA, que se iniciaram as discussões para qualificar o debate de gênero nos CBAs. Isso abriu caminhos para que o GT Mulheres da ANA passasse a ter

uma incidência nos CBAs. Mas foi somente em 2011, no VII CBA, que se formou o GT-Gênero” (Ibid., 2017).

O GT-Gênero da ABA vem atuando na mesma lógica de aproximar a agroecologia da questão de gênero, e isso não ocorre sem tensionamentos. Um desses foi o que aconteceu no VIII CBA, em 2013, cujos enfrentamentos políticos originaram a palavra de ordem “sem feminismo não há agroecologia” (Figura 2), que veio a ser adotado por muitas mulheres como uma construção específica delas nesse campo (Ibid., 2017).

Figura 2 – Mulheres da Agroecologia. Ilustração feita por Ewerton José de Medeiros Torres em agosto de 2017, que depois viria a figurar em camisetas da Casa da Mulher do Nordeste durante o X CBA, em setembro de 2017; e em camisetas do Núcleo de Gênero Sementes da Pampa da UERGS em novembro de 2018.



Fonte: ilustração criada pelo autor.

O feminismo, sobretudo, está incidindo sobre uma melhor relação entre os gêneros e existe um consenso de que as relações injustas, desiguais e opressoras “são socialmente construídas e, portanto, podem e devem ser socialmente desconstruídas. Por isso, o feminismo

se nutre dos debates acerca da soberania alimentar, políticas públicas rurais e sustentabilidade ambiental apresentados pela agroecologia” (Ibid., 2017).

E diante do atual cenário político e econômico que o Brasil enfrenta, com sérias propensões de uma grande diminuição do papel do Estado, sobretudo pelo advento da extrema direita, se forma o que parece representar uma forte ameaça às conquistas que as mulheres vêm se valendo, inseridas em sistemas agroflorestais, quintais agroecológicos, hortas, criação animal, casas de beneficiamento de frutas, dentre outros sistemas produtivos. Sendo assim, a emancipação da mulher tem que sempre ser posta em perspectiva, cuidando para que o que já conseguiram de direitos e poderes não se perca, como quando se repete nos movimentos sociais, que dizem que “quando uma mulher avança nenhum homem retrocede”, o caberia até uma reparação nesta palavra de ordem, pois quando uma mulher avança ninguém deve retroceder.

3 DESENVOLVIMENTO PARA QUEM?

O desenvolvimento desde sua invenção até chegar às diversas releituras e novas interpretações, vem sendo questionado por diversos teóricos, e, sobretudo, pelos agentes que o promovem ou que são beneficiários do que esta ideia veio oferecer. Assim, o termo, conheceu várias versões nos últimos tempos. E o desenvolvimento rural se origina daí, trazendo junto enfoques, abordagens e paradigmas que problematizam a ideia, aguçando certa complexidade e uma quebra na linearidade. Assim, os técnicos, assessores técnicos, extensionistas rurais, animadores, lideranças rurais, comunicadores, dentre outros, trabalham dentro de perspectivas diferentes, mas qual seria a ideia de desenvolver o rural de forma integral e verdadeira?

Ao longo do tempo emergiram em toda parte do mundo concepções que vão de encontro a um modelo homogeneizador de desenvolvimento focado principalmente no aspecto econômico, uma vez que esta concepção tradicional já não está mais satisfazendo determinadas culturas e localidades no mundo, ou talvez nunca tenham satisfeito.

Entendido como um processo de ampliação das escolhas das pessoas na melhoria dos processos democráticos participativos e na capacidade de tomar decisões que modelam suas vidas, o desenvolvimento, também fornece aos seres humanos a oportunidade de desenvolver seu potencial máximo, permitindo que os pobres, mulheres e camponeses, independentes e livres, se organizem e trabalhem em conjunto; vindo a ser definido em uma multiplicidade de formas, porque não existe apenas um “desenvolvedor” (COWEN e SHENTON, 1996). E dentro desta perspectiva, alternativas à ideia de desenvolvimento vêm sendo pautadas.

O *buen vivir*, ou bem viver, pode vir a ser interpretado como uma dessas "alternativas ao desenvolvimento", mas esta definição não é consensual. Outras alternativas existem na Europa como a perspectiva do Decrescimento, que freia o consumo excessivo, bem como na África com o Ubuntu, que valoriza as relações e alianças entre as pessoas.

O *buen vivir*, conforme Gudynas (2011) indica, possui na maioria das abordagens o conceito de comunidade um entendimento num sentido ampliado que inclui necessariamente a Natureza. A proposta é construir um paradigma de vida plena alternativo ao modelo homogeneizante de desenvolvimento ocidental. Uma das abordagens mais conhecidas para *buen vivir* é o conceito equatoriano de *sumak kawsay*, palavra *kichwa* que significa uma vida plena em uma comunidade, em conjunto com outras pessoas e da natureza (Ibid., 2011).

Então, existem sim alternativas ao desenvolvimento hegemônico. Muitas delas. Em vista disto, é prioritário que venha se adicionando ao que se entende por desenvolvimento noções que valorizem as culturas, as identidades locais, não impondo que os contextos locais

se adaptem ao modelo, mas fazer com quem esse modelo se desconstrua para atender também aos interesses e às pautas dos contextos locais; compreender que quando se trata de desenvolvimento são caminhos, trajetórias, que diferentes localidades escolhem tomar.

3.1 Conviver, porque a seca continua!

No Nordeste brasileiro, sobretudo nas áreas caracterizadas pelos períodos de seca, vem se pautando nas últimas décadas o conceito de convivência com o Semiárido⁹, que não deixa de ser também uma forma de se pensar como devem se desenvolver variadas perspectivas de vida nesta região. Associada ao bioma Caatinga, a região Semiárida do país é a que mais chove em todo o mundo, porém, historicamente vinha sendo estimulado ao povo desta parte do Brasil o combate à seca, fenômeno natural que é impossível de combater. Dentro dessa lógica, os Governos não executavam políticas públicas de estocagem dessa água da chuva, nem de preservação da biodiversidade adaptada às diferentes vegetações, as chamadas caatingas. No passado, o que era bastante comum quando se referia ao Nordeste, ao Semiárido ou à Caatinga, a cenários com solos rachados, extrema pobreza, pessoas migrando dessa realidade, crianças morrendo desnutridas, caminhões-pipa do Governo sendo a única salvação daquele povo... Porém o que se figura na atualidade é um cenário totalmente diferente.

Essa percepção da realidade começa mudar em 1993, quando uma grande seca atingiu o Semiárido, e centenas de trabalhadores rurais de todo o Nordeste ocuparam a sede da Sudene¹⁰, em Recife, PE, exigindo providências eficazes para amenizar a situação da população, que culminou em um seminário e em um fórum, que envolveram mais de 300 entidades. Após estes momentos, nos Estados prosseguiram as discussões e as proposições para ações coletivas articuladas que propuseram uma política contrária à lógica dominante, na qual tinha o “progresso” na agricultura como balizador (DUQUE, 2008).

Assim, indo de encontro à realidade vigente de combate à seca, na Paraíba, reuniram-se várias organizações (DETR, a CUT e as ONGs CENTRAC, CEPFS, PATAC¹¹ e PROPAC) para promoverem em nível estadual o Seminário sobre o Semi-Árido¹², sendo reconhecido como o marco de nascimento da Articulação do Semiárido Paraibano (ASA-PB),

⁹ O Semiárido brasileiro (SAB) se estende pelos nove Estados do Nordeste, integrando ainda o norte de Minas Gerais.

¹⁰ A Sudene (Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste), criada pela Lei 3.692 de 1959, é uma autarquia especial, administrativa e financeiramente autônoma, integrante do Sistema de Planejamento e de Orçamento Federal.

¹¹ PATAC - Programa de Aplicação de Tecnologias Apropriadas às Comunidades

¹² Na época, antes no Novo Acordo da Língua Portuguesa no Brasil, se escrevia com hífen.

conforme Duque (2008) relata. A partir daí, outros nove Estados foram se organizando e formaram a rede chamada Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA Brasil), composta por diferentes atores sociais dissociados em mais de três mil organizações da sociedade civil, como sindicatos rurais, associações de agricultores e agricultoras, cooperativas, ONG's, OSCIP, dentre outras. Esta rede defende, propaga, põe em prática, e executa políticas públicas com foco no projeto político da convivência com o Semiárido (ASA, 2019).

Em 1999, durante a 3ª sessão da Conferência das Partes da Convenção de Combate à Desertificação e à Seca (COP3) da Organização das Nações Unidas (ONU), que ocorreu em Recife, PE, as organizações escreveram a Declaração do Semiárido Brasileiro (ASA, 2019), sendo considerado o documento que faz a ruptura com a ideia do combate à seca, visto indicar medidas estruturantes para o desenvolvimento da região, colocando um conjunto de medidas políticas e práticas de convivência com o SAB e, nesse contexto, propõe, e a ASA executa depois, o Programa de Formação e Mobilização Social para a Convivência com o Semiárido, que hoje todas as ações realizadas pela rede faz referência, como os programas Um Milhão de Cisternas (P1MC), Uma Terra e Duas Águas (P1+2), Cisternas nas Escolas e Sementes do Semiárido (ASA, 2019). Essas políticas públicas “resgatam e divulgam experiências nascidas do saber popular, aprimoradas no diálogo com o saber científico” (DUQUE, 2008, p. 136).

Assim, essa rede foi sendo formada por lideranças que sabiam as reais necessidades de seu povo. E essas pessoas, dentro de suas organizações, trabalham articuladas em fóruns e conectadas em redes menores nos 10 estados que compõem o SAB. O trabalho é coletivo, possui uma gestão descentralizada, e é baseado nas demandas locais, mas orientado por temáticas centrais que, juntas, possuem a missão de fortalecer a sociedade civil com a construção de processos participativos, aliando a concepção de convivência ao conceito de desenvolvimento sustentável e a preceitos, valores e práticas da Agroecologia, da Economia Popular e Solidária, da Educação Contextualizada, da Comunicação Popular e da Segurança Alimentar e Nutricional. As temáticas de trabalho são pautadas, principalmente, nas estratégias camponesas de diversificação das atividades, na cultura do estoque de água, alimentos, sementes crioulas, criação de animais e todos os elementos necessários à vida nesta região geográfica; suscitando o protagonismo camponês e sua auto-organização (ASA, 2019).

Sendo assim, a mobilização social é uma característica da Articulação, que tem como uma das estratégias a Comunicação Popular, bem como os processos de sistematização de experiências e de intercâmbio entre as famílias agricultoras, que promovem a construção coletiva do conhecimento.

3.2 Anima-te, a luta pulsa no Semiárido!

Com uma trajetória de relevante contribuição na transformação de milhares de famílias e organizações, o Programa de Aplicação de Tecnologias Apropriadas às Comunidades (PATAC) tem apoiado nos últimos 48 anos, dentre outras causas, as bandeiras de luta da convivência com o Semiárido. As ações começam nos anos 1970 tendo como liderança o religioso da Congregação do Santíssimo Redentor (CSsR), Irmão Urbano, que inicialmente dedicou as energias da organização à construção de casas populares para famílias que passavam por processos de êxodo rural para cidades maiores, como Campina Grande, local da sede (ASA, 2015).

Ainda nesse período a ONG se uniu à Igreja Católica, época de entusiasmo com os trabalhos atuantes das Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) e também pelo movimento sindical que estava crescendo. Dessa união nasceram alianças com comunidades rurais, através da difusão de tecnologias simples que melhoravam os trabalhos produtivos de famílias rurais, como curva de nível, banco comunitário de sementes, entre outras (ASA, 2015).

Na década de 1980, o PATAC apoiou a luta pela Reforma Agrária, ajudando nas ocupações; e nos anos 1990, começa a desenvolver junto com organizações parceiras ações em rede em várias comunidades e municípios, quando atuou também como protagonista do acesso a água de beber de qualidade no Semiárido paraibano. Em 1993, construiu junto com agricultores de Soledade a primeira cisterna de placas, um modelo de cisterna que foi encontrado na Bahia. Desde que esteve presente na construção da ASA-PB e ASA Brasil o trabalho da ONG tem se embasado muito na transição agroecológica e no apoio aos projetos P1MC e P1+2. (DUQUE, 2008; ASA, 2015).

O PATAC concentra suas ações numa das regiões mais secas da Paraíba, o território do Cariri ocidental, Seridó e Curimataú, contando com a parceria de um Coletivo e prestando assessoria técnica e sócio organizativa a esta dinâmica territorial. A ONG trabalha a partir de temáticas, que orientam as duas organizações, e serão explicadas mais pra frente.

O Coletivo Regional das Organizações da Agricultura Familiar do Cariri, Seridó e Curimataú Paraibano, chamado apenas de Coletivo, é uma organização que articula organizações de agricultores e agricultoras familiares camponeses presentes nessas regiões, como os sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais (STTRs) e os grupos de mulheres (DUQUE; ARAÚJO, 2011, p. 9). Trabalham na mesma vertente do PATAC, da ASA e da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA), defendendo a agricultura familiar agroecológica na perspectiva convivência com o semiárido.

A origem do Coletivo remonta aos anos 1980, época que as CEBs eram bastante atuantes na região, trabalhando com a evangelização atrelada à política e à ação sociotransformadora. Dessa forma, conseguiram apoios importantes, como segmentos progressistas da Igreja Católica, os Sindicatos de Trabalhadores Rurais (STR) e de ONGs. Ainda que tenha ocorrido a desarticulação das CEBs, o trabalho foi continuado. Assim, segmentos da Igreja Católica local, o STR de Soledade, o PATAC e outra ONG, a PRACASA, se articularam para o fomento de tecnologias como as cisternas de placas, de metodologias como os Fundos Rotativos Solidários (FRS) e os Bancos de Sementes Comunitários (BSC) (Ibid., p. 9).

Nascia então em 1998, o Coletivo Municipal de Educação Solidária de Soledade e Entorno, composto por agricultores experimentadores e lideranças, que tiveram como primeira ação coletiva a gestão de recursos dos FRS. O espaço foi ampliando e os debates e ações foram ganhando uma perspectiva mais ampla à medida que as famílias agricultoras interagiam em intercâmbios de experiências promovidos pelo PATAC. A ONG também trabalha desde essa época com a experimentação agroecológica orientada junto a esses agricultores e agricultoras. Isso fez com que em 2004 a dinâmica ganhasse força e viesse a se constituir a identidade do Coletivo. Em pouco tempo agregaram progressivamente associações comunitárias, STTRs, igrejas e grupos de aproximadamente 300 comunidades rurais de doze municípios do Semiárido paraibano: Boa Vista, Cubati, Gurjão, Juazeirinho, Olivedos, Pedra Lavrada, Pocinhos, Santo André, São João do Cariri, São Vicente do Seridó, Soledade e Tenório (Ibid., p. 10).

Esse grupo firma o compromisso de trabalhar em projeto político e técnico próprio que fortalece redes locais de inovações agroecológica, contrapondo-se ao modelo que separa a agricultura da natureza. E assim, passam a dividir as funções e responsabilidades entre as pessoas envolvidas. Dessa forma, em 2006, após passarem por um processo de formação e reflexão acerca da linha central de suas ações estratégicas de trabalho, identificaram três temas mobilizadores: água; criação animal; e sementes, plantas e frutas. Desses temas, formaram comissões temáticas de trabalho (Ibid., p. 11). A partir daí cada comissão, compostas por diferentes pessoas, incluindo agricultores (as), lideranças e técnicos (as), ganhou autonomia de trabalhar apenas dentro daquele tema e o Coletivo passou a chamar esses temas de Grupos de Trabalho, ou apenas GT.

O trabalho desempenhado pelas pessoas que compõem o Coletivo é principalmente o de animação dessas temáticas. Assim, são entendidos como animadores e animadoras aqueles que atuam como catalisadores dos processos sociais e que pensem que tenha uma atuação

transitória, possibilitando que as pessoas que foram animadas adquiram autonomia, e que sejam promotoras, como Dias (2004, p. 152) coloca, dos princípios agroecológicos, bem como possibilitem assistência técnica a partir das demandas identificadas conjuntamente com os agricultores.

Recentemente os temas ampliaram para: água, criação animal, fundo rotativo, juventude, mercado, mulheres e sementes. Contudo, os temas de mulheres e juventude foram os últimos a serem criados, o que fez nascer um grupo aparte no Coletivo, mas com outra proposta. O Coletivo, então, desde 2017 formou um grupo de mulheres de vários municípios da área de atuação da organização, que se reúnem a cada dois meses. Esse grupo de mulheres, de abrangência territorial, é chamado de Grupo de Animação. Para elucidar como se desenvolveu a construção desse grupo, recorreu-se ao Relatório de Ações da Temática de Mulheres do ano de 2018, construído conjuntamente entre Coletivo e PATAC.

Conforme o Relatório, o trabalho realizado com as mulheres perpassa por todos os temas mobilizadores de ações da ONG e do Coletivo. Contudo o tema “Mulheres e Agroecologia” têm entrado mais em evidência nos últimos anos, ganhado mais força a partir das formações dos programas e projetos relacionados à gestão da água e à produção de alimentos saudáveis fundamentados na perspectiva agroecológica (PATAC, 2018).

Um fator que sensibilizou as mulheres foi a questão do acesso à água, que, entendido como um direito humano, tanto para beber como para a produção de alimentos diversificados e agroecológicos, permitiu que estas adquirissem mais autonomia e qualidade de vida com a aquisição de cisternas. Estas mesmas mulheres são notadamente reconhecidas pelo seu trabalho como guardiãs de sementes. No Estado da Paraíba as sementes nativas, ou crioulas, aquelas adaptadas às condições climáticas e ambientais locais são chamadas de “Semente da Paixão” e o termo inclui tanto espécies vegetais, como também animais, com a preservação do patrimônio genético de raças nativas de caprinos e aves, por exemplo. Assim, essas mulheres exercem um importante papel na conservação e estocagem das Sementes da Paixão, por meio de práticas de resistência (PATAC, 2018).

Como indica o Relatório, dos 918 sócios dos Bancos de Sementes Comunitários da região do Coletivo, 537 (58,5%) são mulheres, o que revela, assim, um protagonizando feminino pelo fortalecimento das Redes de Bancos Familiares e Comunitários de Sementes, garantindo a soberania e segurança alimentar das famílias; e isso tem garantido a produção de alimentos agroecológicos nos vários espaços das propriedades, principalmente nos quintais, ou, como é conhecido na região, nos arredores de casa (PATAC, 2018).

Dentro da perspectiva trabalhada pelo PATAC e Coletivo de se ampliar da produção agroecológica, emergem no território de atuação os grupos de mulheres que beneficiam frutas, para o consumo, e para o mercado, gerando renda e garantindo uma alimentação saudável, bem como a valorização das frutas nativas do Semiárido. E mesmo com os cuidados voltados para consumo familiar, elas passaram a comercializar o excedente em diversos espaços, bem como vêm coordenando feiras agroecológicas (PATAC, 2018).

As mulheres, então, vinham exercendo de forma expressiva a condução do Grupo de Trabalho de Acesso aos Mercados, chamado de GT de Mercado por elas, bem como na organização da produção de alimentos para a comercialização. No território existem sete feiras agroecológicas, nos municípios de Pocinhos, Soledade, Juazeirinho, Tenório, Cubati e São João do Cariri (PATAC, 2018). Duas ocorrem em Soledade, além de neste município ter também a Bodega Agroecológica, que é um ponto de comercialização direta (sem atravessadores) de produtos diversos da agricultura familiar de base agroecológica gerido pelo Coletivo. Em 2018 foi transformada em Casa da Economia Solidária, servindo também de escritório para o Procase (Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú).

Nesse processo de assumirem responsabilidades, por mais que tenham avançado em suas conquistas, ainda prevalece a cultura do patriarcado e do machismo mediando as relações entre os homens e as mulheres. Assim, “essa cultura ainda permanece impregnada na organização da sociedade, na política, nas instituições, como também na agricultura familiar, impedindo o pleno exercício da autonomia feminista camponesa” (PATAC, 2018).

Em vista disso, elas começaram a se organizar, formando grupos de trabalho, enfrentando o machismo, identificando os casos de violência, dentre outras ações. E como estratégia desde 2017, quando organizaram um Encontro realizado por e para mulheres, no município de Pedra Lavrada, PB, na comunidade Canoa de Dentro, as mulheres ali presentes sentiram a necessidade de se instituir um espaço para continuarem refletindo sobre as questões das mulheres dentro do território. Assim nasce o Grupo de Animação de Mulheres, chamado apenas de ‘GA de Mulheres’, formado por mulheres agricultoras, mulheres da coordenação do PATAC e do Coletivo que se encorajaram para animar outras companheiras a se organizarem em torno das suas causas (PATAC, 2018). O sentido da palavra animar é dar a alma ou dar a vida, e é isso que será visto nos relatos das mulheres desta pesquisa.

4 TRAJETÓRIAS PERCORRIDAS E A LEITURA DA REALIDADE

4.1 O chão que enraizou a pesquisa e as pessoas envolvidas

Como comentado no início, a semente desta pesquisa emergiu de outra localidade, a partir da experiência em Ibiaçá, RS. No entanto o estudo criou raízes em solos paraibanos.

O trabalho teve como objeto de estudo e análise a trajetória de vida de mulheres rurais participantes de grupos. Optou-se por colocar em evidência as narrativas de mulheres com o intuito de trazer uma compreensão (ou novas percepções) acerca de suas trajetórias e dos grupos que compõem, evidenciando suas diferenças e semelhanças, e tendo como fio condutor a busca dos diferentes sentidos que elas atribuem à participação em suas respectivas organizações.

O primeiro momento que se colocou para a realização da pesquisa foi o da definição de quem seriam as interlocutoras. Assim, por um critério de acesso do pesquisador, foi feito um diálogo com o Grupo de Animação na sede do Coletivo Regional das Organizações da Agricultura Familiar do Cariri, Curimataú e Seridó paraibano (Coletivo) em Soledade, PB, momento no qual, em reunião, foi apresentada a proposta de pesquisa no território.

O GA, juntamente com o Coletivo, abraçou a proposta e definiram quais seriam os grupos participantes, sem interferência do pesquisador. Dessa forma, elas decidiram que seriam três organizações que deveriam passar por esta pesquisa, de três municípios distintos, que são o Grupo Vitalidade, de Juazeirinho, o Grupo Mulheres Filhas da Terra, de Pedra Lavrada, e do Grupo de Mulheres Camponesas do Semiárido, de Cubati.

Os três municípios se localizam na microrregião do Seridó Oriental Paraibano, pertencente à mesorregião da Borborema. A população dessa microrregião, composta por nove municípios, foi estimada no último censo em 78.700 habitantes para 2018, sendo 7.763 em Cubati, 7.766 em Pedra Lavrada e 18.041 pessoas em Juazeirinho (IBGE, 2010).

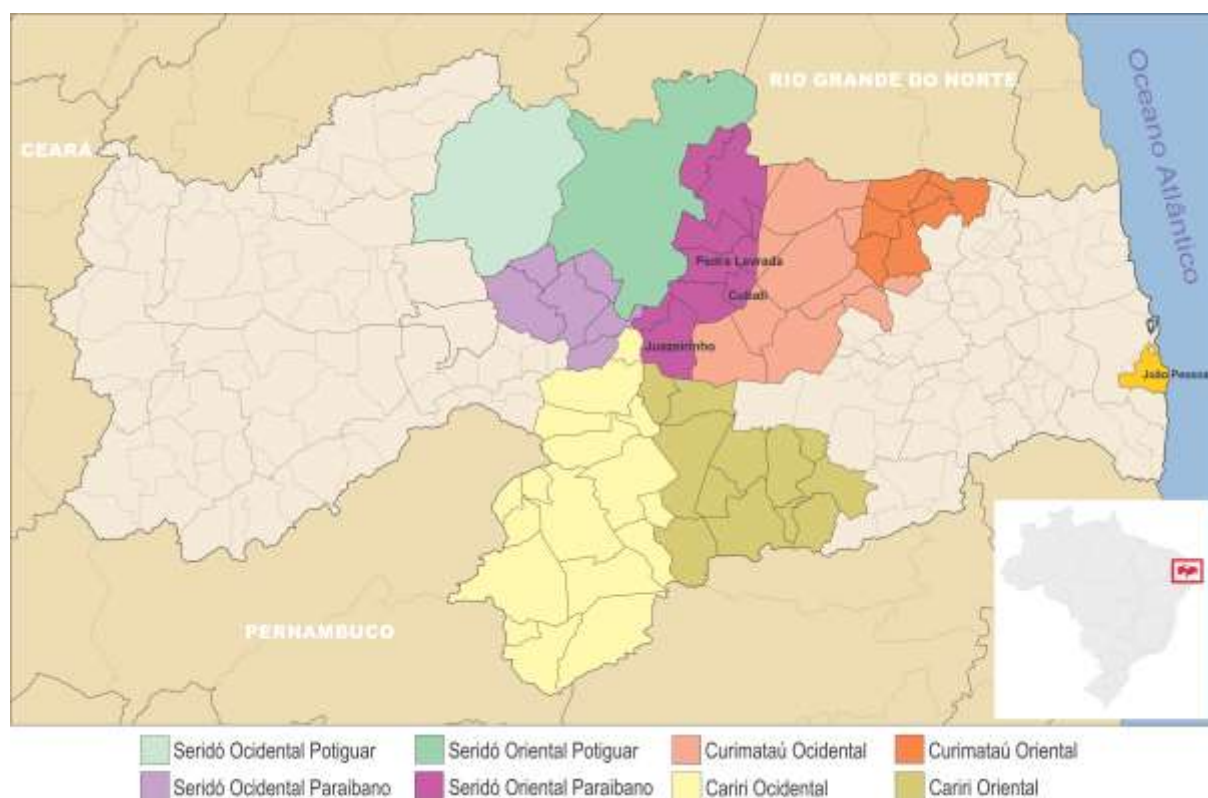
O topônimo Seridó possui uma diversidade de significados. De acordo com o folclorista e historiador potiguar Luís da Câmara Cascudo e o historiador paraibano Coriolano de Medeiros, um dos significados mais aceitos é de que o termo tem origem no linguajar dos tapuias¹³, transcrito como "ceri-toh", que significa "pouca folhagem e pouca sombra", em

¹³ Termo empregado na época do Brasil colônia para distinguir os índios que povoavam as regiões mais interiores e que não falavam a língua tupi, mas outras pertencentes ao tronco macro-jê (os Kariris e os Tarariús).

referência às características ambientais da região, que tem nas espécies do bioma Caatinga a capacidade de se adaptar aos períodos de estiagem de chuva (TRIBUNA DO NORTE, 2011).

Então é no interior desta região, que está localizada parte no Rio Grande do Norte e parte na Paraíba, que floresceram os três grupos de mulheres desta pesquisa. A região de abrangência do Seridó está destacada na Figura 3 nas cores verdes e roxas. As verdes correspondem às áreas de maior extensão e estão em território potiguar, já as roxas pertencem à Paraíba. Sendo que é apenas na fração ocidental da microrregião paraibana que a pesquisa se desenvolveu. Na figura destaca-se também a localização geográfica dos três municípios onde ocorreu a pesquisa.

Figura 3 – Delimitação geográfica com destaque aos municípios pertencentes às regiões do Cariri, Curimataú e Seridó Paraibano, e a área que compreende a região do Seridó no Estado do Rio Grande do Norte. Todas estas microrregiões são subdivididas em Ocidental e Oriental.



Fonte: Mapa elaborado pelo autor a partir da base cartográfica do IBGE.

Apenas para ilustrar e situar, a Figura 3 também põe em evidência outras microrregiões paraibanas, a do Cariri e a do Curimataú. Estas são as outras microrregiões

localidade em uma microrregião, mas que representam um contexto territorial, a pesquisa descritiva deste estudo, assume, assim, a forma de um estudo de caso.

Boa parte dos tipos de pesquisa prevê a adoção de uma técnica básica para a coleta de dados, no entanto, os estudos de caso demandam a utilização de variadas técnicas de coleta de dados (YIN, 2005). Assim, primeiramente, realizou-se uma pesquisa bibliográfica para a sustentação teórica e para encontrar as variáveis ou fenômenos cabíveis com a fase das entrevistas. Além da revisão à literatura precedente, recorreu-se a documentos produzidos pela Articulação do Semiárido Paraibano (ASA-PB), do Coletivo e do GA.

Utilizou-se como metodologia desta tese a história de vida, lançando mão de relatos orais. Desta forma, os instrumentos para a coleta de dados foram entrevistas semiestruturadas e a observação. Utilizaram-se também as dinâmicas da linha do tempo e dos grupos focais.

O método da história de vida deriva da história oral, sendo amplamente utilizada pela História e Historiografia e pode ser reconhecida como metodologia moderna a partir de 1947, quando Allan Nevins, na Universidade de Columbia, emprega em seus trabalhos pela primeira vez. Assim, deixa-se de se constituir os acontecimentos a partir de documentos como convencionalmente ocorria, e passa-se a ser feito a reconstituição dos mesmos pela vivência própria das pessoas envolvidas (MEIHY, 1996). Sendo assim, este estudo foi fundamentado na metodologia encontrada em Meihy (1996) e Thiollent (1982).

Portanto, escolheu-se usar esta metodologia por proporcionar trazer à tona uma realidade que pode representar algo maior, sendo essa representatividade construída por aquelas pessoas que vieram sofrendo todo tipo de opressão na sociedade, mas que conseguiram se fortalecer com as alianças conquistadas nos grupos que se inseriram; como Benjamin (2005, p. 48) coloca, seria a necessidade de recontar a história a partir da história dos oprimidos.

E assim, nas técnicas de coleta de dados (entrevistas, linha do tempo e grupos focais), recorreu-se a história oral, ou relatos orais, visto que empreendem um “esforço voltado para a expressão da pluralidade de visões inerentes à vida coletiva” (DELGADO, 2007). Dessa forma se conseguiu colher histórias individuais das próprias mulheres, como também histórias lembradas coletivamente.

A história oral de vida, então, é vista como um instrumento de fundamental importância, sobretudo para a preservação da memória, e resgate de identidade (THOMPSON, 1992). E essa preservação da memória tornou-se relevante nesta pesquisa principalmente na fase de construção da linha do tempo dos grupos, visto que "uma das maiores potencialidades da metodologia da história oral refere-se ao seu caráter heterogêneo e

essencialmente dinâmico de captação do que passou, segundo a visão de vários narradores" (DELGADO, 2007). Esse recurso tornou-se também importante por poder identificar elementos das histórias individuais das mulheres que conduziram elas aos grupos, bem como os sentidos que elas deram à interação em grupo, à ação coletiva.

Com relação às entrevistas, ocorreram com o auxílio de um guia de perguntas norteadoras, que se encontra disponível no Apêndice C. Em virtude da profundidade das entrevistas, optou-se por seguir a recomendação de Thompson (2002), de que a realização destas deva ser nas casas das mulheres, com a finalidade de que elas se sintam mais à vontade para relembrar os fatos vivenciados. No entanto, pela própria escolha das entrevistadas, cinco das entrevistas ocorrem nas suas próprias casas, seis em casas de amigas do grupo que participa e quatro em espaços coletivos.

A questão da escolha das entrevistadas para a representatividade do grupo foi um fator importante, pois o tipo de participação no grupo poderia influenciar nos “resultados” da pesquisa, sendo assim, cada grupo teve seus critérios de escolhas das representantes. No Grupo Vitalidade, por possuir muitas mulheres e de várias faixas etárias, a coordenadora indicou duas jovens, duas adultas e três senhoras, sendo ela também entrevistada. No Grupo Mulheres Filhas da Terra e no Grupo Mulheres Camponesas do Semiárido, por ambos serem menores em relação ao Vitalidade, elas escolheram três com níveis de liderança e autonomia semelhantes, como também usaram como critério a vontade de ser entrevistada.

Todas as entrevistas tiveram o consentimento para gravação do áudio, assim como os momentos das dinâmicas em grupo. Por mais que se tenha utilizado um guia com perguntas norteadoras do diálogo, nem todas as perguntas foram feitas para todas por dois motivos: primeiro porque algumas perguntas não fariam sentido se fazer para algumas delas e segundo, porque sentiu-se que poderia soar como indelicadas ou invasivas algumas perguntas para determinadas mulheres. Com isso, as entrevistas assumiram um aspecto de conversa, com caráter mais aberto, deixando as entrevistadas à vontade para relatarem sobre suas vidas, suas trajetórias, seus anseios, sonhos, lutas e também suas conquistas. As perguntas norteadoras do diálogo serviram unicamente para direcionar a investigação sobre o histórico de vida delas, não deixando fugir muito dos temas principais, que abordavam desde a época de sua infância/juventude até atualmente, como também indagavam sobre como vem sendo construída a composição dos seus núcleos familiares, dos seus modos de vida, de que maneira conseguiram se organizar para formar o grupo, as motivações para participar do mesmo, bem como sobre a compreensão e interpretação de determinados comportamentos ou

acontecimentos experienciados, se valendo também da apreciação da opinião e das expectativas das participantes.

Cada entrevista foi transcrita literalmente, editada, e usada na composição das histórias que foram escritas. Os textos foram enviados para as entrevistadas lerem e avaliarem, e as alterações solicitadas foram todas acatadas.

Antes das entrevistas se trabalhou com a dinâmica da linha do tempo em cada um dos três grupos. Fez-se isso para poder ganhar mais confiança com as pessoas ali presentes e identificar as possíveis entrevistadas. Como a intenção do trabalho é investigar sobre o sentido da ação coletiva, presumiu-se que trabalhando de forma conjunta fosse mais fácil das integrantes dos grupos conseguirem se expressar e resgatando a memória coletiva do grupo.

Cada ano foi retratado com tarjetas de cores diferente e o cartaz da linha do tempo (de papel madeira) à medida que ia sendo construído foi sendo debatido entre o grupo. Porém cada grupo trabalhou essa dinâmica de uma forma e em um ritmo diferente, que será descrito adiante quando estiver sendo contada a história de cada um. No entanto, para um deles recorreu-se à dinâmica dos grupos focais de discussão, que é quando ocorre a divisão das pessoas participantes em outros pequenos grupos para discutirem questões diferentes e depois socializa-las.

Para a análise foi utilizada a metodologia weberiana, a qual recorre ao tipo ideal como instrumento metodológico para a construção de conceitos. A formação conceitual desta metodologia pode ser encontrada em Custódio (2012).

5 A CONSTRUÇÃO DE MEMÓRIAS NA FORMAÇÃO DOS LAÇOS

Nesta parte do trabalho serão apresentados os resultados da pesquisa empírica, dando destaque às trajetórias dos três grupos desde suas concepções, passando pelo desabrochar de suas atividades, até chegar aos dias atuais. Dessa forma, será evidenciado o processo de reconstrução da linha do tempo de cada organização.

Antes de dar prosseguimento, é oportuno fazer alguns informes sobre os conteúdos a seguir. O primeiro é acerca da linguagem. Na perspectiva de brindar a leitora ou o leitor com um maior critério de realidade, possibilitando aproximá-los mais da existência vivida por estas mulheres, optou-se por manter nas falas apresentadas os registros informais da língua portuguesa brasileira, além de serem mantidas as palavras e expressões regionais como são faladas. Dessa forma, o registro linguístico utilizado pelas entrevistadas pode não ser exatamente o que corresponde ao que a gramática normativa chama de norma culta ou linguagem legítima. Assim, os diálogos foram transcritos literalmente. Inclusive as marcações em expressões como 'né?', 'num é?' ou 'sabe?' foram percebidos nos diálogos das entrevistas concedidas não como perguntas, mas como testes na comunicação.

O segundo informe é sobre a formatação das citações diretas das falas das entrevistadas. Estas foram incorporadas propositalmente ao texto sem recuo, com a intenção de dar maior fluidez à leitura, de colocar as pessoas como narradoras de suas próprias trajetórias. A utilização desse recurso parte também do desejo de qualificar o discurso, diferenciando da linguagem acadêmica tradicional que convencionalmente coloca as falas/citações que excedem três linhas dos (as) interlocutores (as) e autores (as) em fonte de tamanho menor e recuada à direita. Aqui não. Aqui o discurso das interlocutoras estará amalgamado ao que a academia distingue como “linguagem científica”.

O último informe é acerca da identificação das mulheres. A fim de proteger suas identidades, visto que muitas das entrevistadas e das citadas assumem posições de liderança, neste trabalho seus nomes foram substituídos por outros. Elas serão referenciadas nas próximas páginas por gêneros de nomes científicos de espécies¹⁴ ameaçadas de extinção encontradas na flora do bioma Caatinga.

Optou-se por essa substituição por também remeter à vulnerabilidade de gênero que as mulheres ainda estão submetidas e à resistência que conservam em suas lutas conjuntas e

¹⁴ Na nomenclatura científica binária dos seres vivos, o gênero corresponde à primeira parte do nome das espécies. Por exemplo, na espécie *Jacaranda grandifoliolata* A.H.Gentry, o que designa o gênero é *Jacaranda*.

individuais. Os nomes foram encontrados no Livro vermelho da flora do Brasil¹⁵, que é um importante marco no estudo da conservação da biodiversidade brasileira.

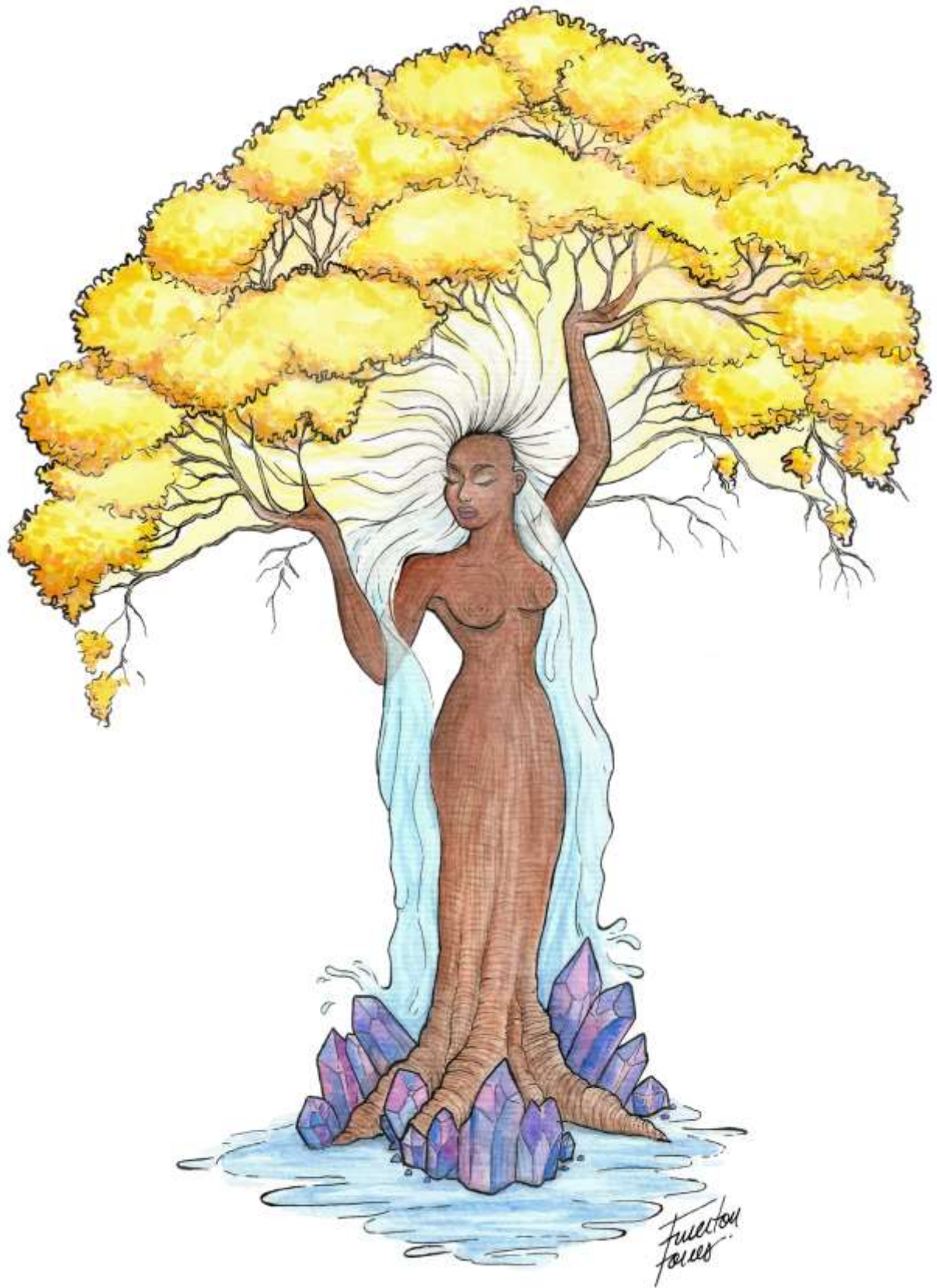
Considera-se, como Pollak (1992, p. 214) coloca, que a “a memória é seletiva. Nem tudo fica gravado. Nem tudo fica registrado”. Dentro dessa percepção, o que se vê aqui é um esforço coletivo destas mulheres, que fizeram um trabalho de organização pra documentar sua história, quando nem todos os detalhes foram possíveis ou necessários de serem lembrados.

Para dar início, primeiramente, será contada a história do maior grupo em quantidade de pessoas, o Vitalidade, que possui uma proposta de trabalho mais voltada ao cultural e ao lúdico. Em seguida, vêm as histórias dos grupos Mulheres Filhas da Terra e Mulheres Camponesas do Semiárido, que trabalham com atividades de agroindústria artesanais semelhantes.

Para ilustrar a riqueza de narrativas que está por vir nas próximas páginas, na Figura 5, apresento uma árvore da vida representada pelo o ipê amarelo, uma planta muito conhecida por toda parte do Brasil, se caracterizando como uma espécie que consegue se destacar nos lugares onde ocupa e nos surpreender com suas floradas robustas.

¹⁵ Publicação organizada por Martinelli e Moraes (2013). Disponível em: <http://cncflora.jbrj.gov.br/arquivos/arquivos/pdfs/LivroVermelho.pdf>

Figura 5 – Árvore da vida representada pela *Handroanthus albus* (Cham.) Mattos, popularmente conhecida por ipê-amarelo, considerada a árvore símbolo do Brasil.



Fonte: ilustração criada pelo autor.

5.1 Grupo Vitalidade, a arte que movimenta

O Grupo Vitalidade foi criado em 2016 na comunidade Olhos D’Aguinha¹⁶, em Juazeirinho, PB. Esta organização de mulheres foi a primeira a participar da pesquisa, e como se trata de um grupo grande, que possui algo em torno de 40 participantes, ou mais, a construção da história do Grupo Vitalidade pela dinâmica da linha do tempo, foi realizada a partir de quatros momentos; para garantir, assim, que quem quisesse se pronunciar, pudesse. Cada um dos momentos foi em um dia de reunião delas, nos sábados durante a tarde.

No primeiro encontro realizou-se uma explicação do que se tratava a pesquisa, ocasião na qual elas tiraram suas dúvidas sobre a proposta de trabalho. Talvez devido ao espaço de reunião ser uma escola rural desativada, elas estariam acostumadas em entender que as atividades orientadas por pessoas de fora daquele local seriam sempre aulas. No começo estavam chamando de “uma aula”, mas tão logo entenderam que quem daria a “aula” propriamente dita seriam elas, contando suas histórias. Foi entendido por algumas também que elas foram sorteadas para aquela atividade. Porém, imediatamente foi esclarecido que o grupo não participou de sorteio, mas elas foram escolhidas para participar daquela pesquisa pelo Grupo de Animação do Coletivo, o que rendeu uma longa salva de palmas iniciada por elas.

Em seguida, foi realizada a apresentação individual de cada uma, na qual com pedaços de papel desenhariam como se enxergavam antes da criação do grupo, em 2015, e atualmente, em 2019. Assim, como se trata de uma organização que trabalha a valorização da cultura local, com canetinhas coloridas e lápis de cor, aplicaram suas criatividade para expressarem no primeiro papel como se sentiam, como pensavam, como viviam. E no segundo se essas percepções se mantinham até hoje. Em virtude ter muita mulher e pouco espaço para afixar os desenhos, decidiu-se que os papéis deveriam ser em tamanho A6 (metade da metade do tamanho A4, uma folha de ofício). A explicação para esta atividade foi repetida diversas vezes, visto que cada uma tem um processo e um tempo de entendimento diferente. E essa subjetividade no entendimento resultou em um mosaico de ideias quando elas foram falando seus nomes e explicando sobre seus desenhos e palavras escritas.

¹⁶ Essas são as das comunidades rurais do município de Juazeirinho, das quais algumas serão referenciadas neste trabalho: Antônio Ferreira, Escurinha, Fuzil, Ilha Grande (ou apenas Ilha), Massapê, Mendonça, Mulungu, Olhos D’Aguinha, Os Grossos, Os Verdes, Panasco, Pedra D’Água, Pendência dos Caetano, Pendência dos Costa, Poço do Mulungu, Repouso do Boi, São Bentinho, Sussuarana e Unha de Gato.

No segundo sábado elas começariam a construir a história do grupo. Dessa maneira, pela metodologia dos grupos focais, separou-se em três grupos que foram apelidados de rodinhas de cochicho, as quais foram separadas pelo critério de tempo de existência do grupo, ficando em média oito pessoas por roda. Assim, como o Vitalidade surgiu em 2016, separou-se em: *antes* (Anos de 2015 e 2016), *meio* (2017) e *agora* (2018 e 2019). Cada rodinha recebeu tarjetas de cores diferentes e pinceis atômicos para destacarem os fatos principais de cada período. Esse resgate da memória demandou bastante tempo, o que foi necessário outro dia para juntar todas as tarjetas em ordem cronológica.

No terceiro momento ocorreu, então, a construção da linha do tempo do Grupo Vitalidade, quando cada rodinha de cochicho, em sequência temporal, foi apresentando o que produziu e em seguida colavam no papel madeira afixado em uma parede da sede do grupo. Com a conclusão da linha do tempo, confeccionou-se no quarto sábado o varal de sentidos do grupo, que se consistiu quando cada participante ali presente escreveu em uma tarjeta uma palavra ou fez um desenho do sentido e do significado de participar do grupo de mulheres; e depois foram prendendo ao barbante. O varal foi estendido ao lado da linha do tempo. No fim desse último momento, que tomou mais um aspecto de encerramento da pesquisa, elas sentiram a necessidade de fazer uma avaliação dos dias que estiveram envolvidas na pesquisa. Então, tomando a iniciativa, uma das participantes propôs a ideia, todas acolheram a ideia, e as que se sentiram à vontade começaram a se expressar.

A Figura 6 mostra um pouco dos momentos que ocorreram na primeira parte dos trabalhos com o Grupo Vitalidade. Esse espaço além de ter servido para a reflexão e avaliação pessoal destas mulheres para com o grupo, valendo-se do desenho como uma das formas de expressão, integrou também as crianças, que se envolveram na atividade.

Os desenhos e frases que elas elaboraram foram afixados no mesmo papel madeira da linha do tempo, com os que representavam o passado ficando do lado esquerdo e os que representavam o presente no lado direito. A intenção aqui, deste trabalho, não é analisar especificamente o que elas desenharam ou escreveram nos papéis, mas atentar ao discurso que trazem quando apresentam o que expressaram destas outras formas; servindo, estes desenhos e frases, como âncoras de memórias para o momento em que falaram, bem como para futuramente, se quiserem revisitar a história do grupo, observarem o que produziram com o conjunto de desenhos reunidos, visto que o material confeccionado ficou para a comunidade.

Os encontros ocorreram no Espaço Vitalidade, formado por uma escola rural desativada da comunidade Olhos D´Aguinha, que tem anexado um salão aberto, construído posteriormente pelo grupo, no qual ocorrem festas e apresentações culturais. E em todos os

dias, antes de começarem os trabalhos da pesquisa com esse grupo, foi aguardado um tempo inicial para que elas “coloquem a conversa em dia”, como alertou *Caesalpina*, uma das participantes. Estas mulheres, que possuem diversas idades, desde crianças até idosas, passam praticamente a semana toda sem se verem, principalmente as que moram distantes umas das outras, sendo o sábado um dia de reencontros.

Figura 6 – Dinâmica de avaliação e reflexão com o Grupo Vitalidade sobre o passado e o presente do grupo utilizando o desenho como forma de expressão.



Fonte: Autoria própria.

Algumas crianças (meninas e meninos) também desenharam e pintaram, mas ficaram envergonhadas de falarem em público, diferente das senhoras, que faziam questão de se pronunciarem. Então, em cada apresentação as mulheres participantes foram dizendo seus nomes e o significado de terem feitos seus desenhos. Alguns dos relatos mais interessantes foram selecionados para recontar essa história e as indicações nos desenhos que fazem referência em suas falas são apresentados na Figura 7, com continuidade na Figura 8.

Figura 7 – Desenhos de algumas mulheres do Grupo Vitalidade retratando os momentos do passado e do presente. As mulheres são: A) *Persea*; B) *Luziola*; C) *Jacaranda*; D) *Mimosa*; E) *Eriope*; F) *Hyptis*; e G) *Harpalyce*. Os desenhos com orientação horizontal foram girados para a vertical.



Fonte: Desenhado pelas mulheres do Grupo Vitalidade. Fotos: Autoria própria.

O relato de *Persea* (Figura 7A) traz quase que um resumo geral sobre o grupo. E a história do Vitalidade começa a ser contada a partir de agora por elas. “Em 2015 nós tivemos a iniciativa de nós três juntas, eu, *Janusia* e *Caesalpinia*; a iniciativa geral foi de *Caesalpinia* de... Elas perderam o emprego e... De iniciar um grupo para que favorecesse as idosas da nossa comunidade. Então juntamos uma tarde e aí começamos a desenvolver o nosso trabalho.

Elas duas vinha da rua, eu ensinava nessa escola, de onde sempre pedia à Secretária de Educação um espaço pra gente ficar. Tinha fogão, tinha as coisa tudo, a gente de primeiro fazia um lanchin em 2015 [...]. Em 2016 teve um aceleramento. Mais componentes entrou no grupo e o grupo criou mais força, e... Em 2016 nós ainda tivemos passeios, mas passeio poucos. Em 2017 tivemos vários passeios, viagens para piscinas, banho de piscinas com elas. Na época eu trabalhava, então fomos convidadas pra desfilas na cidade, né, ainda fomo convidada também, mas não deu pra gente ir. E levamos elas, assim, onde for, onde tiver a chance a gente vai, caminha junto. 2018 também teve grande avanço, criamos o espaço, né, onde fazia brechós, onde uma ajudava, outra ajudava... Pequenas as ajudas, mas o coração bem grande. Então chegamos a esse Espaço aqui hoje. 2019 há uma grande expectativa de acelerar o São João, né, [...] o melhor São João da região, e... Onde tem quadrilha e onde também tem o desempenho do grupo JPN¹⁷, que é um grupo de jovens que foi criado pela coordenadora geral (*Caesalpinia*)”.

Dona *Luziola* (Figura 7B), que também tem sua história contada por entrevista concedida, faz referência às danças na quadrilha junina das senhoras do grupo. “Saí do Mendonça pra vim pr’aquí, gosto de dançar e tô aqui na dança e vou dançar de novo. Dancei o ano trasado e vou dançar esse ano de novo. Gosto muito de dançar, saí de casa, ói... [Em 2019] eu vim pr’aquí, vim dançar aqui e parei, foi parei, num foi? Aí comecei de novo, porque eu gosto”.

Dona *Jacaranda* (Figura 7C) foi uma das primeiras senhoras a compor o grupo e por conta de sua história de vida, que vai ser contada mais na frente, é que o grupo existe. Mãe de *Persea* e *Caesalpinia*, ela se apresenta. “Antes eu só era uma costureira, só vivia costurando, dando de comer as galinha, varrendo casa, cuidando o cumê, indo buscar lenha, é... Carregando água na cabeça... Inté quando entrou, passou pra 2018, tudo vem melhorando. A gente participa de muitas coisa, do São João, muita brincadeira, brincadeira da peneira... Eu vivo muito feliz da vida! Dancei quadrilha, forró... Saí pras quadrilha, né, fui pra reunião do PATAC, desfilei no dia 7 de Setembro... O trajeto pra minha casa pro prédio¹⁸ é esse. Aqui foi no Parque da Criança, brinquei, jogava bola... Pronto! Isso aqui eu vivo feliz da vida, porque aqui depois que abriu esse grupo eu... Sempre antes, em 2015, em 2014 eu vivia muito... Assim, eu perdi o meu marido, perdi um filho... Eu fiquei muito assim, querendo baixar a

¹⁷ Junina Paixão Nordestina – JPN. Junina é nome dado na região aos grupos de dança de quadrilha junina, ou quadrilha de São João.

¹⁸ Espaço Vitalidade.

cabeça... [...] Porque no dia que num tem [reunião do grupo] eu fico ‘Ôh meu Deus! Hoje eu num vou ver minhas amiga! Como é que eu vou conversar com a minhas amiga?’.”

Dona *Mimosa* (Figura 7D), irmã de Dona *Jacaranda*, conta mais das atividades que elas vieram desenvolvendo e dos novos cenários que encontraram. “Em 2015 eu só fazia costurar e assistir tevê, 2016 nós jogava bola, olha aqui, eu tô aqui. Esse daqui foi um jantar no dia das mãe. Só tem uma pessoa na mesa, mai as outa tão atraí... 2018! Olha isso aqui nós fomo pro Parque da Criança, isso aqui é os pé de pau, isso aqui é a grama, aqui é o ônibu, ói eu aqui pegano o ônibus... E essas daqui é as menina correndo no carrossel lá”.

O grupo, chamado por elas de G. Vitalidade, traz para Dona *Eriope* (Figura 7E) outra perspectiva. “Aqui é em 2016, onde a história começou, onde a gente saiu da área de conforto. E aqui é em 2019 quando a gente tá na realidade. Aqui era a expectativa e aqui é a realidade. Aqui é o Espaço Vitalidade, do Grupo G. Vitalidade e o povo dançando quadrilha”.

Em 2016, muitas falam que “só era de casa pro trabalho, do trabalho pra casa”. *Huperzia* conta que antes “nóis não tinha o divirtimento que temos hoje. Eu trabalhava na roça e nas atividade de casa. Somente”. *Hyptis* (Figura 7F), que participa da quadrilha das senhoras (outro grupo de dança além do JPN), é filha de Dona *Jacaranda* e se representou participando dessa atividade. No momento da apresentação ela procurava sua parceira de dança. “Em 2016 eu desenhei aqui... – Cadê minha muié, hein? – Desenhei, é... Eu dançando quadrilha de, vestida de homem, e minha muié. E 2018 pa 2019 foi muito bom, porque... Eu realizei meu sonho de ter minha piquininha (filha)”.

Sobre a quadrilha das senhoras Dona *Harpalyce* (Figura 7G) comenta também. “Em 2016 nós dançava aqui, a quadrilha, nós brincava, eu mermo gostava muito, ainda gosto. Me animo muito quando eu tô aqui. Em 2019 eu limpava mato no roçado e ainda limpo. Gosto muito de cantar em casa fazendo minhas abrigação, varrendo a casa e cantano, cantano no banheiro, tô cantano... Aonde eu tô, eu tô cantano. Eu gosto muito de cantar e tô realizando meus sonho. [...] Antes do grupo, a merma alegria que eu tenho em casa tenho aqui... Dança guardilha e vamo dançar, e tô me animano pra dançar quadrilha. Tô convidando as amiga, que quiser vim olhar a gente na quadria, pode vim. Vai arrebentar a boca do balão! [risos]”.

Myrcia (Figura 8H) é uma das jovens que entrou depois que o grupo já tinha se estruturado. Ela conta do início, colocando aspas no ano de 2015, quando não participava, mas via sua família participando, e dá ênfase às atividades que começou a desempenhar, como participar do JPN, a quadrilha comandada pela juventude. “Em 2017 eu participei duma festa à fantasia do grupo JPN, foi um evento maravilhoso, comigo e todos que fazem parte do grupo. 2019 já participei de muitos evento do Grupo Vitalidade, de muitas oficina, que a

coordenadora (*Caesalpinia*) agora conseguiu umas oficina agora pra gente, e de muitos ensaio da Junina”.

Figura 8 – Continuação dos desenhos de algumas mulheres do Grupo Vitalidade retratando os momentos do passado e do presente. As mulheres são: H) *Myrcia*; I) *Marcetia*; J) *Zygostates*; e K) *Simira*. Os retângulos brancos são supressões de nomes próprios.



Fonte: Desenhado pelas mulheres do Grupo Vitalidade. Fotos: Autoria própria.

Marcetia (Figura 8I), outra jovens muito atuante da comunidade, fala que no G. Vitalidade ela teve acesso a “[...] experiências maravilhosas, né, onde hoje eu sou totalmente mudada, tive muito aprendizado, mudou totalmente meu modo de pensar e meu modo de agir. E eu amo vocês, obrigado!” [todas batem palma].

Dona *Zygostates* (Figura 8J) fala um pouco do seu sentimento de apego às companheiras de grupo. “Ói¹⁹, aqui é quando eu vinha pro grupo, né, aqui é minha casa aqui, eu né. Aqui 2019 é eu lavano muita louça, tá vendo, ó? Aí pode falar mais alguma coisa?

¹⁹ Contração para “Olhe”.

Pronto²⁰, aí 2016, né, eu dancei quadrilha, né, aí 2017, eu não dancei, [...] já fui rainha do grupo, né, aí faço uns exercíciuzin pra lá e pra cá... É, já fizemo pintura, é. [...] E só vou sair daqui um dia quando disser ‘Num tem mais, acabou!’ [todas batem palma]”.

Com esse mesmo sentimento de amizade, Dona *Simira* (Figura 8K), que frequenta pouco o grupo, fez um esforço para estar neste dia e também fez sua avaliação. “Antes vivia em casa, pensando na vida de viúva, sozinha, mas agora num penso essas coisa. Só penso em vim pra cá e dançar e me divertir, o que tem eu participo. Só não gosto de viajar, porque eu enjoa demais. Quando fala em sair eu fico meia triste porque eu num gosto de sair, não. Aí era assim, né, tristinha véia, sem fazer nada, sem sair de casa, pensando besteira, num gostava de nada, num saía pra nada. Hoje, 2019, eu sou feliz, danço, canto, pulo, brinco carnaval... Aqui tem carnaval e a gente brincou, eu vim fantasiada, muitcho linda...” [todos riem].

Esse ambiente de amizade e partilha de risadas é comum em todos os sábados na antiga escola, hoje sede do G. Vitalidade. No segundo encontro da pesquisa, elas foram desafiadas a relembrar sua história. Assim, no pátio externo, chamado de Espaço Vitalidade, se dividiram nas rodinhas de cochicho referentes aos três períodos do grupo, com escolha livre para compor qualquer um dos subgrupos. A Figura 9 ilustra o momento.

Figura 9 – Rodinhas de cochicho para a construção da linha do tempo do Grupo Vitalidade.



Fonte: Autoria própria.

²⁰ Essa interjeição utilizada Nordeste tem alguns significados diferentes. Pode significar conclusão, após um combinado ou um acordo sobre algo: "- Você vai a João Pessoa.", "- Pronto, eu vou!". Pode significar também negação: "- Vou deixar de estudar", "- Pronto, que novidade é essa?!". Porém na maioria dos significados encontrados neste trabalho é quando a pessoa recorda de algo: "Pronto, lembrei!".

Neste sábado elas além de passarem bastante tempo relembando os acontecimentos do grupo, tinham um último ensaio para a próxima apresentação que iriam fazer, dessa forma a conclusão da linha só se deu no sábado seguinte. A Figura 10 mostra como foi encerrado o dia, com o ensaio que envolvia de crianças a senhoras.

No terceiro encontro, então, foi montada a linha do tempo do grupo. Apresentados de forma oral, com o auxílio das tarjetas para se lembrarem, os acontecimentos e marcos do grupo foram socializados. Cada representante de cada rodinha de cochicho foi afrente, dessa vez dentro da sala de aula, narrar o trajetória que viveram durante cada período. Eventualmente, quando alguma delas tinha uma informação importante sobre o acontecimento que estava sendo narrado, elas interviam e complementavam.

Figura 10 – Ensaio da quadrilha das senhoras do Grupo Vitalidade.



Fonte: Autoria própria.

A Figura 11 evidencia como ficaram dispostas as informações na linha do tempo, com os desenhos referentes às impressões delas de como se sentiam no passado localizados na extremidade esquerda (Como estávamos antes...), em seguida os anos de 2015 e 2016 na cor verde escuro, o ano de 2017 na cor amarela, e os anos finais, 2018 e 2019, em verde claro. Por fim, na ponta direita, as ilustrações de como elas se veem atualmente (Como estamos hoje...).

Aqui nesta parte do trabalho elas voltam a contar sua história. *Caesalpinia* foi a representante da primeira roda. Ela comenta que, antes da criação do grupo, em 2015 “não existia nada, era um deserto, que a gente vivia triste, no sábado não tinha para onde ir, no

domingo também não... Hoje, não, hoje tá tudo bem, mas antes, era uma coisa triste e hoje me sinto muito alegre”.

Figura 11 – Linha do Tempo do Grupo Vitalidade da comunidade Olhos D’Aguinha de Juazeirinho, PB. Detalhes de cada uma das partes podem ser vistas no Apêndice D.



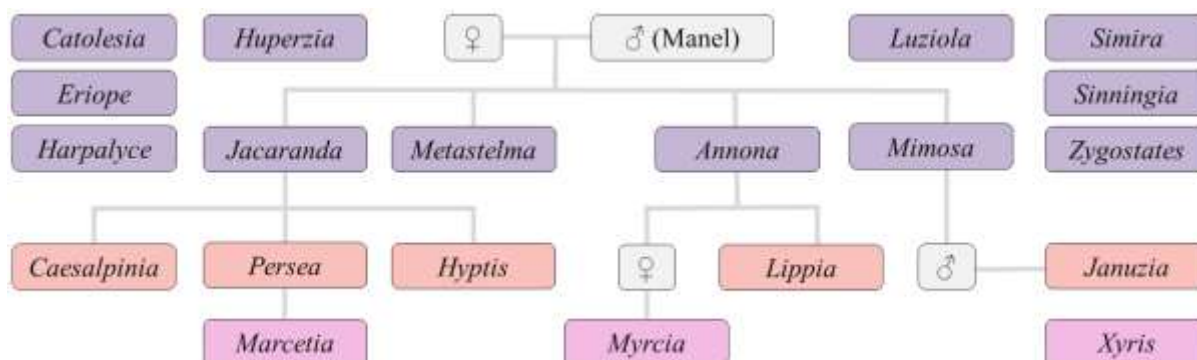
Fonte: Construído pelas mulheres do Grupo Vitalidade. Foto: Autoria própria.

Antes de dar continuidade com a história, verifica-se que é fundamental situar as pessoas que já apareceram e que irão aparecer. Com a atividade de apresentação desenvolvida no primeiro dia ficou evidente que o grupo é formado por pessoas com diversas relações de parentesco. Dessa forma, elaborou-se o fluxograma da Figura 12, serve para facilitar o entendimento sobre o local que as pessoas referenciadas deste grupo estão ocupando na família central que estrutura a comunidade, mas não se constitui em uma árvore genealógica

Com isto, *Caesalpinia* discorre sobre o ano de 2016, ano quando surgiu o grupo. “Deu início ao G. Vitalidade, né, a gente começamos, aqui na escola, é... Maravilhosamente... Nós dançávamos, nós conversávamos, a gente lanchava depois que nós dançava, né, a gente vivia em harmonia dançando aqui dentro da escola, todo mundo no maior sorriso, cada cá uma ajudando a outra, as adolescente dançando com as senhora e as senhora feliz. E nós era, assim, era só felicidade. A partir daí surgiu novos horizontes para o G. Vitalidade. E a gente não permaneceu só com a dança. Fomos crescendo, crescendo, e aí a cada dia nós estamos aí crescendo. Então isso é nossa história em 2016”.

À medida que ela foi pegando as tarjetas, falava na ordem cronológica. “Foi iniciado no mês de agosto o G. Vitalidade e já veio, o que? Os evento do Natal. A dança da peneira, trocas de presente. E continuou, sempre com os evento. Nós começamos com dança e exercício físico, começava com exercício aqui. Todo mundo aqui, eu dando aula, eu e minha irmã e outra professora dando aula pra elas. Com exercício, com danças”.

Figura 12 – Pessoas relacionadas ao Grupo Vitalidade que são referenciadas nesta tese, dando destaque à família principal. Os retângulos de cor roxa compreende a geração mais antiga, das senhoras; os vermelhos são as mulheres adultas e os rosa, as jovens. Os retângulos roxos desconectados são mulheres que não pertencem à mesma família.



Fonte: Autoria própria.

A dança da peneira é composta por seis pessoas, cada uma com uma peneira. “Como é a música que me esqueci?”. Alguém começa a cantar e em seguida todas estão cantando. “Mariá tá peneirando, Mariá tá peneirando como em massa de mandioca²¹...”. Ela explica que a música já existia, mas a dança foram elas que inventaram. “Com todas elas, a gente dava uma peneira... [...] E aí elas ficavam num círculo, e aí começava a musiquinha ‘Mariá tá peneirando, como em massa de mandioca, quem se casa com Maria só vai comer tapioca, tá, tá, tapioca, tá, tá tapioca, rala, rala a mandioca...’ [todas cantam batendo palma]”.

Em seguida, ela passa para as outras duas tarjetas. “Aqui também foi o evento que foi no Natal, né, comemoração do mês de Jesus, se vestimos com as roupas, compostos de todos, né, e comemoramos o Natal. No ano novo já começou as comemorações da gente, da troca de presentes, com o grupo todo, aí a gente trocava os presentes”.

²¹ Essa música se chama “Massa de Mandioca” da banda cearense Mastruz com Leite, segunda faixa de “Feira Dançante”, 24º álbum do grupo, gravado em 1998.

Parte-se, então, para o ano seguinte e *Marcetia* que começa a narrar. “O início de 2017 foi encontros semanais com atividade física, evento de dia das mães, com homenagem e lanche. No meio do ano foi ensaio junino, apresentação do grupo de carimbó, de capoeira, frevo, Lampião e Maria Bonita...”. Ela conta que o ano iniciou com os passeios. “Primeiro houve um passeio desse na piscina. Eles passearam, foram passear. Depois do passeio, a gente brincou de bola no campo, [...] aí depois, no São João, houve a festa”. As piscinas que elas visitaram foram nos municípios de Junco e Taperoá.

Dentro da proposta de se trabalhar exercícios e danças com as senhoras, neste ano elas criam a quadrilha do G. Vitalidade, na qual as adolescentes e as meninas são caracterizadas de homem e as senhoras de mulheres. Mais tarde, um momento marcante para elas foi quando participaram do desfile cívico. “Aí houve o desfile no dia 7 de Setembro, a gente desfilando aqui, né”. E nesse tempo foram aprimorando o que já faziam com relação às danças. “Aqui foi a primeira dança da peneira. Já tinha, mas a gente foi melhorando”.

“E no final teve peças teatrais do nascimento de Jesus, comemoração e encerramento do ano, com amigo secreto e convite para novos componentes”. Essa apresentação ocorreu na comunidade do Fuzil, onde tem origem a Dona *Jacaranda* e suas irmãs. A encenação que fizeram foi da Paixão de Cristo, com as senhoras atuando como atrizes. No fim de ano, a troca de presentes ocorreu por este motivo que *Persea* explica: “É porque, na realidade, são mães, e avós, tias, sobrinhas... São todas, assim, família”.

Com os relatos da história do grupo começam a serem reveladas diversas atividades, como passeios, apresentações, danças, duas organizações de quadrilha junina, balé, dentre outras. Com isso, *Caesalpinia*, a coordenadora do grupo, explica mais sobre a organização das pessoas nessas atividades. “O nosso grupo, eu sempre, eu dividi. Tem as de 10 anos, que sempre tem um projeto. Até vinte anos, né, por etapa, até 20 anos. De 20 anos até 45, que a gente chama até de balzaquianas²², que são pessoas que tem mais de 20 anos até 50. E de 50 até 75. Então é por etapa, mas a gente, através de botar o grupo de jovem, a gente tinha coisa pra os jovem apresentar, pras senhoras, mas sempre interagindo senhoras com os adolescentes. Entendeu? Mas sempre o nosso grupo é um pouco dividido. De 10 até 20 anos, que pega os adolescente. E também tem a gente, que é da minha fase, né, de 45 anos, aí depois pega a fase das senhoras”.

²² Esta expressão teve origem após Honoré de Balzac publicar o romance “A Mulher de Trinta Anos” (No original: *La Femme de trente ans*), lançado em 1842.

E *Persea* complementa, esclarecendo sobre antes. “Mas no início do grupo não tinha essa separação por faixa etária, não. Era todo mundo junto. Em 2016 pra o início de 2017 foi quando começou a surgir o grupo de balé, aí separou um pouco das crianças, mas em nenhum momento de grupo do G. Vitalidade, disse assim ‘Não, criança não pode tá hoje’. Todo mundo é sempre junto. Jovens, crianças e senhoras. Até porque o nosso objetivo era fazer com que essa interação aconteça. Por exemplo, o primeiro ano da quadrilha, jovens com as senhoras, elas nunca disseram um não pra não dançar com as senhoras, porque o objetivo era realmente essa união, essa busca. Se nos jovens estavam mais aprofundado em quadrilha, então fazia com que as senhoras se motivassem. Aí depois foi que surgiu o grupo carimbó, que era só... Não tinha nenhuma senhora no grupo carimbó. Era só de jovens, mas sempre juntos”.

Finalizando sobre as lembranças desse ano, *Caesalpinia* comenta sobre duas atividades que não estavam nas tarjetas: o primeiro brechó e uma noite religiosa envolvendo os jovens e as mulheres na escola da comunidade. “Nós tivemos o Despertar, uma noite maravilhosa com os jovens, com competições. [...] Foi assim... Vamos reunir, levar colchões, televisão... Momentos de oração, palestras sobre drogas... Mas só de mulheres”.

Concluída a apresentação do segundo grupo, *Persea*, representando a última rodinha de cochicho, começa a falar sobre o ano de 2018. “A nossa roda é... Nós trabalhamos da seguinte forma... Não só com desenhos, mas também com escritas. E nós ficamos com o ano de 2018 e 2019. [...] A escola da comunidade fechou, porque não tinha mais alunos e o Grupo Vitalidade já funcionava dentro dessa escola. O Espaço foi cedido pela Secretaria de Educação”.

Ela conta sobre os meses iniciais. “Nós tivemos a primeira festa carnavalesca, que veio uma bandinha²³ de Juazeirinho tocar aqui, ali no Espaço Vitalidade. Nós já tinha o Espaço em construção. Já tava construindo o Espaço e teve essa festa, com essa Banda São José. E sempre o grupo durante o decorrer do ano de 2018 sempre tinha rodas de conversa, como estamos aqui, né, sentava também pra conversar. Uma trazia uma lamentação de uma forma, outra de outra, e de onde todo mundo conversava. Aconselhava... Onde via que aquela tava triste, chegava... A gente teve também um probleminha em 2018 que uma participante teve problemas, e aí a gente sempre vinha, chorava junto, fazia oração também por ela, e graças a Deus ela hoje está viva. Foi problema de saúde. Só que não participou mais por

²³ Tem sentido de banda musical pequena. Não deve ser entendido como as tradicionais bandas da região Sul do Brasil com ritmos da cultura alemã, conhecidas como bandinhas.

motivo de saúde, que ela tava em tratamento, mas, mesmo assim, a gente sempre eleva o nome dela no grupo. É Dona *Simira*. Um senhora animada, que gostava de dançar, de sorrir, e trazia também muita... Ela conquistava muita amizade. Ainda conquista hoje, e é viva”.

Em seguida dá continuidade falando sobre os eventos que promoveram. “Comemoração do dia das mães, nós tivemos também em 2018, de onde nós abordamos o tema ‘Flores para Mamãe’, a festinha era aqui dentro, aqui era cheio de flores, uma coisa bem perfeita”.

As viagens intermunicipais que faziam com o grupo continuavam. “E tivemos aí também, sempre passeios. Aí chegou o forró, a hora do forró, do São João. E o nome da nossa quadrilha das senhoras ainda hoje, temos o banner da quadrilha muito bem desenhado, é Eita Vitalidade! [...] Eu e minha irmã (*Caesalpinia*), nós sempre... Ela jogava umas ideia, nós acata, e o que a gente acata, nós também combinamos com os membros. Não fica só em duas pessoas, nós sempre trabalhamos a so-ci-a-li-za-ção. Às vezes, sim, com exigências do grupo, com as regras, porque, em tudo que nós devemos fazer, nós temos que é... Ter nossas regras. Com vantagens e também desvantagens. E acatamos a ideia de dançar o São João, de onde as senhoras se veste de mulheres e as jovens de homens”. Com isso, *Caesalpinia* explica que a quadrilha Eita Vitalidade! começou mesmo em 2017, mas de maneira informal, entendido apenas pelas senhoras como uma brincadeira.

“E sempre... Não só a quadrilha, mas o nosso grupo é voltado à dança. Por que?! Porque elas vêm de uma certa idade que elas curtem muito o forró. [...] Muitas vezes eu quero copiá-las pelas danças, porque elas dançam muito bem. [...] Elas têm um gingado no corpo de forró mesmo, elas dançam bem”.

Essa admiração de mulheres como *Persea* para com as senhoras trouxe a preocupação de querer cada vez mais um melhor relacionamento com elas. Assim contam que tiveram a ideia de participar de um curso de cuidador de idosos, no qual algumas das participantes fizeram, e, conforme *Caesalpinia* explica, “pra mexer com senhoras, a gente tem que aprender a lidar um pouco com elas, [...] elas num é pra se adequar à gente, nós é que temos que se adequar a elas, então a gente foi fazer esse curso e esse curso teve até estágio em Campina Grande pra ver como é que trabalhava com idosos”.

Em agosto de 2018 comemoraram o aniversário do grupo viajando. “Onde nós tivemos oportunidade de sair, diante das pistas pra Campina Grande, a primeira vez”. Foi nesse ano que elas visitaram o Parque da Criança, em Campina Grande, do qual muitas comentaram no dia da apresentação, e que *Hyptis* conta sorrindo sobre o incidente que causou. “Aí terminou com esse passeio, que teve o acidente com o bolo, que derrubaram...

[risos] Mas foi assim, muito proveitoso, porque foi a primeira vez que saímos de Juazeirinho, pra passar de Soledade pra lá”.

Com os três anos de grupo, *Persea* fala que produziram uma camiseta em homenagem. “Nós temos aqui duas mostras de blusas. Essa cor de rosa foi a primeira. Aí em 2018 criamos essa nova. A rosa foi em 2016 pra 2017. A de 2018 é essa verdinha”.

Afora as várias viagens que o grupo fez a passeio, neste ano uma das integrantes precisou ser hospitalizada em João Pessoa sucessivas vezes, e suas acompanhantes, as amigas do grupo, nessas idas à capital ficavam sempre hospedadas num abrigo solidário popular, administrado por freiras. Como elas foram bem acolhidas lá, como forma de agradecimento, promoveram uma campanha na comunidade para arrecadarem sacos de arroz para doar ao abrigo.

Além da solidariedade, que está presente nessas pequenas ações do grupo, elas pensam sempre em querer estar aprendendo algo, como a ideia inicial da “aula”. *Caesalpinia* coloca que neste ano (2019) começaram a participar de cursos, e um dos que teve mais interesse na participação foi o da fabricação de sabão. “Veio uma pessoa aqui que veio nos ensinar pra fazer sabão pra gente vender pra arrecadar dinheiro. Aí a gente fez umas quatro vezes e tivemos sucesso”. No entanto, foi com um jantar para casais da comunidade, que elas realizaram no final do ano de 2018, que conseguiram arrecadar mais; dando para dividir com a quadrilha do grupo JPN para os jovens comprarem os tecidos para as roupas da quadrilha, visto que neste ano inicial do JPN tiveram que alugar todas as vestimentas.

Em novembro, fizeram um passeio religioso em Juazeirinho, para a Santa da Serra do Urubu, localizada entre as comunidades do Massapê e do Poço do Mulungu, localizada ao sul do município, oposto da comunidade Olhos D’Aguinha, que fica ao norte. Algumas mulheres nunca tinham ido visitar o local.

E em dezembro, além da troca de presentes que já fazem em todos os anos, realizaram um coral de Natal, com as próprias senhoras cantando. A apresentação foi no próprio Espaço Vitalidade, que estava com a construção já finalizada. Entraram 2019 dando continuidade com as palestras, exercícios físicos, danças, ensaios das quadrilhas e apresentações. A quadrilha do JPN realizou um grande voo neste ano, como comenta *Caesalpinia*, e os detalhes da criação desta Junina, bem como as conquistas mais recentes serão reveladas quando ela estiver contando sua própria história.

Encerrada a montagem da linha do tempo, elas seguiram com os ensaios da quadrilha Eita Vitalidade! No sábado seguinte, ocorreu o momento final da pesquisa, no qual foi feito o varal dos sentidos do grupo, quando cada uma escreveu ou desenhou o sentido e a

importância do grupo para si em uma tarjeta e posteriormente explicou para todas ali presentes. Cada tópico a seguir é o relato de uma delas e o resultado final do varal estendido é apresentado na página seguinte, na Figura 13.

1. *Caesalpinia*: “É tudo, pra mim, assim, em termo de me completar, porque hoje se eu não tivesse o grupo, se o grupo não fosse tão importante pra mim... Minha filha é muito importante, eu poderia tá agora [com ela], porque eu não passei meia hora com ela [depois do parto], mas o grupo é importante, porque eu tô aqui. Então o grupo pra mim é tudo, porque eu deixei ela lá e vim. [...] Tirando dessa parte, assim, de fé, de Deus e de família, vocês são a outra família pra mim, porque se não fosse isso eu tava em casa, com minha fia lá, que eu queria tá com ela. Mas, felizmente estou aqui, firme e forte, e agradeço a Deus muito, porque com vocês eu posso contar, como eu contei os meus problema e o que eu tô sentindo. Então pra mim o grupo é tudo”.
2. *Persea*: “Aqui, ó, eu coloquei Alegria para todos nós reunidos. Por que? Porque essa alegria traz tudo para nós. E reunido. Porque se fosse só eu e *Caesalpinia*, e aí né? Nós tamos reunidos aqui, é alegria! É divertimento, né, para todos nós. Se fosse só eu e *Caesalpinia*, duas pessoa, pensa, tinha alegria? Mas estamos todos reunidos, é a alegria, é a alegria para todos nós”.
3. *Marcetia*: “Eu acho que... União. Eu coloquei união, porque... Pegando o que titia botou, quando a gente se reúne, a gente sempre tá em alegria, não só nos momentos de... Quando vocês tão conversando, brincando, dançando, fazendo exercício, mas também quando alguém tá triste, quando alguém tá precisando de alguma coisa a gente se, sempre se junta pra conversar, pra dar conselhos, pra fazer algum momento de oração. A gente tá lá nos momentos ruins e nos momentos bons. Então pra mim isso que é união, isso que é o amor. E quando a gente tá triste e vem pra cá é tipo um refúgio pra gente. Então é isso”.
4. Dona *Huperzia*: “O meu eu também coloquei união, porque somos todos unidos, somo igual uma família, somo todos os sábado reunido, aí eu acho que é uma união”.
5. Dona *Eriope*: “O grupo pra mim é uma segunda família, porque tem todos, como mãe, tia, avó e outras coisas”.
6. *Hyptis*: “Para mim é uma alegria que tenho. É muito importante para nós todos”.
7. Dona *Catolesia*: “O meu grupo é cheio de alegria para mim, junto a todos com muito amor, às minhas amigas e à minha tutora, *Caesalpinia*”.
8. Dona *Harpalyce*: “Olha, o meu é felicidade. Eu era feliz antes do grupo e agora com o grupo eu tenho muita felicidade”.

9. *Janusia*: “O grupo pra mim é muito importante, é o que faz parte da minha vida que por mais, assim como Dona *Simira* já se ausentou, eu também já me ausentei. Mas assim, que é algo que faz falta, você tá sempre querendo voltar. Então é muito importante”.
10. Dona *Simira*: “O grupo pra mim foi muito bom, por isso que estou de volta” (*Persea*: “E estamos prontas pra lhe receber com muito amor e carinho!”).
11. Dona *Luziola*: “Ói, muito bom, né, muito bom, porque eu danço faço uns exercíciuzin, né, aí é bom pra se animar mais, né, que sem o grupo... Se não fosse esse grupo aqui, a gente num sabe, a gente ia pra onde? Né?”.
12. Dona *Annona*: “Primeiro eu vou falar do, da... Duma palavra que eu achei, a palavra mais chave. E achei alguém que já disse. Um grupo sem a união, sem a união entre todos não é grupo. Então o nosso grupo, ele é retratado nessa palavra, união”.
13. *Lippia*: “Bom, eu coloquei união e amor, porque um grupo sem união não é nada”.
14. *Myrcia*: “O grupo pra mim é respeito. Respeitar as pessoas mais velhas”.
15. Dona *Metastelma*: “Gratidão pelas amizades. Sou grata pelas amizades do grupo”.
16. Dona *Zygotates*: “O grupo pra mim é uma família onde aconchega tudo”.
17. Dona *Sinningia*: “O grupo junto é uma família nesta moradia”.
18. *Xyris*: “Este grupo me traz felicidade, paz e união”.
19. Dona *Jacaranda*: “O grupo pra mim é muito maravilhoso, porque todos são amigos e une mais”.
20. Dona *Mimosa*: “O grupo é união”.

Figura 13 – Varal de sentidos do Grupo Vitalidade, de Juazeirinho, PB.



Fonte: Construído pelas mulheres do Grupo Vitalidade. Foto: Autoria própria.

Após a construção desse varal, elas deliberaram que seria necessária uma avaliação sobre o processo da pesquisa, e os dias que estiveram reunidas para a reconstrução coletiva da história do G. Vitalidade. À vista disto, cada uma que sentiu a necessidade de falar, foi se inscrevendo e tomando a vez.

Persea, que deu a ideia, começou. “Ewerton chegou de paraquedas no nosso grupo, já nos... Pelo menos já me conquistou e eu acredito que conquistou o coração de cada uma de vocês. Eu acredito que ele deixou marcas a partir do momento que ele começou a nos dar pedacinhos de papel que nós encontramos dificuldades em desenhar, e no final deu tudo certo e foi uma aprendizagem a mais. E que nosso grupo permaneça sempre é... Apoiando quem queira participar, quem venha nos dar uma palavra, que esse, esse apoio que Ewerton veio nos dar, essa aprendizagem, não fique só nesses dias que ele está conosco”.

Em seguida Dona *Metastelma* comenta: “Pra mim isso foi uma maravilha. No primeiro dia a gente ficou bem emocionada, a gente fica emocionada! ‘Meu Deus, como a gente vai fazer?’, e no fim todo mundo aprendeu a fazer as coisa, né, aí acharam difícil, mas então com dificuldade você encaminhou e nós fizemos”.

Dona *Jacaranda*, que já tinha participado da entrevista, falou: “Olhe, a mim ele trouxe um exemplo muito grande. Foi lembrado muita coisa, a gente conversou muito, eu lembrei de muitas coisas que eu passei atraísi... Foi importante demais, demais o que ele veio fazer com a gente, porque pelo menos abriu a mente de nóisi, né, tava tudo guardado e nós abriu a mente e desenhou tudo aí o que ele pediu. Pra mim foi muito importante, muito gratificante ter conhecido ele, ele ter me entrevistado pra me lembrar de tudo que passou, falar de minha mãe, falar de minha mainha, foi muito importante. Deus te abençoe, muito, muito!”. Enquanto ela falava, *Marcetia*, que no momento da entrevista esteve ao lado, ouvindo a avó, comenta: “E eu chorei na hora que vovó tava falando da mãe dela”.

Janusia avalia em seguida. “Assim, foi muito importante a vinda dele ao grupo, e principalmente quando ele tentou fazer um resgate da história do grupo, porque hoje a gente tá num momento bom, mas já tivemos momentos difíceis e foi muito bom quando você disse ‘Vamos ver, vamos fazer um resgate, como começou? E como é que tá agora?’, então foi muito importante. Que Deus abençoe a sua vida e que você volte sempre”.

Caesalpinia faz suas considerações também. “Eu vou falar o hoje do grupo, porque nós tamo junto, né, nas longas estradas aí então num adianta, mas assim, pelo grupo foi muito bom você ter vindo. [...] Só em ver ali a história do grupo, o resgate, é tão gratificante, tão gratificante mesmo, que só você pra ter feito esse momento, porque se não nós não iria fazer isso, fazer a história. Foi assim, a iniciativa maravilhosamente, porque a gente num tem

tempo, somos super corrido, dona de casa, está lá e vira e mexe e... E jamais nós iríamos parar pra dizer ‘Vamo rever sobre a linha do tempo do grupo!’, aí você veio, assim... E isso dá um livro! Uma linda história que dá até pra ir pra o jornal, sabia? Foi um história rica! Riquíssima! Riquíssima! E até hoje a gente fica se perguntando ‘E o que teve mais?’, ‘Olhe, teve mais isso aqui! E esqueceu!’, ‘Querida ter de novo pra eu contar que teve isso...’. E assim foi rico, rico, rico, rico mesmo!”.

Pegando o gancho da palavra repetida Dona *Harpalyce* faz uma observação. “Eu achei tão rico, que essa nossa amiga (*Simira*) ela é do grupo. Ela tinha se afastado por problema de saúde, tava em tratamento. Foi tão rico, que achou de no fechamento do seu trabalho ela tá aí”. E *Persea* relembra: “Eu acho que eu não sei se vocês estavam lembrados, mas nesse encontro de resgate eu falei no nome dela, né, uma senhorinha que estava afastada do grupo por motivo de saúde e era uma pessoa muito feliz e, assim, ela passa essa felicidade para cada um de nós. E o maior prazer nosso foi recebê-la hoje, fechando com chave de ouro a sua etapa de seu trabalho”.

Com isso, Dona *Simira* fala estampando um sorriso: “É, eu fiquei muito doente, mas eu, em hora nenhuma eu enfraqueci, eu deixei de ser sorridente. Em hora nenhuma! Lá no hospital mermo, eu tava no Recife, aí uma muié chegou e disse assim, olhou pra mim, uma enfermeira, aí disse ‘Levante pra... Prum paciente sentar aí!’, eu disse ‘A paciente sou eu.’ [...]. Aí ela disse ‘E pra quê você tá com uma alegria dessa?’, eu digo ‘E eu vou chorar?!’. Não tinha pra quê eu chorar”.

Após uma salva de palmas calorosa, e antes das meninas dançarem o carimbó (Apêndice D), no fim do momento de avaliação, e sempre com poucas palavras, Dona *Mimosa*, fala espontaneamente: “Minhas palavras tão aqui dentro do meu coração!”.

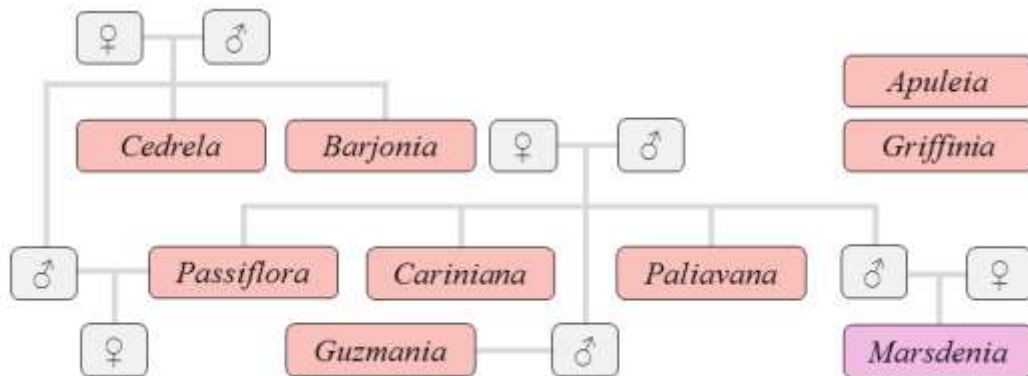
5.2 Grupo Mulheres Filhas da Terra, o compromisso com a luta

A próxima história é em Pedra Lavrada, do Grupo Mulheres Filhas da Terra. Criado em 2007 na comunidade Canoa de Dentro, esta organização de mulheres foi a segunda a participar da pesquisa. Também se trabalhou com as dinâmicas da linha do tempo e dos sentidos do grupo, porém de forma mais deliberativa. O grupo possui apenas sete participantes, as quais já passaram por processos de sistematizações das suas experiências na agricultura familiar, com a elaboração de livros e boletins, bem como formações na área da agricultura familiar camponesa. Em vista disso, possuíam uma facilidade na síntese, o que ajudou na rememoração dos fatos.

A linha do tempo foi finalizada em apenas um dia de reunião, e esta foi realizada na varanda da casa de *Passiflora*, uma das integrantes do grupo, visto que o espaço coletivo delas, a casa de beneficiamento, estava em reforma. Dessa maneira, foi afixado o papel madeira na parede e *Guzmania* assumiu a função de escrever nas tarjetas enquanto as outras narravam a história. As tarjetas dessa vez foram um pouco menores em virtude da quantidade de acontecimentos que poderiam ser lembrados.

O grupo trabalha com beneficiamento de frutas nativas da Caatinga e as sete mulheres que o compõe atualmente são *Barjonia*, *Cariniana*, *Cedrela*, *Griffinia*, *Guzmania*, *Marsdenia* e *Passiflora* (Figura 14).

Figura 14 – Pessoas relacionadas ao Grupo Mulheres Filhas da Terra que são referenciadas nesta tese, apresentando as relações de parentesco. Os retângulos de cor vermelha são as mulheres de 30 a 50 anos e os rosa, as jovens. Os retângulos vermelhos desconectados são mulheres que não pertencem à mesma família.



Fonte: Autoria própria.

Com exceção de *Griffinia*, todas participaram da reunião. A história conjunta delas começa em finais de 2007 com a participação em uma visita de intercâmbio para a comunidade Lajedo de Timbaúba, no município de Soledade, PB, que teve a proposta de apresentar o trabalho do grupo de lá com o beneficiamento de umbu²⁴. Dessa forma, *Guzmania*, *Cedrela* e seu pai foram conhecer esta experiência em Soledade. O evento foi

²⁴ O umbuzeiro (*Spondias tuberosa* Arruda), ou umbu, configura-se como uma das espécies encontradas na flora do bioma Caatinga com grande importância econômica, social, cultural e ecológica. Sendo uma árvore pertencente à família das Anacardiáceas, é reconhecida como sagrada pelos povos do Nordeste e representa uma alternativa para um extrativismo rentável à população local, sendo preservada por esta (TORRES, 2015).

articulado por *Cariniana*, que nesta época participava como coordenadora no Coletivo. Ao voltarem de lá começaram experimentar na casa do pai de *Cedrela* e *Barjonias*, de forma improvisada, o que aprenderam na elaboração dos produtos. Mas antes de colocarem em prática ainda aconteceram vários processos na comunidade, que *Cariniana* explica. Ela conta que a organização para dar início ao grupo de mulheres já vinha sendo trabalhada com outra dinâmica. “Na época o padre veio com umas cisternas, que era a fundo perdido. [...] Além de Pedra Lavrada, Nova Palmeira e Cubati. Aí quando ele chegou na comunidade, teve missa. A gente nem tinha capela, a gente celebrava no grupo escolar. Ninguém tinha cisterna. Aqui nessa comunidade só tinha quatro família que tinha cisterna. As outras famílias nenhuma tinha a sua primeira água²⁵. Aí na missa [o padre] foi e falou, só que ele tinha falado comigo antes lá em casa. Assim, eu interessei, né, no início, só que ela era a fundo rotativo. A gente recebia o material, aí a escavação do buraco pra construir a cisterna era por conta da família, alimentação [dos pedreiros] era por conta da família, a mão de obra e o pedreiro. A gente recebia só o material em si. Eu interessei de início, só que meu esposo ‘Não, isso é muita responsabilidade, se esse pessoal não devolver, a gente não tem como pagar’. [...] Quando foi na missa, ele falou e muitas família interessaram. A gente fez uma... um sorteio. Pegou o nome de cinco famílias e sorteou logo. Eram cinco cisterna. Aí a partir daí a gente começou a dinâmica [do fundo rotativo], né”.

“A ideia era essa, a fundo perdido. Mas a critério a dinâmica era da comunidade. Como a gente não tinha dinâmica, e as família nenhuma tinha [cisterna], a gente pensou assim ‘Por que não as família ir devolvendo e agente construindo, né?! Mais pra mais famílias...’.” Pensando assim foi que iniciaram o Fundo Rotativo Solidário (FRS) da comunidade.

Nessa época ocorreu uma seca prolongada, que *Cariniana* conta como foi. “O pessoal cavava cacimba nos leito dos rios, mas só que, apesar de muitos anos sem chover, aí não encontrava mais água. Aí veio *Apuleia* e um companheiro do PATAC, que mora na cidade de Soledade, aí ela sempre era quem me acompanhava, né, [...] a gente fez uma linha do tempo lá no grupo [escolar] onde a gente celebrava, aí reuniu a comunidade, a gente fez um resgate, fez a linha do tempo [da comunidade] toda aquela história... Aí ele disse assim ‘Vou vim com irmão Urbano, do PATAC’, que foi o fundador do PATAC, ‘porque ele tem uma experiência interessante, que ele faz um trabalho, e assim sabe onde tem água’ [...] com aqueles

²⁵ Referência ao Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC), que fomentou a construção de cisternas de placa para a acumulação da água da chuva, ou primeira água de consumo.

pauzinho²⁶. No outro dia seguinte, como não tinha água aqui de jeito nenhum, a gente reuniu um grupo de pessoas, de homem, já foram cavando, cavando... Oxen²⁷, no outro dia já deu água. E água boa! Aí a partir daí começou a dinâmica na comunidade. No outro ano seguinte, choveu, a gente já tinha multiplicado cisternas, né, acho que umas 58 com fundo rotativo, aí a gente chegou a expandir para o município... Eu sei que no torno, dentro do município, a gente transformou em 88”.

O fundo rotativo ainda existe, mas não com cisterna. Depois do fomento com o PIMC na construção de cisternas, desvincularam o fundo rotativo desta atividade e passaram a financiar outras, como a reforma de casas. Como no ano seguinte choveu, elas começaram a ter novas ideias para movimentar o recurso do fundo rotativo. Criou-se, então, o FRS de palma, para os cultivos de roçados consorciados. Nesse meio tempo *Caesalpinia* começou a fazer parte da coordenação do Coletivo por influência de seu esposo, que trabalhava no PIMC com o sindicato dos trabalhadores rurais de Soledade.

Assim, foi *Cariniana* que conheceu primeiro a experiência em Lajedo de Timbaúba, que época só trabalhavam com umbu e conseguiam comercializar por venda direta para o município de Soledade para a merenda escolar, quando não existia ainda nem o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE), nem o Programa de Aquisição de Alimentos (PAA)²⁸. Na volta a Canoa de Dentro, ela se reuniu com a comunidade para socializar o que tinha aprendido. Nessa época, porém, não existia ainda associação. A organização da comunidade ainda era atrelada à igreja. O relato de *Cariniana* fez com que outras mulheres ficassem interessadas em conhecer. Aí disseram que para elas começarem era necessário algum apoio. *Cariniana* disse “A gente não tem nada, a gente só tem a fruta e a coragem”. Aí quando foram naquela comunidade de novo, no intercâmbio, com mais mulheres, para conhecer a experiência, ganharam alguns materiais para o beneficiamento das frutas, como garrafas plásticas para o suco a vapor, fogão, um saco de açúcar e embalagens.

Quando voltaram, experimentaram fazer doce e geleia e ofereceram para as pessoas da comunidade para degustar, já fazendo uma propaganda dos produtos. *Apuleia* também deu uma ajuda e levou para a cidade para comercializar. *Cariniana* esclarece: “Aí a gente viu que era isso que a gente queria e começou a trabalhar, só que a gente não tinha freezer, não tinha

²⁶ Referência à técnica de radiestesia.

²⁷ Contração da expressão nordestina “Oxente”. O uso mais comum é “Oxe”.

²⁸ Programa Governamental que faz a compra institucional de produção agrícola no qual os fornecedores “são os agricultores familiares, assentados da reforma agrária, silvicultores, aqüicultores, extrativistas, pescadores artesanais, indígenas, integrantes de comunidades remanescentes de quilombolas rurais e demais povos e comunidades tradicionais, que atendam aos requisitos previstos no art. 3º da Lei nº 11.326, de 24 de julho de 2006” (BRASIL, 2012).

nada”. Foi quando começaram a fazer a produção na casa de sua irmã, *Paliavana*, que cedeu o espaço de sua cozinha. Mas isso já foi em 2008.

Nesse ano, então, *Guzmania* especifica que foi no dia 31 de janeiro que iniciaram de fato os trabalhos como grupo, “antes não foi como grupo, foi apenas para testar os produtos”. Ela conta que conseguiram produzir 60 kg de polpas e doces com a safra dos umbuzeiros do entorno da comunidade. Mas como não tinham como armazenar a produção de maneira refrigerada, as polpas pré-cozidas que elas tinham armazenado em potinhos descartáveis que ganharam, em poucos dias se estragaram.

Cariniana levou o relato dessa primeira experiência para a coordenação do Coletivo, dizendo que tinham trabalhado e feito 60 kg de polpa, mas tiveram perda e jogaram tudo fora. Foi quando o Coletivo apoiou o grupo com um freezer, com recursos da Heifer²⁹ através do PATAC. Nessa época os equipamentos de produção eram improvisados. Como conta *Cariniana*, “a gente comprou as sacolas, né, daquelas de polpa. A gente enchia da polpa e a gente botava numa faca, dessas faca que não tem cabo de plástico, e colava com a vela. Se queimava todinha...”.

Depois desse apoio teve uma maior inserção no Coletivo, com a participação dessas mulheres em dinâmicas e comissões temáticas ligadas à ASA, o que resultou posteriormente em uma visita de uma equipe da Heifer à comunidade, e *Cariniana* discorre sobre. “A Heifer, eles não trabalhava a questão do beneficiamento de frutas, né, porque o ponto deles era mais a questão da criação. Como na comunidade vizinha a nós tem um pessoal que trabalha com a questão de fundo rotativo de criação, aí eles vieram, teve uma visita da Heifer em nossa comunidade. Eles vieram visitar o nosso grupo, aí quando eles chegaram aqui, veio alguém da coordenação do Coletivo, veio assessoria do PATAC também... A gente já tinha sido apoiado com uma freezer, aí foi quando a gente foi apoiado com uma suqueira novamente, né, com liquidificador industrial daqueles de 5 kg, aí foi quando a gente começou a fazer o suco a vapor que antes a gente não tinha feito ainda suco a vapor”.

Com o tempo foram ampliando a produção para outros tipos de frutas. *Cariniana* explica sobre como foi pensado o uso dessas frutas. “A gente tirava, mas, assim, a questão do maracujá a gente compra de outros agricultores aqui, mas que a gente sabe que eles trabalha agroecológico, né; a pinha, a manga, a gente compra de outra comunidade ali, a goiaba também. A acerola a gente compra lá também e compra aqui na comunidade, né”. O grupo afirma nunca terem comprado frutas da CEASA.

²⁹ Heifer International é uma entidade de cooperação norte-americana.

Ainda em 2008 tiveram mais outra perda de produção, dessa vez maior, com 120 kg de polpa de umbu, que estava armazenada em um tambor. Elas relatam que foi apenas por falta de conhecimento dessa vez, porque apareceu o que elas chamaram de nata por cima da polpa. Isto, depois de terem participado de outro intercâmbio, descobriram que se retira e armazena a polpa, que fica por baixo. Como não sabiam, achavam que tudo tinha se estragado e jogaram fora.

Apesar de muita perda de produção no início da atividade, isso não as desanimou. Elas foram em busca de mais conhecimento. Assim, *Griffinia* foi para o município de Uauá, BA, para conhecer a COOPERCUC³⁰, uma cooperativa que trabalha há muitos anos com a produção de diversos produtos à base de umbu. Participaram também de mais dois intercâmbios em Afogados da Ingazeira, PE, e São Raimundo Nonato, PI, onde aprenderem inclusive sobre a fabricação da cajuína³¹.

O ano de 2008, além de elas trabalharem muito a questão do aprendizado na prática de beneficiamento, conseguiram despontar no cenário estadual e por em evidência Canoa de Dentro. Assim, devido à organização delas, conseguiram realizar lá a Festa Regional da Semente da Paixão, evento que levou pessoas de todo o território de abrangência do Coletivo para a comunidade. Elas também têm um referencial nesse ano para o dia 8 de Março, quando formaram a Associação Centro de Cidadania das Mulheres e promoveram o primeiro evento voltado só para mulheres, com sorteio de brindes e camisetas.

Em 2009 elas acessaram a primeira venda através de projeto no PAA com um faturamento de R\$ 25.000,00. Além dessa venda ao mercado institucional, forneceram para a Prefeitura do município de Pedra Lavrada e os produtos passaram a estimular a agricultura familiar local, pois começariam neste ano as compras de frutas a famílias que produziam sem o uso de veneno. As frutas que adquiriram para matéria-prima foram acerola, manga, goiaba, graviola, umbu e maracujá.

No mesmo ano ocorreram duas mudanças na composição do grupo, com a entrada de *Barjonia* para substituir *Griffinia* que se ausentou por conta do nascimento da filha. Elas brincam que o grupo já estava tão organizado que possibilitou até a companheira tirar licença maternidade. *Byrsonima* foi outra componente que entrou neste ano. Sobre ela, *Guzmania*

³⁰ Cooperativa Agropecuária Familiar de Canudos, Uauá e Curaçá.

³¹ A cajuína é uma bebida produzida originalmente do Nordeste brasileiro, nos estados do Maranhão, Ceará e principalmente no Piauí, onde é considerada Patrimônio Cultural do Estado e símbolo cultural da cidade de Teresina (BRASIL, 2014; MORIM, 2014).

comenta. “Ela trabalhava pra sustentar a casa, tratando de fato³² de bicho, varrendo terreiro... Que não é desonra, mas ela era quem trabalhava e sustentava a casa.”.

Em 2010 continuaram acessando o PAA e participando de oficinas de produção e manipulação de alimentos. O acontecimento reconhecido como o mais marcante deste ano foi o intercâmbio com pessoas estrangeiras, que foram visitar a comunidade, dos países de Cuba e da Argentina. Mas o encontro não era especificamente para o grupo de mulheres. Nisso, questionadas se foi um fato marcante para as Mulheres Filhas da Terra, *Guzmania*, prontamente tece uma explicação baseando-se no trabalho que elas desenvolvem em todos os espaços da comunidade, tanto os públicos como os privados.

“Tudo que acontece na comunidade é nós [que realizamos]. Nós e o pai de *Cedrela*, que tá desde o começo. Então, assim, tudo que acontece em trabalho de atividade aqui na comunidade, hoje nós somos conhecidas a nível de município, estadual e nacionalmente pelo nosso trabalho. [...] Esse trabalho começa a ter esse reconhecimento, porque a gente não trabalha apenas as temáticas do Coletivo, mas a gente trabalha além delas. Trabalha o fortalecimento, autonomia, o resgate da mulher, a geração de renda... Porque com esse nosso trabalho a gente não tem dinheiro todos os meses, mas o dinheiro nosso, que a gente ganha nesse grupo é nosso... Nenhum dos maridos nossos tem autonomia no nosso dinheiro! [...] Além dessa autonomia tem uma sobrecarga de trabalho, porque tanto... Qualquer uma de nós. *Cariniana* tem uma filha que está praticamente dentro de casa, tá criando uma adolescente que já diminui o que *Cariniana* fazia antes de sair [de casa para as reuniões]. Eu não, eu me sobrecarrego, porque minha filha não está em casa, aí por mais que ela não fizesse muita coisa, mas varria uma casa, lavava o banheiro, lavava uma louça, fazia uma comida – com muita zuada, mas fazia... – Já me ajudava. Hoje em dia, não. Eu me sobrecarrego mais ainda, porque só tá eu, meu marido e meu filho... Eu deixei o almoço praticamente pronto, mas já estão almoçando lá na minha sogra. Só faltava ferver o feijão [...] e foi lá para casa da mãe dele. Então, assim, eu me sobrecarrego, porque eu tenho que deixar as coisa pronta, eu sou quem vai arrumar a casa quando chegar... E tem essas coisa de autonomia de filho [...]. Então, assim, existe uma sobrecarga, que eles não assumem para diminuir a nossa sobrecarga de trabalho”.

Esse trabalho sobrecarregado, porém, não parou, nem dentro de suas casas e nem no espaço comunitário. Em 2011 o grupo ainda comercializava pelo PAA e foi o ano em que deu

³² Chama-se fato os intestinos e as vísceras dos animais abatidos, que são limpos e posteriormente utilizados para a culinária local, em pratos como a buchada, o picado e o sarapatel.

início à construção da unidade de beneficiamento em parceria com um projeto da Petrobras. Conseguiram concluir no mesmo ano e inauguraram com uma grande festa. Neste evento *Guzmania* diz que “Foi favada, buchada, feijoada, com inauguração ecumênica, com padre, com pastor, com forró, com muito político, mas nós não demos cartaz a eles. Foi uma inauguração que fechou Canoa de Dentro, uma inauguração daquelas! – Que nós somos meio metida!”.

Elas pensaram em adquirir mais equipamentos para a casa já concluída. Assim, buscaram apoio para comprar dois freezers novos e potes de plástico e de vidros descartáveis. Muitas destas aquisições foram através da dinâmica do fundo rotativo. No caso dos freezers, por exemplo, o grupo acessou o Fundo Rotativo Regional, que é administrado pelo Coletivo. Do valor total dos freezers, que foi comprado pelo Fundo, elas devolveram 50% do para o caixa. Assim, esse recurso que retorna é destinado para apoiar outras iniciativas como essas no território.

Outro fato marcante no ano foi a filmagem de um documentário da Petrobras sobre a primeira casa de beneficiamento que foi criada depois do intercâmbio em Lajedo de Timbaúba, no qual participaram outras comunidades, inclusive as do Grupo Mulheres Camponesas do Semiárido, o qual a história será contada logo em seguida desta. Dessas filmagens rendeu também um livro, com a história do grupo e os demais apoios que a Petrobras efetivou em todo o país. A casa foi um apoio do PATAC por meio do Projeto Água no Semiárido, financiado pela Petrobras (Programa Petrobras Desenvolvimento e Cidadania)

A participação da primeira Marcha das Margaridas em Brasília também foi um fato marcante para elas. A marcha é uma manifestação realizada desde o ano 2000 e coordenada principalmente por mulheres trabalhadoras rurais do Brasil, sendo um importante espaço político para denunciar questões sociais como o machismo, a misoginia, as violências contra a mulher, dentre outras pautas ligadas ao contexto rural; mas também sendo um momento de celebração das conquistas das mulheres.

E assim, o grupo vai para 2012, quando não acessam mais o PAA, mas estão vendendo a produção agora pelo PNAE Estadual e pelo Municipal, o que rendeu um faturamento de R\$ 8.000,00. Além dessa forma de comercialização, continuaram com as vendas para eventos no município, em vendas diretas e à COOPERNUT³³. O valor do PNAE foi bem menor que o primeiro PAA, fazendo-as irem em busca de melhorar essa questão financeira. Dessa forma,

³³ Cooperativa de Produção de Suplementos Naturais de Campina Grande.

no mesmo ano, participam de um projeto da Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE)³⁴ em parceria com o Coletivo e o PATAC para realizarem um estudo de viabilidade econômica.

Em 2013 elas visitaram outros lugares. Primeiro, algumas foram a Salvador fazer uma avaliação do projeto da CESE. Depois *Griffinia*, representando o grupo, embarcou para a Argentina como representante delas e do Coletivo/PATAC para apresentar as experiências das mulheres e do território. No ano seguinte elas receberiam um prêmio do qual foram indicadas, chamado “Prêmio mulheres que produzem para um Brasil sustentável”. Assim, em 2014, dessa vez com *Cariniana* representando, elas receberam um troféu e um certificado em Brasília. Elas contam que se inscreveram enquanto Coletivo e ficaram em 10º lugar, empatadas com outro grupo de Brasília. Dessa premiação, a história do grupo entrou em outro livro junto com as histórias de outros 30 grupos selecionados, e no evento foi lida a sistematização de cada um deles.

2014 foi mais um ano que elas conseguiram estar em evidência nas mídias. Contam que a equipe da TV Paraíba fez reportagem com o grupo, e descreveram tudo que ocorreu com a visita da emissora à Canoa de Dentro. A reportagem além de ter sido transmitida em nível estadual, ganhou destaque nacional, com a exibição nos programas Globo Rural e no telejornal Brasil TV³⁵. *Cariniana* comenta sobre esse momento: “Quando dei fé era os grito em casa ‘*Cariniana*, vocês tão passando é no Brasil, não é na Paraíba, não!!!’, aí todo mundo assistiu.”. *Guzmania* também fala: “Aí quando passou no Brasil TV, o povo que a gente tem família em São Paulo, Brasília, Rio de Janeiro, todo canto começou a ligar: ‘Vocês tão muito chique’, que nem todo mundo tinha celular que passava... Pegava internet. Passou, aí no outro dia passou no Globo Rural, porque passava a extração do imbu³⁶, o beneficiamento... Foi quando a gente foi reconhecida nacionalmente”.

Neste mesmo ano, elas foram beneficiárias do Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú (Procase)³⁷ para o recebimentos de equipamentos como despoldadeira, envazador e seladora; e ampliação da casa de beneficiamento.

³⁴ Organização baiana com sede em Salvador.

³⁵ Esse telejornal era exibido somente no sinal de satélite pela emissora Globo.

³⁶ Imbu é um dos nomes populares do umbuzeiro (*Spondias tuberosa* Arruda), podendo esse se referir tanto ao fruto como à árvore. Imbu e a variação umbu têm origem no tupi-guarani “Y’ m’bu”, que significa “árvore que dá de beber”, em alusão à água contida nas túberas (xilopódios), que era consumida pelos índios que habitavam as vegetações chamadas de caatingas (NEVES; CARVALHO, 2005).

³⁷ O Procase é uma parceria entre o Governo do Estado da Paraíba e o Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola (FIDA), que vem beneficiando 56 municípios do Semiárido paraibano. O objetivo de contribuir para o desenvolvimento rural sustentável com o financiamento de ações de prevenção e mitigação da desertificação em sua área de abrangência, dispensando atenção especial as iniciativas que envolvem grupos de mulheres, jovens e comunidades remanescentes de quilombo (SEMEAR, 2019).

Em 2015 uma nova integrante entra no grupo, *Marsdenia*, e participa junto com as antigas de outra formação sobre viabilidade econômica. *Griffinia* participa de outra formação organizada pela Associação CAPINA³⁸, uma entidade do Rio de Janeiro, sendo um evento organizado pelo ASA em parceria com PATAC e Coletivo.

Neste ano também ocorreu o recebimento de uma comenda pela Câmara Municipal de Pedra Lavrada reconhecendo o trabalho delas, quando na solenidade se contou a história delas e homenagearam.

Além das mulheres fazerem um trabalho de movimentação da comunidade, em junho de 2015 a juventude de Canoa de Dentro foi convidada a participar do curso de Narrativas e Linguagem Audiovisual, do Cinema Nosso³⁹, uma organização do Rio de Janeiro, em parceria com PATAC e Coletivo. Com a proposta de democratizar o acesso à linguagem audiovisual o projeto oportunizou que os jovens produzissem assumindo todos os papéis da produção. O resultado foi um curta que traz elementos da cultura e do folclore local, chamado “Cumade Fulozinha e a Volta do Filho da Terra”⁴⁰, que conta a história de um rapaz que volta para a terra de origem e desrespeita a entidade que protege as matas e os animais. Essa produção foi noticiada também pela TV Paraíba, que foi fazer uma reportagem no lançamento do vídeo.

No grupo, o ano se encerrou com um total de 800 Kg de polpas comercializado apenas pelo PNAE, dessa vez com um contrato no município de Juazeirinho, sem contar com as vendas diretas, em feiras e eventos, que continuaram ocorrendo.

Enquanto lembravam a história ocorreram diversos momentos de divergências sobre as datas dos acontecimentos, o que acarretou em reposicionamentos de tarjetas na linha do tempo. Contudo, para o ano de 2016 elas não conseguiram se lembrar de nenhum fato marcante. O único que elas tiveram certeza para este ano foi da marcha que fizeram para denunciar um feminicídio numa comunidade vizinha.

Um dos fatos lembrados em data divergente entre elas foi de quando receberam o prêmio Cláudia neste ano, representado por *Griffinia*, que nessa época já atuava também como consultora da Natura. O prêmio, que recebe patrocínio da empresa de cosméticos, premia mulheres atuantes na sociedade, que estão transformando suas comunidades. Apesar

³⁸ CAPINA - Cooperação e Apoio à Projetos de Inspiração Alternativa.

³⁹ “O Cinema Nosso é uma instituição sociocultural criada informalmente no ano de 2000 – então sob o nome Nós do Cinema –, a partir do processo de seleção de elenco para o filme “Cidade de Deus”, de Fernando Meirelles e Kátia Lund. Nesse momento, jovens lideranças que participaram das oficinas oferecidas pelos diretores decidiram promover o acesso de jovens das classes populares às ferramentas da produção audiovisual, por meio de aulas práticas e teóricas. O objetivo era produzir filmes com temas e estética próprias das classes populares e inserir os alunos no nicho de mercado do cinema” (CINEMA NOSSO, 2019).

⁴⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QHfm2IW179o>

de o recebimento ter sido no nome dela, todas reconhecem como uma conquista do grupo, visto que ela não deixou de comentar sobre as Mulheres Filhas da Terra na solenidade, em São Paulo.

Assim, *Guzmania* consegue lembrar outro fato importante voltado à produção. “A gente tinha acesso livre aos imbuzeiro. Nós passamos a comprar umbu de 2016 para cá, porque o acesso hoje é restrito, as famílias não deixam mais tirar, porque é uma fonte de renda delas”. E *Cedrela* continua a explicação. “Umbu a gente tem aqui, só que antes a gente coletava, né, e agora não, por causa que passou a ser uma renda também das famílias, né, que aqui sai muitas... Não sei nem quantas tonelada de umbu por ano sai, né. Aí a gente também tá comprando aos agricultores das famílias. Também não trabalha com qualquer umbu, tem que ser umbu de qualidade. Como a acerola e outras frutas também”. E *Cariniana* complementa. “Aí eles já sabe, eles têm o número da gente e quando eles estão com a fruta já liga para gente né, aí diz que tem tantos quilos para ir buscar. O pai de *Cedrela* que faz essa ponte, é quem vai pegar. A gente é só avisar ele e ele vai pegar”.

Em 2017 elas recebem um novo prêmio, o Acolher, também da Natura, que revela histórias de transformação social promovidas por mulheres consultoras da empresa. A iniciativa de se inscrever foi de novo de *Griffinia*. Na ocasião foi recontada a história do grupo, e isso rendeu um valor de R\$ 15.000,00, que elas resolveram aplicar na construção da sede da associação.

O ano segue com aprendizados no trabalho coletivo. Elas participaram de uma oficina de comunicação com a participação de algumas mulheres do grupo e dos jovens, e também fizeram uma parceria com uma turma de estudantes de contabilidade de Pedra Lavrada para trabalhar marketing voltado ao grupo.

No final do ano, elas realizaram um Encontro de Mulheres do Território do Coletivo em Canoa de Dentro, no qual 70 mulheres participaram direta e indiretamente. Algumas mulheres da comunidade trabalharam somente na cozinha, fazendo comida para as participantes, o que também ocasionou numa renda extra para estas contratadas.

Em 2018 continuaram em evidência. A TV Paraíba realizou novamente uma filmagem sobre a experiência do grupo e também receberam mais assessoria técnica do SENAR e do Procace. Uma delas comenta sobre as atividades de assessoria do SENAR, que comprova o perfil de muitos técnicos e técnicas que se prestam a trabalharem na área de extensão rural, mas que muitas vezes não escutam a demanda local, configurando-se no modelo de transmissão de tecnologia: “Elas vem, só que elas traz, assim, o que a gente já sabe”.

Outro fato marcante para o grupo em 2018 foi o lançamento da campanha pela divisão justa do trabalho doméstico⁴¹, realizado dentre outras organizações, pelo GT de mulheres da ASA e pela AS-PTA, uma ONG que atua em outro território paraibano. Neste período também ocorre a participação voluntária de uma jovem no grupo, a filha de *Passiflora*, que aprendeu como se dão os processos no trabalho de beneficiamento, mas que ainda não se considera como integrante do grupo.

A história então chega à atualidade, em 2019, em que elas iniciam o ano com o lançamento do calendário e da agenda do Coletivo (Figura 15). O material foi produzido pelo GA em parceria com o Coletivo e o PATAC, teve como tema “Mulheres Camponesas e Agroecologia: o esperar por um Semiárido mais justo”, e retrata a vida de mulheres pertencentes à área de atuação do Coletivo em suas comunidades.

Figura 15 – Agenda conjunta do Coletivo e do PATAC para 2019.



Fonte: Autoria própria.

Elas recebem neste ano mais um apoio financeiro através da Natura pelo Prêmio Acolher com fins de terminarem as obras da sede da Associação Centro de Cidadania das Mulheres, que integra não só as sete, mas todas as mulheres de Canoa de Dentro.

A última atividade do ano que estiveram envolvidas foi com a Festa Estadual da Semente da Paixão, na qual elas marcaram presença na feira com a exposição de seus produtos para vendas e trocas solidárias, como também participaram de toda a construção da

⁴¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=uGicUyRIdQ>

Festa⁴² nos meses que precederam. Na prévia do evento, em 16 de Maio, momento em que se trabalhou a mística, a sensibilização e organização da Festa, foi feito o primeiro contato com *Fridericia*, integrante do grupo de Cubati, que não tinha participado na reunião do GA em que se apresentou a proposta da pesquisa e que foram definidos os três grupos. Assim, a partir desse momento, começa o diálogo com o terceiro grupo de mulheres. A representante de Cubati no GA era somente *Mikania*, que *Cattleya*, a coordenadora do Grupo de Animação, comenta em sua entrevista. *Fridericia* não fazia parte das mulheres integrantes do GA, e começou a participar após a conclusão da pesquisa. Sua história também é narrada por ela em páginas mais adiante.

Guzmania, que é bastante deliberativa, a esta altura da construção da linha do tempo já estava conduzindo a dinâmica, decidindo que seria a hora de parar com as tarjetas e que poderiam falar sobre outras questões do grupo. Ela comenta então sobre uma resistência que outras pessoas teriam ao verem elas se mobilizando. “Teve uma certa resistência, porque o fato de sair e ter menino pequeno, e... O machismo em si que predominava, que não aceitava de abandonar a casa. Muié é pra tá na beira da cozinha, lavando, passando, e ajeitando as coisa de casa. Aí teve esse enfrentamento [com o marido], mas que já foi superado hoje em dia. [...] Nessa trajetória surge também... Não vou dizer inveja, mas um certo preconceito das próprias mulheres com nós mesmas também, daqui da comunidade. Porque como a gente sai muito, como a gente já conquistou muitas coisas também, muitas mulheres elas passaram a nos ver, por exemplo... Não só as mulheres, mas os homens principalmente, de chegar para os nossos maridos e dizerem 'A mulher de vocês sai demais, a mulher de vocês está contrabandeando...', vários tipos de, de comentários que retrata o preconceito, retrata o machismo...”. Assim, elas foram perguntadas se além do preconceito existia violência contra a mulher na comunidade, mas disseram que na comunidade não existe casos de violência, e os que já tiveram foram todos denunciados.

Guzmania fala em seguida sobre a venda dos produtos e o que fazem com os lucros. “Toda vida a gente teve essa preocupação, deixa um recurso no caixa do grupo, que é para qualquer necessidade que venha ter. E a gente paga as despesas que vem para o grupo e a outra parte a gente divide entre nós. Antes a gente dividia em partes iguais, independente de quem tinha trabalhado ou quem não tinha trabalhado. Do início era assim, aí depois a gente

⁴² Esta feira ocorre durante a Festa Estadual da Semente da Paixão, evento bianual organizado pelas instituições e organizações ligadas à ASA-PB que trabalham com agricultura familiar agroecológica. No ano de 2019 ocorreu a 8ª Festa, de 5 a 7 de junho, no município de Soledade, com o tema “Comunidades guardiãs: protegendo a biodiversidade e garantindo alimentação saudável”. O Apêndice D apresenta alguns momentos do evento e da prévia.

passou a dividir pelo trabalho”. Depois comenta sobre os fatos que não estavam lembrando para registrar. “É porque a gente tá esquecendo tanta coisa no meio dessa trajetória, que só Deus e Nossa Senhora sabe... É porque é muita coisa”.

Encerrou-se a dinâmica com a linha do tempo e iniciou-se a dos sentidos do grupo, quando cada uma escreveu em uma tarjeta amarela uma ou mais palavras que representam o sentido de participar do grupo, em seguida elas comentariam como se sentiam antes do grupo e explicariam o porquê das palavras se referindo ao grupo atualmente. O resultado dá para ser visualizado à direita da Figura 16.

Figura 16 – Linha do tempo do Grupo Mulheres Filhas da Terra, em Pedra Lavrada, PB. Os nomes pessoais foram borrados para manter as identidades protegidas.



Fonte: Construído pelas mulheres do Grupo Mulheres Filhas da Terra. Foto: Autoria própria.

A primeira que falou foi *Cedrela*. Ela escreveu a frase: “União do nosso grupo muito importante é também quando não pode vir todas as outras tão ali para resolver”. E comenta:

“Antes eu mesmo tive dificuldade, né, que a gente saiu para o intercâmbio para conhecer outras experiência, aí quando a gente chegou, a gente foi praticar em casa, e de lá para cá a gente não desistiu. Enfrentou todas as lutas. Aí eu coloquei a união do nosso grupo, é muito importante. Aí também quando não tá todas juntas, mas as outras tão ali para resolver. E hoje eu me sinto vitoriosa, né, tá nesse grupo até hoje”.

Cariniana foi a segunda e escreveu “Superação, conhecimento, partilha”, fazendo um longo discurso sobre aprendizado, partilha de conhecimento e processos de aprendizagem. “Assim, eu antes me sentia dona de casa, né, na cozinha mesmo, cuidando de menino... Mas, assim, eu sempre pensei em construir algo, pensei em ajudar minha comunidade. E não é só a comunidade. A gente faz parte também da comissão municipal como grupo, [...] e a gente pensa no município, a gente não pensa só na gente, só na nossa comunidade, nós não pensamos só na nossa família. [...] Então eu tentei ajudar a minha comunidade, de uma forma ou de outra a gente tenta ajudar, e, assim, quando eu comecei a participar da coordenação do Coletivo, eu vi a minha comunidade naquele grupo de beneficiamento. E foi isso que, Graças a Deus, eu consegui. Já levei elas, elas abraçaram a causa, e estamos aqui. Tivemos alguns desafios? Tivemos! Mas a gente também teve muita vitória e muito êxito também até hoje. E coloquei a palavra superação porque foram superadas muitas dificuldades, muitos desafios. [...] Quando a gente sente uma coisa, quando a gente chega naquela casa ali, a gente diz: ali não é só nosso trabalho, não, ali é dentista, ali é psicóloga, é médica, é tudo no mundo... Que a gente sabe, né, ser humano todo mundo não é igual, né. Às vezes, chega uma ali, que a gente percebe, só em a gente olhar já percebe 'Ih! tá faltando alguma coisa!', respeita o espaço da outra... De tarde, quando sai dali, pronto! Já sai com autoestima lá em cima. [...] Nós estamos ali, não é para criticar, é para somar com elas e dividir, né. E o conhecimento do que a gente sabe não fica só para a gente, que quando vem o intercâmbio aqui, né *Guzmania*, tudo que a gente sabe a gente tenta passar para aquelas pessoas, a gente nunca esconde nada de ninguém. Então o conhecimento é muito importante para nossa comunidade. Quando eu iniciei, eu não tinha esse conhecimento e hoje eu tenho. Esse conhecimento é a nível de região, uma região que tem 11 municípios que tá envolvido. [...] Você diz assim 'É interessante que vocês comprem as frutas dos agricultores que trabalham a agroecologia'. É interessante que nós que somos do município, nós sabe onde tá esse agricultor. E se não tivesse conhecimento como é que a gente chegava até ele, né?”.

“E partilha, né. A gente gosta muito de partilhar e dialogar principalmente com pessoas que não tão nessa dinâmica nossa. A gente é vista como as meninas de canoa de dentro, né. Como *Guzmania* disse, fomos atingidas, fomos criticadas, somos. Mas a gente tem

que respeitar este espaço e partilhar aquilo que a gente sabe com elas, que às vezes elas estão criticando e fazendo isso não é porque realmente... Mas é por causa do conhecimento que elas ainda não têm. Então, falta esse conhecimento e a gente não conseguiu ainda levar esse conhecimento nosso a todas”.

Marsdenia, a mais nova, tanto em idade como em ingresso no grupo, coloca a palavra ‘Alegria’ e tece seu comentário. “Antes do grupo eu só me envolvia com casa, marido e trabalho. Aí depois que eu vim pro grupo a gente se envolveu mais com reuniões, em conhecer outras pessoas, sair de casa... A gente já se diverte, tipo, um divertimento... Quando a gente chega na casa pra trabalhar é uma alegria, não fica só naquele pensamento de tá em casa, só em cuidar de animais, de casa, de marido, de menino e, de tudo, né. Aí lá a gente já se comunica uma com a outra, aí a gente se sente alegre, né”.

Barjonia, que falou bem pouco em toda a reunião, colocou a palavra ‘União’ e comenta sobre. “Antes eu via elas trabalhar e dizia 'Um dia eu vou entrar nesse grupo', aí aconteceu de *Griffinia* engravidar, me chamaram e tô até hoje. Eu sentia inveja delas, porque essas mulher conversa demais [risos]”.

Passiflora colocou a palavra ‘Empoderada’, e em seguida explica. “Antes do grupo eu achava um vazio assim, né, porque eu só vivia dentro de casa, não tinha outra ocupação para fazer, só em casa mesmo. Aí depois que surgiu para mim entrar no grupo, aí melhorou muitas coisa, melhorou na renda familiar, melhorou no conhecimento, que a gente teve muito nesses intercâmbios que a gente vai, muito bom, muito proveitoso para gente. E... Uma diversão também, né, é uma terapia. Às vezes a gente tá em casa, tá triste, tá calada, digo 'Ah vamo trabalhar ali', chega ali, cada cá conta uma história, e assim vai. [...] E hoje em dia eu me sinto empoderada, principalmente por conta do conhecimento que a gente tem, é muito bom esse conhecimento que a gente encontra e adquire na nossa vida”.

No final, *Guzmania*, que colocou a frase “Compromisso com a luta das mulheres”, revela, quem sabe, o principal motivo do grupo resistir. “Não, antes eu era *Guzmania*. *Guzmania*, porque casei, vim morar aqui em Canoa de Dentro e aí, eu sempre, desde que eu morava em Picuí, sempre fui envolvida em trabalho religioso, essas coisas, aí comecei a ensinar no Brasil Alfabetizado aqui na comunidade... *Cariniana* saía, me chamou também para essas coisa, mas eu era, assim, na comunidade, era dona de casa apenas. Aí depois, quando comecei a participar do grupo, aí a gente começou a deixar um pouco o trabalho de casa – Deixar assim: não é que você deixava de fazer, você ganhou mais trabalho, mas você conseguiu ocupar outros espaços, a gente passou a ocupar outros espaços – E hoje, eu me vejo enquanto grupo, com compromisso com a luta das mulheres, porque a gente não é apenas o

Grupo de Mulheres Filhas da Terra, hoje é o Grupo de Mulheres. Qualquer coisa que acontece aí diz 'As meninas do Grupo de Mulheres', seja para o que for. Não é Canoa de Dentro a referência, a referência é O Grupo de Mulheres. Esse grupo de mulheres trabalha a luta das mulheres pelo empoderamento, da violência... Que isso a gente trabalhou dentro da gente primeiro – Não é que a gente recebeu violência doméstica – Aqui nenhum relato nós nunca foi dito que nenhuma recebeu violência doméstica, violência contra mulher, mas a gente recebeu o preconceito, o machismo. E aí a gente passou a ter até esse compromisso de luta. Então, hoje enquanto grupo, eu me vejo com esse compromisso com a luta das mulheres”.

5.3 Grupo Mulheres Camponesas do Semiárido, cultivando saberes e sabores

Tendo atividade semelhante à de Canoa de Dentro, o grupo de Cubati também trabalha com beneficiamento de frutas nativas, tendo a mesma quantidade de integrantes, porém com poucas relações de parentesco. As Camponesas do Semiárido é um grupo composto por mulheres de duas comunidades rurais vizinhas, Coalhada e Capoeiras. A reunião ocorreu no salão anexo à capela da comunidade de Coalhadas após outra reunião sobre a organização da feira agroecológica e estavam presentes cinco das sete mulheres integrantes: *Dalbergia*, *Fridericia*, *Hymenaea*, *Myrsine* e *Piper*. Também se trabalhou com elas a reconstrução da linha do tempo e os sentidos do grupo. Elas decidiram que as tarjetas seriam melhores no tamanho maior e *Hymenaea* foi quem assumiu a função de preencher com as informações, tendo cada ano uma cor de cartolina diferente.

A história delas enquanto grupo começa em 2008, quando participam de um intercâmbio interestadual em Uauá, BA, para conhecer a COOPERCUC, o mesmo que o grupo de Pedra Lavrada participou. No ano seguinte, participam de uma oficina sobre beneficiamento de frutas em Lajedo de Timbaúba e *Hymenaea* fala sobre essa fase inicial. “Na verdade novembro de 2009 foi a data que a gente começou o beneficiamento, mas as discussões sobre isso começou bem antes, no início do ano, eu acho que até em 2008 quando a gente participou de intercâmbio para conhecer outros grupo, né. Aí teve um intercâmbio, eu acredito que em 2009, no início [...] em Lajedo de Timbaúba em Soledade, que tinha um grupo de beneficiamento, depois a gente teve uma oficina em Canoa de Dentro. E eu fui em um intercâmbio interestadual, que foi na Bahia. [...] E na volta, juntamente com o pessoal do Coletivo, não foi uma ideia só nossa... A gente tinha a ideia, mas, assim, ainda tava meio que distante de colocar em prática. Mas juntamente com o pessoal do Coletivo, quando a gente voltou nesse intercâmbio em Uauá, aí a gente discutiu a possibilidade de criar grupos na

comunidade pra aproveitar essas fruta que eram desperdiçadas, o caju e o umbu, mais pensando na melhoria da alimentação das famílias, era para aproveitar para melhorar a qualidade de alimentação das famílias.”.

Foram três intercâmbios que elas participaram de 2008 a 2009: o de Soledade, o de Uauá e outro em Afogados da Ingazeira, PE. Na volta desses intercâmbios foi que elas discutiram a possibilidade de criar o grupo. E ela continua explicando: “Nessa época, 2008 e 2009, a gente tinha muito caju e umbu, que era desperdiçado. Aí o despertar para esses trabalhos começou mesmo a partir da construção do projeto do PIMC na comunidade, num foi?! Que a partir daí foi quando a gente começou a se reunir mais e se encontrar em comunidade, é... E engajamos na luta, no trabalho do pessoal do Coletivo. Aí o Coletivo tinha essa dinâmica de fazer reuniões, né, por município, de se encontrar, de fazer a oficina, intercâmbio, essas coisas... Aí a gente foi conhecendo essas experiência, que na verdade só existia aqui no município de Soledade, em Lajedo de Timbaúba”.

Myrsine fala sobre outra oficina que participaram em 2009, em Canoa de Dentro. “A partir dessa oficina, aí tirou o encaminhamento de se criar grupos em outros municípios, aí criou o grupo de Canoa de Dentro um pouquinho antes da gente; e a gente continuou com discussão junto com o pessoal lá do PATAC e do Coletivo, e no finalzinho de 2009, a gente teve uma oficina aqui com o PATAC para ver a possibilidade da gente criar o grupo da gente. A gente partiu do zero, que a gente não tinha nada, tinha só a vontade e as frutas. Foi! Aí a gente acessou o Fundo Rotativo Regional do Coletivo, que existia, nera, pra comprar alguns materiais iniciais...”.

Hymenaea fala mais sobre o foco inicial do grupo. “Nessa época não se pensava nem em comercialização. Na verdade quando a gente começou o foco seria doce, né. Esse fundo rotativo ainda existe, é o Fundo Rotativo Regional e na comunidade, também, a gente ainda tem um pouco dessa dinâmica de fundo rotativo, tem o fundo rotativo com recursos, e tem o fundo rotativo de animais. A gente acessou eu acho que foi mil e pouco. De início a gente comprou potes descartável, saco de açúcar, alguns materiais, isopor, aventais, máscara, touca, essas coisas necessária, assim, e um liquidificador industrial”.

Em seguida, *Fridericia* explica sobre o fundo rotativo, dizendo que “é da comunidade e já serviu pra várias coisa... Pra medicamento, até mesmo pra fazer a camisa do padroeiro... [...]”. E *Hymenaea* comenta de quando surgiu, que foi “com a dinâmica da cisterna, porque no início teve a discussão que as pessoas que receberam a cisterna iam devolver da forma que elas pudessem uma quantidade pra alimentar esse fundo rotativo, aí a gente começou. Teve algumas famílias, poucas famílias que devolveram, aí depois veio uma

proibição, né, que disseram que seria ilegal⁴³, que pessoas que tinham a cisterna faziam parte dum projeto é... de... Seria financiada pelo Governo e não podia ser devolvido, né, alimentar a dinâmica de fundo rotativo. Mas como a gente já estava nessa dinâmica, pra não deixar morrer o fundo rotativo, aí vimos a possibilidade de outras formas continuar com essa dinâmica . [...] Sentamos junto ao povo do PATAC e criamos o fundo rotativo de tela de arame. O PATAC conseguiu através do fundo regional ou de algum projeto [...]. Aí a gente conseguiu 600 kg de arame em parceria com o PATAC pra fazer tela. Aí o PATAC trazia o arame e a máquina de confeccionar tela, e as família entrava com a mão de obra. E daí elas ia devolver pra o fundo rotativo só o valor do arame. Se recebeu 50 kg de arame, ia devolver equivalente a 50 kg de arame, que a mão de obra já tinha sido delas. E essa dinâmica fez crescer mais um pouco. A gente chegou a ter quase cinco mil reais aqui de valor de fundo rotativo. [...] Aí este recurso que foi devolvido do arame, a gente decidiu que não seria apenas pra comprar arame, senão ia ficar o fundo rotativo circulando só em torno de tela, né. Aí a gente abriu pra outras pessoa. Teve pessoa que acessou esse recurso pra tratamento de saúde, teve pessoas que acessou pra corte de terra, pra máquina pra limpar barreiro, pra viagem até, teve uma pessoa, né, pra confecção de camisetas pra equipe de liturgia aqui comunidade...”.

O fundo rotativo, o BSC, a associação, os eventos religiosos e o grupo de beneficiamento são todos comandados pelas mulheres das duas comunidades. O trabalho delas começou a ficar em evidência depois que se organizaram como Mulheres Camponesas do Semiárido. Assim, a fruta que simboliza o início de seus trabalhos é o caju. Elas começaram as atividades de maneira improvisada numa cozinha emprestada, na residência da irmã de *Fridericia*. E seu irmão emprestou um freezer para armazenarem a produção. Incomodas com o modo informal que vinham trabalhando, resolveram tomar uma atitude inicial para se organizarem, que *Fridericia* comenta. “Em 2009 a gente viu a possibilidade de resgatar a associação, que a gente já vinha trabalhando desde 2007, 2008, mas informal assim, mais em grupos, e a nossa associação aqui era inadimplente, não funcionava mais [...]. A gente fez uma reunião com mais pessoas da comunidade e criamos a associação, a

⁴³ "Em 2003, foi criado o Programa Um Milhão de Cisternas (P1MC), coordenado pela Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA-Brasil) e financiado pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS). Na Paraíba, o início da implementação do programa deu ainda mais fôlego à disseminação dos FRS pelo Semiárido. Entretanto, em 2004, a Controladoria Geral da União (CGU) questionou a legalidade da prática dos FRS para financiar a construção de cisternas. O governo alegava que os recursos eram a fundo perdido e, portanto, não poderia ser permitida a devolução do dinheiro ganho por uma famílias a um fundo coletivo. Ocorreu então a desvinculação entre o P1MC e os FRS, o que provocou a desmobilização de comunidades inteiras" (AS-PTA, 2010). No entanto, a estratégia do FRS de Coalhada e Capoeiras foi mudar o foco da atividade.

ADERCOR⁴⁴. Essa associação é ligada ao grupo, nós que somos do grupo também somos da associação. [...] As famílias que estão engajadas na associação, porque como a gente falou que revitalizou a associação, a gente se encontra mensalmente aqui nesse salão, com as pessoas da comunidade desde 2009, e a gente tem a dinâmica de não tá usando o refrigerante, o kisuki⁴⁵, até nas nossas reuniões... Dificilmente ter o refrigerante e essas coisas e as pessoas que tão engajada na associação tem essa consciência, né”. As reuniões para discutir as demandas da associação são geralmente após os momentos de celebração religiosa, aproveitando o dia de reunião comunitária para as duas atividades.

Hymenaea complementa, falando dessa fase inicial da produção das polpas de fruta. “A gente começou tentando colar com a faca quente, dando os nozin... Num tinha a seladora ainda, não. [...] Se lembra que a gente fazia mais doces, essas coisa? Que inclusive, né, como a gente trabalhava nessa linha agroecológica, sem o uso de conservante, essas coisa, a gente perdeu bastante doce”.

E *Fridericia* continua. “Porque as frutas que a gente trabalha aqui é caju, umbu, acerola, goiaba, manga, maracujá, graviola... Esses dias a gente fez um pouco de graviola... Porque a ideia é que a gente usa as frutas que tem na nossa comunidade, na nossa região, por aqui. A gente não compra diretamente do CEASA para fazer, só se é uma oficina, alguma coisa específica, que a gente compra fruta de fora”.

Assim, em 2010 elas avançaram mais. Primeiro precisariam conseguir os equipamentos e materiais de trabalho. Assim, tiveram apoio da Heifer para a compra de um liquidificador industrial, um freezer, e uma seladora; receberam a doação de uma balança digital; e rifaram produtos da agricultura familiar para comprar um botijão de gás. Depois, participaram de uma oficina de boas práticas de manipulação. Com os materiais em mãos e com o conhecimento na cabeça, conseguiram produzir e comercializar de diversas formas. Venderam doces e polpas de porta-a-porta, com os vizinhos, na Bodega Agroecológica, e pelo PAA. Com isso, conseguiram comprar um fogão industrial com recursos da própria venda. *Hymenaea* diz que “O pouco que tinha a gente já tinha a dinâmica de tirar os gasto pra deixar uma parte em caixa. A gente deixava 20% do que a gente comercializava no caixa do grupo pra essas coisa”. Nesse mesmo ano, começaram a se inserir na dinâmica do Coletivo e também acessaram o Fundo Rotativo Regional novamente.

⁴⁴ Associação de Desenvolvimento Rural de Coalhada, Capoeiras e Região.

⁴⁵ Referência ao refresco em pó da marca Ki-Suco, clássico produto muito consumido entre os brasileiros nos anos 1980 e 1990. Pode não ser exatamente dessa marca que elas usavam, visto que o termo no Nordeste é utilizado para se referir a qualquer refresco em pó.

Em 2011, além das vendas pelo PAA, passaram a acessar o PNAE municipal. E é apenas neste ano que ocorre a conversão do FRS das comunidades da atividade de cisternas para a de tela de arame. Nesse ano também ocorre o início da construção da casa de beneficiamento.

Em 2012 continuam com o PAA e o PNAE, mas quando o Programa começou a aumentar as exigências, pararam de fornecer ao PAA, por conta que ainda não possuem o selo do SIF⁴⁶. Contudo, ainda continuam acessando o PNAE, porque o município não tem tanta exigência. E no mesmo ano conseguem concluir a construção da casa de beneficiamento.

Sobre as vendas, os recursos gerados e o tipo de trabalho que desenvolvem, *Hymenaea* comenta. “Não era pensando só em comercialização. Aí a gente, que estamos nesse grupo desde o início, entendemos essa dinâmica e quando entra recurso, beleza, é uma coisa boa, e quando não, a gente fica um tempo sem trabalhar, tem tempo que só dá para pagar energia da casa, os gasto da casa. Quando acessa o projeto e entra um recursozinho, a gente divide entre os membros, aí tira as despesas e divide o que sobra... Aí tem pessoas, que quando entra num trabalho desse, que não tá ligado à comunidade, não entende como é a dinâmica da comunidade, só pensa no lucro, né, não pensa em aproveitamento, na melhoria da alimentação, essas coisa. Essa mesma dinâmica vale para feira da agricultura, que a gente tem. Tem pessoas que já entrou na feira e quando vê que não é aquilo que ela quer, a comercialização não é aquele estouro que ela esperava, ela se afasta, né. E a gente vem mantendo tanto o grupo de beneficiamento quanto a feira da agricultura, escoando o excedente, o que sobra da produção... Num é só, assim, pensando no financeiro. Também é bom, né, uma graninha, que de vez em quando dá para salvar alguma coisa, a gente compra alguma coisa diferente”.

Em 2013, em parceria com o PATAC, elas participaram da confecção de um boletim informativo relatando a história do grupo. E durante a construção da linha do tempo elas recorreram à ajuda desse material para lembrarem dos acontecimentos iniciais. No mesmo ano aconteceu a construção de cisternas de produção para as mulheres do grupo de beneficiamento, para que pudessem produzir as frutas em suas propriedades. *Myrsine* até comenta sobre o arredor de casa de *Dalbergia*: “Antes o terreiro dela era algaroba⁴⁷ e aveloz⁴⁸ e hoje é fruteiras e hortaliças”.

⁴⁶ Serviço de Inspeção Federal.

⁴⁷ *Prosopis juliflora* (Sw.) DC. é uma leguminosa exótica, inserida no Brasil em 1942, com a finalidade para a alimentação dos animais de criação (caprinos e bovinos, por exemplo), visto permanecer verde e produzindo frutos mesmo em períodos de estiagem (RIBASKI et al., 2009; GOMES; BARBOSA, 2008).

Elas falam que além de produzirem, fazem a compra de frutas de seus vizinhos. “E a gente tenta envolver também outras pessoas da comunidade, porque além das sete famílias, tem outras pessoas da comunidade vizinha aqui, que fornece acerola para gente, caju, outro tipo de fruta que venha a ter... Maracujá, graviola... E também essas pessoas tem uma mudança no comportamento delas, porque a gente conscientiza eles, que se eles usar veneno também nas frutas deles, a gente não vai adquirir as frutas deles. [...] Já chegou até pessoas levar acerola como pagamento de devolução de recurso do fundo rotativo. Ela levava a fruta, a acerola, pra abater o valor do recurso do fundo rotativo. Aí a gente viu, se ela devolveu 20 kg de fruta, daí a acerola é um real, aí o grupo repassava o valor da fruta pra o fundo rotativo.” (*Hymenaea*).

Em 2014 o grupo é estimulado a criar a feira da agricultura familiar, envolvendo não apenas essas mulheres, mas outros agricultores que se interessaram. Neste ano também acessaram um projeto do Procase para a compra de equipamentos e o cercamento da casa. Os equipamentos foram: dois freezers, uma mesa inox, um fogão, um dosador, uma despoldadeira, caixas plásticas, embalagens, tachos, potes, dentre outros. Conseguiram também uma moto, através desse projeto, para transporte da produção.

Sobre a feira, *Hymenaea* narra como se deu a criação. “O Coletivo e o PATAC foi quem deu apoios iniciais pra gente começar essa feira, juntamente com a EMATER, né, foi a partir da antiga EMATER que começou. [...] Teve uma jornada produtiva no município, aí a EMATER organizou pra que os agricultor levasse os produto pra expor lá. E a partir dessas exposição de produtos – *Myrsine* até se surpreendeu porque levou uns produtos e vendeu um pouquinho – Aí os produto que a gente levou pra expor, o povo se interessaram pra comprar, começaram a procurar pra comprar, se a gente num ia vender os produto, aí a partir daí a gente viu a possibilidade de fazer, é... Um evento... Criar a feira [...], que é em parceria com EMATER, prefeitura e a igreja. Aí depois disso a gente não tinha barraca, usava as barraca da feira local municipal, né, aí em parceria com o Coletivo, a gente conseguiu um apoio pra compra de barracas novas”.

Elas contam que continuaram ocorrendo momento de formação com o grupo, para aperfeiçoarem os produtos. Em 2015, contam que tiveram duas oficinas muito importantes, uma sobre gênero e outra sobre beneficiamento de produtos saudáveis. Também ocorreu nesse ano um intercâmbio sobre cooperativismo. No ano seguinte, elas pararam com a feira e o beneficiamento por falta d’água, sendo 2016 um ano difícil para o grupo.

⁴⁸ *Euphorbia tirucalli* L.

Assim, em 2017, retomaram as atividades, mas beneficiaram apenas 380 kg de polpas. Neste ano, para incentivar a retomada, tiveram oficinas sobre comercialização e boas práticas de manipulação de alimentos novamente.

Em 2018 passaram a receber assessoria do SENAR mensalmente, realizaram um intercâmbio para uma unidade de beneficiamento da EMEPA⁴⁹, em João Pessoa, e revitalizaram a feira, que tinha adormecido em 2016. Isso fez com que elas voltassem a acessar o PNAE municipal. No mesmo ano ocorreu o recebimento de mais equipamentos através do Procase, que chegaram parte em 2018 e outra parte em 2019.

E em 2019 elas contam que continuaram participando de oficinas sobre beneficiamento, aproveitamento integral dos alimentos, dentre outros temas; como também participaram de eventos, como um do Dia Internacional da Mulher, e da Festa Estadual da Semente da Paixão. Atualmente o grupo continua com o contrato renovado para o PNAE.

Depois que concluíram com as tarjetas, elas vão explicando sobre alguns pontos da história do grupo. Contaram que produzem além das polpas, geleias, compotas e nego bom de caju. Essa produção era consumida apenas para quem trabalhava no grupo. Depois, com o excedente foi que passaram a pensar na comercialização.

Também pensaram no início em guardar as polpas congeladas para a época que não tem safra, garantindo o produto aos consumidores o ano todo, e podendo agregar valor. Porém não guardam mais. *Hymenaea* comenta “que já fizemos isso, mas dá um prejuízo danado, porque a energia é cara, os freezer consome muita energia. Ano passado mesmo a gente deixou bastante tempo esperando para a entrega do PNAE, aí num e muito viável, não”.

A principal destinação da produção tornou-se o PNAE. “Atualmente a gente também tá voltado pra venda, mas, no caso, aqui a gente só tá acessando o PNAE e quando tem eventos do Coletivo, como esse ano teve a Festa da Semente, a gente também conseguiu vender uma quantidade, assim, pra lá também, porque foi dividido entre os grupos: pra o grupo de Juazeirinho⁵⁰, Canoa de Dentro e Cubati” (*Hymenaea*).

Voltando ao assunto das vendas, elas foram questionadas se o grupo visa mais a mobilização, como em Canoa de Dentro, ou priorizam as venda, visto que comentaram muito sobre as formas de comercialização. *Fridericia* então fala: “Também, né, porque a ideia é essa mesmo, mas a gente não vamo dizer que não pensa na renda, porque pensa, né”. E *Hymenaea* continua. “Mas, assim... Pronto! Semana passada mermo a gente teve uma oficina em parceria

⁴⁹ EMEPA-PB – Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária da Paraíba S. A.

⁵⁰ Este grupo que ela se referiu é outro grupo que trabalha com beneficiamento. Não é o Grupo Vitalidade.

com a Empaer⁵¹, né, que foi o grupo de beneficiamento. Sempre que tem alguma coisa, a referência é o grupo de beneficiamento, quando vai ter uma oficina, um evento no município, né... É usado como referência. Pronto! Se falar assim: Associação ADERCCOR. Num se pensa nem nos outros membro, só se volta diretamente para o grupo [de mulheres], porque é o grupo que está presente nos outros espaços, está presente no Coletivo, tá presente na feira, tá presente nas reuniões religiosas daqui da comunidade, assim. É bem parecido com a dinâmica dos outros grupos também. Porque, mermo sem a gente estar beneficiando, porque... Pronto! Ano passado a gente deu uma pausa boa de beneficiamento. Esse ano na safra do umbu a gente quase não beneficiou umbu, tanto foi pouco, como ainda não tinha venda garantida, a gente optou por não tá armazenando fruta enquanto não tivesse a venda garantida. Já pra tá tentando fazer uma contenção de gastos. Mas mesmo assim, com a paralização do beneficiamento, se você ver assim, ‘Não o grupo passou oito meses sem trabalhar’, mas a gente não passou oito meses sem se encontrar. Todos os meses a gente se encontra, sempre tem oficina, sempre tem a feira, tá tendo uma coisa ou outra”. E essa fala da companheira, faz *Fridericia* mudar de ideia: “Se for pensar, a gente não tá só ligado pela questão da renda, mas é também uma maneira de estar reunido todo mundo. E nesse reunir, a gente vê a necessidade um do outro”.

Hymenaea ainda fala da influência do grupo para lidar com questões de gênero na comunidade. “Por exemplo, quando a gente fala que o grupo é referência pras outras coisa, questão de gênero, já teve várias oficinas aqui, já melhorou bem o comportamento do homem. No início, quando a gente criou o grupo, tinha umas mulher que ficava preocupada de chegar cedo em casa, não sei o que, pra cuidar da janta mode os homem... Hoje em dia, não, se precisasse ficar até de noite, fica lá [na casa de beneficiamento] sem problema nenhum. Os homem já ajuda na coleta de fruta, vão levar alguma coisa que precisa levar lá... [...]. Assim, eu acho que já melhorou muito essa parte dessa questão de gênero”.

Dentro da casa de beneficiamento já chegou a funcionar o BSC, que foi criado bem antes do grupo ou da associação, sempre funcionando de maneira informal, na casa das pessoas da comunidade. O grupo conseguiu trazer para a comunidade recursos para a construção da casa do BSC, tendo *Myrsine* como uma das guardiãs das sementes da paixão de Coalhada e Capoeiras.

⁵¹ EMPAER - Empresa Paraibana de Pesquisa, Extensão Rural e Regularização Fundiária. Foi criada em 2019, após a fusão da empresa de pesquisa do Estado, EMEPA, com a empresa de extensão rural, a EMATER.

Vendo a quantidade de papéis que elas foram assumindo nesse tempo nas comunidades, começaram então a falar sobre a participação em espaços de militância e de dialogar sobre gênero. *Myrsine* comenta que “sendo uma coisa que a gente saiba e que tá sabendo que ali é a verdade a gente não teme, né, mas ainda gaguejo [risos]”. E por esse gaguejar de *Myrsine*, que traz implícito certa insegurança de falar em público, *Fridericia* comenta como vem sendo trabalhadas essas questões. “Até no dia do intercâmbio, que eles perguntaram, uma das pergunta foi essa em relação à questão de gênero. Como é que estava hoje? Se a gente achava que estava resolvido? Eu digo, ‘Não’. 100% a gente nunca está, né, mas eu digo que a gente já superou muita coisa, inclusive eu trouxe essa fala. Hoje ninguém enfrenta mais o que enfrentava no início, as coisa é bem mais fácil, até porque coisa que antes no início, né, cada um vivia no seu mundinho, aí quando você junta, né, aí você já vai tendo mais força, até mesmo pelas histórias de vida de uma mulher em contato com outra. E isso a gente sai da comunidade e já vai pra outros grupos maiores, né, que vai dando autonomia pra gente até pra falar, pra se expor mais, dar o ponto de vista. Que antes ninguém fazia. Se você visse 10 pessoas num canto pra você falar, você gaguejava mais do que falava, né. E eu digo mermo ‘Hoje quanto mais eu não conheça, melhor’, porque se eu errar, ninguém vai saber mermo, se disser alguma coisa que num tá no agrado, mas também só vamo nos ver naquele dia, né, e tchau. E isso aí, essa barreira já foi quebrada. [...] Se fosse pr’eu ler uma leitura numa celebração eu acho que eu tremia mais do que eu lia, né, e hoje, graças a Deus, essa barreira já... Superei! [...] Se pessoa sabe fazer, vamo tocar o barco! E isso a gente conseguiu num foi, porque ‘Ai, porque eu sou a Mulher Maravilha’, não, foi a partir desses trabalho, né, a partir dos intercâmbio, a partir das própria visita, a partir dos depoimento, né, das outras é que a gente consegue trazer essa autonomia pra gente, enquanto pessoa, enquanto mulher... É que a gente vai ocupando realmente esse espaço na sociedade civil brasileira”.

Myrsine, que durante a construção da linha do tempo estava incomodada com uma réstia de luz do sol que entrava por uma brecha do telhado, a qual atingia a mesa que todos estavam reunidos em volta, colocou umas bolachinhas pretas em cima da luz pra “deixar de encandear”. Iam passando as horas, a réstia ia mudando de lugar, e ela reposicionava as bolachinhas. Quando a réstia já tinha saído de uma extremidade da mesa e chegou à outra, ela disse com pressa: “Oxen, vamo cuidar que o tempo tá passando rápido! Tá correndo o mundo hoje! Mas faz muitos dia que eu tô passando pra lá, visse! [risos]”. Em vista do tempo, seguiu-se para a outra dinâmica, a do sentido do grupo. Assim, cada uma escreveu ou desenhou em uma tarjeta rosa o que para elas seria o sentido de existir as “Mulheres Camponesas do Semiárido” e depois deram seus relatos (Figura 17).

Figura 17 – Linha do tempo sentidos do Grupo Mulheres Camponesas do Semiárido, de Cubati, PB, e os do grupo (tarjetas rosa da coluna à direita).



Fonte: Construído pelas integrantes do Grupo Mulheres Camponesas do Semiárido. Foto: Autoria própria.

Iniciou-se com *Hymenaea* que escreveu a frase “Melhorar a convivência na nossa comunidade, gerando renda e adquirir novos conhecimentos”, e explicou que escreveu isso “porque à partir da formação do grupo foi isso que a gente buscou. A gente queria apenas melhorar o aproveitamento e a qualidade da alimentação, mas também buscava a geração de renda. A gente tinha esperança de que esse trabalho ia trazer uma rendazinha pra gente. E a partir daí que a gente adquire novos conhecimentos, porque o grupo não tá ligado só à produção e ao beneficiamento. A gente tem oficinas e beneficiamento de vários outros tipos de alimento, como a gente já teve oficina pra ensinar fazer salgado, doces, aproveitamento integral de alimentos... A questão do conhecimento que a gente leva na higienização, nas oficinas de manipulação, a gente não leva só pro grupo, também são práticas que a gente leva pra casa, porque às vez a gente pensa que faz a coisa certa, mas quando você participa de uma oficina, você vê que cada vez mais você tem o que aprender, e é isso. E melhora também a convivência. Quando você melhora a convivência também na comunidade, você também

melhora a convivência com as pessoas, com a família, com o relacionamento no trabalho, e vários espaços que você esteja. Como *Fridericia* até falou, de chegar a melhorar a forma de você melhorar a forma de você se expressar em público, de você tratar as pessoas na feira. A gente já teve oficina também de como tratar o cliente. E isso é uma coisa que você leva não só pro grupo, você leva pra vida, pra os espaços que você participa”.

Dalbergia foi a segunda que se pronunciou e escreveu ‘Conhecimentos’, explicando que “pra mim foi muito bom, porque foi como eu começasse aprender a ler. Aprendi a cultivar as fruta, a ter conhecimento, aprender a como produzir, higienização... Muitos conhecimentos, assim, muitas práticas, coisas boas do alimento, conhecimento... Porque antes eu era um zero à esquerda, e hoje?! Ah, eu me considero uma senhora! Mas senhora nesse trabalho, viu! [risos] É muito proveitoso, é muito bom, todas vez que a gente se encontra, se reúne... As oficina que a gente tem são maravilhosas... É o conhecimento! É como eu disse, ‘*Myrsine*, vou usar tua palavra’, porque com essa palavra aí resume tudo”.

Hymenaea disse que *Dalbergia* tinha as algarobas e os avelozes no quintal por conta que antes também tinha criação animal, mas como ela decidiu produzir frutas, teve que mudar o seu quintal. Então *Dalbergia* comenta: “Eu tinha 60 galinha, aí quando eu vim ter o conhecimento do reaproveitamento das fruta, aí eu pensei ‘Das duas uma, ou os animais, ou a minhas plantinha’, aí eu optei pelas acelora, pra manga, pra goiaba e várias outras. Aí, o meu quintal era como que uma coisa morta, como que não existisse. Era só eu e ele ali, parada no tempo. Aí quando começou esses projeto e eu comecei a me interessar com as menina, aí eu fui mudando de vida. É como se eu aprendesse a ler naquele instante. Tá sendo muito mais melhor do que a minha vida de antes. Aí por isso que eu digo, é conhecimento. Eu uso essa palavra”.

Myrsine, que teve a palavra imitada pela amiga, também usa ‘Conhecimentos’, mas também faz um desenho representando todas as integrantes. “Aí eu não tenho arredor de casa, que eu crio cabra, peru, galinha, pinto... Aí quem tem arredor de casa não tem peru [...]. Assim, porque antes da gente começar a produzir, mas antes, nessas reunião que a gente já... Que já foi colocado aí... Nós já tinha, já tarra começando o conhecimento, assim, do o quê o refrigerante faz, o que o kisuki faz, o não uso do veneno... Aí quando a gente colocamos em prática... Agorinha meu filho ligou pra mim e disse ‘Compre logo refrigerante, mainha’, aí eu fiquei assim, assim, mai porque é um bolo de aniversário, [então] combina com refrigerante, mermo, né? Aí eu disse ‘traga dois!’, mas eu fazia uma feira antes, agora num faço feira mais não, sabe, mai quando eu fazia vinha fardos de refrigerante, vinha caixas de kisuki; isso eu num faço mais, né, não me ocupo em comprar um kisuki. Aí é tudo isso, o que a gente

aprende, né, o conhecimento. E essas figurinha aqui, ói, [...] aí eu coloquei aqui nós, que é a minha base. Agora isso aqui também não é só de união, mas também não é só de paz, ôh! [todas riem] Briga, fofoca, fai tudo! Minha base, né, porque eu sempre digo ‘Ai se não fosse minha comunidade!’, né, não todos, que tem uns que fai raiva a eu, que diz um desaforo aí depois já tá abraçando, eu digo ‘Eu num sou nota de três, não, num sabe!’. [...] Eu coloquei só elas aqui do grupo e aqui é nós dando as mãos”.

Dalbergia, depois do discurso emocionado e brincalhão da amiga, comenta: “Falando aí em mulheres, em família, eu acho que esse menino não sabe, mas eu não sei se outros grupo é igual o de nós, porque o grupo de nós é família. Assim, *Fridericia* e a cumade *Piper* são minhas prima. *Hymenaea* é prima delas. *Myrsine* é prima de meu esposo... A gente é como diz *Myrsine*, entre tapas e beijos, porque é uma família, é entre primos, cunhados e cumpades”.

Piper, que narrou muito pouco a história, mas que foi muito importante recordando a época dos fatos, talvez tenha resumido nas quatro palavras que escolheu toda a essência do grupo. Ela listou “Vida saudável, conhecimento, bem estar e renda”, explicando em seguida. “Porque as frutas que a gente trabalha aqui é caju, umbu, acerola, goiaba, manga, maracujá, graviola... Esses dias a gente fez um pouco de graviola... Porque a ideia é que a gente usa as frutas que tem na nossa comunidade, na nossa região, por aqui. Bem-estar porque quando a gente tá junto tá trocando beijos e abraços. Renda, claro, que é o principal, né. Que você não vai dizer que vai pensar só na alimentação, não, porque quando chega o dinheirinho, serve muito para você que é dona de casa, né”. Nisso *Dalbergia* contesta sobre a renda e diz que “A gente trabalha mais pelo amor ao trabalho e ao conhecimento”.

Fridericia listou: “Autonomia, engajamento, renda, troca de conhecimento, resistência, melhor convivência com a família e a comunidade”. Em seguida, encerra com sua explicação. “A questão da resistência, também, quando *Dalbergia* diz que a gente não está no grupo de beneficiamento só por causa da renda, que a renda é um fator que vem ajudar. Porque é como ela traz mesmo, se fosse pelo dinheiro a gente já tinha saído, porque não é uma coisa que é fixa, né, tem tempo que não vai ter nada. E isso faz com que a gente resista cada vez mais. Melhora convivência com a família e com a comunidade, porque esses momento proporcionam isso, essa convivência com todo mundo, essa autonomia que traz, porque foi muito com essa questão dessa autonomia nossa enquanto mulher. A gente se descobriu. Hoje, em relação a essa questão da divisão de tarefas, da divisão do trabalho doméstico, que antes não existia, e a partir desses momentos que a gente foi levando também pra nossa casa, porque a gente dizia que tinha, que tava conseguindo autonomia, só que a

gente tava conseguindo mais trabalho para gente. A gente combinava e ia para uma reunião mas tinha antes que fazer tudo, você já saiu de casa cansada [...]. Essa nossa saída [de casa] precisa ser prazerosa e não como um fardo. E hoje essa divisão acontece mais entre a gente”.

Hymenaea então olha pro desenho de *Myrsine* já afixado no papel madeira, e brinca: “A casa das sete mulheres literalmente [risos]”.

6 A FLORA DAS MULHERES

Neste segmento do trabalho serão apresentadas histórias afloradas das lembranças e dos pensamentos de 15 mulheres que estão disseminadas entre os três grupos. Dentre jovens, adultas e senhoras, as oito primeiras fazem parte do Grupo Vitalidade. Em seguida, são apresentadas três das Mulheres Filhas da Terra, e três das Camponesas do Semiárido, e a última, é a que atua na coordenação do Grupo de Animação.

As histórias aqui contadas através de camadas de narrativas vêm repletas de idiossincrasias e paradoxos, que são comuns a qualquer ser humano. Como também são reveladoras de fortes laços que unem o que elas enxergam acerca de si mesmas com o que elas representam para as outras mulheres.

Quando elas foram convidadas a revisitarem suas memórias e refletirem sobre suas trajetórias, seus sonhos, conquistas e superações algumas falaram pouco, outras muito, algumas choraram e outras não paravam de sorrir... Sobre essas pessoas tem coisas das quais nunca saberemos e o que elas narram aqui não cabem julgamentos aos quais não fomos convidados a opinar.

6.1 *Jacaranda*, a professora que costura um sonho de amizade

A entrevista com Dona *Jacaranda* foi a primeira, e realizou-se na sala da casa dela, cômodo que ela divide o espaço para receber as pessoas e para trabalhar na sua máquina de costura. Ela é uma das senhoras principais pela criação do Grupo Vitalidade, de Juazeirinho, que no auge dos seus sessenta e poucos anos, entre vários retalhos de lembranças, foi conseguindo costurar sua história para ser contada.

Ela disse que há muito tempo se reconhece como residente daquela comunidade, mas antes morava em outra chamada Fuzil, que é vizinha a uma comunidade perto de Olhos D’Aguinha, chamada Antônio Ferreira. Lá no Fuzil ela ainda morava com os pais e conta que nesse local eles não tinham casa própria. “A gente não tinha onde morar. A gente morava em terra dos outros. A gente morava na terra do finado Vitalino aí ele queria despejar, né, aí de lá, meu pai chegou e tinha um senhor. Chico da Maravilha, que foi prefeito em Juazeirinho. Pronto, daí ele disse: Manel eu tenho uma terra lá (no Fuzil), queres ir morar lá? Papai disse ‘Vou! Vou morar lá!’. Aí a gente passou um bocado de tempo morando na terra dele”.

O trabalho sempre foi a marca de referência na vida familiar de Dona *Jacaranda* e ela conta que trabalhava prioritariamente no beneficiamento de sisal⁵². “Aí quando chegou com o tempo, que a gente foi trabalhando, trabalhando... A gente fiava corda de sisal. Eu acho que eu era a gerente da corda. Eu fiei muita corda, para ali, pra acolá. Tinha muito Agave isso aqui. Essa casinha minha aqui era um campinho de Agave. Tinha muito Agave por aí. É que morreram, acabou. Eu fiava corda, meu pai comprava Agave e a gente fiava corda. Isso a gente vivia disso”.

Ela e sua família ficaram muitos anos morando nessa terra do Fuzil, plantando, colhendo e beneficiando Agave, porém ela não sabe estimar quanto tempo. E quando vieram pra morar em Olhos D’Aguinha continuaram com a mesma atividade. “Em cinquenta e cinco (1955) a gente ainda tava lá, aí apareceu essa terra aqui [...]. Aí ele (Chico Maravilha) disse: ‘Manel, depois eu vou comprar uma terra pra tu. Tu vai me pagando de pedaço’. Nesse tempo foi 15 mil essa terra da gente aqui, só que eu não lembro como era esses 15 mil, se era Cruzeiro, sei lá”.

Ela passou o restante da infância e da adolescência em uma casa antiga, que hoje mora uma de suas irmãs, e é próxima à que ela mora atualmente. Sua família é relativamente grande e ela conta com alegria por ter bastante gente em volta, mas com profunda lamentação com a fatalidade que aconteceu com seu filho. Como conta, “era muito filho, casaram todo mundo. Meu irmão mais velho casou, foi o primeiro que casou, que morava até nessa casa. Num era essa casa, era outra casa, só que ela era muito em cima da estrada. Isso com o tempo ele foi morar em São Vicente [do Seridó], ficou a casinha aqui. Aí com o tempo, eu casei. Ele me deu a casa. Aí meu pai me deu essa casa, era em cima da estrada, a gente tirou e botou aqui nesse lugar. Fizemo de novo. Agora era baixinha, não era dessa altura, não. Aí com isso a gente vem vivendo, tive sete filho, um morreu e ficou seise... Dois homem e quatro mulher. Aí meus filhos casou. Casou primeiro *Persea*, aí *Caesalpinia* se juntou, depois [meu filho] casou, que é o que morreu, depois *Hyptis*... Aí pronto, meus filhos casaram, e aí todo mundo construiu uma família”.

Depois de recordar do acidente do filho, ela se lembra de sua mãe com bastante amor e saudade. “Eu imagino minha mãe do mesmo jeitinho. Ela era baixinha, morena, cabelinho branco, a coisa mais linda do mundo. Boa no mundo, só existe... Ave Maria! Pra mim existia

⁵² Nesta região da Paraíba existiam muitos plantios comerciais de Agave (*Agave sisalana*), também conhecida por sisal, uma planta suculenta originária da América Central, da qual as fibras de suas folhas, após o beneficiamento, eram destinadas principalmente à produção de cordas.

ela, e hoje eu queria tanto, tanto ela na minha vida. Ela era baixinha, morena, do cabelin branco... Bonitinha! Ela era bonitinha minha mãe!”.

Na época que era criança, Dona *Jacaranda* diz que “até a gente pra estudar era difícil”. Com bastante esforço, ela conta que terminou os estudos, dividindo o tempo entre os livros e os trabalhos na lavoura. Mais tarde concretiza um dos seus maiores sonhos, o de ensinar. “O movimento que eu participei foi ensinar. Isso foi em oitenta (década de 1980) quando comecei ensinar. Era alfabetização lá no Antônio Ferreira. Isso foi 28 anos que eu trabalhei. Fui professora 28 anos, mas me considero agricultora. Toda vida a gente plantou. A gente tinha uma terra, tinha um terreno, que eu peguei e vendi, né... Num trabalhava, [daí] vendi. Mas toda vida meu marido era o maior agricultor daqui. Ele era louco pelo roçado. Plantava feijão, milho... Agave não plantou, porque nesse tempo já tinha uns agave aqui, mas ninguém não plantou. Mas plantou palma, a gente tinha palma... Plantava, milho, feijão, jerimum, essas coisas”.

Um dos maiores orgulhos que a entrevistada tem é a oportunidade de ter sido professora e ter o reconhecimento pelos seus ex-alunos. “Eu tinha inveja quando eu ia chegando num canto que vinha um professor com um aluno. Eu tinha a maior inveja, eu digo ‘eu só queria ser uma professora’. Aí consegui, consegui ser professora. Foi ser professora, cortar cabelo e costurar. Eram meus maior sonho na vida. O povo adorava! O povo do Antônio Ferreira, desse povo que eu ensinei tadin eles me amam. Meus alunos tadin me chama de tia. Eu tenho um bocado de aluno na rua. Meus alunos onde eu chego, eu sou respeitada. Eles me chamam tadin de tia. Oxe, se eu tivesse dando aula ainda... Meus alunos aprendiam ler rapidão. Eu fazia tudo pra eles aprender a ler, mas hoje você sabe, os professores colocam a atividade lá no quadro, mas eles não lê pros alunos. [...] Meus alunos tadin passava de ano, ninguém nunca foi reprovado e todo mundo ficava besta⁵³. Eu fui uma professora que eu só fiz a quarta série. Se fosse pra ensinar, até hoje eu tava ensinando. Eu não meço distância, não. E também não troco meu saber”.

Pra continuar sendo professora rural ela conta que teve que concluir o segundo grau. Naquela época não se exigia curso superior. Assim, passou dois anos indo pra Campina periodicamente. Ficava fora de casa 10 dias. “Eu ia pra onde eu queria. Se eu fosse uma mulher pra errar, tinha errado muito, mas eu considerava meu marido e minha casa, porque quem não considera o marido e uma casa, não quer nada, né”.

⁵³ A expressão “ficar besta” no Nordeste tem o sentido de ficar impressionado.

O marido, que ela cita diversas vezes, certamente foi um grande companheiro e outro orgulho em sua vida, que hoje ela sente uma profunda saudade por sua ausência. Porém a morte do marido não a fez parar de continuar admirando-o, contando sempre que ele era colaborativo na divisão de tarefas, mas revelando em sua fala um já conhecido estereótipo de dona de casa dedicada aos afazeres do lar e à família; o que ela conta com carinho e não como uma queixa. “Ajudava ele, ajudava. Limpava o mato... A divisão era nós limpando o mato. [...] Eu era a mais responsável [dentro de casa], porque ele era muito tímido. Ele era um homem desse jeito, se aqui chegasse um homem aí e ele tivesse aqui, ele não ia receber, não. Ele dizia ‘Vai, tem um homem aí’. Era muito, muito, muito [encabulado]. Podia ter um monte de homem aqui conversando, fazendo graça, brincadeira e tudo, e ele calado, ele não dizia uma pequena palavra. Não dizia, não conversava, só fazia rir. Às vezes, quando eu sabia duma história, aí eu contava a ele e ele dizia ‘Oxe, eu sei disso há muito tempo’, mas ele nunca me contava”.

“O meu esposo era assim, ele nem fumava, nem bebia, nem jogava, só dançava, mas nós nunca – o povo ainda fica besta d’eu dizer isso – nós nunca brigamos. Ele ia pro forró, 6 horas ele tava indo pro forró, passava até 4 hora dançando. Era dançador! Só era o que ele gostava na vida era dançar. E ele nunca – você vê que hoje os homens vão prum forró pra uma festa, no outro dia só existe fofoca, né? ‘Ei, teu marido tava com fulano, teu marido tava com sicrano’ – mas ele nunca foi homem disso. Nunca ninguém, nunca na vida, durante esses 43 anos ninguém nunca chegou a mim pra dizer que ele tava conversando com alguém. Eu me orgulhava e ainda hoje sou orgulhosa dele. Sou orgulhosa demais, ele era um homem bom”.

Na época que o marido era vivo, a renda familiar era essencialmente da atividade agrícola e do salário dela de professora, que conta que já era pouco na época. “Agora minha renda é meus dois salários, eu ainda trabalho aí [de costureira] pra arrumar mais dinheiro. Tem a aposentadoria, que me aposentei por tempo de trabalho, e a pensão. E faço todo serviço. Eu não meço minha distância. O que eu quero fazer, eu boto na cabeça e faço”.

Em virtude de ter ficado viúva, não levou para frente as atividades agrícolas, se dedicando somente às pequenas criações. “Eu crio galinha, eu crio um porco, mas não é meu, eu tinha um burro também e eu vendi, porque eu não tinha uma carroça”. E uma das filhas, que vive atualmente em sua casa, tem ajudado muito, visto que divide as tarefas domésticas, e que já conseguiu melhorias para a casa, como a cisterna para armazenar água da chuva, através da amizade com um vereador. “Aí aqui eu vivo mais *Hyptis*, né, ela tem esses três filho. E também foi tempo que [meu marido] morreu e eu não quis ficar só. Aí ela também

não ia dizer que ela fosse embora porque né... Eu digo ‘fica mais eu todo mundo, e o que eu tiver é de todos!’.”.

Dona *Jacaranda* é possuidora de um forte apego ao local onde vive, à casa que construiu e às suas memórias neste pedaço de terra. “Não quero outro canto melhor pra morar do que aqui nesse meu lugar. Eu gosto muito daqui, do meu lugar, do meu canto. Eu não quero uma casa na rua. Meu menino tem dois terreno, *Caesalpinia* diz ‘mãe, ei, devia morar na rua’. Eu: ‘não, deixa eu no meu canto’. D’ainda eu vou. Não tenho uma casa lá na rua, mas não quero ir agora, não”.

Após o falecimento do companheiro e do filho, ela entrou num estado de depressão, e a família começou a se preocupar. Foi quando uma das filhas idealizou o grupo de mulheres. Dona *Jacaranda* fala com alegria da formação do Grupo Vitalidade, que para ela foi um dos marcos mais importantes da comunidade. “Eu... eu, assim, eu tava muito deprimida, muito triste... Foi *Caesalpinia* que teve a ideia. Eu já vivia aqui, né... Quando o esposo da casa morre, a gente nunca... Nunca vai dizer que tá bom. Bom tá, a gente tá com saúde, mas tá faltando uma pessoa. Aí foi... Passou-se com três anos, foi meu menino. Aí Deus levou. Deus não, o acidente. Deus leva a pessoa lá no seu cantinho, esperando a hora dele. É ou num é?! Porque eu digo que uma pessoa morrendo de acidente, ou outro matando, num é a morte que Deus chama, não”.

“Daí ela chegou e disse ‘Mãe, eu vou inventar um grupo pras senhoras de idade. Vou pegar os nomes! Vamos pegar o nomes e vamos fazer e vamos fazer ginástica, fazer tudo, botar vida, botar a vida pra funcionar, a cabeça...’.”. O grupo teve início com suas três irmãs, *Annona*, *Metastelma* e *Mimosa*, e com ela, que é a mais velha das quatro. “Vamos fazer um grupo pra gente se movimentar, fazer ginástica, não ficar dentro de casa, parada, já que ninguém sai pra caminhar, né? [...] Começou com as irmãs, aí depois entrou a mulher do meu irmão mais novo, que é viúva também. Aí começou a nora dela, e começou com as menina tudin, aí ela foi juntando, aí pegou... As mulher tudo era atrás pra vim! Era cumade *Luziola*, cumade *Harpalyce*, era *Simira*... Isso tudo [dizendo] ‘vamo pro grupo!’. [...] O grupo é bom demais, hõmi⁵⁴! Tanta coisa boa já aconteceu nesse grupo da gente. [...] Eu tenho muita vontade de crescer mais ali.”

A estrutura física do grupo é uma conquista que Dona *Jacaranda* se orgulha de falar, revelando ter sido uma construção coletiva, com o esforço voluntário de várias pessoas. “Esse

⁵⁴ Na Paraíba, em algumas falas em situações de espanto, reclamação ou admiração, a expressão “hõmi” pode se referir a qualquer pessoa, independente do gênero.

espaço foi construído com dinheiro de nói! Foi juntando, um dava uma coisa, outro dava outra, um dava cimento, outro dava... Eu dei, eu comprei, dei 500 tijolo, dei um monte de telha que eu tinha aqui. Leva tudo pra lá... Ela (*Caesalpinia*) sabe, e eu digo, porque me orgulho do que faço, eu não tô me opondo, tô dizendo eu dou pra ver a gente elevar pra frente, né, pra elevar pra frente. O que ela [diz] ‘Mãe, eu queria isso, assim e assim’, eu ajudo, dou toda a ajuda pra ela, porque o grupo serve pra a gente... Serve pra a gente! Tem o mês de maio lá, reza lá, aí o padre já veio aí e já benzeu. Aí, isso aí é uma coisa que a gente têm uma coisa boa na vida da gente, que ninguém vive colocado dentro de casa”.

Uma das conquistas que ela observa que é fundamental para a comunidade são as realizações das festividades, nas quais os participantes geralmente são em grande parte familiares. No entanto esse grupo consegue mobilizar mulheres também de várias comunidades vizinhas, que não são necessariamente parentes, segundo o relato de Dona *Jacaranda*. “Só *Simira* que era mais distante da gente, né, mas depois que entrou no grupo, aí a gente ficou tudo amiga. Cumade *Harpalyce* também, que já é lá no outro sítio Cajueiro, a gente ficou mais amiga, ela já foi madrinha de uma menina minha de crisma. E as outras sempre já somos prima. [...] É tudo parente. Olhe, aqui na comunidade já tem... Pronto! Se dá da casa de *Annona* lá pra cá, pra casa de *Metastelma*, só é tudo uma família só, é tudo família. *Metastelma* mora ali, os filhos dela mora com ela, eu moro aqui, meus filhos mora aqui... A mãe, e as casas das galinhas tudo ao redor”.

As casas, como ela conta, são todas construídas uma do lado da outra, filhos construindo suas casas ao redor da casa dos pais. E esses filhos e netos mais jovens dessa comunidade familiar, as crianças e os adolescentes, também estão participando do grupo, junto com as senhoras. “Tem minha irmã, *Mimosa*, ela tem os netos dela, tudin vive no grupo. Tem três netos dela que é da quadrilha. E tem [netos participando da quadrilha] de tudin, de *Metastelma*, de todas nós tem. Só não tem *Annona*, porque ela não tem mais menino pequeno”.

Ela se preocupa também sobre esses jovens, dos quais alguns pensam em buscar novas oportunidades fora da comunidade, até mesmo em outros Estados. “Eu acho que eles pensam mais... Pensa de sair e também não pensa, né, porque às vezes emprego tá difícil, né, pra sair pra trabalhar... Não é difícil?! Aí os que vão, que são amigo, vão e voltam logo, que não tem emprego, aí todo mundo só fica aqui. Meu neto pensa em sair, porque ele disse que quer trabalhar, quer possuir uma casa, aí ele pensa de trabalhar, mas eu ainda digo que ele não vai. E tem esse que tá no São Paulo, né...”.

A matriarca reconhece que o papel da filha na mobilização dessa juventude é fundamental para que eles permaneçam no campo. “A convivência de *Caesalpinia* ter, tirar esses jovem, essas jovem... Porque hoje é a coisa mais difícil do mundo é você manobrar uma pessoa. É ou não é? Porque hoje ninguém cria um filho mais como a gente foi criado. Até o pessoal, assim, fica muito [impressionado, dizendo] ‘Meu Deus! Como é que essa menina tirou esses menino tudin pra fazer uma coisa dessa?!’. Porque hoje ninguém quer, né. Quer viver de telefone... E ela tem esses 28 membros da quadrilha dela. E se esses 14 homem fosse envolvido em droga, né? [...] E graças a Deus! Porque se ela fosse deixar esses meninos tudin fora dum esporte⁵⁵, nera, num ia compricar?”

Na avaliação de Dona *Jacaranda* o grupo melhorou muita coisa na comunidade, sendo um importante instrumento para movimentar e trazer novos aprendizados para as pessoas do lugar. “A gente vivia em casa, ninguém saía pra canto nenhum. Às vezes a gente ia pra igreja. O canto mai que a pessoa ia era pra igreja. Mas hoje a gente já participou de passeio... Só eu não participei de piscina, não, que eu não gosto muito, não, sabe, mas nunca fui, não. Já passearam de piscina, já fomo pra Campina [Grande], já fomo pra Santa... Sempre, graças a Deus, melhorou muito. Até a gente anima maisi! Tanto anima maisi, como a pessoa fica... Aprende! Aprende, porque tinha gente aqui que não saía. Eu sempre eu saio. Eu saía, assim, pra passear na casa da minhas amigas, na casa da minha cunhada em Campina... Isso era os canto que a gente ia. Agora não, a gente já vai pros cantos que *Caesalpinia* bota na cabeça”.

Para ela o principal sentido de participar do grupo é pela melhoria da saúde e por poder encontrar os amigos e amigas. “A saúde, né? Porque se você ficar dentro de casa, quanto mais você ficar dentro de casa parado, adocece ou não adocece? Adocece. E se você sair, e se você caminhar, você passear, você conversar, você rir... Tristeza ninguém quer, né, porque, olhe... Ninguém vai me ver pra eu não rir, né? Falar com meus amigo com a cara feia?! Jamaisi! Com ninguém! O principal é assim... Porque tem gente que tem raiva em casa, distribui pros outro, né? Eu não. A minha alegria sempre sou, toda vida foi essa. De todo mundo. Eu tenho muito, muito, muito amigo. Tenho muito!”

Apesar de muitas amigas e amigos participarem do grupo, sejam eles parentes ou não, uma das maiores dificuldades que ela identifica no grupo é com relação à pouca adesão das pessoas à participação; e conta que a dependência financeira é resolvida com simples divisões de custos entre as participantes, como quando construíram o Espaço. “E a gente, assim, quando vai fazer as coisas da gente, a gente se reúne todo mundo pra gente não pedir em

⁵⁵ Foi compreendido como esporte a dança da quadrilha junina.

canto assim, que nem prefeitura, essas coisa, né? Que é que *Caesalpinia* faz? Ela fala com todo mundo e todo mundo ajuda. Aí a gente sente dificuldade, porque a gente tem que pedir, né? E pedir é muito ruim, mas graças a Deus, tudo que a gente pede, o povo do grupo todo mundo chega”.

Também revela que elas possuem dificuldade com transportes, quando querem realizar um passeio, por exemplo, bem como pela estrutura do Espaço do grupo que construíram, pois quando querem promover uma festa se torna apertado pela quantidade de gente que se junta. Outras questões estruturais seriam a falta de um banheiro no local e o espaço para estacionamento ser reduzido. “Chega muito carro... Já teve festinha da gente aí que não tinha nem onde botar o carro. Teve que vim, botar aqui dentro [do terreiro]. Vem de Soledade, vem de João Pessoa! Tem uma mulher lá que disse que vai trazer mêi mundo de gente nesse São João. E o estacionamento pequeno”.

Depois de falar do grupo, Dona *Jacaranda* foi perguntada como se sentia sendo mulher, qual o significado de ser mulher pra ela, sobretudo uma mulher que possui uma representatividade grande na comunidade. “É ser uma pessoa que, como é que se diz? Que respeito, né? Porque o que vale da mulher é o quê? O respeito, né? E eu acho que passei 43 anos casada. Nunca me veio na mente de destruir o meu casamento [...]. E ser mulher é você ser mulher de sua casa, ser dona de sua casa, não olhar pra vida de ninguém, respeitar o seu marido, porque é o principal. [...] Digo assim, porque a mulher pode apanhar, pode fazer o que... Mas, respeitando, ela é A mulher. Eu tenho pra mim que é assim, né? É ser dona de sua casa, é respeitar o seu marido e respeitar o seu lar, porque [se] os filho ver uma coisa errada da mãe quê é que eles vão dizer, né? Ser mulher é dar educação aos seus filho, ser dona de sua casa, respeitar o seu marido. Eu passei 43 anos casada, graças a Deus”.

Como idealização de um futuro para o grupo ela deixa claro que só espera que cresça ainda mais. E para ela mesma, que é a costureira das roupas de São João da JPN, seu sonho revelado parece que não poderia ser outro. “Meu maior sonho era fazer um quartinho de costura, mode eu botar minhas máquina tudin pra lá. Eu já marquei tanto, mas não fiz. Era o que eu tinha vontade de fazer. Mas inté hoje... Já pelejei, olhe! Eu tinha muita vontade de botar água no banheiro, né, banho de chuveiro⁵⁶. Digo ‘O que é que vou fazer, Meu Deus?’. Já que tenho meu trabalho aqui, fiz um empréstimo, botei. Mas isso aí olhe... O dinheiro é só pra comer, pra dizer assim, pra faltar as coisa dentro da minha casa e eu dizer ‘vai na casa de...’, não! Não, deixe! Na minha casa, graças a Meu Deus, nunca faltou nada na vida, e

⁵⁶ Chuveiro.

também nunca ninguém comeu só aqui. O meu maior sonho, já botei água no banheiro, agora é fazer esse quartin”.

6.2 *Annona*, em tudo, por tudo, pela família

Dona *Annona* também sempre morou na comunidade Olhos D’Aguinha. A trajetória dela, desde infância à juventude foi semelhante à de Dona *Jacaranda*, visto que, como irmãs compartilhavam das mesmas vivências. “Sempre morei aqui. Nasci em outro sítio, mas sempre morei aqui, que aqui é a terra de meu pai e antes dele falecer, ele dividiu, num sabe?! [...] E então a gente morou aqui”.

A entrevista dela se deu embaixo da sombra de um de cajueiro. E com doce do perfume das flores dessa árvore nativa junto à suavidade e calma da voz dela, *Annona* contou que sua vida no passado não foi fácil. “Eu tenho uma vida muito sofrida. Eu fui casada, sou divorciada. Então... Arrumei outro homem e com ele tive cinco filhos. E então vivemos vinte e... Vinte e sete anos. Quando foi em 2011 ele abandonou a casa. Em 2011, aí vêi... 2017 fazia seis ano, ele voltou pra casa. Dentre esse 2011 e 2017 foi no mesmo período que foi criado o Grupo Vitalidade. Aí eu entrei, né, pra ver se eu mudava, pra ver se desabafava, né, porque eu vivia muito trancada e sofrendo demais até. Aí quando foi em 2015 foi criado o Grupo Vitalidade, aí eu fui mais me divertindo, né, fazendo exercício aí... Aí abriu mais o mundo pra mim, porque você sabe que uma traição é triste, né? Aí pronto, eu fiquei oito ano, ele quando foi agora em 2017 ele voltou pra casa”.

Apesar de ele ter abandonado a família, e ela ter sofrido com sua ausência durante esse tempo e ainda com a pressão do julgamento das outras pessoas, ela não deixou de amá-lo. Foi toda uma vida que eles construíram e ela não quis se desfazer disso. Porém, para aceitar a volta dele no ambiente familiar foi um processo em que a decisão não foi apenas dela. “Porque ele... Em primeiro lugar, quando uma pessoa ama a pessoa, né, né isso? Eu gostava... Gosto muito dele! Então ele trabalhava fora e ligou pra mim perguntando se ele podia voltar pra casa. Eu digo, ‘É, a resposta eu não vou dar, quem vai dar é seus filho’, porque tanto sofreu eu como meus filho. ‘Então, eu vou ter que conversar com o meus filhos primeiro pra poder lhe dar a resposta, vou dar um tempo’. Conversei com tudinho, disseram: ‘A senhora é quem sabe. Por mim e todos, por noisi, as portas está aberta pra ele’. Porque mesmo ele tem que ter uma segunda chance. Dei oportunidade pra ele, pra ele voltar. Aí eu liguei pra ele, e ele voltou pra casa. Fez dois anos que ele voltou pra casa. Mas filho fora do casamento ele tem não, tem não. Ele era um rapaz solteiro. E eu voltei com ele. Eu tenho cinco filho dele”.

O marido depois desse tempo de ausência também revelou se transformar em uma nova pessoa, diferente da que fora no passado. E talvez, além do amor por ele, tenha sido por este motivo também que *Annona* conseguiu perdoá-lo e aceita-lo de volta. A relação dos dois teve que ser repensada após esse regresso. E como ficou? Bem, é melhor deixá-la falar... “Tá bem demais, graças a Deus. Muito bem, muuuito feliz. Mudou em tudo por tudo. Em tudo por tudo! Até coisas que ele não fazia antes, ele faz agora. Porque ele permanecia fora, vivia em casa, mas também só vivia mais andando. Era moto taxi, aí depois, agora não, mas um tempo teve moto taxi, e agora só vévi mais em casa. Dá muita oportunidade aos filho. Ele já dava, porque dar a Cesar o que é de Cesar. Eu e ele sofremo muito pra criar esses cinco filho. Nós sofremo bastante. Ele sofreu bastante. Por isso que eu dei mais uma oportunidade a ele. Foi porque sofreu muito. Se eu for contar o sofrimento dele e meu pra gente criar esses cinco filho você não acredita. A gente sofreu demais. Ele vivia no mêi do mundo, batalhando a vida, pegando frete [...], na rua em cima de carro... Quando ele voltava pra casa era de noite, vinha aí por dentro, com a camisa cheia de açúcar. Que açúcar é que caía e ele apanhava pra casa. A dificuldade era grande. Por isso que eu dei mais chance a ele e eu contei pra os filho, tudo que aconteceu pra chegar eles, criar eles... aí, é, dei uma chance a ele, mas contanto que se ele fizer mais uma vez não tem mais...”

Na fala dela dá pra perceber o valor que dá ao companheiro, mesmo com todas suas falhas, que cada ser humano está sujeitado a cometer em qualquer fase da vida. E quando questionada se ele realmente mudou, se faz os serviços domésticos também, disse: “Ajuda! Ah, faz tudo no mundo. Faz, faz tudo. Mas comida, não, porque ele disse que já tá enjoado de comida no mêi do mundo, que ele trabalha na Bahia. Ele disse que já tá enjoado de [fazer] comida, aí quando ele chega, né, eu tenho que dar um descanso pra ele”.

Dona *Annona* também foi professora, junto com sua irmã *Jacaranda*, e também nunca negou sua origem na agricultura. “Nasci os dente trabalhando na agricultura, mas trabalhei 28 anos em sala de aula. Fui professora. Dava aula multisseriada, né, que você sabe que dava aula de tudo. Todas as disciplinas eu dava aula. Aqui, eu ensinei no colégio do Antônio Ferreira e aqui [na escola hoje desativada da comunidade]. Sempre eu ensinava aqui. Eu gostava e sinto saudade. Até hoje eu sinto saudade... Quando eu vejo o pessoal dando aula, que não tá adequado mesmo o método, sinto vontade de entrar na sala de aula”.

Ela evidencia em sua fala o poder do trabalho da mulher rural, que muitas vezes quando se fala de trabalho feminino é apresentado apenas como aquele no arredor de casa, ou

aquele trabalho no ambiente doméstico (reprodutivo)⁵⁷, muitas vezes sem reconhecer que elas estiveram, estão e estarão sempre nos ambientes do trabalho produtivo. “Trabalho tanto! Planto milho, planto feijão, planto de tudo. Perto da minha casa tem tudo. [...] Eu sou quem pranta, e limpo, quem colhe todo sou eu. Pronto, agora mermo eu tô dibuiando o feijão na mão. Já dibulhei três sacos e mêi”. E sobre o trabalho das mulheres, ela fala: “aqui na comunidade da gente é mais do que dos homem”.

Ela conta que ainda vive com um filho dentro de casa e que ele não consegue emprego, devido ao grande índice de desemprego que assola o Brasil nos últimos tempos. “Meu filho ele é parado, num tem um trabalho, ele vive de bico. Ele compra porco, mata pra revender, às vezes aparece um dia de serviço e ele vai, e eu ajudo ele, mas ele não tem como de sair pra fora. [A esposa dele] trabalha na rua, de empregada doméstica ela, aí é o que ajuda”.

Com relação às conquistas do Grupo Vitalidade, conta com grande propriedade também, porque tá desde o início e foi uma das grandes motivadoras pela construção do Espaço Vitalidade, em razão da doação do terreno. “A primeira conquista que a gente teve foi construir esse prédio aí pra gente, né, isso foi uma conquista maravilhosa, porque a gente ficava só lá dentro da escola. E a escola, você sabe, que é hoje e não era amanhã, não é isso? Então essa foi a conquista melhor que teve. Ah! Ainda a melhor que teve foi eu combinar com meus filho todin e doar esse terreno, que esse terreno [do prédio do Espaço Vitalidade] aí é meu... aí eu doeí, todos eles concordaram e a gente construiu isso aí. Essa conquista foi a melhor de todas. A escola já foi doada no tempo de meu pai, meu pai era vivo. Mas eu, eu não morava aqui ainda não, quando meu pai doou esse pedaço de terra. Doou assim, por boca, não foi por papel passado. Porque todo tempo que o prefeito fale, falar que vai destruir, o terreno é meu. Né? Até mesmo tinha um plantí⁵⁸ de palma aí onde foi construída essa escola. Teve que arrancar, vender, pra poder construir. Que na época o povo não ligava de assinar papel, né? O poder executivo mandou chamar ele, veio de lá, e perguntou se pai doava, que a gente dava aula no Antônio Ferreira, era pra gente ficar aqui. Aí pai foi lá e doou o terreno. Aí a gente veio trabalhar aqui [quando construiu escola], que eu trabalhava lá embaixo antes”.

⁵⁷ Ainda que realizem trabalhos destinados para o fim produtivo da agricultura, designadas geralmente como atividades “masculinas”, a mulher é percebida ainda como uma “ajudante”, ocasionando com isso em nenhuma remuneração ou quantias muito baixas em relação aos homens. Dessa forma, a classificação delas como “ajudante” se justifica pelo que Paulilo (1987) aborda em O Peso do Trabalho Leve, em que relacionada com o tipo de trabalho executado na atividade rural, descrito como trabalho “pesado” ou “leve”.

⁵⁸ Plantio.

Ela conta que além dos resultados materiais, como essa construção do Espaço, o grupo teve um grande ganho com questões voltadas à solidariedade entre os participantes. “As conquistas sempre são essas, dos eventos, que a gente faz e tudo dá certo, né, a gente... Uma conquista que é maravilhosa é, assim, em termos de todo mundo combinar. Se *Caesalpinia* fala ‘a gente vai precisar de tanto de doação pra fazer isso’, todo mundo doa. Isso é uma conquista, num é? Os acordo. Aí todo mundo concorda e dá uma quantia pra isso. Isso é uma conquista, né, porque quando tem 10% que não concorda, né, mas todos são iguais”.

Como dificuldades no desenvolver do grupo, *Annona* diz que um dos principais gargalos ainda está sendo a questão financeira. Ela foi a idealizadora de um brechó comunitário, que mobilizou muitas doações de peças de roupa para venda. “Eu me buli muito! Eu saía pra cidade, tenho umas amiga, né, saía pedindo as coisa pra fazer brechó, até mermo nar loja eu ia, eu ia pra Ritinha, pra Absoluta e eles doavam sandália, doava... só você vendo... as outra, roupa usada, tudin me doava. Aí eu fiz, botei brechó num sei quantas vezes. Foi uma grande ajuda o brechó. Até mermo tenho que prestar conta com elas dum dinheiro que eu tenho em casa do brechó, o último que eu fiz”. Ela fala de alguns planos, que envolve dinheiro, como a reforma do espaço. “A gente tá pensando em cobrir, né, esse salão aí, que aí fica melhor pra evento, mas aí vem as dificuldade”.

E ela, como uma das senhoras mais motivadoras do grupo, que foi mencionada pela irmã *Jacaranda* como uma mulher inspiradora, tem sua percepção como mulher baseada no orgulho de simplesmente ser. “Eu ser mulher significa tudo. Depois que você passa a ser mulher⁵⁹, ser mãe, ter seus filho, ter sua família é um significativo muito maravilhoso. E ao começar eu criei meus filho, que eu num sei... Eu me orgulho em ser mãe, ser mulher, ter meus filho e criar da maneira que eu criei com o pai deles, que meus filho eles vieram conhecer uma bola de futebol depois de seus 18, uma balieira⁶⁰... Eu nunca puxei uma orelha dum filho meu. Aí eu me orgulho de ser mulher, né, ser mãe, ser mulher... E ser guerreira, batalhadeira como o povo diz, e ter criado meus filho da maneira que eu criei. Eu me orgulho disso”.

Quando ela foi falar da mulher que admirava, coincidentemente essa mulher chegou à mesma hora. “Sempre na família da gente tem, a gente tem muita mulher guerreira da família da gente. Essa daqui (*Caesalpinia*, que chegou neste instante e a abraçou) é uma. Admiro ela

⁵⁹ A escritora feminista Simone de Beauvoir já eternizaria esse mesmo existencialismo com a sua ilustre frase “Não se nasce Mulher, torna-se Mulher”.

⁶⁰ No Nordeste, balieira é um sinônimo para baladeira, estilingue, atiradeira, badoque, badoque... Que se trata de uma forquilha de madeira com elástico preso nas pontas, usado para atirar pedras.

em tudo, tudo, tudo por tudo. Porque eu sei, eu sei, e ela sabe quem eu sou... Não, é sem palavras, é sem palavras!...”. *Annona* é o retrato daquela avozinha querida, que você conhece e já tem vontade de abraçar, como a sobrinha fez. É uma mulher que valoriza a família acima de tudo e quando vai falar de seu sonho, quem sabe, se é porque coloca os amores sempre afrente dela, parece que não é um sonho aparentemente, porém ela deseja exatamente multiplicar aquilo que mais valoriza, sua família. “Nem sei [risos]. É tantas coisas boas que eu quero fazer pela frente ainda, que eu nem sei falar o que é. Saúde e paz, né, ter, conhecer meus neto, bisneto, tataraneto e até tudo”.

6.3 *Luziola*, com fé vai, e vai mermo

Ela estava preparando o almoço no momento da entrevista, que se deu na beira de seu fogão à lenha. Dona *Luziola* também tem origem na comunidade Olhos D’Aguinha, e sua família de ascendência não é a mesma das irmãs *Jacaranda* e *Annona*. Enquanto cortava o coentro e a cebola roxa, memórias foram surgindo e histórias sendo resgatadas. “Nasci e me criei aqui, mas morando ali embaixo, no Antônio Ferreira. Aí quando eu tava com 11 anos meu pai passou pra outra terra pro lado de cá, que a terra da gente era 22 quadros. Aí ele fez outra casa ali, aí foi quando eu comecei a namorar com esse moço, aí casemo, aí ficamos morando aí perto do posto, em Belém. Tinha uma casa que tinha um armazém, fez uma casinha, aí fiquei morando lá. Aí depois passei 10 anos lá perto da minha sogra, tive cinco filho lá, aí de lá eu vendi minha terra. Só era dois quadro, aí eu vendi e comprei essa aqui. Tô morando aqui faz mais de 30 anos”.

Apesar de já ter passado mais de três décadas na sua casa atual, seus pais são provenientes de outras localidades em Juazeirinho. “Meu pai é do Massapê, já é d’outro setor. E minha mãe é da Ilha, é Mendonça, é Pedra D’Água. Eu fui criada aqui mesmo. Meus irmão é deisi, só nasceu dois aqui, oito nasceu no Massapê, que é no sítio do meu pai, dos meus avós, que eu nem conheci nenhum. Aí eu e meu irmão nascemo aqui. Meu irmão já morreu, era alcoólatra bebia demais, era mais novo do que eu”.

O acesso à educação sempre foi um desafio para a família de *Luziola* no passado e ela conta da dificuldade que tinha de estudar. “Meu pai foi professor um bocado de tempo, mas eu nem me lembro, aí quando eu tava com sete ano, me botaram pra ir estudar no Mulungu, no Sítio Mulungu, mas era longe e eu num aguentei, aí eu num fui mais, aí ficuemo por aqui,

mas na minha época a gente pra estudar foi poquin⁶¹. Tinha que os pais pagar, pagar os professor, porque não tinha professor, e hoje em dia tem professor, tem carro, tem merenda, tem tudo e eles não quer nada, né?! Não quer nada com a vida ainda”.

Ela fala dos pais com certo sentimento de nostalgia, mas também com lamentação devido às doenças que foram acometendo a família com o passar do tempo. “Minha mãe era dona de casa. Eu me lembro dos gesto dela, mas faz uns 30 ano que ela morreu, ou mais. Ela era uma pessoa maravilhosa. Pai é bom, mas a mãe é muito mais! Num tem mió no mundo que amor de mãe, não! Aí criou os filho tudo também, foi muito sofredora. Eu fiquei com a herança dela, que é doença de osteoporose, reumatismo”.

“Meu pai era diabético aí, de repente deu o tétano na perna, aí se viu um palmo aquele vermelhão do pé até em cima. Aí tinha que torar a perna. Aí ele disse ‘Dona,’ – ele chamava minha mãe assim – ‘Dona você num deixe cortar meu pé, não’. Aí ela disse: ‘Não, Mané, não se preocupe, não, que eu não mando cortar seu pé, não’. Oxen, quando passou cinco dias, poucos dia ele morreu. Foi... E ela era doente, e ele era mais ainda, quando adoeceu foi de repente”. Assim como ela, os irmãos também “herdaram” essa carga genética com doenças dos pais. “Eu tenho dois irmão em João Pessoa que toma insulina. E morreu um também de diabetes, de cachaça. Morreu dois de cachaça”.

Depois de falar dos familiares ela se autodescreve. E no discurso dela traz à tona uma questão que preocupava muitas famílias no passado, mas que hoje vem sendo superada com a perspectiva da convivência com o Semiárido, a problemática da fome e da segurança alimentar de comunidades camponesas. “Eu sou uma pessoa matuta, nunca conheci nada, porque nunca tive chance de sair. Eu com 20 anos num sabia cuidar de um macarrão, porque na casa da gente meu pai dizia assim: ‘Ói, vou comprar 1 kg de arroz e um pacote de macarrão pra nós comer no mês de festa’. Só nessa época, outra vez ninguém sabia, não. Ninguém comia nada. Só feijão e farinha e rapadura, cuscuz. E nem comia fora nos outros canto. Eu nunca saí...”.

A saída dela de casa para momentos de lazer proporcionados pelo Grupo Vitalidade foi uma conquista pessoal para Dona *Luziola*, que tinha nas atividades domésticas e obrigações familiares uma espécie de amarra. “Nóis fomo pro Parque da Criança em Campina [Grande], mas eu gostei, porque de primeiro eu fui uma pessoa que num saí, meu pai não

⁶¹ A título de curiosidade, essa relação dela com o pai é bastante análoga à de dois personagens de ficção da autora Carson McCullers. Essa autora é conhecida pela crítica literária por dar vida a personagens considerados *outsiders*. No seu livro de estreia, *O Coração é um Caçador Solitário* (no original: *The Heart is a Lonely Hunter*), de 1940, ela apresenta um pai com educação superior integralizada e uma filha que não concluiu os estudos; o que geralmente é o contrário que tem maior recorrência.

deixava eu sair. Aí depois comecei logo a ter minino, com um ano e um mês já tinha dois minino... A mais véia completou um ano e um mês, com 5 horas da manhã eu tive outro. Era rojão⁶² pra doido! Aí... pronto, fiquei, assim, uma pessoa presa. Aí eu disse ‘Tem nada, não. Se Deus quiser, se eu ainda for gente, eu ainda me divirto’.”. Ela sentia nas obrigações familiares uma sobrecarga de tarefas, que a impedia de sair de casa. Ela fala desse sentimento de clausura. “Oxe, era demais, demais! Que era só eu, ele... Naquele, naquela vida. Ajudava só no roçado. Em casa tudo era eu. É, porque ele é da gandaia. Parecia... ‘Eu casei, mas tinha minha vida de solteiro’. E eu em casa, e casa, e casa... Mas, saí fora!”

No entanto, hoje em dia ela vê uma diferença na divisão das tarefas com o marido. “Não, ele ajuda. Só não faz varrer terreiro, nem varrer casa, nem lavar prato, mas ele ajuda botar água, bota água no banheiro, todo dia ele bota, ele bota nos pote. Se eu vou lavar roupa ali no lajedo⁶³ ele enche as vasilha tudin pra mim, mode eu ter a osteoporose ele tem medo d’eu cair do lajedo, aí bota e diz ‘essa criatura num pode fazer nada...’.”

O casal já recebe aposentadoria, mas até hoje trabalham nas atividades agrícolas. “Tem, tem, nós tem quatro quadro de terra aqui e nós trabalha. Planta o feijão, planta milho, planta fava... tem uns pezinho de macaxeira⁶⁴...”. Ela comenta também sobre a dificuldade e uma certa complexidade quando quer adquirir recursos para as lavouras. “Eu fiz uns empréstimos na EMATER um tempo. Eu fiz um de 500, depois eu fiz outro de 500, depois fiz um de 1000 e paguei. Pra se manter trabalhando na roça. E eu ia fazer um mais caro ainda, que era pra comprar, pra plantar... Sim! Nós temos palma, tem uma palminha aí... Era pra plantar uma palma, mas depois disseram assim, ‘Não você, se fazer o empréstimo, a palma, você compra a palma, você tem que plantar a palma; você de casa, sendo o trabalhador...’, as estacas tinha que comprar também, arame tinha que comprar, aí eu desisti. Que era pra gente cerca um pedacinho lá da Ilha⁶⁵, que é da mãe dele”.

Indagada sobre o uso de agrotóxicos nas lavouras, ela disse que não usa. “Não, nunca não, nunca usemo, não. Não, pra pulverizar, não. Minha parminha tá até com essa coisa de

⁶² No Nordeste a expressão "aguentar o rojão" corresponde a resistir a trabalho exaustivo, uma situação difícil, uma tarefa árdua, ou qualquer outra função que canse a pessoa.

⁶³ Lajedo é a denominação que se dá a uma elevação de rochas na superfície do solo, muito comum em neossolos, característicos do bioma Caatinga. Na Paraíba o Lajedo do Pai Mateus é um ponto turístico, porém o que Dona *Luziola* se refere são estruturas em escalas menores, que os agricultores camponeses usam para construir tanques de pedra para acumulação da água da chuva. Na frente de sua casa tem um lajedo e foi construído um tanque desses. Essa é uma tecnologia social fomentada por políticas públicas como o P1+2, e que variam de tamanho, de acordo com a alocação do tanque e da dimensão da rocha. No Apêndice D são apresentadas algumas fotos de um tanque de pedra no município de Cabaceiras.

⁶⁴ Como é conhecida a Mandioca na Paraíba.

⁶⁵ Comunidade rural de Juazeirinho, PB.

cochomilha. Cochomilha da palma⁶⁶. É uma doença branquinha, que a gente passa assim [a mão] e chega fica o sangue. Ela num come, não. Ela deixa a palma toda estragada. Aí eu tô butano... passo gás⁶⁷! Que eu tenho minhas lamparina de gás, que quando faltar energia já tô... Tô preparada. Pego um pano, amarro num pau, aí boto o gás, aí fico passando de palma em palma”. De acordo com *Luziola* as dificuldades para eles no meio rural sempre foram grandes, mas sempre conseguiram produzir nem que seja o próprio alimento. “A gente teve que comprar água. A gente compra água, compra lenha, só não compra o feijão, porque a gente produz. Nós ainda tem do outro ano guardado, e lucremo umas quatro sacas. É o macassar, mas tá de graça, num tem quem queira”.

Além das dificuldades que ela já descreveu sobre a agricultura, ela sofre em decorrência do clima. Por ela ser uma das poucas mulheres brancas da comunidade, o sol tem afetado sua pele de maneira mais intensa. “Até hoje eu fui quebrar milho. Eu ajudo! É por isso que sou assim toda pelada, meu filho. Eu tô até com medo, que esse meu problema eu fui pa Campina. Ói, mas é só aqui, o outro corpo⁶⁸ é todo limpin, eu num tenho essas doença, não, é só onde pega sol. Mas eu num sei trabalhar de blusa, não, comprida. Agora eu tô com um problema na boca, assim, faz uns três meses... O beijo laxando, assim, que eu sempre já tive. Aí a médica passou, eu usava mucilon, aí ela disse que eu fizesse, pra eu passar o protetor e passar o cacau, tá até aqui no bolso, ói. Mas quando eu levo sol fica pior, visse!”

Em meio a tantos problemas com sua saúde, ela ainda consegue ser forte pra dar apoio à filha, que sofre com problemas de visão. A maior parte de seus filhos não moram mais com ela, devido já constituírem suas respectivas famílias. No entanto, essa filha ainda reside próxima, na casa ao lado da dela e necessita de alguns cuidados da mãe. “Só tem duas casada. Uma mora na rua⁶⁹ e outra mora em Brasília. Um tem dois fii⁷⁰, que tá pra vir mês que vem, e o outro faz 28 anos que vive com a mulher no Piauí”.

Sobre a filha que mora com ela, comenta: “Ela recebia auxílio, aí foi cortada. Ela tem um menino que chegou da escola agora, o menino dela, ele o pai dava 150, o pai morreu, acho que foi câncer. Amputou um rim... Bom! Sadio! Aí amputou o rim, aí depois pagou seis mil e 500, mas num adiantou nada, num instante morreu. Aí pronto, ele nem era aposentado, com

⁶⁶ Cochonilha-do-carmim (*Dactylopius opuntiae*) é uma praga da palma forrageira, que é um dos principais suportes forrageiros da pecuária no Semiárido brasileiro. As fêmeas do inseto permanecem no interior de tufos brancos e quando esmagadas, liberam um líquido vermelho carmim, semelhante à cor de sangue, característica das cochonilhas do gênero *Dactylopius* (CHAGAS et al., 2018).

⁶⁷ Querosene.

⁶⁸ Na parte do corpo que não pega sol, coberta pela roupa.

⁶⁹ Zona urbana de Juazeirinho, PB.

⁷⁰ Filho ou filhos.

62 anos, nem era aposentado e só trabalhava por conta própria. De moto taxi. Aí pronto, aí o menino nem pensão de 150, de dar 150, nem nada”.

A preocupação com a saúde da filha é uma perturbação que toma bastante o tempo dela, e que não consegue resolver ainda, principalmente por questões financeiras e falta de apoio da prefeitura, que poderia auxiliar. Acaba por *Luziola* se responsabilizar por muitas atividades dentro de casa, porque a filha não pode ajudar sempre, “Deus é quem sabe, mas eu acho que eu já tô é no fim, porque eu tô tão cheia de problema... Cheia de problema mermo. Aí eu já disse aos meus filho, eu disse: ‘Ói, quando...’ – Eu tenho uma promessa pra pagar no Goiás, lá no Padre Robson – ‘... Se eu morrer, vocês paga. Vocês vai lá, aí reza dois mistério⁷¹ de joelho. E se eu, e se eu num morrer, eu vou’. É três horas de viagem lá da casa deles pra lá. Tenho vontade, mas se eu pudesse, eu tinha, eu já... Agora no final do ano eu ia, mas com essa criatura (a filha), com essa cirurgia, é cinco mil a cirurgia dela. Agora num tem, só tem 500 e pouco reais. Tá muito longe num tá?! Enquanto ela num, nem fazer a cirurgia e depois eu num vou sair, não, porque sou... Tudo é eu. Quando ela vem aqui, passa a vassoura na casa prum canto, prum outro que a casa tá cheia de casa de aranha... Quase num vê! Um olho vê, só o outro vê bem de pertin, assim”.

A filha fez transplantes nos dois olhos. Segundo *Luziola* o problema oftalmológico seria miopia. “Aí ela com 17 ano deixou de estudar pra num me dizer, porque pa num usar óculos, que era feio. Aí ficou, ficou, ficou... Aí foi pro Ríi [de Janeiro] onde tá uma amiga, chegou lá arrumou um serviço lá num supermercado, mas cadê ver?! Que esses ônibus cê tem que dar com a mão de longe pra poder parar, né? Aí pronto, o ônibus chegava, passava, que ela num via as letra. Aí sei que fez uns ano, aí vêi, chegou aqui, tome remédio! Tome exame, exame, e nada, nada dava certo. Aí ela foi pra uma doutora [...] em Campina. Essa doutora passou ela pra [outro doutor], foi o que fez o transplante dela, fez dum olho, mas só que primeiro, essa córnea ela recebeu com miopia. [...] Aí ficou com essa, depois botou outra, do outro ôi⁷² também, outra córnea. Se fosse por ela num via nada! A que já tava, já num tá vendo mais e a outra que recebeu por último tá ruim também. [...] Aí tá assim. Aí pronto. [...] Eu comprei um bode pra fazer um bingo, nói fez um bingo, eu comprei um bode por... 80 real. Apurei 300 reais. A consulta dela foi 250, que eu tive que inteirar, porque num deu, num é?! Agora se fosse doação, né, mas... Eu fui pro fórum, falei com a menina, ela disse ‘Eu vou

⁷¹ A oração do terço é dividida em 4 grupos de mistérios, onde cada grupo contém 5 mistérios e cada um é destinado para rezar em um dia da semana. Os grupos são: Mistérios Gozosos, Mistérios Gloriosos, Mistérios Dolorosos e Mistérios Luminosos (BÍBLIA VIRTUAL, 2019).

⁷² Olho.

enviar os papéis dela pra Secretaria de Saúde pra ver o quê que ele vai dizer, porque se ele num resolver a gente bota na justiça’, mas até agora... Faz mais de 3 meses, viu! Num tem notícia de nada. Mas ela disse que já tinha enviado os papel pra Secretaria, mas seja o que Deus quiser, né”.

Sua filha é bastante devota à religião católica e é a maior mobilizadora da comunidade cristã de Olhos D’Aguiha e Antônio Ferreira, fazendo a gestão da capela local. Ela fica indignada com o padre, porque mesmo vendo sua dedicação, nunca cogitou em custear sua cirurgia dos olhos, através da ajuda que ele poderia oferecer e com os contatos e o poder que ele tem na região. Fala que a capela foi toda reformada com doações da própria comunidade, que as pessoas deram, mas que quando uma pessoa precisa de ajuda não consegue por intermédio da igreja. “Mai já passou, as coisa já mudou, mudou, mudou pa mió, aí quem sabe, né? O importante é um cuidar do outro e pronto. Né? Porque, ói, uma companhia vale mai do que dinheiro. Às vezes você tem dinheiro e num acha quem... ‘Eu vou pagar fulano pra fazer isso’, não, num acha, não. Ninguém quer. Né?”

Com relação ao grupo, ela tem uma história um pouco diferente das outras senhoras. “Eu era do grupo da rua, umas amigas me chamaram e era lá, aí nós só ia na quarta-feira, era só um dia, era na quarta. Aí a gente, se precisasse, ia na sexta. [...] Essa música da peneira já veio de lá. Foi. Que era eu, cumade *Harpalyce*, *Huperzia*, nós era tudo na rua. Aí eu fui, nós ia no ônibus de estudante. [...] Eu vim pra cá que é mais perto, é menos da metade”.

“Eu gostava de lá também, era todo mundo *ok*. Tudo bem recebido, gostei demais, mas tinha que vir perto, eu... Ia deixar de tá pertin pra ir pra longe? Né? Que a gente terminava de três hora, quatro hora, aí o ônibus passava de cinco horas, tinha que vir de pés. Às vez tivesse o dia nós vinha de pés. Porque pra esperar uma hora?! Uma hora tá chegando em casa. Que eu... Agora não, que eu tô meia cansada, mas é uma hora e dez [minutos] daqui pra chegar na rua de pés”. A distância da casa dela até o centro da cidade é em torno de 7 Km.

Sobre o início do Grupo Vitalidade, ela conta principalmente as histórias das viagens que, são para ela os momentos de maior alegria no grupo. “Nóis comecemos, aí tinha suco, tinha lanche pra gente, aí depois parou, aí depois as meninas ficaram pedindo três reais a cada uma pa quando a gente fosse a uma viagem, mas já parou com isso. Foi só uma época. Aí ela (*Caesalpinia*) disse: ‘Porque quando nós tiver uma viagem pa gente ir, aí já tem um troquin’. Aí foi que ela disse que quando começaram foi o maior sufoco da vida, sem ter ajuda de ninguém. Foi um sufoco. Aí... aí ficou, quando era pra gente ir a uma viagem, aí ela ajeitava o carro pra levar todo mundo, aí a gente levava o troquin de lanchar e ficava por lá”.

A respeito de ela participar do grupo e dessas viagens, a opinião do marido, segundo ela, não interfere em nada. “Não, ele não diz nada, não. E também se disser perde o tempo, porque eu vou e vou mermo. Eu digo ‘Não, eu já tô véa, agora eu tenho que fazer o que eu quero’ [risos]. Ói, quando eu tinha meus menino, ói, era presa, num saía pra canto niuum, mas agora num tem mais minino, só eu e ele, ele num quer ir... Ele num quer ir?! Eu vou! Né não?! Me divertir mais as menina!”. E Dona *Luziola* comenta sobre a importância de participar do grupo pra fortalecer a autoestima, principalmente por conta da interação entre jovens e idosas. “Cada dia a gente tá preocupada, pensando alguma coisa aí, quando a gente vai pra lá, quando vem, já vem com o coração aberto. Porque, ói, essas menina de lá, lá nesse primeiro grupo que eu tava em Juazeirinho, só era idoso, num tinha gente novo, não. Só tinha uma menina, que é até fia dele (o marido), quando eu casei ele já tinha, ela é lá do grupo lá junto com a gente, aí ela... Ela tem uns, uns 47 anos, aí lá todo mundo xingou – porque ela também gosta de participar do grupo, né?! –, xingou pra ela não ir, aí aceitaram. Mas já aqui é adolescente, é criança... Cê num vê, tem uns menino desse tamanho dançando quadrilha mais a gente?! Isso é uma beleza, porque se elas fossem outra, elas dizia ‘Eu vou lá misturar mais essas véia?! Vou nada!’, e eu agradeço, porque elas ensinam coisa a gente que, às vezes eu num presto atenção as coisa, num sei das coisa, e elas ensina: ‘É por aqui, vamo assim, vamo, lá vai’. Dá certo. É!...”

Ela ainda coloca como importante a questão de estarem se reunindo para praticarem exercícios. “Eu num tenho tempo de caminhar, aí todos esses exercício pra mim já é uma benção. E aprender alguma coisa que eu não sabia ainda. Vou de pé, num tem transporte, não. É no meio do sol quente, mas nós vamos, eu e as menina. Eu vejo, teve um dia que eu quero desistir, eu digo ‘Eu vou desistir’, que eu só vivo mais doente, as perna... Hômi... Mas que cumade *Jacaranda* [alerta] ‘Nãooo! Não faça isso! Não faça isso!’, [...] mas foi um alívio pras perna, que a perna travava, parece que tava travada. Aí fazendo os exercício até deu certo”.

Dona *Luziola* termina falando das qualidades do grupo dando relevância às pessoas e amizades que cultivou lá. “Pra mim, todo mundo é bom, porque lá eu... Eu não sinto falsidade com ninguém lá, todas elas tudo é amiga. Graças a Deus, eu tô com 68 anos, mas não tenho uma intrigada, graças a Deus”. Inclusive ela tem bastante gratidão por *Persea*, filha de Dona *Jacaranda*, pois diz que a ajuda bastante dando conselhos de amiga. “Sim, em palavras. Assim, digamos assim, se eu tiver triste ou com algum problema ela é assim: ‘Não, não, não, não se preocupe, não! Que é assim, assim, e assim. Vamo tocar pa frente!’.”

E sobre a questão de ser mulher, ela reflete com relação ao legado que deixou, reconhecendo a família e a devoção a Deus como fundamentais. “Eu... Eu me sinto feliz em

ser mulher, apesar de ter sofrido muito. Mas eu me sinto feliz, porque, graças a Deus, eu tive cinco filho, meus filho são maravilhoso... Ó, qualquer coisinha eles ‘Mãe, é assim, é assim, mãe, faça isso, faça aquilo’, é porque eles já me cativa muito. E se eu num fosse uma mulher e mermo de meus pais morrer, eu num tivesse me casado, mermo misturado o sofrimento, o que era de mim agora? Né? Quem cuidava de mim quando eu num puder mais? Agora não, ainda tô me mantendo, né? Aí... Eu agradeço a Deus”.

Além de querer deixar a filha com saúde seja uma das coisas que ela mais queira na vida, ela foi encorajada a pensar em um sonho só dela. No começo pareceu um pouco difícil identificar esse desejo, mas logo se lembrou de um. “Não sei nem lhe dizer... Não sei nem lhe responder... Ah! Meu Deus, tem uma coisa que eu queria, que eu queria muito aprender, mas num tem como, não. É tocar sanfona! É, mas sei... Você sabe o que é berimbau? Eu já toquei de berimbau. É fácil demais. Mas otas coisa, não. [...] Eu sou devagar demais. Eu peço tanto a Deus fé, mas minha fé é tão pouca... pouca demais. Que a gente só resolve as coisa através da fé, né?”.

6.4 *Caesalpinia*, a liderança obstinada que ninguém para

Caesalpinia é a grande mobilizadora e liderança do Grupo Vitalidade. Ela tem origem na comunidade de Olhos D’Aguinha, mas reside na zona urbana de Juazeirinho atualmente. A entrevista foi em dupla, com *Janusia*, e se deu na varanda casa dela mesma. *Myrcia* também estava presente, observando, enquanto, relaxada numa rede, sua tia ia contando sobre a história de construção do Grupo, que se confunde às vezes com a história de vida dela mesma.

Essa mulher é filha de Dona *Jacaranda* e sobrinha de Dona *Annona*. Ela fala sobre a infância rural que teve junto com essas senhoras. “Toda vida fui uma criança sonhadora. Assim, queria ser diferente das outras, mas não de ser melhor [...]. Sempre cuidei das minhas irmã, para minha mãe ir trabalhar. Com 10 anos de idade eu sempre cuidava, trabalhava na agricultura também, é... Botava água cabeça... E com meus 13 anos de idade eu tinha muita necessidade de querer, de querer as coisa. E minha mãe não podia dar, aí então eu ficava fazendo de tudo para adquirir alguma coisa, mas eu não conseguia. Minha mãe costurava e eu quando eu precisava de dinheiro eu procurava até retalho e fazia colcha de cama e saia vendendo, porque eu precisava do dinheiro e cheguei a promover um evento também. Mesmo de menor, fiz uma feijoada para adquirir dinheiro”.

No ano seguinte, tomou uma decisão. “Quando teve meus 14 anos, vim embora, quis vim trabalhar na cidade, morar com a família na cidade para ganhar dinheiro e estudar. Pra terminar meus estudos, que sonhava em fazer Direito”.

O sonho de infância dela, assim como ocorre com muita gente, foi podado por aqueles mais próximos, a própria família, mas ninguém contava que ali naquela criança residia uma personalidade obstinada. “Querida fazer Direito, era apaixonada, mas sempre, assim, falava pra meus pais, falava pro meu avô... Meu avô cansava de dizer ‘Minha fia tira esses sonho da cabeça. Isso... Isso fii de pobre não precisa estudar, não, e num se forma, não!’”. Meu avô sempre dizia isso, e eu sempre ficava naquela, mas eu queria estudar Direito. [...] Passei dos meus 14 anos até os 17 anos trabalhando na casa dos outros, para não faltar dinheiro, mas mesmo assim não levava dinheiro”. A pessoa da qual ela morava na casa pagava seus serviços em comida, que ela levava para a casa dos pais também.

“E fui uma pessoa que quando eu queria ir pra um canto, eu dizia ‘Mainha, quero ir prum canto’, mainha dizia ‘Não vai, não, minha fia!’, mas eu era determinada. Eu dizia ‘Eu vou!’”. E ia. Metia a cara, assim, e ia mesmo, mas não para fazer coisas erradas como fumar e beber, eu nunca fui disso”.

Enquanto morava na cidade, com 15 anos teve uma decepção amorosa com um namoradinho que tinha, o que a fez decidir voltar pra casa da mãe, na zona rural, mas diz que passou quase um ano inteiro com depressão. Com 17 anos ela conheceu o homem que viria a ser o pai dos seus filhos e logo aceitou o convite pra ir morar com ele e justificou pra mãe, que não concordou com a decisão dela, mas que sabia de sua tristeza: ‘Vou morar com essa pessoa para curar o amor que eu sentia pelo outro’.

Assim, com 18 anos ela se juntou com o primeiro marido, diz que amancebou. “Tive os três filho encarreado” e aos 20 anos *Caesalpinia* já tinha todos os filhos dela. “Fui morar com essa pessoa, passei seis meses sofrendo muito, mas ele era uma pessoa paciente, deu um tempo, me deu chance para que... Ele mesmo sabendo que eu gostava de outra pessoa, mas teve a paciência de ficar comigo”. Depois desses meses houve a primeira separação dos dois. “Mesmo ele sendo uma pessoa um pouco informada, mas ele era uma pessoa muito xucra, muito... Assim, que eu tinha que viver só do lado dele, eu não pode ir na casa da minha mãe, ele não confiava nem d’eu ir em tal lugar com a minha mãe”.

Ela conta que sofreu alguns tipos de violência durante o tempo que passou morando com ele. “[...] Eu só usava aquelas blusas de mangas, o cabelo muito... Muito bagunçado, que ele não deixava eu arrumar, usava calça comprida, aí... Ele também não deixava eu fazer a sobancelha, pintar uma unha... Nada! Eu sofri um pouco, porque ele cortava a roupa no meu

corpo... Assim, se eu vestisse um short e ele não gostasse, ele já cortou no meu corpo... Entendeu?”

Os sentimentos de *Caesalpinia* ao lembrar da história talvez estivessem confusos, visto que ela ao passo que falava uma coisa ruim do marido, falava uma qualidade dele. Ou talvez não, talvez ela estivesse certa desses dois lados da pessoa que compartilhou a vida e soube reconhecer os dois. “Mas era uma pessoa maravilhosamente boa, uma pessoa excelente. Só a parte de ciúme que ele não deixava eu sair para canto nenhum, tinha que ficar só com ele. Festa?! Nunca fui a uma festa! Nunca fui em nada, uma novena, um aniversário, nada. [...] A pessoa que era... Rude, né? Analfabeto, mas também compreensivo, um bom pai, um bom marido também... Daí ele era uma pessoa que se eu tivesse as reuniões de trabalho, ele não queria deixar, ele não deixava eu votar também, ele não deixava eu ir na rua votar em dia de eleições. Preferia a gente sempre pagar aquelas multa”.

Ele ficava indo e vindo de Brasília pra Juazeirinho, e quando a última filha nasceu, que ele demorou sete meses pra ir vê-la, *Caesalpinia* decidiu acabar o casamento. Mas ainda assim, depois de um tempo, ela deu uma última chance ao relacionamento, quando vendeu suas coisas de casa e se mudou para Brasília com os três filhos pequenos a convite dele, mas contra à vontade da família.

Ela terminou o segundo grau em Brasília. Na capital, eles moraram por nove anos e lá ela diz que conquistou sua liberdade. “Minha liberdade, porque meu marido passou a entender, deixou usar, eu mudei meu jeito de viver, as roupas, fazer a sobancelha, pintar uma unha, usar um salto que eu nunca tinha usado, usar um batom. Ele não deixava, aí lá em Brasília ele se transformou, ele deixou, deixou ter a minha independência. Fui trabalhar também lá, sócia de uma creche com minha amiga. [...] Foi um o casamento bom, apesar que o empoderamento eu não tinha, era trancada, não saía mesmo, a não ser com ele, não saía para nenhum canto. Só ganhei a independência em Brasília”.

O relacionamento se estabilizou e ele passou a estimular ela a fazer o curso de Direito e quis até pagar a faculdade. “Mas infelizmente esse sonho foi interrompido, porque meu marido com 34 anos descobriu uma doença e faleceu. A gente veio de Brasília às pressas, chegou aqui na Paraíba só durou 14 dias lá no hospital e faleceu, aí foi daí que eu fiquei com meus três filhos pequenos”.

Viúva e com três filhos pra terminar de criar, *Caesalpinia* desistiu de cursar Direito e resolveu fazer Pedagogia, conseguindo concluir com bastante esforço. Depois que seus filhos, todos crescidos, foram morar fora de casa em outras cidades, ela conta que passou 14 anos

morando sozinha, o que trouxe muita solidão com o passar do tempo. Foi quando descobriu a internet e decidiu que ia começar a sair para as festas.

Há quatro anos, conta que conheceu o atual marido através das redes sociais. Na época ele tinha 18 anos e morava em São Paulo. “Ele é uma pessoa que me dá força. Eu sempre falo pra ele que ele me dá força igual um filho, mas eu não quero ele como filho, eu quero, sim, como uma esposa, como um marido”. A diferença de idades deles é de 23 anos, mas ela conta que isso nunca foi problema, nunca ninguém os discriminou por isso. E na avaliação dela esse novo casamento se justifica pela companhia. “Assim, foi a necessidade mesmo. O pessoal sempre fala que casamento é uma necessidade e eu acho mesmo que é uma necessidade, sim, pois eu não conseguia mais viver dentro da minha casa sozinha”.

Com relação ao Grupo Vitalidade, esse é um dos projetos de vida que *Caesalpinia* construiu dos quais ela mais se orgulha. Ela diz que passa dias fora de casa vivendo em função do grupo. “Tem vez que a minha casa é só entra e sai. Só vou lá no sítio, vem, entro, durmo e vem compromisso! Alguém diz ‘Você é doida’, meu marido diz ‘Tu é doida, tu vive pra isso! Como é que tu consegue?’... Você vê, eu já vou de manhã, volto, vou, e volto. Todo sábado. Há dois anos. E eu num meço esforço pra isso, não. Não vai um real de ninguém. Nenhum centavo de ninguém, mas eu nunca, nunca medi esforços pra isso, nem pra nada, assim”.

Uma das grandes preocupações de *Caesalpinia* é com a continuidade do grupo, visto que ela assume uma posição de liderança e muitas responsabilidades recaem sobre ela. Como ela disse “Se eu sair, eu tenho certeza que acaba. Não funciona nada lá”. Percebe-se que acaba ocorrendo uma centralização das funções do grupo para ela. “Não sei se você ouviu falar lá em Soledade, que as meninas disseram ‘ninguém é substituível’, mas tem que ter outras pessoas pra que... Pra que se eu saia eles ficam, fiquem, né. [...] Que você teve gente que entrevistou, que disse que me admirava por ser, era uma mulher que... Que eu inspirava elas, e... Eu disse a *Myrcia*, porque eu tenho um legado já naquela zona rural. Se eu morrer hoje, vocês tem que me levar pra velar lá [risos], porque eu tenho uma história”.

Na sua concepção existe um vínculo muito forte. Esse vínculo talvez seja a própria conformação do grupo, que em sua maioria é formada por familiares. “Num sei como é que eu iria sair e num sei nem a reação se eu dissesse hoje que não teria mais esses grupos na minha vida. Num sei se eu ficaria em casa direto”.

Ela reconhece que o grupo só existe até hoje por sua disposição em querer mobilizar as pessoas da comunidade. “É, muitas vez eu já quis voar pro ar, eu digo ‘Eu não, não, vou viajar pra ver’, mas não, ah num pode, num pode, porque num pode sair... E isso vai tanto de

um, como de A, como de B. [...] Às vezes, eu, eu, até conversando na cidade quando eu passo lá, o pessoal começa a conversar comigo, que eu ando muito com a farda (camisa do grupo), pra todo canto que eu vou, as farda, eu vou com as farda; elas me perguntam aí eu falo, aí [respondem] ‘Mulher, depois saiba que isso é um dom que Deus te deu, isso é uma coisa que você tem, que você sabe fazer, que você... Num há coisa maior que encanto do que você mobilizar 50 pessoas que vivem... Aos sábados... Pela sua causa’.”

Quando questionada se a centralização da responsabilidade no grupo se torna um peso para ela, a fez refletir um pouco. E respondeu: “Tem hora que sim. Tem hora que eu sinto um peso, que é um peso que eu digo que eu não posso sair, [...] mas tem que deixar gente no seu lugar. Num é que fosse que você ter de... Mas tem hora que é um pouco. Um pouco. E num sei eu... Qual era o motivo que eu vou dizer assim ‘Eu vou sair, vou abandonar tudo’, eu num sei como era que ia ser. Eu me pergunto”.

Depois ela fez uma reflexão sobre a autonomia dos outros participantes do grupo. “Eu num sei o que, o que foi que aconteceu comigo, pois, eu num sei se é porque eu não dei autonomia, mas eu acho que sim; mas é porque foi um aprendizado, foi o começo tudo começado pela minhas mão, num foi *Janusia*? Um ‘a’ só acontece se passar por mim. Num sei se o pessoal... A confiança que o pessoal tiraram em mim, de tudo que eu fazia por dar certo, se tornou isso [...]. Eu fico me perguntando por quê, por exemplo, tem um salão pra arrumar no São João, a gente só arruma tarde, eu digo ‘Gente, vamo arrumar lá!’, [e dizem] ‘Não, eu só vou se você for’. Eu não sei se é a segurança, eu não sei o que é que... Num sei, não é... Eu acho que, não é porque eu sou uma pessoa autoritária de dizer ‘Não, tem ser...’. Eu digo assim ‘Não, eu quero assim, vamo fazer assim?’. Sempre eu sou dessa forma”.

Em sua concepção para desempenhar um trabalho como o dela é necessário certo grau de dedicação, como também abnegação de certos compromissos sociais. “Muita dedicação e querer, porque assim, pega seu tempo. Pega seu tempo! Tem hora que você vive em função, você vai resolver problema de rua, você vai vender, problema de festa, de tudo e é muita coisa! É chegar e deixar sua casa, seu marido, seus filho, seu tudo. E ninguém se dispõe a isso. Eu tenho certeza, porque cada cá tem seu ritmo de vida e se for fazer isso talvez o marido vai impedir, a família vai cobrar, vai ter problema pelo caminho. Eu não, eu passo oito dias sem varrer a casa, mas eu tô vivendo em função do grupo”.

Além de se dedicar, de abnegar de seu núcleo familiar em alguns momentos, *Caesalpinia* aponta que sem responsabilidade nada seria desenvolvido. “É responsabilidade, eu acho que é muita responsabilidade. A responsabilidade que você tem... tem hora que vai fazer um evento e tem que tá com dois mil em mão, dois mil em mão pra... Pra cobrir o

evento, porque se não tiver é peso!⁷³ Aí ninguém num quer. Tem muita força de vontade pra me ajudar todo mundo, mas é complicado”.

Ela põe em evidência também a sua proatividade e conta que também pra assumir esse papel de líder comunitária, deve assumir também que tem suas fragilidades. “Não é porque eu tô na sua vista, nem na vista de *Janusia*, nem na vista de *Myrcia*, porque eu não preciso de ninguém pra dizer assim, dar elogio, não, mas o grupo deu certo porque eu sou uma pessoa que eu faço acontecer. [...] Não foi pela Pedagogia, num foi por nada, é porque eu faço acontecer mesmo. [...] O pessoal fica encantado com o trabalho, quando acontece alguma coisa, dizem ‘Mas gente vocês faz isso?!’, eu digo ‘Faz! Sim, fazemos e faz mesmo’. [...] Por mais que já teve problemas, que já teve, desanimação e tudo, mas nunca tive uma ideia falha, não. Assim, teve muita insegurança lá, antes de acontecer eu ficava super insegura, pedindo força a Deus, no meu silêncio, no meu... no meu eu ali”.

Janusia, que estava participando da entrevista também, comenta sobre a liderança da amiga: “Não é por causa do curso [superior], não. É pela pessoa. E assim, as pessoas que tão de fora, geralmente, elas torce pra que não aconteça, aí quando elas vê que acontece, aí elas diz ‘Mas é uma danada! Aconteceu’.”.

Caesalpinia conta que seu maior sonho é manter a saúde para continuar realizando seus sonhos, recordando que basta ter muito esforço e dedicação para buscar atingi-los, e até superar as expectativas. “Eu quero mais saúde e batalha aí. Tiver aí na batalha do dia a dia. Pra mim o que passou ontem, passou. Eu só penso no hoje, e no amanhã a Deus pertence. [...] Eu me recordo em 2016 que eu fui pra... Eu fui pra ali pra quadra e eu vi eles no concurso da junina ali dançando e disse ‘Eu ainda vou fazer um desse! Eu ainda vou fazer uma coisa dessa!’ e nesse ano me superou, porque eu fiz, eu voei alto como eles... Foi uma viagem alta, porque eu não imaginaria que a gente fosse ser convidado em quase vinte cidades, vinte eventos pra tá participando. Pra mim foi um sonho. Eu pensei que só ia dançar lá mesmo [na quadra da praça de Juazeirinho]”.

Ela conta mais desse sonho realizado, que foi o mais recente. “Começou no ano passado, mas a gente só brincou. Eu digo que a gente só brincou de junina, que nós num tinha nem nome de junina, num era *Myrcia*? Nós num tinha nem nome, mas mesmo assim, [...] aluguei roupa em Gurjão, fui buscar no carro do meu marido, voltei, nós dançamos mais na cidade. Daí o pessoal achou que nós ia morrer, que jamais eu ia sair dali, e aí o pessoal viu aí estampado, que a gente foi pra Campina Grande, foi pra todos os canto aí... Deixamos dez

⁷³ “É peso!” é uma gíria paraibana que pode denotar dificuldade, complicação, frustração ou impossibilidade.

lugares, dez eventos sem ir. São João do Cariri, Amparo, Gurjão... Essas cidade tudin. A gente deixou e... Pra algumas pessoas diziam que a gente não saía dali. Nós viajamos, então, pra mim, nós voamos no ar”.

Caesalpinia comenta que no Grupo Vitalidade o que a deixa ainda frustrada é a falta de empolgação das senhoras e a falta de recursos financeiros. “Queria ter fundos pra ajudar o grupo. Por exemplo, no sábado fazer uma coisa mais dinâmica, poder comprar, mas eu não tenho condições de poder, de poder avançar mais ainda com criatividade pra elas. Chegar e pagar um professor, um professor tal pra dar um *ups!* no grupo, mas eu não tenho condições, e é difícil”.

Uma fonte de motivação para ela é trabalhar com a juventude da comunidade, e ela ainda se sente muito jovem, diz que é uma criança. *Caesalpinia* percebe que muitos jovens, por mais que participem dos grupos, ainda não sabem bem o que querem da vida e comenta sobre muitos que querem ter acesso ao ensino superior. “Mesmo a gente sabendo que tá difícil faculdade, a gente vê aí com Bolsonaro, né, querendo que as pessoas se tornem... Só quem [deve] tá em faculdade é filho de papai, mas, assim, é o que eu digo pra elas, é o que eu digo pra correr atrás, não só pensando, assim, fisicamente no trabalho, mas assim, no seu eu, no seu preencher o seu eu, preencher você mesmo. [Se] eu quero Advocacia, não é porque eu quero ganhar milhares. Não, porque eu quero fazer um preenchimento de mim mesmo e um sonho, realizar a mim mesmo. Entendeu? Eu quero fazer Artes Cênicas, é uma coisa que eu choro, que eu sou louca é a arte cênica e cultura. Eu fico tentando a bolsa, tô em 40%, mas eu vou conseguir fazer Artes Cênicas e Cultura em Campina Grande. Eu tô já tentando pra eu fazer. Já não é pensando no meu eu. É pra preencher o meu eu e preencher também as pessoas, pra que eu possa atender melhor”.

Sobre ser mulher ela tece uma fala muito empoderada do seu papel político enquanto representante, citando as companheiras que sempre está levando consigo para os espaços feministas como a Marcha das Mulheres na Paraíba, o Grupo de Animação, dentre outros. Fala também da importância de estarem neste ano em Brasília na Marcha das Margaridas representando com a camisa do Grupo Vitalidade as mulheres de sua comunidade. “Na outra geração eu num sei se eu queria ser homem, eu acho [risos]. Não, ser mulher pra mim... Mulher é guerreira. Eu me acho muito guerreira. Não dizendo que elas não são, que todas elas tem seus, seus... Teve seus obstáculos, e seus vencimentos, e suas limitações... Todas são guerreiras, mas ser mulher e ser mulher líder, por exemplo, inspirar a confiança de todo mundo, que depende de você, é gratificante, e ao mesmo tempo, sabe, você dizer ‘Não, mas eu tenho uma galera que confia em mim, confia no meu trabalho, no meu potencial, que

acredita em mim, que não...’ Assim, se você dizer assim: ‘Hoje vamo juntar essas mulheres pa elas falar’, eu sei que elas falam pouco, muitas vezes não enxergam, ou enxerga e fica pra elas mesma... Mas ser mulher é muito bom, e principalmente ser uma mulher líder como eu, porque eu tenho esse Grupo Vitalidade, mas eu não, não paro. [...] Eu vivo aí olhando aí nos mundo, fico interessada. [...] Mas ser mulher é isso. Tô aí na luta pelas mulheres”.

Na sua entrevista, ela conta mais atividades que não foram mencionadas nos momentos em grupo. “A gente esse ano teve a oportunidade de fazer uma parceria com a ação social. Tem pontos negativos e pontos positivo. Que eles vão lá fazer umas oficinas com elas de pintura, de artesanato também. Nós tem aula de *muay thai* com as adolescentes, aí tem aula de teatro. São quatro. Então a gente, eu acho que... Que eu queria crescer mais ainda, mas a gente já tá aí. O primeiro passo é esse”.

Essas parcerias que fazem com o poder público, de estarem levando profissionais especializados para trabalharem com o grupo, muitas vezes podem ser mal entendidos como autopromoção de políticos, mas ela deixa claro que não trabalham nesta perspectiva. “Eu nunca falo de política lá, que é terrível. E por ser uma líder comunitária, politicamente você leva um... Uma baita de uma surra, assim. [...] Porque você sabe, como tem lado A, lado B, e eu num posso torcer nem pro lado A, nem pro B, e só quero, assim, atender todos bem. É o que eu faço, atendo todo mundo a bem, recebo todo mundo bem. Politicamente eu sou uma pessoa muito procurada. Tem político que chega perto de mim, porque, por exemplo, se você se candidatasse a vereador, você conhece a minha comunidade, claro que você ia chegar perto de mim ‘Ah lá, mai olha lá, ó, aqui, tanto jovem e tal, se melhorar eu vou lá...’, mas politicamente eu posso me envolver com você? Eu posso comprometer o voto dela, dela e das famílias? Nunca falei em política dentro dos grupo. De jeito nenhum! Nem falo. Mesmo que o pessoal bota palavra na minha boca, mas eu não tenho o direito de falar e nem comprometer nem a mim... E se eu comprometer vou comprometer a mim, não ao grupo. Entendeu?”.

Como ela pode se considerar uma líder política também em sua comunidade, precisa ter bastante paciência para conseguir lidar com diversos interesses e conciliá-los. Ela por vezes é tão perseverante com a ações do grupo, que sua persistência pode ser entendida como teimosia, o que faz muita gente querer pará-la, como ocorreu nas viagens da Junina no São João de 2019. “Também tem outros que também [dizem] ‘Mulher, para com isso, num faz mais isso, não!’, ‘Ave Maria! Se eu fosse você num fazia mais isso, não!’, ‘Se eu fosse você eu parava! Ave Maria, minha fia, isso num dá...’, eu digo ‘Calma, calma... Calma! Eu não posso!’. Quando a gente ia pra Campina Grande, na véspera da gente ir pra Campina Grande tinha um super atrito, né *Myrcia*? Mas aí umas chegava pra mim ‘Muié, pare logo com isso!

Num vá mais pra Campina, não! Isso vai dar errado, eu tô sentindo que isso vai dar errado!’, eu digo ‘Não, eu não vou parar. Eu não tenho quem faça eu parar, porque a gente sonhou de tá dançando em Campina Grande’... ‘Não, mas isso não vai dar certo, acabe logo com isso!’, eu digo ‘Não acabo. A gente vai pra Campina Grande, sim’. E nós fomo e foi maravilhosamente! Né? ‘Não se eu fosse você... Isso num vai dar certo, não. Acabe com isso logo!’, num era *Myrcia*? Tudo no meu ouvido. [...] Uma pressão! Uma pressão daquela de rachar, num sabe?! Aí eu fico só escutando, escutando, escutando, escutando, escutando, aí quando eu chego em casa eu paro e penso ‘Peraí... Vai dar certo!’.”

6.5 *Janusia*, uma ideia não nasce sozinha

Janusia é uma professora. Se formou em Pedagogia, assim com a companheira *Caesalpinia*. A entrevista ocorreu na casa da amiga, que também é sua vizinha. “Eu sou de Juazeirinho, só que do sítio, né, da zona rural. Morava em Poço Mulungu, morei um tempo na Ilha, depois que eu morei na Ilha, eu casei lá, separei e eu vim pra Juazeirinho. Na comunidade eu fui através dela, de *Caesalpinia*. Eu tinha conhecimento com a mãe dela, não tinha com ela. Assim, porque na época eu trabalhava em sala de aula, a mãe dela era professora, eu também era. Então, assim, eu fui pra o sítio de lá através de Dona *Jacaranda*”. *Caesalpinia*, que também estava sendo entrevistada, revela que foi através da comunidade que ela arrumou um noivo, o filho de Dona *Mimosa*.

A história da ligação à educação vem de casa. “Minha mãe era professora, que também é aposentada por tempo de serviço, e quem ficava em casa, a gente ficava com as tia. Mãe trabalhava, pai trabalhava na agricultura e mainha dava aula”. Inspirada na mãe, ela seguiu o mesmo caminho. “Eu comecei, aí depois concluí Pedagogia depois de um certo tempo, online, e concluí, né. Eu trabalhei 18 anos em sala de aula [no ensino fundamental]. Mas mesmo assim eu me considero agricultora, porque eu me criei na agricultura, né, e meus pais até hoje trabalham na agricultura”.

O trabalho é o seu principal vínculo com a origem rural. “Já trabalhei na agricultura muito, já trabalhei, já limpei mato, cavei xadrez⁷⁴, cultivei, tudo que você possa imaginar”. E ela conta como é constituída sua família de origem, que não é a mesma do restante do Grupo Vitalidade. “Eu tenho seis irmãos. Não, comigo são seis. E assim, uns casaram, uma mora em

⁷⁴ *Caesalpinia* explicou mais tarde que “Cavar xadrez é... Fica duas pessoas, uma pegada numa ponta duma corda, e outra, aí nessa corda tem uns pontinhos que é pra marcar onde cava a cova pra fazer a plantação. Isso se chama cavar xadrez na agricultura”.

Campina, outra mora aqui e tem uma em casa, mas meu pai continua trabalhando e minha mãe é aposentada por tempo de serviço, mas ela trabalha na agricultura também”.

Ela é divorciada, mas hoje casou-se de novo, e seus dois filhos moram em sua casa ainda, mas não possuem um vínculo com agricultura. “A minha filha já tem 26 anos e o menino tem 24. Meu marido trabalha numa firma de eletricidade em Campina. [...] Eu até plantei, a gente planta, né, mas depois a gente não fica diretamente assim não, todo ano seguido, né”.

Na divisão do trabalho doméstico, as reponsabilidades recaem todas para ela. “As tarefa doméstica sobra mais pra mim [risos]. Como ele trabalha, né, minha menina nem sempre ela pode fazer, porque ela num tem uma saúde... Mas, assim, no dia que pode a gente divide e o menino também, o que a gente pode fazer pra se ajudar o outro, a gente se ajuda”.

Quando chegou para morar no centro de Juazeirinho, *Caesalpinia* já morava lá, então se tornaram amigas, foi quando resolveram criar o Grupo Vitalidade. “Não, foi assim: a gente trabalhava no mesmo setor, na Ilha, na época, aí a gente saiu. Prestava serviço lá, aí saímos, aí quando foi um dia... Eu todos os dias eu vinha pra cá, todo dia, quando foi um dia a gente começou ir pro sítio, né. A necessidade de nós num ficar em casa, que nós se agoniava, porque era acostuada trabalhar, aí fomo pro sítio. Quando chegou lá, a gente sentada naquele alpendre de Dona *Jacaranda*, começamos a pensar o que é que a gente vai fazer. Aí veio a ideia, eu e ela, né, de, de... Formar esse grupo. Aí, ‘Vamo falar com *Persea*, porque *Persea* trabalha na comunidade e mora aqui!’. Quando a gente falou com *Persea*... *Persea* disse que era difícil, porque as pessoas começavam e já tinha tentado e desistia. Aí *Caesalpinia* disse ‘Não, mas a gente vai, a gente vai e eu vou começar pegar o nome [de quem quer participar] hoje’. No mesmo dia ela começou com a ideia, eu digo ‘É, vamo ver’. Aí a gente começou, aí a partir daí. Ela foi convidando as pessoas, né, aí até hoje estamos aí”.

Com a criação do grupo, as pessoas da comunidade começaram a se ver com mais frequência e *Janusia* conta como foi essa reação inicial. “Quando as idosas foram, que os jovens começaram a ver, aí eles já começaram a participar também. Tem até criança. Você vê do menorzinho, já tá lá, né, a mãe com ele no braço e ele vai crescendo e já vai...”.

“É muito bom participar desse grupo. Eu já fui mais, participei mais. Tinha sábado, que a gente... Todo sábado a gente tava lá, mas assim, pras pessoas da comunidade, eu acho de grande importância. Pelo menos eu vejo elas falar. Assim, fora do grupo eu sempre ouço relato delas sobre o grupo e elas fala como é importante, porque, no caso, se hoje não existisse o grupo elas estariam em casa, paradas, né, até mesmo trabalhando ou sentada, mas acomodada de uma certa forma. E não, nos sábado a tarde elas tem sempre aquela... ‘Não, eu

vou me arrumar...’, minha sogra (*Mimosa*) mermo ela é bem atenta pra mim ir pro grupo. [...] É tanto que às vezes dizem assim ‘E se acabar?’. Ela mesma, ela mesmo diz ‘Meu Deus, num pode acabar, não. Já faz tanto tempo, num pode acabar’.”.

Apesar do grupo de ter sido uma ideia das duas, coube a *Caesalpinia* a maior parte das funções, pelos motivos que ela já disse sobre as renúncias que teve que fazer. E sobre a expectativa gerada no grupo, *Janusia* relata: “Todos os sábados elas tão com aquela preocupação. Se *Caesalpinia* num vai num sábado, por exemplo, aí elas já ficam ‘Por que *Caesalpinia* num veio?’, ‘É alguma coisa... será que vai acabar?’. Mesmo que vá duas, três, quatro, cinco, mas assim, elas tem essa preocupação. Porque até se eu for, *Persea* for... Mas se *Caesalpinia* num for, elas sempre cobram, entendeu? Elas sempre cobra a presença dela. É tanto que às vezes *Persea* brinca ‘Eu tô aqui!’, mas mesmo assim elas ficam”.

E aí, na entrevista, quando surgiu a questão da liderança de *Caesalpinia*, *Janusia* comentou também. “Talvez, assim, se ela sáísse, alguém desse continuidade, jamais faria o que ela faz, porque eu digo a você, eu participo, eu vou, mas eu não tenho essa força de vontade que ela tem, essa garra, essa vontade, ela vai ali, alguém diz ‘Não’, ela diz ‘Não, mas mesmo assim eu quero’, mesmo com um não... Já eu, num sei se eu teria [*Caesalpinia* diz nessa hora: ‘– Eu sobrevivo de críticas’]... Entendeu? Porque eu não queria. Porque ela, ela quer. Eu costume dizer, eu tava até conversando sobre ela em casa com o pessoal e falo assim ‘Vocês deveriam aplaudir e agradecer’, porque sem ela eu não vejo nenhuma pessoa com a vontade que ela tem. Porque eu não teria. No primeiro ‘Não’ eu desisto. E eu num sou aquela pessoa de tá insistindo, de tá batendo na mesma tecla, de conversa, não. Porque assim, é como ela disse, sobrevive de críticas, são muitas as críticas, mas também muitos o elogios. Então eu não, não sei se outra pessoa... É lógico que daria continuidade, mas não faria o mesmo trabalho que ela. Entendeu? E eu não sei como ela consegue dormir à noite, eu num sei como ela deita lá e consegue, porque eu acho que eu pirava com tanta coisa. Mas ela, não, ela tem esse... Mesmo que, e ela nem fica demonstrando. Ela chega junto a você e tá pensando que ela passa pra vocês assim ‘Eu tô preocupada por isso e por isso...’?! Pelo contrário! Ela vai lá e passa segurança, e você diz ‘Não, tá acontecendo nada, ela tá bem, tá tudo bem’.”.

Janusia avalia a questão de a liderança ser concentrada toda em cima da amiga. “Eu acho que ela não vê isso como um problema, mas sim como uma responsabilidade. É como eu disse desde o início pra você... Num é que, que... Aquelas pessoas, assim como eu, depositou toda a confiança nela. É lógico que vai ter aquele dia que ela vai dizer ‘Hoje eu não tô boa’, mas assim, que a gente vai ter que dizer ‘Não, de onde você tiver, diz como é que a gente faz’, que faz. [...] Ela mesmo tando longe, ela vai ter que dizer ‘Vocês vão ter que fazer assim’,

mas a gente precisa que ela diga pra que aconteça. [...] Precisa que onde ela esteja, diga ‘Façam assim’, se num der certo, mas a gente tentou”.

Janusia coloca que o que agrega as pessoas à participação é a amizade. “Como vem falando de união, é muito bom, porque no grupo a gente não só ri, não só dança, não só brinca. Quando é hora de chorar ou alguém tá com um problema a gente chora. Então isso, assim, passa uma segurança muito grande, que você tem um lugar que você pode estar e tem com quem contar. É um lugar que eu sei que posso tá lá e se eu tiver com qualquer tipo de problema, eu sei que eu posso contar com aquelas pessoas. E sei que eu posso chegar e dizer assim ‘*Caesalpinia*, tá acontecendo isso e isso’. ‘Vai levar pro grupo? Não? Vamo resolver aqui?’ Mas se levar pro grupo resolve, se for com ela também resolve”.

Sobre a união e a vontade, ela aponta que são as principais fortalezas do Grupo Vitalidade tem. “União, né, que o grupo é muito unido. Atenção, que eles têm. Força de vontade, que todo sábado tão lá, se não tiver... Esse ano eu vi que demorou um pouquinho ensaiar, mas aí elas ficam ‘Num vai ter esse ano quadrilha, não? Num vai ter não?’, então eu vejo uma força de vontade muito grande delas, que elas querem mostrar o trabalho delas. Superar as críticas, né, superação [...]. E lá tem as críticas, assim, que a gente tem que superar elas. Muitas vezes a gente dá vontade de ir lá na goela de um, mas num pode [risos], porque deixa criticar, que através da crítica que a gente cresce. Tem que ser superado muito, todo dia, porque de onde você menos espera vem”.

Assim como muitas já disseram, a questão financeira é pra *Janusia* o principal contratempo que ainda possuem. “É um desafio, porque cada evento que você vai fazer, precisa que tenha um total lá... Não tem... Então a gente tinha que ter, às vezes, assim algo que, assim como ela mesmo fala, faz rifa, faz essas coisa... Já pra adquirir. Então a gente sabe que isso é um desafio muito grande que se a gente sabe que sempre vai acontecer, né, sempre vai ter a necessidade”.

Janusia pensa que para desempenhar bem qualquer atividade é necessário primeiramente se sentir bem e, assim, diz a respeito de seu sonho. “Hoje eu apelo muito, peço muito, meu maior sonho é saúde. Que Deus nos dê saúde para que a gente possa fazer algo melhor por nós, por alguém, que der pra fazer, porque sem saúde você não consegue, né, então hoje eu respondo a você dessa forma. Meu maior sonho é que permaneça com saúde”.

Ela, que conduz a vida ainda acompanhada das responsabilidades da maternidade, mesmo com os filhos crescidos, diz, resignada, o que é ser mulher. “É gratificante ser mulher, ao mesmo tempo que é [risos]... Poderia ser homem, mas Deus nos fez mulher, então, ser mulher... É um dom, né, que Deus dá, você vai ser mulher, mãe, né...”.

6.6 *Marcetia*, atuando na cena do empoderamento jovem

Marcetia é filha de *Persea* e neta de *Jacaranda*. Ela mora com a mãe numa casa próxima à da avó. Sua entrevista se deu na casa da tia, *Caesalpinia*, na zona urbana. Ela é uma das maiores representantes na juventude rural da comunidade Olhos D'Aguiinha. “Eu nasci aqui em Juazeirinho, sou natural daqui de Juazeirinho. Aí quando eu fui pra lá pro sítio meus pais já morava lá. Eles já moraram em outros lugares também, lá perto da minha vó... Perto das minhas outras tias, ainda mais pra longe, dentro dos mato quase [risos]. Só que quando eu nasci eles já morava ali, que eu lembre é. É. Eu aproveitei bem a minha infância”.

Ela conta como é constituída sua família e os trabalhos desempenhados por cada um. “Meu trabalho em casa é fazer as coisa de casa, arrumar a casa... E meus pais sempre foram da agricultura, minha mãe é professora, mas trabalha na agricultura, e meu pai, sempre da agricultura”. Ela tem um irmão mais velho, que colabora nos trabalhos produtivos. “Meu irmão ajuda, quando ele não tá com preguiça, né. É... sempre meu pai, e minha mãe e meu irmão, eles sempre trabalharam junto. Em questão de roçado. Eu nunca trabalhei assim de... Só agora recente, nessas chuvas de agora, que todo mundo tava plantando, aí eu ajudei eles a plantar e tal. E nas coisa de casa é eu e minha mãe. E meu irmão. Meu pai, nas coisa de casa, ele num ajuda; dentro, né”.

Além de uma forte atuação no grupo de jovens, no Grupo Vitalidade e na Junina Paixão Nordestina, ela vive substancialmente em função dos estudos e do auxílio às atividades domésticas, mas não nega a raiz na agricultura. “Acho... É, sim, me considero [agricultora], porque é meu primeiro trabalho, entre aspas, né, que eu fiz, assim, que pode ajudar em casa, ajudar minha mãe, meu pai, meu irmão...”. Ela diz que a renda familiar advém principalmente do salário de sua mãe como professora, e a agricultura se apresenta como uma ajuda extra.

Sua inserção no Grupo Vitalidade ocorreu devido à aproximação com a tia. “Bom, eu sempre fui, assim, próxima de tia *Caesalpinia*, a criadora do grupo. Ela é como se fosse minha segunda mãe. Então ela teve a ideia, né, de criar o grupo, aí ela conversou com minha mãe, com *Janusia*, e ela pediu ajuda minha também, que eu era jovem, sou jovem e tal, e ela sempre... Eu fui a primeira [jovem], no caso. E é isso. E até hoje eu tô no grupo. É ótimo, eu não tenho do que reclamar. Como eu falei lá naquele dia, foi uma experiência pra mim... É uma experiência, continua sendo uma experiência”.

Depois da criação deste grupo, criaram-se o grupo de jovens na comunidade, que a principal atividade de mobilização são com as danças da Junina. “Tia *Caesalpinia* que teve a

ideia também, junto com as nossas primas. A gente, assim, todo mundo junto, da família, aí começou o grupo de jovens. Não, primeiro começou o grupo da junina. Ela criou, aí todo mundo dançou, aí depois a gente foi se encontrando, os jovens. Até hoje se encontra ainda. Mensalmente”.

Marcetia tem consciência de seu papel como jovem liderança e atribui aos outros jovens uma responsabilidade. “Eu acho que a juventude, assim, nesses grupos sempre é uma... Sempre é uma boa influência na comunidade, porque sem a gente a comunidade, entre aspas, vai morrer, né; que a gente é fruto da... Vai ser fruto daquilo. Então, sempre vai ser, assim, uma boa influência... A gente participa e várias coisas. Teve, nos nossos encontros, a gente discute sobre várias coisas. Então, é uma boa influência, sim”. Ela tem uma expectativa em relação à juventude fundamentada na sucessão e no aprendizado contínuo. “Ah, eu espero que... Cada um, que a gente... Que cada um tenha na sua consciência os valores das coisas, que eles possam... Passar pra outras pessoas, que eu possa passar pra outras pessoas as experiências, o que a gente aprendeu...”.

Marcetia acredita que uma das principais barreiras para os jovens não terem poder e lugar de fala e intervenção na comunidade ainda está sendo a timidez. “Acho que a timidez atrapalha bastante. A gente sempre... Tia *Caesalpinia* sempre se reúne, assim, com a gente, mas sempre é ela que toma a frente. Eu, às vezes, sim. Eu falo por mim, só que eu acho que os outros ainda não, por questão de timidez, essas coisas... Com as senhoras também, né”.

Para ela o maior aprendizado com as experiências de trabalho coletivo são fundamentadas em seus valores pessoais. “Eu creio que... Eu sempre levo comigo, e o aprendizado maior é a simplicidade e a humildade. A gente, eu sempre coloco isso, que a gente vai falando, não tem muita dificuldade... Quer dizer, eu não! Num tem tanta dificuldade de falar com as pessoas, de conversar sobre isso. E assim, sempre a gente fala sobre isso, sobre essas coisas. Eu também falo. Eu e minha mãe... É, a gente sempre conversa sobre, e isso, como a gente participa dos dois grupos praticamente, que minha mãe é da coordenação, então a gente sempre junta as nossas ideias e trabalha junto”.

Sua solidariedade a faz refletir sobre a imagem que venha a representar a partir de suas ações no grupo. “Eu tento sempre dar o meu máximo nas coisas que eu faço, não só com relação a isso, em outras coisas também. Eu sempre me doo, e eu nunca levo isso como um... Tipo ‘Ah, tá se achando, num sei o quê’, não. Eu nunca – Nunca! – coloquei isso na minha mente ‘Ah, vou fazer isso pra se amostrar e num sei o quê’, não, eu sempre tento dar o meu melhor sempre em qualquer coisa. Quem convive comigo todos os dias, sabe; que eu sempre tento ajudar e sempre tento dar o meu melhor no que eu faço, sempre”.

Para ela o elo que articula as pessoas da comunidade para se unirem em grupos é fundamentado no respeito mútuo. “Eu acho que o respeito um com... Os mais jovens com as senhoras e as senhoras com os mais jovens, uma troca, né; a união... Nunca a gente abandona um ou outro, a gente sempre tenta trabalhar junto, sempre tenta juntar, pra num ficar disperso, pra nunca ficar só uma coisa, só JPN, só o grupo das senhoras. Não, a gente sempre tenta um ajudar ao outro”.

Depois ela fala dos resultados positivos colhidos das experiências. “A união entre... A união, o respeito, entre os dois grupos, né, no caso... Eu acho que... Num sei. [...] Sim, [melhorou o respeito], porque tipo... Pode existir, tem gente que tem, né, preconceito, como você tá convivendo com as senhoras ‘Ah, porque as senhoras num sei o quê...’ ou então as senhoras com os jovens; não, mas nunca foi assim. Só que, talvez, pode ter existido, mas sempre a gente tentou melhorar”. E faz uma avaliação com relação aos desafios. “Pode melhorar mais ainda essa questão dos dois trabalharem mais junto, senhoras com jovens, ter é... Reuniões, trabalhos comunitários voluntários, que pode trabalhar junto. Vê aí, sempre tem uma solução, né?”.

Voltando a conversa para a vida particular dela, ela conta do seu maior sonho. “Faço um cursinho [técnico] de administração lá em Campina Grande. Aí é uma vez por semana... Com esse curso eu penso em trabalhar no mercado de trabalho, que eu saia em vantagem, né, ajudar as... Eu sempre tento evoluir, evoluir... Eu, primeiramente quero trabalhar, tá no mercado de trabalho. Só que sempre o meu sonho é ser atriz. Por isso que eu faço oficina de teatro e sempre tento me destacar nas coisas, assim... – Eu amo atuar! – Já tentei artes cênicas, mas não consegui”. Seus olhos brilham ao falar desse sonho. E essa sua vontade de atuar e representar mulheres diferentes, outras personagens, é construída e referenciada na admiração de outras mulheres. “Eu tenho várias mulheres que me inspiram. Em questão do jornalismo, por exemplo, eu me inspiro na Glória Maria. Em questão de ser atriz, de atuar é em Fernanda Montenegro. Eu gosto bastante dela. Ela é a rainha da dramaturgia. Pra mim ela é. E em questão dos valores, eu me inspiro na minha mãe, e até mesmo na minha vó”.

No auge de seus 17 anos, ela conta que pretende sair da comunidade para realizar seus sonhos em outros locais, mas considera que nunca perderá suas raízes. “Eu penso em sair, só que eu também não penso em abandonar aqui. Aqui é a minha origem, eu nunca pensei em abandonar. Se eu tiver que sair, eu tenho que dar um jeito de voltar pra cá, passar tempos e ajudar a comunidade também, que eu sempre tenho na minha cabeça que eu não vou é... Esquecer as minhas origens, não vou abandonar a comunidade. Eu penso assim, se eu tiver que sair. Eu pretendo sair, né, mas sempre voltando, porque eu nunca, nunca nem pensei...”.

E depois falou o que deduz sobre os outros jovens de sua comunidade, se espelhando muito no que ela projeta como perspectiva própria. “Eu penso que... Eu acho que eles pensam em sair, mas que eles pensam que... Que eles saiam, mas que eles possam voltar também. Nunca sair de uma vez e nunca voltar. Não, nunca pensei. Nunca imaginei. E eles sempre falam, que se tiver que sair, eles vão sair, vão trabalhar, vão fazer alguma coisa fora, mas eles sempre vão voltar. Nunca vai abandonar também a comunidade, nem desistir dos grupo, do grupo”.

Apesar de ser jovem, *Marcetia* tem uma maturidade que impressiona aos ouvidos mais distraídos quando começa a falar sobre ser a mulher que ela acredita que é. “Ser mulher pra mim é uma responsabilidade muito enorme. Eu amo ser mulher. E pra mim não tem essa besteira de homem faz o que homem faz, mulher faz o que mulher faz. Não. Num sei... É a parte feminista que tem dentro de mim. Mulher pode fazer o que ela quiser, homem pode fazer o que ele quiser. E é isso... As mulheres podem fazer o que elas quiser... Tem seus afazeres, tem seus, seus, suas coisas pessoais, mas elas num pode só pensar naquilo e num fazer aquilo só porque as outras mulheres pensam que elas vão fazer só aquilo. Não, ela pode fazer o que ela quiser. É tipo... A gente... – Os [exemplos] mais comuns – A mulher não pode usar... Se ela usar batom vermelho ela vai sair, aí sempre... – Peraí, como é que vou te explicar?! – Se ela usar batom vermelho sempre vai ser um atrativo para os homens, tipo ‘Ah, eu vou pegar aquela mulher’, ‘Ah, aquela mulher é muito sexy’... Não, pra mim num tem isso. A mulher usa batom vermelho se ela quiser, usa batom de qualquer cor, usa... Se ela quiser, ela não usa batom. Ela pode fazer o que ela quiser. Usa a roupa que ela quiser, curta ou não. Isso”.

6.7 Myrcia, a jovem inspirada em suas guerreiras

Myrcia é neta de *Annona* e sobrinha de *Caesalpinia*. A entrevista se deu na casa da tia, quando voltou da aula na cidade. Uma das muitas jovens de Olhos D’Aguinha, *Myrcia*, com toda sua timidez de menina adolescente, e com suas poucas palavras, conta como é ser uma jovem em sua comunidade, participar do grupo de mulheres, do grupo de jovens, da Junina e do balé. “Minha vida é assim... Eu tenho uma irmã, mas ela mora lá em minha vó. Aí eu sou sozinha em casa, pra arrumar a casa, fazer tudo. Assim mesmo eu estudo o dia todin, aí só faço as coisas no sábado. Aí meu pai e minha mãe, né, são tudo agricultores, tem um roçado, trabalha, aí, às vezes, eu ia ajudar eles. Quando eu não tava, eu tava de férias, aí como eu tava

estudando aí... É, minha mãe, pede ajuda, né, porque se for por mim, meu filho, eu num faço, não [risos]”.

O seu núcleo familiar não vive apenas da agricultura. Possui outras rendas, como ela conta, e o desestímulo com a produção agrícola é notável em seu discurso, quando o maior sonho dela é ingressar no ensino superior. “Não, mas minha mãe tem uma outra renda. Aí dá... Dá pra colher, essas coisa... Mas num dá muito futuro, não. Agricultura num dá muito futuro, não. É melhor a pessoa se formar num, num... Meio pra trabalhar do que agricultura. [...] Eu penso [em escolher entre ser] advogada e enfermeira. [Mas prefiro ser] advogada, porque... Eu num sei explicar, mas... Enfermagem também, mas só que eu tenho medo de seguir essas coisa. Aí tem como estudar isso, né. [...] É porque num dá muito futuro, não, agricultura, não. Colhe hoje, por exemplo, tá tudo verde, depois vai secando aí tem... O bom é comer verde”.

Atualmente ela está concluindo o ensino médio, se preparando para ingressar em uma faculdade. Apesar de sua dúvida ainda sobre que carreira seguir, a participação no Grupo Vitalidade e na Junina da comunidade são duas atividades que ela leva com convicção. “Fui convidada pela *Caesalpinia*, coordenadora, aí foi primeiro o Grupo Vitalidade, aí depois foi o grupo de jovem. Aí ela chamou, tava chamando os jovem pra participar da Junina. Aí depois foi o grupo de jovem. Porque isso aqui traz muitas coisas pra comunidade, tirar o jovem das coisas ruins... [...] É bom, porque... Bota a pessoa no foco daquilo, pra ensaiar pra olhar as idosa, pa ajudar elas, que elas são muito legais”. Ela conta a respeito também da composição do grupo e seu benefício. “É bom, porque praticamente lá no nosso sítio é só uma vila só de família. Primo, tia, tio... Aí é bom, porque... A família ajuda muito a pessoa”.

Sobre essa ajuda familiar, ela foi perguntada também como se dá em casa e como ocorre a divisão das tarefas. “Só faz eu e mainha, porque meu pai vévi andando. Aí eu barro a casa e minha mãe lava os troço, aí quando é no sábado minha mãe vai lá pra casa da minha vó e eu fico em casa sozinha, aí faço tudo. Só num faço almoço, qu’eu almoço lá na casa da minha outra avó. Aí vou [pro grupo] de tarde. Aí eu faço as coisa de manhã, aí vou pro balé, aí depois fico lá em vovó um pouquin com minha prima, aí depois venho tomar banho e venho pro grupo”.

As aulas de balé na comunidade é mais uma atividade que a jovem participa, e ela fala como aconteceu. “Foi *Caesalpinia* que chamou, porque é a sobrinha dela que pediu pra ela fazer um balé. Aí ela fez, aí foi chamando. Só nós grande... Tem das grande e tem das pequena. Nós faz apresentação, mas não profissional tanto. Eu mermo sou muito mole pra

isso [risos]”. O balé é custeado pelos pais das crianças e adolescentes que participam, no qual uma professora da cidade vai todos os sábados ministrar as aulas.

Do Grupo Vitalidade, conta da importância de existir e o significado atribuído por ela. “Uma família! Porque se num tivesse aquele grupo, a comunidade era parada, que nem já foi falado lá, né. Aí todo sábado anima de tarde, tem sábado que num tem pra nenhum canto nós ir, mas aí tem o grupo. Aquele grupo que incentiva a pessoa a ir”. O Grupo Vitalidade junta mães, filhas, avós, tias e quem mais quiser, sendo um espaço para manutenção dos vínculos familiares. Ocorre de alguns dias nem todas poderem ir ou escolherem não ir, como quando tem jogos de futebol e a mãe de *Myrcia* não gosta. “Porque às vezes tem jogo lá, aí eu digo ‘Mainha, a senhora perdeu o grupo hoje, o grupo foi tão bom hoje’, ela ‘Ahhh’, mas às vezes ela vai também quando num tem jogo”.

Em seguida ela se expressa sobre o motivo que a fez participar desse espaço de convivência. “O motivo é porque... Pra esquecer as outras coisa e também pras idosa, que são muito alegre, porque se não fosse elas pra alegrar o grupo, o grupo era morto. Porque só elas que alegra. [Os jovens] são [alegres], mas não tanto como elas, porque elas tão vivendo isso agora. Não... De primeiro elas não dançava quadrilha, aí agora tão dançando, dança forró, todo sábado tem essas coisa lá. É... incentivo a nós. E elas incentiva a nós também, porque se num fosse elas, esse grupo de jovens não tava”. Ela comenta inclusive sobre o que espera da juventude local com relação ao grupo de mulheres. “Participar mais. Ser participativo das coisa da comunidade, porque nossa comunidade era, tipo assim, fechada, num tinha nada. Só tinha outra comunidade, que nós participa da outra comunidade. Aí formou o grupo e a comunidade foi mudando. Misturou as duas. Tem alguns da outra comunidade (Antônio Ferreira)”.

Sobre o grupo de jovens ela relata como são as atividades. “O grupo de jovem nós se encontra na sexta, uma vez no mês. E o Grupo Vitalidade é só nos sábado. Todo sábado. Às vezes é na sexta, porque teve reunião e esse mês (junho) foi todo cansado, o mês que passou, foi cansado, aí tamo esperando nós descansar pra continuar as atividade. Tem brincadeira, tem palestra sobre idosos. É porque tem o livrinho, aí cada membro fica com o livrinho, um mês fica comigo, outro mês eu passo o livro pra *Marcetia*, aí o livrinho vai dizendo o que... É que tem as coisa que você vai ler, refletir. Aí você, por exemplo, drogas, aí vai falar sobre drogas... [Já foram trabalhados outros temas como] violência, vício em celular, em redes sociais...”.

Ela conta que no grupo de jovens já foi discutido sobre a violência contra a mulher, e responde sobre se ocorrem agressões do tipo no local. “Na comunidade, não. Mas tem na

outra comunidade, que é pertinho, tem, mas na nossa num tem, não. Graças a Deus! [...] É... batendo em mulher, homem batendo em mulher... Isso é muito feio prum homem, né, bater numa mulher. E também feio pra mulher bater num homem”. As outras entrevistadas desta comunidade também confirmaram que lá é um local pacífico, que violências físicas contra as mulheres dificilmente ocorrem.

Então, imersa nesse ambiente de respeito, e pelo o carinho que sente pelos familiares, *Myrcia* revela o seu forte apego ao local de origem. “Não, eu quero estudar, mas morar no sítio. Só ter uma casa pra passeio, essas coisa, mas morar no sítio. Eu quero morar no sítio. Tem uns [jovens] que pensa em sair de vez, tem outros que não. Sei que tem uns que pensa ‘Vou morar em João Pessoa’, essas coisa, pra né... Só vim aqui a passeio. Não, eu penso em morar lá [na comunidade] e ir pra passeio pros outros canto”.

A jovem cita as conquistas da organização de mulheres e dá relevância à construção do Espaço Vitalidade. “O espaço, porque não tinha, era tipo assim, nós dançava na terra. No primeiro ano que começou o grupo, aí nós se apresentemo”. Ela relata também sobre os desafios. “Que o jovem participasse mais e as idosa também, porque tem umas que são muito afastada e tem outras que gosta. No sábado também, só tem algumas menina, algumas jovem lá, as outra num vão, num se interessa. Nós chama, as outras que tá lá chama ‘Bora pro grupo!’, aí elas diz ‘Não, vou não, vou ficar em casa’. Só fica em casa por causa do celular. Que tem umas que é assim, por causa de celular. [...] Mas celular avicia a gente [risos]”.

Sobre o futuro dessa organização ela enxerga como uma possibilidade de sucessão. “É porque quando a gente for ficar velhinha, nós vamo participar do Grupo Vitalidade [risos], aí tem as outras que tão crescendo agora, que vão participar. [...] Aí tem que ser nós. Nós vamo tá velhinha, aí vai ser nós. [...] Porque vai ter as que tão agora de seis, sete ano, vão crescer. As outras que quiserem participar, manter esse grupo, porque toda vida não vai ser só *Caesalpinia* que vai ter que manter esse grupo. Vai ter outras pessoas que vai ter, como eu, *Marcetia*, um exemplo. É porque nós gosta. Eu gosto, né, de participar, porque é uma diversão”.

Myrcia se sente pertencente a esse espaço e se espelha nas mulheres de sua família para defini-la como mulher. “Porque pensar em mulher guerreira, tipo minha vó, minha tia, porque elas trabalha na agricultura, elas são mulher guerreira, que nem *Caesalpinia*, que formou o grupo. Se inspiro em *Caesalpinia*, minha mãe e minha vó, porque elas são mulher guerreira. Tanto *Caesalpinia*, porque ela formou o grupo e tem cabeça pra cuidar de dois grupo, minha vó, porque roçado e casa; e minha mãe também. Eu amo elas”.

6.8 *Lippia*, um tantin pra cada um

Lippia contou de sua vida embaixo do mesmo cajueiro que sua mãe, *Annona*, foi entrevistada. “Sou daqui mesmo. Desde que eu nasci, que eu moro aqui, nunca saí pra lugar nenhum. Eu acho bom morar aqui, é bom, muito bom. [Minha família] é toda daqui. Mai tem outras famílias. Eu tenho essas família em São Vicente, tem outra no Mendonça, tem umas família já separada”.

Ela fala da comunidade Olhos D’Aguinha e das pessoas que são de fora da dinâmica dos grupos. “A vida na comunidade... Dá pra levar. Tem algumas pessoas que são mais por fora, num gosta de... Num gosta de falar com você, tem dia que fala, tem dia que num fala. [...] Eu vejo como falsidade, porque tem dia que fala com você, tem dia que não fala. Eu vejo mais nessa faixa aí. Tem dia que tá com a cara feia, tem dia que tá com a cara mais bonita... [...] Mas tá muito bom com o jeito que tá. Com as pessoa que tem tá muito bom. Porque a maioria das pessoas que tem é só da família da gente. Só tem mais gente lá no Antônio Ferreira... No Antônio Ferreira tem umas quatro ou é cinco pessoas, se não me engano, é... Mais ou menos isso aí”.

Ela é uma das muitas mães que levam os filhos para as atividades de integração para o grupo. “Tem dois filhos e num sou casada. Sou junta vai fazer 22 ano, mas num sou casada, assim, de papel passado. Vai fazer 22 ano agora que eu vivo com ele. Aí eu tenho um rapaz, que tem 18 ano, e tenho o mais novo, que vai fazer 14”.

Dessa pequena família que ela constituiu, conta como é a rotina. Diferente de outras famílias mais antigas, que historicamente relegam o trabalho doméstico à mulher, na casa de *Lippia* ocorre uma maior divisão. “Todo mundo tem que fazer. Se, por exemplo, se tem um dia, tem uma tarefa pra um e num dia tem uma tarefa pra outro, cada um dia tem uma tarefa pra cada um. Porque quando eu mandava um fazer um serviço, ele dizia ‘Ah, mainha, mas fulano num faz, fulano só vévi sentado, fulano num faz isso, só quem faz é eu’. Eu digo ‘Apoi agora nói vamo dividir! Cada um vai fazer um tantin’. [Meu marido] faz também. Ele faz comida. Quando eu tô apertada lavando roupa ele faz comida”.

Sobre a permanência dos filhos na comunidade, não existe um consenso, cada um projeta uma vida diferente. “O meu mais velho vévi falando direto ‘mainha, vou ir arrumar um serviço, vou ir trabalhar fora!’, eu digo ‘Meu filho, pelo amor de Deus, é tão bom vocês trabalhar aqui!’. Ele fala isso, fala muito, em sair pra trabalhar fora. Mas o mais novo, não. O mais novo disse que não, que num quer sair daqui não [risos]. Ele estuda na cidade”.

Ela conta como pensa que quer ver a família daqui uns anos. “Acho que melhor do que tá agora, porque, graças a Deus, minha família tá muito bem. Assim, pelo ar de muito acontecimento, houve muitas perdas na família da gente, houve muitas doença, muita dificuldade de doença, né, no caso, mas, graças da Deus, até agora tá bem, deu uma... Elevada, mas melhorar mais ainda do que tá agora”.

Com o marido, ela divide as atividades produtivas também, além da família ser beneficiária do Bolsa Família, o que, segundo ela, é um grande auxílio para as despesas familiares. “E ele trabalha de... de negócio de pedreiro, fazendo serviço de pedreiro. E trabalha também na agricultura. A gente planta milho, feijão, melancia, o jerimum, é... Pepino, planta tudo! Coentro, alface, a gente planta tudo!”. Ela explica como se dá a divisão desse trabalho no roçado. “Do primeiro... Do começo ao fim. Tudo. Da colheita, de plantar, de alimpar, até de cultivar eu cultivo [risos]. Eu trabalho mais na parte de prantar e de fazer almoço quando eles tão trabalhando, né? Às vezes, é quando ele tá cultivando, meus menino também – tem umas menina que cultiva – aí eu vou lá, eles tão cansado, e eu ajudo eles cultivar”.

Lippia entrou no Grupo Vitalidade e o marido estimula ela participar. “Ele apoiou, apoiou, num falou nada, não. Ele disse que era bom. Era uma, era um dia de sábado pa gente se animar mais, que era de semana a final de semana em casa, num tinha o que fazer, a gente passava o dia todin em casa e não tinha com quem conversar, num tinha uma diversão. Ele achou é bom, e nunca reclamou, não”.

Ela percebe como importante no grupo a união de todos. “Quando a gente vai fazer um evento todo mundo se junta, conversa, e cada um dá sua opinião. Muito bom. Ela (*Caesalpinia*) nunca faz uma apresentação sem num ter o acordo de todo mundo. Ela nunca faz. Ela reúne todo mundo e todo mundo fala o que pode ser feito no... Na... No evento que ela vai fazer. Todo mundo dá uma opinião”.

“Assim, eu acho muito bom o grupo, gosto de pa... Às vezes, nem, num vem nem todo sábado, porque às vez a gente tem coisa em casa que, né, e às vez tem serviço pra fazer, tem umas coisa para fazer, passa do horário, às vezes num tem como num vim. Mas tem vez que eu deixo lá de fazer e venho [risos]. Mas... eu acho muito bom o grupo, gosto muito de *Caesalpinia*, ela é uma... Além de ser uma coordenadora, é uma prima maravilhosa. É isso... ela apoia todo mundo... Se uma pessoa tiver passando uma necessidade ela vai, conversa, senta com todos”.

Lippia não vê a possibilidade de *Caesalpinia* sair da liderança do grupo. “Não, não, acho que do jeito que tá, tá bom. Ela como coordenadora, aí tem *Marcetia* como... Não sei se

Marcetia é tesoureira, ou ajudante, um negócio assim... E tem essa que é cumade *Janusia* também, ela é... Ela é tipo... Ai, não sei dizer como é que ela é também. Eu sei que ela é junto com elas, também, faz parte dessa equipe. É uma equipe que coordena tudo”.

Como conquistas do grupo, ela aborda principalmente a realização de eventos de dias comemorativos, que é o que mais mobiliza as pessoas na comunidade a expressarem seus sentimentos com a família. “Dia das mães é uma conquista muito boa, porque a gente... Trabalha, passa o dia todo batalhando, passa o mês todin pensando o que vai fazer, e quando vai fazer, que a gente chega lá dá tudo certo... muito bom! É uma conquista, é maravilhoso. [...] As festa que a gente faz, tudo é muito bom, tudo é uma conquista. [...] Tem festa que a gente faz, tem evento, evento de dia das mães, evento de, de... Teve um evento de... De casais, que elas fizeram também, foi muito bom... Não foi muito booom, não, mas foi bom. Porque... Eu lembro o dia que tava fazendo houve uma chuva, dirmantelou tudo, as cadeira, deixou tudo... Um vendaval! [risos]. Foi ano passado. Dia dos namorados, jantar dos casais, dia dos namorados”.

Mas assim como eventos frustrados como este dos namorados, ela aponta algumas dificuldades, que ainda se configuram como desafios. “É quando a gente vai fazer evento, que a gente... A gente mesmo tem que colaborar, a gente tem que caçar⁷⁵ dum jeito ou de outro, porque num tem ajuda de ninguém, a ajuda é da gente... E, assim, eu acho até bom quando é ajuda da gente, porque a gente ajudando a gente sabe que a gente tá fazendo o melhor pra, pra gente e não tá se dando aos outro, pra os outro ajudar e depois tá falando pra gente reconhecer o que eles ajudam. Acho que as dificuldade são essas, mas essas dificuldade vale à pena, porque nós passa por cima e faz tudo de bom, faz melhor ainda”.

Depois ela idealiza como espera que o grupo esteja daqui um tempo quando superarem as dificuldades. “Eu imagino o grupo melhor do que já tá. Melhor com mais evento, mais a quadrilha da gente crescer mais ainda, do grupo, e vim mais gente pro grupo, pode até ser convidado mais gente pro grupo...”.

Assim como nos relatos de outras integrantes do G. Vitalidade, *Lippia* afirma que na comunidade não existe violência contra mulher. “Graças a Deus, não. Comunidade da gente é bem tranquila, graças Deus. Já o machismo tem. Tem. [...] Eu encaro como uma... Uma coisa... Absurda! Que eu acho muito absurdo isso aí. Num gosto nem de ouvir uma pessoa falano em machismo... Eu num aturo isso, não”.

⁷⁵ Gíria nordestina que significa procurar, localizar.

Por fim, ela conta como se sente mulher, falando que se enxerga como forte e guerreira e diz também das que ela admira. “Eu acho que eu me sinto uma grande mulher. Eu... Eu penso assim, né? Num sei, se na realidade, a maioria das pessoas vai pensar assim, mas eu sou uma grande mulher. E quem me inspira é minha mãe. Me inspiro muito em minha mãe, porque minha mãe é uma grande mulher. Uma mulher guerreira, porque já passou por muita dificuldade, já passou por muita perda, já passou por muito problema de saúde... E, assim, nunca foi uma mulher que... Ninguém falou dela, nunca falou dela, que ela era isso, era aquilo... Eu me inspiro muito nela”.

6.9 Cariniana, primeiramente Deus, segundo o que representamos

Cariniana foi a primeira mulher de Canoa de Dentro a ser entrevistada. Ela, além de ser uma das maiores lideranças políticas e religiosas na comunidade, está desde o início no Grupo Mulheres Filhas da Terra. “Eu nasci aqui, nasci numa comunidade vizinha aqui, Cordeiro, aí meu pai trabalhava muito com motor de Agave⁷⁶. Só vivia mais trabalhando fora. Quando ele ia, passava muito tempo em determinado local, ele levava a família, aí a gente foi morar em Cubati. Aí quando eu cheguei em Cubati acho que eu tinha uns três anos de idade. Não, acho que num tinha nem isso tudo, que quando eu cheguei, foi na época que meu pai faleceu, né [...]. Aí eu tinha seis anos na época, aí a gente veio embora aqui pra comunidade. [...] Depois minha mãe conseguiu, com ajuda de um tio meu que mora em Brasília, comprar lá onde ela mora hoje. Aí lá eu fiquei”.

Como é bastante devota à sua religião, foi uma das grandes mobilizadoras das cerimônias na comunidade. Depois seu trabalho passou a repercutir fora dos limites da comunidade e abranger todo o município. “Assim, não tinha nenhum trabalho religioso quando eu era solteira, não tinha nada, só a comunidade. Depois que eu me casei, aí só me mudei da casa da minha mãe para aqui, pra onde eu moro hoje. Só não moro na mesma casa, porque eu construí perto, né, mas eu moro na merma comunidade, é pertin. Aí vim pra ali, tive filho, quatro filho, né, logo assim que casei, com dois anos. Meus filho era tudo pequeno aí eu fui, comecei a trabalhar, assim, inserida na comunidade, né, como animadora. Onde, a partir daí, de animadora, né, e ainda hoje ainda tô, depois me inseri nesse trabalho [do grupo], né. E a gente que sabe que é um trabalho voluntário, né, trabalho em comunidade, trabalho

⁷⁶ Trabalhar em motor de Agave é o trabalho de beneficiamento do Agave (sisal), que consiste em desfibrar a folha da planta com o auxílio de uma máquina específica.

voluntário... Mas foi uma coisa que, como eu disse logo no início, né, a questão d'eu ver assim de ajudar a minha comunidade... Não só a comunidade, mas o município, as pessoas que moravam aqui, né”.

Cariniana coloca que sempre teve um compromisso na animação da comunidade para transformar a realidade em que vivem. “Quem tem que ver é nós que mora aqui a questão da organização, a questão do bem estar, a questão da limpeza, né. Então isso a gente tinha que ver muito e eu sempre fiz esse trabalho. Eu nunca fui professora, mas tem um colégio, um grupo escolar perto da minha casa, meus filho estudava lá e eu sempre ia lá, né, conversava com as professoras e a gente sempre fazia. Juntava as crianças, a gente fazia os mutirão, aqueles campo de futebol que passa, tinha um bar e era uma sujeira muito grande. A gente chegou a fazer campanha, era com os aluno fazer essa limpeza. E assim a gente foi, né, eu fui vendo o trabalho na comunidade, aí foi quando surgiu essas organizações que não tinha antes, né, aí teve essas organização PATAC, Coletivo, e a gente... Com ajuda de *Apuleia*, que ela também contribuiu muito pra que nossa comunidade chegasse até o ponto que está hoje, aí a gente foi se organizando”.

Apuleia não é do grupo, mas faz parte da associação, da qual já foi presidente, tesoureira e secretária. Foi ela que incentivou a comunidade de Canoa de Dentro a formar a associação. “E aí... Assim, a gente, até hoje, né, tem contribuído, tem ajudado muito pra que... Ver o crescimento e o desempenho da minha comunidade. Aí isso me fez com que realmente eu valorizasse a nossa comunidade, assim. Realmente é uma comunidade que é extensa, como você viu. Ela tem eu num sei nem te dizer quantos habitantes, mas são muitos, né, muitas pessoas que moram aqui. E é assim, todo mundo aqui se considera família. Quem não é da família, mas felizmente entrou na família são pessoas que veio, como *Guzmania* veio de Picuí (PB), mas se adaptou né. E tem contribuído muito para o crescimento da comunidade. Então é isso. Eu me sinto feliz na minha comunidade”.

A solidariedade, segundo *Cariniana*, é uma marca do convívio entre as pessoas desse local. Ela diz que por ser a mais velha entre oito irmãos, e por ter começado seu trabalho com a Igreja, sempre teve esse cuidado com os outros. “Sempre fui muito responsável pra tomar conta de meus irmão mais novo, minha mãe tinha que trabalhar [...] pra criar todos, né, que nesse tempo não tinha ajuda”. No que se refere à essa solidariedade dissociada na comunidade em geral ela fala: “Quando a gente, assim, em termo de igreja... Quando a gente sente assim qualquer pessoas aqui, por exemplo, tem um amigo nosso que ele teve uma crise de hérnia de disco e a cirurgia dele era 12 mil reais. Ele não tinha como viver. Aí vem, a gente senta, a gente conversa, ‘O que é que a gente faz? Vamo fazer um bingo!’”. E a gente consegue graças

a Deus, com ajuda de Deus e do povo. A gente faz bingo beneficente, a gente faz campanha, tudo isso aqui na comunidade”.

Por falar desse cuidado, ela se lembra da mãe dela e de como sobreviveu com a família. “Ela, assim, num sei nem te dizer como, visse, porque é tudo. Porque ficou com oito [filhos] na época que meu pai morreu. No dia que meu pai se enterrou ela teve a caçula. [...] Aí a gente morava na época em Cubati, não tinha nada. Ficamos numa casinha véia, perto desse colégio aqui, que era do meu tio, são três vãozinho e nós lá. Passemo acho que uns três anos, uns dois anos dentro dessa casinha [...]. Mas, assim, eu vejo ela como... E eu acho que me espelhei muito nela. Mulher que ela nunca baixou a cabeça pra nada, nunca teve medo de enfrentar nenhum desafio, nenhum trabalho, criou nós tudinho assim com a ajuda de Deus. Primeiramente Deus, segundo ela que deu exemplo e deu educação a nós, né. E a gente, graças a Deus, até hoje nunca saímos daqui. Sempre casemo todos, fiquemo todos na comunidade. A maior parte do meus irmão, essas cidade que trabalharam mais longe foi Natal (RN), mas pra cá nunca saíram pra São Paulo, pra nenhum canto. Todos tão aqui”.

Seus filhos cresceram e já constituíram suas famílias, e como no passado o êxodo para São Paulo era mais acentuado no município, saindo caravanas organizadas de lá, todos eles foram a busca de uma vida melhor. “Meus filho, aí pronto. Eu tive quatro filho. Morava todos quatro em São Paulo. Aí um não se deu lá, levou a família e a família não se deu, voltou. Aí mora pertinho da minha casa, construiu e mora pertinho. Tenho uma filha que faz quatro meses, morou oito anos lá, mas faz quatro meses que ela tá aí, mas já tá de volta. Os outros dois mora em São Paulo. Aí tem família, né, são casado, moram lá, e trabalham, eles e as esposas deles”.

Seu marido desempenhou uma série de atividades com o passar do tempo, e ela comenta que a criação de seus filhos foi uma tarefa por vezes solitária. “Meu esposo sempre trabalhou fora. Eu criei praticamente meus filho e ele trabalhando, né, trabalhou em Natal, trabalhou em João Pessoa, só que ele nunca trabalhou em São Paulo. Mais [em] Natal, João Pessoa... Ele começou trabalhar assim em firma, depois tirou a habilitação e começou a trabalhar de motorista. Mas quando ele começou trabalhar de motorista mermo, ele só trabalhou na Elizabeth [Cerâmica], porque ela também tem uma fábrica aqui em Pedra Lavrada. Aí ele começou a trabalhar aqui em Pedra Lavrada de motorista, trabalhou uma época em João Pessoa [...] Aí hoje vévi em casa. Aí trabalha em escola pegando estudante no ônibus escolar e no exército também. Passa três mês no exército, três meses fora e assim vem”.

Ela revela a dificuldade que tem sido praticar agricultura nos últimos anos, em decorrência da última grande seca, de 2012 a 2017, período que é reconhecido como a mais longa seca prolongada no Semiárido brasileiro em toda a história já registrada. “Eu sou agricultora, nunca trabalhei fichada⁷⁷ em canto nenhum. Minha atividade foi só, quando era solteira, na agricultura mais minha mãe e meus irmão. Depois que casei, continuei na agricultura. E hoje sou agricultora. Planto feijão, milho, fava, hortaliças... Sem usar agrotóxico... Batata doce. [E criação] só de galinha e de porco, mas já tive outras, sabe, só que agora porque teve um período aqui... Seis anos de estiagem, foi muito longo. O ano passado (2018) choveu um pouco e esse ano (2019) foi que choveu mais. A gente teve seis anos sem chover com qualidade nenhuma, aí a gente teve que reduzir muito a questão do rebanho, da criação, a estocagem de forragem que não tinha, água também não tinha, aí eu tinha muita ovelha, mas a gente vendeu tudo. Seis anos mesmo de seca, sem chover de jeito nenhum. Tinha anos que chovia 20 milímetro, tinha anos que chovia 10, era assim. Só que graças a Deus. Primeiramente Deus, segundo esse Programa do 1 Milhão de Cisternas, né, que foi o que deu possibilidade da gente ficar aqui, porque nem tinha água pra fazer de cacimba de rio. E se não tivesse essas cisternas? Hã?”

A falta d'água sempre foi uma problemática nessa região. “Assim, eu lembro na época que eu era pequena, né. Eu lembro que, quando a gente morava no município de Cubati minha mãe saía de casa, às vezes, até de madrugada antes do dia amanhecer direito, já pra longe pegar água numas cacimba que tinha. Como era muita gente, às vezes ela chegava lá, já tinha outras pessoas até numa fila pra pegar aquela água. Tinha dias que ela chegava em casa na parte da tarde, às vezes pro almoço. Meu pai trabalhava fora, saía de manhã pra trabalhar, que ele trabalhava em motor de agave, aí ela que fazia mais esse papel de buscar água. Ela e meus irmão mais velho que eu... E hoje a gente vê que... Melhorou, né. Aqui na questão dos recursos hídricos tem melhorado 100% nas comunidade, porque graças a Deus hoje quase todo mundo não tem, aqui em Pedra Lavrada não tem quem não quis, mas a gente chegou a toda família ter sua primeira água⁷⁸ no município. Aí a gente... Isso tem dado possibilidade da... Tanto diminuir a nossa tarefa, né, a nossa responsabilidade de sair de casa pra buscar água limpa. A gente já sabe que de manhãzinha tem uma cisterna ali na porta de casa pra gente pegar água, e na saúde, que a gente tá bebendo água de qualidade, que a gente sabe, né,

⁷⁷ Com carteira assinada.

⁷⁸ A primeira água é referência à água acumulada em cisternas de placa, que é recolhida da chuva com a captação nas calhas dos telhados das casas. A fabricação destas cisternas é uma prática camponesa, e teve um grande fomento no Governo Lula, com a criação do Programa Um Milhão de Cisternas – PIMC.

que é água do telhado, é uma água de boa qualidade, que se as pessoas forem capacitadas, né, pra receber a cisterna e ter zelo pra que a água for de boa qualidade...”.

Ela conta que as cisternas têm dado a possibilidade das pessoas viverem no Semiárido, porque sem água a região não tem muito o que oferecer. E cita também tecnologias sociais que vem sendo experimentadas pelas famílias agricultoras. “E sem a gente tá preparado, a gente sabe que o nosso clima é esse, é Semiárido, já tá dizendo, né? A gente num tem como mudar, a gente tem como se adaptar. E a gente pra se adaptar a gente também tem que... É... Arrumar estratégias da gente sobreviver aqui. A cisterna foi uma das. Uma grande alternativa que deu possibilidade do homem do campo ficar no campo. Aí ainda tem, além da primeira, vem a segunda, né, que é a cisterna pra produção, aí tem outras tecnologias... Barragem subterrânea, barragem trincheira, então tem ajudado muito, né. A de produção, tanto é a que é de enxurrada, que tem aqueles anel, né, que é pra captar a água que tá vindo... E tem a calçada também, né. Elas são pra produção”.

Sobre a perspectiva de convivência com o Semiárido e as políticas públicas existentes, *Cariniana* entende bastante e cita os últimos Governos do Presidente Lula e da Presidenta Dilma como os melhores para trazer incentivos ao povo dessa região. “Esses dois governos que a gente teve aí, que viram nosso lado aqui do Nordeste, a gente sabe que a gente teve grande... Assim, foi mínimo, mas o mínimo que ajudou muito, porque se não tivesse vindo esse mínimo aí a coisa era ainda pior. E isso tem ajudado muito. Eu acho que se a gente investisse mais em tecnologias, principalmente a questão dos recursos hídricos, porque o que a gente precisa pra essa nossa região é a água. A gente tendo a água, pronto. É mais fácil da gente conseguir, porque com água a gente pode criar, né, a gente pode plantar. [...] e num sei nem como vai ficar, porque essa escavação [da transposição do Rio São Francisco] ⁷⁹ vai até Cuité. A gente num sabe nem como vai ficar e nem se vai dar suporte também, né. [...] Mas, infelizmente, quem tá no poder aí nunca vê essa realidade, né”.

Apesar de dizer que não foi uma professora formal, *Cariniana*, ensinou muito aos filhos o que sabia. O estrutura familiar erigida por ela e seu marido baseou-se no respeito e sobretudo na equidade. “Assim, meu marido toda vida ele foi... Gostou de compartilhar, né, os trabalho comigo. Ele nunca deixou assim ficar só eu pra me responsabilizar por tudo, não. Ele sempre me ajudou. Uma coisa ou outra ele tá me ajudando. Quando tá em casa, né. Mas depois que meus filho cresceram, foram crescendo, eu já fui também educando meus filho a

⁷⁹ Pedra Lavrada é um dos municípios paraibanos em que rota da transposição do Rio São Francisco passa. No município está ocorrendo a instalação da tubulação subterrânea pela adutora contratada pelo Governo do Estado.

isso, que fazer também as tarefa de casa, eu ensinei também, todos eles sabe fazer. Quando eles casaram e foram pra casa deles, todos eles sabiam fazer, lavar prato, varrer casa, cuidar em comida, tudo eles... Do jeito que eu criei uma filha fêmea, eu criei os três homem. Do jeito que ensinei a uma, ensinei à menina, ensinei aos outros. Por isso que, assim, graças a Deus, nunca senti muita dificuldade, porque eles eram pequeno, e desde pequeno que eu já comecei a participar, tanto de igreja, como desse trabalho no Coletivo. Eu nunca senti dificuldade. Quando eu chego em casa, muitas vezes, quando eles tavam em casa já chegava já tava tudo pronto, janta pronta, já tava tudo”.

Ter uma família bem estruturada como a dela, em que o respeito entre os membros ocorre, não era a realidade de muitas do grupo. Assim, como amiga ela dedicou-se a resolver estes problemas, com vistas a não deixar que a organização do grupo acabasse. “Quando eu comecei a trabalhar na questão do grupo, aí foi onde eu senti mais, assim, uma dificuldade, por conta da aceitação, né. Que tava trabalhando com mulheres, mas ao mesmo tempo tinha uma família por trás. Aí a aceitação dos esposos, a aceitação dos pais. Assim, eu tive que conversar com algumas delas, deles também, e depois da gente sentir que chegava mulher ali que não tava bem, aí teve que convidar todos, né, os marido pra vim pra lá, e tinha uma conversa ampla, dizia qual era o papel nosso de tá ali, o que era que a gente queria e... E eles foram entendendo aos pouco, né. Graças a Deus a gente não tem mais nenhuma dificuldade assim em torno da família. Tem sim, porque a gente sabe por questão da carga horária de trabalho, né. Realmente, muitas tão ali, mas já tá pensando de chegar em casa e ter mais trabalhos e mais trabalhos”.

As conversas e fofocas que surgiram no início foi um desafio a ser superado. “Mas a gente tem melhorado na questão da conversinha, da piléira, aquela coisa, né, que você sabe que muitas vezes dói mais do que um murro, né. Aí isso, graças a Deus a gente foi quebrando essas barreiras, mas é como a gente diz, tem um grupo, né, aí já vai entrando outra, aí já vem outra, aí mesmo assim a gente já vai ter que ir, né”.

As intrigas ocorreram também e são mais acentuadas na época de eleição. “Mas graças a Deus nós nunca votamos só na mesma pessoa. A gente tem as nossas escolhas, todo mundo se respeita, se considera, quando chega lá dentro [da casa de beneficiamento] a gente já sabe que fulano vota em fulano, eu voto em fulano, mas ninguém fala ali... E assim a gente vévi. Graças a Deus nunca aconteceu desentendimento, nunca, com nenhuma”.

Cariniana conta como foi que tiveram essa ideia de montar um grupo com mulheres na comunidade. O marido dela já fazia parte do Coletivo e logo em seguida ela foi convidada para compor a coordenação. Ele trabalhava no PIMC como animador de campo. Na época

tinham reuniões para identificação de lideranças e identificaram ela como liderança da comunidade. “Aí eu comecei a participar. Através dessa coordenação, participando, foi que veio todos os trabalhos que tem hoje. A questão do fundo rotativo de tela, de criação, de palma e... O grupo de mulheres, né, o beneficiamento, e casa de beneficiamento, barragem subterrânea, biogás que tem aí, cisterna de calçada...”.

Hoje quem está representando a comunidade não é mais ela, mas outra grande líder comunitária, *Guzmania*. “Ela tá agora, era *Apuleia*, depois eu, que *Apuleia* era mais lá pra área da cidade, né, é que ela sempre morou na cidade, mas ela dava o maior suporte aqui. Quando eu assumi aqui, aí a questão, aí ela se afastou mais, aí ficou só eu, depois foi que veio Padrin Chico (pai de *Cedrela*), veio primeiro, aí depois *Cedrela*, aí *Guzmania*, *Griffinia*, foi que as outras foram se inserindo, mas primeiro fui eu que... Por conta da minha saúde também, né, aí *Guzmania* foi quem ficou à frente das reuniões, de sair mais. Antes era eu”.

Ela diz a importância do grupo pra ela. “O que me mantém eu acho que é saber que a gente tem... Conquistamos espaços, né, e... Espaços importante na comunidade, e na nossa unidade de beneficiamento, que a gente sabe que ali foi um esforço nosso, né, com dedicação, esforço nosso, teve muito nossa contrapartida ali desde da... De ir atrás de construir o espaço, e saber que a minha comunidade é referência, né, um ponto de referência. E é referência no município e no Estado, e até fora do Estado. A gente sabe que aqui tem uma referência, essa referência é a nossa comunidade através do nosso grupo; da nossa autoestima em saber que outras mulheres que não tinha essa... Que não eram tão independente, mas já hoje tão conseguindo dar seus passo, né. E a nossa expectativa... No início quando a gente começou, quando eu disse às menina, que a gente ia fazer esse grupo, eu nunca pensava da gente chegar até hoje, no que a gente chegou. Eu pensava só em a gente aproveitar o umbu, que é o carro forte aqui na comunidade; da gente aproveitar o umbu, da gente melhorar nosso hábito alimentar, só isso”.

Na época que iniciaram o umbu não era uma fruta muito valorizada, mas atualmente é muito comercializado em muitos tipos de comércios pelo Nordeste, servindo de matéria prima para a elaboração de produtos que elas nem imaginavam que poderiam criar, como a cerveja de umbu. “O umbu aqui só era pra os porcos e pra, no cercado mesmo, pro gado, se os animais quisessem, chupar. Mas pra o consumo mesmo das famílias era muito pouco o umbu. Não tinha o hábito da umbuzada, não tinha do doce, não tinha da geleia, não tinha da compota, não tinha do mousse. Nada disso tinha! Aí depois, quando a gente começou a trabalhar, foi que as pessoas foram, né, usando e fazendo o uso mais da fruta”.

“A gente pensou só em nosso hábito alimentar, melhorar... Invés da gente tá tomando refrigerante, a *Coca*, esses negócio, a gente ter o suco mais natural, né. Foi isso que eu pensei no início. Mas quando a gente começou mesmo e aí, quando a gente começou a acessar PAA, a vender PNAE, vender pra eventos, a botar na Bodega [Agroecológica], quando a gente pensou em vender pra COOPERCUC, quando a gente pensou em vender pra um grupo que mora fora com a questão da cerveja, a gente não pensou que chegasse a esse nível. A gente num pensava, né. Mas, a gente foi com um determinado tempo, né, e nossas andanças a gente foi descobrindo essas fontes”.

Só que muitos de Canoa de Dentro ainda não entendem o trabalho delas. “A gente deixa bem claro que a gente não somos assalariada. A gente recebe ali uma quantia x se a gente tem trabalho, se tem venda. Se a gente não tem produção, não tem venda, então a gente não tem, né, renda. A gente vê [o trabalho] mais pro social mesmo. A gente tá trabalhando e contribuindo, não só pra comunidade, mas pro município”. Ela fala que a reforma na casa de beneficiamento pode beneficiar mais pessoas de lá. “E a gente tamos agora com essa ampliação, mas também é uma coisa que não é muito grande. E eu vejo que na minha comunidade tem muitas pessoas, que até que a gente ajuda, né, indiretamente a gente tá ajudando, porque quando a gente tá comprando a acelora de uma dona de casa, a gente tá ajudando também, né, tá contribuindo. Quando a gente compra uma caixa de imbu, duas, ou num sei quantas de um agricultor, a gente também tá fazendo com que esse dinheiro tá girando dentro da comunidade, né. Então de uma forma ou de outra a gente tá ajudando, porque se a gente não beneficiar, a gente não tinha como comprar”.

Elas estão trabalhando agora com a produção de mudas, pensando para futuramente ter o fornecimento de mais frutas. “Agora mesmo a gente vai iniciar, né. A gente vai fazer de umbu, vai fazer mais das plantas da Caatinga, mas a gente já fez, fez viveiro, a gente tem um viveiro ali também”.

Além de estarem projetando um futuro com a produção das mudas, ela percebe e identifica no grupo grandes conquistas e qualidades devido serem elas mesmas as mobilizadoras comunitárias. “Nossa autonomia, autoestima da mulher, e um ponto positivo também que é a questão da... Do diálogo, né, da família. A gente tem um diálogo não só no grupo ali, porque o que a gente tenta viver a gente leva pra dentro de nossas casa. [...] A questão do conhecimento geral, porque quem tá aqui, como eu disse antes, quem tá aqui não conhece só aqui, a gente conhece a realidade de 11 municípios, a gente sabe onde tem cada agricultor experimentador, cada guardião e guardiã também da semente, a gente sabe onde é que tem uma semente que a gente perdeu, que a gente não tem hoje. Então eu acho que isso

tem feito com que... Um ponto positivo. [...] A questão da união. A união tanto do grupo, também como da comunidade, aqui todo mundo é solidário, todo mundo se ajuda. Se existe alguma coisinha, alguma picuinha, mas é fácil de se resolver. Já aconteceu tragédia, mas infelizmente foi tudo família, todo mundo sabe que teve erro de todas as parte. [...] Então, eu acho que isso tudo é ponto positivo, e a gente só vê os ponto positivo quando a gente realmente, né, tem a união”.

Além de a seca ser um aspecto negativo para a condução das atividades da comunidade de maneira geral, ela aponta outro, que afeta principalmente as mulheres. “Foi e sempre será negativo é a questão do machismo, que ainda existe. Em ambas as parte, não é tanto pelos homens, é pelas mulheres. Tem mulher muito machista⁸⁰. E nossa comunidade a gente tem esse tipo de mulher, que quando a gente sai ‘Ei, vocês anda demais!’, ‘Teu marido num reclama, não?’, num sei o quê, aquelas coisinha, né, que a gente sabe que isso aí é o machismo. Isso aí atrapalha, né”.

O trabalho e a atuação dessas mulheres em Canoa de Dentro é uma característica forte que se apresenta em *Cariniana*. Elas precisam se superar sempre em cada dificuldade que esbarram. Em suas palavras, se sente realizada em ser mulher e se inspirou na própria mãe e na madrinha pra ser a mulher que é hoje. “A minha mãe me espelhei muito nela, na força de vontade, nos desafio que ela ficou, né, durante as dificuldade que sentiu, mas ela nunca baixou a cabeça pra nada. Sempre foi uma mulher que acreditou e venceu. E assim também [admiro] uma anfitriã que tinha aqui, que ela morreu com cento e... cento e um anos, que era até minha madrinha. Assim também que ela era uma mulher muito guerreira, apesar de ser uma mulher que não teve filhos, nunca possuiu um marido certo, mas ela era uma mulher que era uma mensageira na comunidade. Em todos os aspectos ela tava, ela ajudava, ela compartilhava, ela visitava, ela orientava... [...] Até a casa das sementes a gente homenageou a ela, que era uma mulher que era muito guerreira. E ajudou muito as mulheres daqui”.

“Não tenho nenhum desafio, nunca encontrei alguma coisa pra dizer ‘Isso aqui é desafio’. Realmente o desafio maior do ser humano é quando tem força de vontade, tem coragem... A gente enfrenta, depois a gente vai só festejar. Nenhum momento eu me sinto fracassada. Às vezes eu vejo mulheres passando por desafios, passando por dificuldade, a questão da violência, a questão dos filhos, né, essas coisas na comunidade e no mundo inteiro,

⁸⁰ A afirmação de que uma mulher possa ser machista é controversa. Acredita-se que nenhuma mulher seja machista, mas reproduza o machismo por estarem imersas em sociedades patriarcais. De acordo com Neukirchen (2017), mesmo de forma inconsciente, a mulher reproduz discursos machistas, “resquícios de uma ideologia patriarcal que ainda domina as práticas sociais, assujeitando a mulher e contribuindo para a manutenção da desigualdade entre os gêneros”.

a gente sabe. Mas em nenhum momento eu baixei a cabeça. Não vou dizer que não passei, que a gente que é mãe, a gente sabe, né, que é esposa, que tem irmão, que tem tudo, a gente passa. [...] Mas eu acho que a gente tem que ter nosso papel de mulher e não baixar a cabeça e dizer ‘É isso que eu quero, é isso que eu defendo, eu sou mulher, eu tenho vez, eu tenho voz, como você também tem’, né, como qualquer um pode ter”.

6.10 Cedrela, quando é preciso ser mãe e pai

“A minha história é meio sofrida. Tu quer saber mermo todinha?” [risos]. Dessa forma preocupa foi que *Cedrela* começou a narrar sobre si. Mãe de dois filhos já crescidos, ela tem um passado de sofrimento, mas esbanja um presente de bastante alegria junto de suas amigas do Grupo Mulheres Filhas da Terra, da comunidade de Canoa de Dentro, em Pedra Lavrada. “Assim, logo quando eu cheguei aqui, eu vim pra cá pra casa dos meus pais. Eu morava em Natal (RN). Morava lá em Natal, mas sou daqui. O pai do meus filho que é de lá. Aí fazem 12 anos que eu tô morando aqui e meus filho... Ele nunca ajudou em nada, [...] e tão aí criado, né, graças a Deus; um estuda, um mora em Campina [Grande] e a outra tá em casa...”.

Em um relato emocionado, ela relembra sua história de superação e dedicação, que revela a grandiosidade da força que uma mãe possui. “É que assim, quando eu conheci esse cara lá em Natal, a gente casou, liguei pro meu pai, né, eu engravidei, a gente inexperiente, né. Adolescente. Aí engravidei, pai disse assim – Só que eu não disse, não, que tava grávida – aí pai foi e disse ‘Tem que casar’, né, ele não conhecia. Trouxe aqui pra ele conhecer e obrigou casar, e me casei com ele, né. Aí depois de convivência, né, aí vem o menino, aí o menino nasceu com problema, aí foi aí que eu disse assim ‘Eu sempre fui mulher e hoje que eu sou mulher, né, que eu fui mãe, e na realidade fui mãe e pai do meus filho’. Aí ele nasceu com problema e eu passei praticamente uns dois anos morando no hospital, com meu filho, né. Aí veio a menina, engravidei da menina com três anos, aí eu fiquei louca, sabe. [...] Aí é uma dificuldade você com um marido que não sabia se movimentar em nada, entendeu? Só você... Aí foi, eu votava em São Gonçalo do Amarante (RN), que é uma cidadezinha lá vizinha a Natal, aí ficava melhor d’eu pegar um encaminhamento desse hospital pra o outro em Natal que era o Valéria Santiago. Consegui com uma autoridade, vereador. Aí quando ele conseguiu, tirei o menino do outro hospital, que num ia fazer nunca, que num ia pegar peso, [estava] com 14 kg e ele tava com quatro anos. Hoje ele é saudável. Graças a Deus recuperei. Por isso que eu me acho uma mulher guerreira e me acho mulher”.

A trajetória de volta dela à comunidade de Canoa de Dentro foi visto como um alívio depois de um relacionamento sem companheirismo, mas quando chegou podia contar apenas o apoio dos pais, foi quando ela, corajosa como é foi em busca de qualquer tipo de trabalho, desde que fosse digno. “Separei, né, aí vim embora com meus dois filhos. Aí aqui não tinha de que sobreviver, sabe? Aí teve esse intercâmbio, aí eu achei interessante, porque eu fui, aí foi aí onde eu tive conhecimento. Comecei fazer [as polpas de umbu] em casa mais meu pai e *Cariniana*, né, e daí entrou outras pessoa no grupo, outras mulheres. Aí é onde foi que eu tive uma ajuda muito boa, né, qu’eu num tinha de onde tirar dinheiro, num tinha... Assim, emprego aqui num tinha, uma dificuldade muito grande. Aí até hoje eu tô no grupo, acho que é uns oito ano, nove ano, num lembro quantos ano faz o grupo, mas acho que tem isso aí, por aí. E é de onde eu ganho o pão, que boto dentro de casa pro meus filhos, inté hoje”.

Cedrela agradece bastante aos apoios que receberam do PATAC e do Coletivo para o desenvolvimento do projeto da casa de beneficiamento delas. Além dessas instituições ela é grata pelo projeto que acessou para a construção de sua moradia, bem como ao fundo rotativo, que possibilitou que ela acessasse recursos para benfeitorias, como a cisterna. “Tem uma cisterna depois da minha casa, aí veio uma cisterna. A gente fez cercado, criação, fez... Mudas, a gente fez... Foi, a gente fez muda, foi. E também vêi tela também pra gente fazer. É o mesmo fundo rotativo com várias atividades, pras mulheres do campo e também para os agricultor, né; mas foi muito bom, eu sou muito gratificante, o projeto, o Coletivo, principalmente o Coletivo, né, o Procace, que também, tudo junto, né, e... Só tem a agradecer”.

Ela comenta mais sobre o processo de separação, que foi um trauma na época, e também de todo o trabalho que teve para criar os filhos. “É porque ele não queria ter responsabilidade de me ajudar em casa, entendeu? Eu quem trabalhava, eu fazia entrega pra um... Fazia faxina, eu fazia bolos pra entregar num restaurante lá, aí depois eu montei mais a mulher que é a madrinha do meu filho hoje em dia, né, montemos pra fazer em casa entregas de bolo, salgados, a gente trabalhava, entregava num restaurante. Aí aqui, vim pra cá e foi onde eu me engajei, né, que num, a gente não conhecia ninguém daqui. [...] Eu também trabalho que tiro férias daqui do colégio [na merenda escolar], das pessoas que precisa, e trabalho, tenho um pontozinho que eu vendo bolo, faço essas coisa. É, eu me viro nos 30, eu me viro nos 30 e também participo do grupo. E quando tem essas reuniões assim, que eu posso sair, eu também vou, quando tem festa também...”.

Como ela desempenha diversos trabalhos, sua renda é variável e de fontes diversas. “A maioria, junto com esse aí do grupo de beneficiamento, e daqui do meu pontinho, é a renda,

que eu me sustento e sustento meus filho. E o Bolsa Família, porque eu acho que a menina já vai ser cortada, porque já ficou de maior, aí não estuda mais”.

Ainda que tenha vivido bastante tempo de sua vida na zona urbana, ela percebe que nunca houve uma desvinculação com o ambiente rural. “Eu me considero agricultora, porque, assim, só porque eu colha fruta, né, e faço, a gente faz os plantio das muda. Mas assim, quando eu era pequena, quando eu morava aqui, antes d’eu sair pra fora, eu ajudava o meu pai a limpar mato, botar água em casa, e colher também feijão, milho... Hoje em dia eu num faço isso, porque a gente tem o trabalho da gente da mulher, né, e a gente, a gente é... Agricultora, mas a gente tem o papel das fruta, né, colher as fruta e tá já no beneficiamento de frutas”.

Ela fala da preocupação que o Grupo Mulheres Filhas da Terra tem em atrair mais jovens, para fomentar a sucessão na atividade de beneficiamento das frutas, porque tem famílias como a dela, que os filhos já possuem outras aspirações. “A minha filha morava lá em Campina, que ela terminou técnico em enfermagem, aí vai fazer o concurso público agora, aí eu num sei, né, se... Deus queira que passe, pra também trabalhar. E meu menino trabalha já, mas a minha vontade é deles se engajar também no grupo, que eles são jovens ainda. A gente quer engajar mais os jovens no grupo de beneficiamento, que é muito importante pra comunidade da gente”.

O grupo poderia ser expandido também para outras mulheres poderem participar, mas como revela *Cedrela*, muitas mulheres na comunidade ainda sofrem em virtude do machismo nos casamentos. “As mulheres daqui não aceita, assim... Tem marido que não aceita a mulher sair de casa pra tá nessas reunião, saindo, entendeu? Elas gosta de comentar muito. ‘Fulana tá saindo demais e o marido em casa e isso, e isso...’. Quando eu ia pra esses intercâmbio a gente passa dois, três dias fora, aí eu vivo com outra pessoa hoje, né, faz sete anos que vivo com ele, aí outras pessoa comentava com ele, aí ele dizia ‘Não, deixe ela!’.” E explica esse posicionamento dele: “Quando ele me conheceu eu já vivia, né, de dentro [do grupo], aí ele me entende”. O seu atual companheiro não vive da agricultura. Apenas mora com ela na zona rural. “Ele trabalha, e só chega à noite. Ele trabalha no comércio, aí ele só chega à noite”.

Dividindo seu tempo entre os trabalhos domésticos em casa, o pontinho de vendas, a fabricação de bolos, a casa de beneficiamento, e as outras demandas que surgem, *Cedrela* fala da cumplicidade das companheiras do grupo. “A importância, assim, que eu acho, assim, o grupo é a gente ser unido, né, tudin, e quando tiver faltando... Assim, no grupo a gente é muito unido, né, e quando falta um a gente nunca reclama, porque a gente sabe que as outras foram pras outras atividade, né, que tem que ir, ou uma ou outra. Duas, três sai, e fica as outras três ou duas fazendo”.

O grupo foi seu primeiro refúgio depois que voltou do Rio Grande do Norte, e possui uma gratidão enorme pelas meninas, suas amigas. Em meio a contratempos, inconveniências, dúvidas e objeções, ela conseguiu, com as companheiras de trabalho construir uma história que se orgulha. “A gente já passou dificuldade no grupo, já pensamos, assim, até em desistir. Eu mesma, da minha parte, eu tinha dia que eu dizia assim ‘Eu vou desistir, num tem futuro, não’, porque você trabalhar o ano todinho e às vezes você só ter 100 reais, 150, entendeu? Porque a gente trabalha, assim, pela produção. E tem ano que é bom, a produção, e tem ano que a gente não vende pra canto nenhum, né? É as dificuldade isso aí. É, e eu também tinha dia, assim, que eu dizia ‘Não, eu num vou desistir, não’, foi onde eu... Eu tô aqui hoje em dia, por causa desse grupo e eu num vou desistir, não, e por que desistir, né? Aí eu digo ‘Rapaz...’, e tem gente que lá fora diz assim ‘Ei, tu ganha um salário pra tá naquela casa lá, cês passa o dia todin, sai de noite. Não, cês ganha um salário!’, eu digo ‘Não’, aí eu vou explicar e [respondem] ‘É mentira, é sua mentira, cês ganham um salário’, eu digo ‘Ganho não, vá perguntar às outra! A gente só trabalha e recebe o que a gente vende’, e assim mermo a gente não, às vezes, nem... É pouco, a gente deixa no caixa, uma reserva, nunca tira pra gente. As menina diz ‘Vamo dividir, isso e isso’, eu digo ‘Não, vamo deixar no caixa, é melhor. Numa precisão...’.”.

A experiência de ser mulher, sobretudo mulher trabalhadora, igualmente traz para *Credrela* um orgulho. Orgulho baseado em sua própria coragem. “Pra mim, a mulher... Eu num sei, porque eu sempre fui guerreira, nunca desisti, que eu já passei por muita dificuldade e eu acho que eu, eu nunca vou desistir por ser mulher. Porque tem gente, assim, que diz assim ‘Não, vou desistir, isso é coisa de homem também’, que às vezes a gente também pega lá o produto lá no umbu, no umbuzeiro, pra trazer pra cá, de moto ou empurrando num carro de mão. Às vezes tem gente, mulher mesmo, diz assim ‘Isso é pra homem, isso né pra mulher, não’. Aí, eu me acho mulher, eu me orgulho de ser mulher por tá realizando esse trabalho”. E a respeito de que mulher admira, ela foi conclusiva em dizer. “Eu mesma. Eu me admiro muito. Porque a minha história, porque, assim, eu já contei o que eu já passei, a minha história. Eu já dei meu testemunho, mas na igreja, entendeu? Mas o que eu já recuperei, assim... Passei na minha vida, eu me sinto uma grande guerreira e uma grande mulher”.

Em relação ao futuro dessa organização coletiva que faz parte, ela consegue visualizar uma perspectiva otimista. “Eu imagino, assim, a gente melhorar mais... Não, já é melhor, né, a gente avançar mais nossos trabalho, que foi uma conquista também, que eu era doida pra comprar uma motinha pra mim esses anos todinho, né, reservando um dinheirinho. Consegui graças a Deus! Agradeço também ao grupo, e só tenho que agradecer o grupo também, que eu

já realizei muitas coisas, trabalhando nesse grupo. É pouco, eu não vou dizer que é muito, num é? O ganho da gente... Mas é uma luta. Eu num vou desistir, não. Só desisto se eu botar outra no lugar. Um jovem! [risos]”.

6.11 *Griffinia*, o trabalho com a vontade ainda da terra

Griffinia é a última das três mulheres de Pedra Lavrada que foram entrevistadas. Atuante principalmente nos anos iniciais do Grupo Mulheres Filhas da Terra, ela hoje se envolve pouco devido à dedicação à sala de aula. Por sorte, no dia das entrevistas ela estava na comunidade, em virtude de uma greve⁸¹, e, apesar da sexta-feira de “folga”, ela foi encontrada com o marido no caminho, em cima da carroça, após terem colhido o milho, já seco no roçado pra dar para a criação. A conversa aconteceu na varanda de sua casa, e como ela não tinha participado da dinâmica inicial de resgate histórico, acabou trazendo outros elementos sobre o passado do grupo, que as outras “meninas” não comentaram.

Ela se considera de Canoa de Dentro, mas sua origem é em outra localidade. E conta que o gosto pelos estudos vem de família, quando sempre recebeu estímulos do pai. “Eu sou da comunidade rural Cumaru, mas é o mesmo município. Sou filha de agricultores, onde tem nove filhos... Agricultores e funcionário público, mas sempre a gente foi criado na agricultura, [...] Ele tinha essa questão da educação muito forte, que a gente tinha que estudar, tinha que saber falar, tinha que saber, né... Vivia muito bem na agricultura, mas só que a gente precisava ir mais. E aí ele sempre... A gente trabalhava de manhã, e de tarde estudava. E aí a gente sempre fazia assim, estudava e trabalhava”.

O modo de vida camponês, muito ligado ao trabalho foi uma realidade desde sua primeira infância. “Trabalhava em tudo, né, na agricultura, de lavagem de roupa, de tudo, o que aparecesse... Desde criança. Acho que com sete [anos] já trabalhava com mamãe, ajudando em tudo... De fazer buchada, de lavar roupa. Quando ela ia, era muito filho, e tinha que trabalhar, ajudar, né. Era só que antes não era nem um salário. Não sei nem quando pai começou trabalhar... Mas quando o pai começou a trabalhar, ele... Foi em oitenta e nove (1989), eu acho. E aí, a gente já precisava ajudar de alguma forma”. Além da ajuda que dava aos pais, ela com passar do tempo, foi se envolvendo com o movimento religioso. “E aí a

⁸¹ Greve Geral do dia 14 de julho de 2019, que tinha como pauta reivindicações contra a reforma da previdência, os cortes de verbas para a educação e escândalos de corrupção entre procuradores e juiz da operação Lava Jato.

gente trabalhou na agricultura, mas também nessa questão da igreja também. Era muita gente e a gente participava de tudo”.

Quando saiu de Cumaru e veio para a atual comunidade, encontrou a mesma dinâmica de trabalho e envolvimento religioso nas pessoas, o que reforçou sua identidade com o local. “E aí a gente sempre foi nessa questão da comunidade, né, trabalhando nas igreja, e aí facilitava essa questão da educação e formação. Nessa questão coletiva, né, de participar onde tinha festa de comunidade, onde tinha catequese... Estava sempre envolvida. Então a gente sempre trabalhou muito em grupo, né, não era somente... Como era agricultura, todo mundo era junto. De mutirão, limpar roçado ia todo mundo... Juntava a família, os tio, e ia todo mundo, né. E aí quando em 2003 eu me casei e vim morar aqui em Canoa da Dentro. E quando eu vim morar aqui em Canoa de Dentro já tinha a *Cariniana*, que fazia parte, né, não era o Coletivo naquela época, mas era a mesma base de lideranças do município”.

A parceria com *Cariniana* começou desde cedo. Ela encontrou na amiga uma aliada, e ali começava a ser idealizado o grupo de mulheres. “E aí eu ia para a igreja e elas dizia ‘Ah, por que não vamo pra Soledade?! Tem reunião em Soledade...’. E era reunião de liderança. Pessoas que tão na comunidade fazendo essa questão. E aí eu comecei com ela desde 2003. Assim que eu me casei já comecei com ela”.

“E aí a gente começou nessa trajetória de querer melhorar a qualidade de vida das mulheres, e a maioria eram mulheres, que iam pras reuniões, que ajudavam, aqui de Canoa de Dentro principalmente... Era a maioria mulheres e aí a gente pensava que teria que ter alguma coisa mais forte na comunidade. Porque não adiantava, a gente ia pras reunião de cisterna, aí ia os pedreiros aqui pra outra comunidade, aí tinham fundo rotativo... Mas não tinham nada pras mulheres. Que aí a gente sempre defendia essa questão de ter algo que fosse das mulheres”.

Ela conta do ponto de partida do grupo, que foi o intercâmbio em Lajedo de Timbaúba. “O que elas já tavam fazendo? Grupo de mulheres. E aí iniciamos o trabalho com um grupo de mulheres. E tivemos muitas dificuldade do começo, e aí em 2008 formamos a associação. E a parte da associação nos fortaleceu enquanto essa junção de outras mulheres da comunidade. Porque o grupo era mais pras cinco, seis mulheres [do início]. A renda era pouca, então não dava pra ser muitas mulheres. E a associação foi pra outras mulheres. A gente tentou fazer”. *Guzmania*, que estava acompanhando a entrevista, sentada ao lado, disse: “A gente viu que no grupo não pode ter mais do que oito pessoas, porque o espaço da casa, o grupo de beneficiamento em si, não dá pra mais de oito pessoas. Aí a gente coloca alguém quando alguém sai”.

Em seguida ela justifica porque até hoje não passaram dessa quantidade de seis mulheres. “E essa questão também do grupo, de ter poucas pessoas, é questão de renda. Muitas pessoas não entendem a dinâmica dessa questão do grupo de mulheres. Não é uma coisa que todo mês você vai ter aquele lucro dali. Você trabalha esse mês, aí vai seguir com a venda, né. Às vezes, a venda vai, mas é pouca, só dá pra pagar a energia, deixar em caixa... Tem todo mês, que é na Bodega, alguns eventos, mas pra divisão, mesmo, pra essas mulheres que trabalham, às vezes demora um mês, dois meses, três meses, e às vezes teve anos que não trabalhamos e não tinha nenhuma retirada, né, porque só era para pagar as taxas”.

Ela explica que a participação no grupo não tem uma função primordial na geração de renda, mas pensa no aprendizado e no desenvolvimento das capacidades das mulheres envolvidas. “Nós mulheres do grupo não é questão mais da renda, mas questão de conhecimento. Todas elas, porque as que ficam mais na parte da produção, que não gosta muito de sair, mas todas elas evoluíram muito. Diferente de antigamente, que se você chegasse, elas num falava... Que não queria, não gostava de falar, se escondia, quando falava em reunião ficava braba com o rádio, ficava doente, não queria ver, receber ninguém. Podia se de onde fosse”.

Questionada se realmente a renda fica em segundo plano nas estratégias de mobilização do grupo, ela comenta. “A gente de início a gente achava, né. Acho que quando entram, acham que é por um recurso, né, de ter recurso mesmo. E que outras formas ajuda a gente muito, porque se você não tinha nenhuma renda... De repente você tá sem nenhum real aí ‘Ah, vem fazer uma divisão’ e você sai lá com 100, com 200, você consegue pagar muita coisa, que a gente não pagaria se a gente não tivesse [...]. E aí acho que o grupo, ele mudou essa questão da renda por isso, do conhecimento que a gente adquiriu, né, e da trajetória que a gente tem na comunidade [...]. Às vezes o pessoal acha que a gente é até mais do que a gente somos, né”.

Muitas mulheres, como ela disse, não sabiam se posicionar para dar sua opinião, expressar através da fala o que pensam e o que fazem. “Essa questão da evolução pessoal da gente, né, foi muito grande. A gente consegue dialogar com várias outras pessoas... Porque às vezes as pessoas têm medo de dizer aquilo que tá fazendo, porque você ‘Ah é na agricultura, é produção de polpa, não posso conversar com um doutor, um engenheiro que vem lá de fora...’. Não, os conhecimentos são diferentes, mas tenho o meu, né”. E comenta da preocupação e do respeito das pessoas que facilitaram seus processos de aprendizagem, que valorizavam seus conhecimentos. “Quando a gente ia para as formações, as pessoas sempre valorizava aquilo que a gente sabia, né, nunca desfizeram da gente em nenhum lugar, quando

a gente chegava em todo lugar a gente era muito bem recebido. Então a gente foi vendo o quanto isso era importante pra gente, né; a gente ter crescido na comunidade”.

Griffinia conta que em virtude das formação que participara, com pouco tempo se tornaram facilitadoras de dinâmicas e projetos, como PIMC. “Depois as outras formações a gente sempre teve à frente. Nunca, acho que em nenhum desses anos a gente ficou fora dessas formações. A gente se envolvia com banco de semente, construção de cisternas de produção, as formações nos eventos femininos... A gente sempre foi assim. Sempre estive à frente, mesmo que pra contar a nossa história, mas também pra animar os momentos. Essa parte, pra o grupo de mulher, o mais importante pra gente foi isso. Acho que o conhecimento, a carga que a gente tem à partir do nosso trabalho”.

Por conta dessa atuação comunitária a ideia de se tornar professora começou a germinar nos sonhos de *Griffinia*. “À partir daí, na minha vida mesmo, eu disse ‘Não, se eu já tenho essa facilidade de falar, se meu pai sempre disse que a educação tem que ser em primeiro lugar...’, aí, então, eu fui fazer um curso de Pedagogia, que aí eu sabia que isso na minha trajetória já ia me ajudar. Que eu já tinha facilidade de falar, de expressar, e também de passar os conhecimento. Então, disse ‘Não, vou pra Pedagogia, que eu vou poder também ficar no campo, poder arranjar uma ocupação aqui, sem precisar ir procurar uma profissão mais longe”.

Mesmo o beneficiamento das frutas não resultando em grandes recursos entre elas, *Griffinia* conta que seu curso conseguiu ser pago através da renda do grupo de mulheres. “Claro que eu também, a partir daí, eu fui pegando contrato nas prefeituras, ensinando a jovens e adultos. Mas tinha mês que eu num tava contratada e aí o grupo atrasava e quando eu recebia pagava, e era assim... Agora tô ensinando em Frei Martinho (PB), cidade depois de Picuí. Eu fiz o concurso público de lá, passei, aí aqui [em casa] só passo final de semana, Porque hoje aderimos à greve, aí tô em casa”.

Ela fala sobre o emprego de professora e da dificuldade que é a mudança para outro município. “Eu estou lá pela necessidade, e também porque eu gosto de ensinar. A gente num pode dizer ‘Ah eu fiz um curso de Pedagogia agora num vou...’, né, meu sonho era ser professora”. *Griffinia* casou-se e foi morar com o marido na casa da sogra, que é também sua casa. A filha e o marido ainda continuam lá. “A mudança ainda tá sendo difícil, porque aí, por exemplo, tudo o que eu fazia mais ele, esse negócio de ir buscar no roçado, pegar palha, cuidar do gado, eu sempre fiz isso. Agora ele tá fazendo tudo sozinho, mas final de semana

quando chego, tá sobrecarregada como sempre, né, daí tem que ajudar, arrumar a casa... E assim, os prêmios⁸² foi mais, assim, por conta da trajetória da comunidade, claro que foi a questão pessoal, de eu ter ido também... Que aí eu também nunca gostava de fazer uma coisa só, né, eu sempre tinha... Tem hora que eu fico doidinha! Eu num sei se eu sou consultora, eu num sei se eu sou agricultora, eu num sei se eu sou professora, eu num sei se eu sou dona de casa [risos], Meu Pai do céu! Ainda fui vender Natura pra ajudar também na questão da renda pra poder viver uma vidinha melhor. E aí fomos, aí quando eu fui pras primeiras reuniões já, que com... Com uns meses eu me tornei consultora, aí a gerente me conhecia já e diz ‘*Griffinia*, tu tem um trabalho tão grande na comunidade, por que tu não se inscreve? Tem um prêmio que faz um trabalho com mulheres consultoras, que tem uma questão social’. Aí eu me inscrevi, e à partir daí, quando a gente ganhou, e aí eles também vieram, nos acompanham... [...] E aí quando o pessoal da Natura veio, eles ficaram mêi doido assim, com o tanto de coisa que a gente fazia, porque a gente era dona de casa, eu estudava num sei aonde, aí ia pras formação... [...] Era muita coisa e tinha hora que você ficava doidinha”.

Ela conta que veio uma equipe da universidade fazer um trabalho com elas para melhorarem a questão financeira. “Então elas dizia que a gente teria que focar mais pra ter esse papel, né, e até hoje o povo da viabilidade econômica nunca entendia como era que esse grupo funcionava. É porque a gente, por exemplo, a questão de você pegar uma moto e ir buscar imbu... Não, a gente nunca contava tudo que a gente gastava... Da gasolina, namm! *Guzmania* ligava o telefone pra cima e pra baixo vendendo as coisa. Nunca butemo um real no telefone dela, né”.

Por não terem uma geração de renda fixa, elas não eram mal compreendidas, e essa falta de informação resultava num certo preconceito. “Quando a gente começou esse trabalho, que antigamente a gente era vista mais, assim, [como] as mulheres que não tinham o que fazer, ou que o marido não ligava, ou achava até que levava chifre, que a gente saía e passava uma semana... Passava dias fora de casa, e aí ‘Ah, aquilo é um besta!’, ‘Aquela mulher só vive para todo canto’, né [risos]. E aí o preconceito da, da... Até mesmo outras mulheres que... Até minha família ‘Não sei como ele aguenta um negócio desse’, meus irmão, às vezes brincando, né. Dizer essas coisas e eu ‘Apois ele nunca disse nada, não’[risos]”.

“Eu acho que a maior dificuldade nossa, que a gente enfrentou, de início foi o preconceito realmente das pessoas. As pessoas não acreditavam que isso tinha futuro. Trabalhar com umbu, diziam ‘Ah Meu Pai, isso é umas doida! Trabalhar com umbu e vão

⁸² Prêmios Cláudia e Natura, que ela se inscreveu pra concorrer enquanto grupo e ganhou.

fazer o quê?’. Aí depois não acreditavam, né, que a gente tinha capacidade de trazer algo de novo para a comunidade. Também não acreditavam no nosso potencial, né, que a gente era formadora. A gente ia pras reuniões e às vezes trazia as coisas pra cá e as pessoas não acreditavam”.

Elas tiveram que trabalhar muito para mostrar que o que faziam tinha seriedade, e foi com o tempo que elas conquistaram certo grau de respeito e admiração na comunidade. “À partir daí a gente já viu que as mulheres já vêm com outros olhos, né. E aí muitas mulheres querem estar onde a gente tá, né, querem saber como é que a gente faz ‘Ah, eu fico bestinha como é que você consegue fazer isso! Eu mermo, meu marido num deixa...’. Né, porque às vezes elas não querem, elas não vão. Tem muitas mulheres que elas se acomoda naquele lugar onde estão aí ficam dizendo, assim, às vezes ‘Ah, meu marido não deixa!’. Às vezes nunca tentou ir pra algum lugar, de querer sair desse mundinho fechado... Que muitas mulheres só ficam... Num tô dizendo assim, a gente não tá julgando, mas muitas mulheres, assim, se acomodam na questão de tá dentro de casa, dependendo, sabendo que podem. Às vezes mulheres têm capacidade, que tempo de estudar, tem capacidade de evoluir, mas... Eu acho que não é o machismo, não é essa questão...”. *Guzmania* comenta que é o comodismo e *Griffinia* ficou sem saber qual era a palavra exata que queria dizer.

Nesse entendimento que pode ser por comodismo, ela exemplifica com um caso que experienciou recentemente, com sua visão de professora. “Eu tava conversando com as meninas no Arraiá daqui. Meninas nova. Nova! Assim, namorando – que eu sei que eu namorei também nova, mas aí quando eu namorava eu não pensava que eu ia namorar e que eu ia deixar d’eu poder estudar, eu ia ter um filho e eu não podia mais ir pra nenhum lugar – Mas aí eu vi lá duas meninas, umas moça, mocinha agora, falando que não vai mais estudar ou que não vai terminar o estudo... Que estudo é que elas vão terminar, né? Elas acham, assim, que, por exemplo, terminar o ensino médio é terminar, terminar o estudo. Mas aí num pensam na evolução de querer outra coisa, né. Aí diz ‘Ah, mas aí fui inventar casar!’, e eu acho que se inventou não há nenhum impedimento. Né? Não é impedimento”.

Em seguida, ela consegue identificar a palavra que não lembrava. “Eu acho que é como se fosse... A cultura. Pronto! Minha mãe fez isso e eu também vou querer. Ou até a mãe dentro de casa ‘Ah, menino vai pra escola fazer o quê?’ [...]. Então, assim, a cultura é muito impregnada [em] achar que as pessoas da zona rural, ou mulheres que vão se casar não vão ter mais outras oportunidade”.

Assim, ela mostra a importância que o Grupo Mulheres Filhas da Terra possui para ela. “Acho que o grupo sempre foi nosso carro chefe. Sempre foi aqui... Se eu for pra

qualquer lugar, né, mesmo eu estando em Frei Martinho eu estou lá falando que sou uma agricultura, faço parte de um grupo de mulheres que beneficia fruta, né, que faz isso, que comercializa, que dá formações... O grupo, pra gente, sempre foi isso, né. De onde a gente chegar, a gente tinha o exemplo de dizer que a gente faz isso, a gente é isso, a gente chegou à partir do grupo, todo trabalho com o grupo, né. Eu acho que eu não me vejo chegando em algum lugar e dizendo que eu não sou mais do grupo, que eu sou só uma professora [...] Acho que, assim, o grupo sempre foi nessa questão também, dessa vontade ainda da terra, né. A gente foi criado muito nisso. Até, por exemplo, *Guzmania* morava em Picuí, e quando veio morar pr'aquí, mesmo não tendo essa participação da agricultura muito forte nela, mas se apaixonou pela terra, né. [...] Aí *Guzmania* tem muito mais forte, assim, da comercialização, né, do comércio, trabalhou muito no comércio, aí eu acho que, assim, a gente juntou muito essa coisa das pessoas que tavam na terra com aqueles que tinha habilidade de comércio. E no grupo a gente sempre fez isso 'Ah quem mais tem mais facilidade pra isso? Ah, vai pra cá... Quem vai pra'li?' [...]. A gente entendeu que cada um tem um jeito, mas que todo mundo, se *Guzmania* não tiver a gente consegue, se eu não tiver outra pessoa sabe fazer um doce. Eu sabia que ali era o meu lugar, então eu ia pra'li. Hoje todas sabem fazer todas as atividades”.

Depois prossegue se expressando sobre o sentido que faz para ela participar dessa organização. “Talvez nos outros grupos que talvez você vá, você não vá achar diferença, porque é esse sentido, esse negócio, de não querer ter só dinheiro. É de a gente tá junto. Quando começar os imbu 'Ah, vamo fazer!'. Mesmo que num vá... A gente já perdeu, teve uma época de a gente não vender quase nada. Acho que foi o ano 2016⁸³. A gente fazia, fazia tudo e não tinha venda, mas a gente queria tá lá, né, naquele espaço de você sair de casa e ir simhora pra lá, passar o dia todin, mesmo que cansada, mas era o momento onde tava todo mundo junto, de 'Ah, tá cansado, mas vamo simhora pra reunião'.”

Por morar em Frei Martinho durante a semana, ela sente uma falta de participar das dinâmicas comunitárias e do próprio grupo de mulheres, e sempre tenta reafirmar em sua fala que pertence ainda às Mulheres da Terra. “Acho que... Que a gente ainda tem muito para dar, né, porque muitas vezes eu posso tá em qualquer outro lugar, mas se, por exemplo, eu chegar em um final de semana e tiver precisando, eu vou tá do mesmo jeito. Claro que a questão de participação, de divisão é totalmente... Não é uma questão de dizer 'Ah, eu tô hoje aqui, porque eu tô precisando', que quando a gente entrou era muitas [dizendo] 'Ah, a gente

⁸³ Ela não participou da ocasião da construção da linha do tempo com o restante do grupo, mas conseguiu desfazer a dúvida que ficou a respeito do ano de 2016 com esta fala, pois nenhuma das outras mulheres se lembravam do que tinha ocorrido neste período.

precisa, a gente precisa duma renda, a gente precisa disso’. Mas a questão de participação, se tivesse um evento e dizem ‘Ah, *Griffinia* chega tal dia!’, pronto, aí tá participando, eu acho que eu me sinto ainda o grupo. Da mesma forma que eu me sinto agricultura. Assim que eu vou chegando, já vou tirando a mochila, já trocando de roupa, já sei que na hora que eu chego vou ajudar a criar gado, a cuidar do gado. Então, dentro da gente sempre fica essa questão de ser agricultora [...]. Eu acho que de não estar produzindo é totalmente diferente de você não ser do grupo, de não ser da comunidade. De você tá fora, mas você contribui da maneira que você vai podendo, né”.

Essa distância provoca em *Griffinia* a vontade de voltar a estar mais presente no convívio familiar, porém sem abandonar a carreira de professora. “Muitas vezes a gente não tá fazendo essa ligação com a terra, com a agricultura... E mesmo a gente, a distância é muito grande. Eu queria trabalhar no mesmo lugar. Meu desejo no momento é esse, né. É trabalhar no mesmo lugar da minha família, claro. Seja onde eu estou trabalhando, ou seja aqui, mas que eu possa ter a família toda reunida, porque isso também é muito sobrecarregado. Porque eu vou e volto e a carga nem é só emocional”.

Ela fala que o principal triunfo do grupo foi ele ser alicerçado no compromisso, na valorização do crescimento pessoal de cada uma e na autoestima, por proporcionar a todas elas se sentirem capazes de chegar a qualquer lugar, “de dizer assim ‘Ah, a gente chegou aqui, mas a gente tem que evoluir, eu não posso parar aqui’. [...] Eu demorei muito pra ter condições de estudar. Como sou filha de agricultores, e eles não tinha condições de manter. Quando eu terminei o ensino médio, eu passei pra química na UEPB⁸⁴. Eu fiz o vestibular, mas não tive condições. Não tinha onde ficar. Não tinha condições nem de ir e vim, tinha que ir morar, trabalhar na casa de uma pessoa para poder ter condições de ficar. E aí meu pai nunca quis que a gente fosse empregada doméstica. Ele não queria e não queria”.

Como algumas disseram, ela aponta que até hoje a comercialização é uma das maiores dificuldades. “A gente batia as porta das prefeitura e eles diziam ‘Ah, suco de umbu num presta!’, ‘Ah, as criança não bebem!’. E também a aceitação do produto, né, que por ser uma coisa nossa, as pessoas não... E quando você chega num lugar com suco do umbu o povo fica tudo louco e aqui a gente dizia ‘Como é que pode?!’”. Ela deseja que o grupo permaneça unido apesar de entraves como estes, “que seja produzindo pouco ou muito, mas que continue, porque às vezes a gente viu, a gente percebeu que o nosso grupo não é uma questão de capital, de ter recursos, né. É de ter aquele espaço onde pode ter formação, um espaço onde a gente

⁸⁴ Universidade Estadual da Paraíba.

possa se reunir, um espaço onde a gente possa produzir, participar de uma festa, como a festa da Semente da Paixão ‘Ah, a gente não tem pra vender, mas a gente tem pra ofertar, uma doação’. Meu desejo é que o grupo ainda exista no futuro, mesmo se tiver alguma dificuldade, mas que ele permaneça. Vários grupos que a gente já passou, muitas pessoas já ficaram pelo caminho, de outros município, né; por conta disso, que eles não têm essa ligação com a terra, essa ligação com a cultura, porque já se acabaram muitos grupos, porque não teve venda, não teve renda, e aí as pessoas se apartaram”.

Griffinia nutre uma grande admiração por suas amigas de grupo, mas é na sua mãe que ela reconhece uma figura feminina que tem como referência. “É a minha mãe, né, minha mãe sempre foi muito forte, sempre trabalhou muito. Eu acho que é um exemplo... E assim, acho que também trabalhou tanto que passou do limite, que hoje tem várias coisas do tanto que trabalhou”. Da própria história contada por ela, percebe-se que essa mãe está onipresente em seus diversos trabalhos desenvolvidos. É uma “menina” para o grupo, mas uma mulher que não tem medo de trabalhar, como também nunca teve medo de fazer o que gosta. “Quando era mais nova, meus irmãos eles nunca gostaram de sair. Aí eu dizia ‘Pai, eu tenho uma festa em tal lugar’, aí ele dizia ‘Vai mais quem?’, e eu arrumava com quem ir, eles ficavam dizendo ‘É o macho da casa!’. Eu dizia ‘Eu sou mulher, mas eu gosto de festa, eu gosto de dançar. Eu não tenho medo de falar com meu pai, e ele disse que eu posso ir, eu vou mimborá’. Sempre gostei de futebol [risos]. Então as coisas que eles dizia que era de homem, eu sempre gostei. Nunca tive dificuldade em ser mulher. [...] Agora o que eu passei enquanto mulher só foi nessa parte de eu querer ser, de fazer tudo o que eu queria e as outras pessoas estranharem porque eu era mulher. Só acho que foi isso”.

6.12 *Fridericia*, se até cada dedo é dum tamanho diferente

A casa de *Fridericia* é unida à da mãe, não tendo paredes que separem as duas residências. Sua entrevista se deu durante um café, na salinha que fica entre a parte mais antiga e a mais nova da habitação. Sua amiga *Myrsine* também participou, e sua mãe observava a conversa no canto, às vezes dando discretas risadas pelo que a filha dizia. Elas moram na comunidade de Capoeiras, em Pedra Lavrada. “Desde que nasci, que moro, estou aqui e pronto. Nunca saí, não. Eu moro com meus pais ainda, né. Sou eu e dez irmãos e desde que nasci que moro com eles, aí eu casei e continuo morando com pai, mãe e meu esposo. Vai dar cinco anos que nós mora os quatro”. Ela, que ainda aparenta ser muito jovem e não ultrapassar os 45 anos, fala de como é a dinâmica da sua família e comenta sobre o futuro.

“Pretendo ter filhos, eu acho que é porque nós somos velho demais, num vem mais [risos]. Passou do tempo, na verdade. No início meu esposo num queria, aí depois passou do tempo já. Nós já somos véi. Nós já somos véi os dois [risos]”.

Fridericia, que é muito religiosa, agradece muito por ainda ter os pais presentes em sua vida e não ser um problema conviver com eles. “Ah, os pais é o porto seguro, né, da gente. É tudo na vida da gente. E Deus me livre, mãe diz ‘Ah, minha casa, eu tenho minha casa’... Minha casa é aqui, depois da de mãe, aí mãe não queria que eu saísse, aí nem eu queria sair [risos]. Aí foi indo, né, foi casando todo mundo, foi ficando só eu em casa. Aí namorei cinco ano quase... Nove ano ainda, e o marido num queria, o namorado não queria casar e... Aí depois que decidi, aí faz cinco anos. Aí moramo um ano junto, aí faz quatro que a gente casou. Aí continuamo aqui, né, a gente tem algumas coisa, tem a casa, tem cisterna de água de beber, tem cisterna de produção, mas aí a gente ficou aqui... E tamos, graças a Deus, nunca enfrentamo problema nenhum. Eu digo que, se brincar, mãe chaleira⁸⁵ mais ele... Porque tem esse problema, né, às vez sogro e sogra, mas eu acho que é mais quando é a mulher, né, entendesse? Como eu sou a filha da casa, mas eu digo que, às vez, mãe e pai chaleira mais ele até do que eu, é uma coisa com cuidado pra que eu num diga nada, entendeu, como é a superproteção, mas eu louvo e agradeço a Deus por isso, né, porque imagina se num fosse assim, né, e família é projeto de Deus. E eu agradeço a Deus pela família que ele me deu”.

Com origem na agricultura, ela conta como é a dinâmica de produção familiar. “Eu sou agricultora. Eu não tenho outra profissão além da agricultura, não [risos]. Meu esposo cria, mas aqui é tudo grudado, né, que o meu esposo é filho do meu tio, irmão de pai. Aqui era terra de herdeiro aí é tudo pegado. Aqui são duas hectare, aí tem a dele ali, aí tudo quase emendado. Aí aqui vizinho, quando passa aqui a cerca, já é do pai dele. Aí ele cria, como ele já criava, aí tinha cercado pra lá e é muito perto, aí ele deixou pra lá, aí ele cria, caprinos, ovinos ele já chegou a praticamente 50, quase 50 animais de pequeno porte, mas aí aconteceu um problema de família dele, lá, aí vendeu, aí tá com pouquin de novo, mas nunca perdeu, não, sabe, a semente?! Aí ele tem... Bovinos também, tem uma vaca, tem um garrote, bezerro, e eu crio mais a parte das galinha. Já cheguei a ter mais, hoje eu tenho pouca. Tenho só a semente. E hoje também crio uma porca que minha sogra mandou pra eu. É Ludmila o nome da porca [risos]. É porque o nome da minha sogra é Lourdes, porque foi ela que me deu, é filha dela. Mas ela num sabe, não, viu! [risos]. Se essa gravação chegar nela...

⁸⁵ Chaleirar é o mesmo que bajular, adular, oferecer excessiva atenção.

Cuidado![risos]. [...] E assim, meu pai e minha mãe, sempre a gente viveu praticamente da agricultura, né. Além da aposentadoria rural, a renda é agricultura. Aí sempre plantou e eu sempre ajudei”.

Fridericia se considera uma agricultora experimentadora e para esse termo ela possui uma definição: “Agricultor experimentador é aquele que fica experimentando as coisa pra ver se dá certo, faz as coisa, às vezes cria uma coisa que parece até uma loucura, mas pra ver se dá certo. E que outras pessoas faz e você vai fazer também, você vai experimentar também pra depois dali você dizer que dá certo e você passar pra outra pessoa”.

Então foi experimentando e compartilhando suas experiências, que ela se inseriu nas dinâmicas do Coletivo há bastante tempo, *Fridericia* se preocupada em manter a propriedade dentro do que sugere o enfoque da agroecologia. “Assim, pra formiga, pai é uma... Uma bença em relação a isso! Esse ano eu num via ninguém falando que tinha formiga, mas o roçado de pai só era o que pai só falava que tinha. Ele nunca gostou da questão de pulverização. Graças a Deus! Mas nunca, nunca, nunca. Mas pra formiga num tem quem impate, não. Eu num sei o que é isso, não. Ele ainda pulveriza no roçado. Pra formiga. Que não deixa de ser, de fazer mal, de... Mai ainda não é uma barreira, ainda”.

“Pronto! Aí também eu tenho um trabalho também com as hortaliça. No momento só tá dando mermo pro consumo. Num tá, num tem excedente pra feira, mas eu já acho que é uma grande vantagem, porque a pessoa deixa de comprar, e mai que é garantido, já é uma boa coisa”. Além do trabalho na agricultura, ela não se desvincilha do trabalho doméstico, mas tem consciência que é necessária a divisão de responsabilidades. “Quem se importa com as coisa de casa, quando cê sai... Mas antes de sair faz mêi mundo de coisa. Não, aqui a gente sempre trabalhou, são nove, como eu disse, são três homem e seis mulher, então a maioria que tinha pra ajudar mermo, desde sempre, era nós, mulher, e a gente sempre pra, pra... Pro roçado. Pai ia buscar lenha, nós ia também. [...] Mas aí, pronto, em casa pai, se mão num der a colher, pai come com a mão, se mãe num leva a roupa, pai num veste... Hoje mermo ele tava almoçando e ele queria caldo de feijão e ficou esperando, aí mãe ‘Por que tu num vai botar?’, [e ele responde] ‘Porque vocês sabe que é vocês que bota’, aí eu fui, me levantei e fui botar, mas é assim, ele num gosta muito dessa parte de dentro de casa, aí ele diz ‘Não, esse serviço é serviço de mulher’, aí ele dizia que era pra eu arrumar uma pessoa que... Ele dizia ‘Tomara que tu arrume um do mermo jeito ou pior’, mai por certo é obrigado a pessoa arrumar uma pessoa... Desse jeito?! De eu dizer ‘Eu vou ficar com você até que a morte me separe...’, eu digo ‘Mai tinha muita graça!’. Às vezes até eu brindo mais meu marido. Eu digo ‘Tá pensando que se fosse assim eu tinha dito até que a morte me separe? Meu fii, creia em

Deus!’ [risos], porque, né, às vez a pessoa brinca, mas isso é sério, uma coisa da vida inteira, né, quando você toma uma decisão dessa é porque você... Realmente é aquela pessoa, né, então você num pode. Tem que escolher alguém que vá... Ser uma parceria, né”

Sobre a cumplicidade no seu casamento, ela diz que é fundamental, e que as pessoas precisam ver os seus casamentos como parcerias. “Vó sempre dizia ‘Vamo aparecer’, mas é engraçado, né, porque na verdade era uma maneira de falar, mas é um ‘parceiro’, né, mas num sabia falar, invés dizia parecer. E a gente achava que era um nome tão fêi, quando na verdade é um parceiro, que a gente precisa ter alguém ao nosso lado, que seja realmente um parceiro, pra tá com a gente, pra fazer essa divisão. Mas em casa, como eu disse, né, ele me ajuda, graças a Deus”. Mas antes seu marido não colaborava. “Ele morou dez anos fora, em São Paulo, aí ele dizia que lá fazia tudo, morava mais um primo, aí fazia, né, que trabalhava, quando chegava em casa ele dizia que era quem cuidava da casa, era quem cuidava da alimentação, quem fazia compra era ele, mas aí quando ele chegou [aqui], ele num fazia nada, não. E quando a gente começou a namorar mermo, quando ele veio morar aqui com a gente, ele num gostava de fazer as coisa muito, não, dizia que fazia, eu digo ‘De que adianta tu dizia que fazia e hoje num fazer?’, mas aí ele começou. De um tempo desse pra cá, ele já me ajuda, quando eu tô lavando roupa, ele vai colocar no varal... No começo ele só ficava olhando pros canto. [...] Aí hoje ele tira roupa do varal, ele dobra, quando eu lavo muita roupa ele ‘Ai meu Deus isso tudo é pra nós dobrar?’, eu digo ‘É, é nós dois mais tarde, que num é só eu, não’. Aí, pronto, hoje de manhã a gente foi apanhar um feijão que tinha no roçado ainda, até pros porco, aí eu digo ‘De tarde cê vai varrer a cara pr’eu passar o pano’, [ele dizia] ‘Num precisa tu passar o pano na casa, não’... Só pra num varrer! Eu digo, ‘Não, eu vou passar’ [...]. Às vez quando eu ia pro roçado mais mãe e pai, que ele num ia, aí eu ligava ‘Vai ajeitando alguma coisa pro almoço’, aí ele faz assim algumas coisa. Num é dizer que ‘Ai, já tá 100%’, num tá 100%, mas também num tá ruim, não, porque o que eu num via antes, hoje eu vejo! Aí graças ao envolvimento da gente, né, nas coisa, porque se num fosse isso... A gente nascia, morria, sendo Amélia⁸⁶, né, no pé do fogão, fazendo tudo, porque achando que se num fizesse aquilo ali achava até que era pecado. Porque achavam mesmo! ‘Não mas você se casa pra isso, pra ser ali...’ Pra ser escrava! E na verdade, não é isso, você tem que ter essa parceria”.

⁸⁶ Referência à canção "Ai! que saudade da Amélia" (comumente chamada apenas de "Amélia") composta por Mário Lago (letra) e Ataulfo Alves (revisão e música). Lançada em 1942, a letra da música traz uma compreensão dominante dentre aqueles que analisam a letra, de que possui um conteúdo sexista, passando o estereótipo de mulher submissa, resignada e “dona do lar” como o “ideal” (FARIA, 2014, p. 105).

O conflito de gerações é uma característica que ocorre devido às diferentes vivências que os pais dela tiveram e que ela e o marido tiveram, se afigurando para *Fridericia* como uma superação diária. “Às vezes eu peço as coisa ao meu marido e pai ignora, pai diz ‘E por que tu num vai pegar?’, eu digo ‘E por quê que ele num pode pegar?’, mas ignora, né, achando ‘Como assim? Ele quem vai fazer?’. Às vezes eu tô assistindo televisão de noite, aí eu ‘Traz café pra mim! Vai pegar bolacha, num sei aonde, num sei aonde...’ e ele pega, né, ele nem reclama. Mas é coisa que tem gente que acho que se ver acha que aquilo é o fim do mundo, porque o homem tá ‘Como assim, a mulher sentada e o homem fazendo?!’, como se se ele pedisse a pessoa num fosse fazer. E quando pede a gente faz e nem reclama, né?”.

Fora do grupo familiar, *Fridericia* se inseriu também na igreja, e o envolvimento com as outras pessoas da comunidade no espaço religioso fez surgir o Grupo Mulheres Camponesas do Semiárido envolvendo as duas comunidades próximas, Coalhada e Capoeiras. “O trabalho da gente iniciou-se enquanto comunidade, né, enquanto a parte religiosa. Porque desde o... Quando foi pra construção da capela, nos anos oitenta (1980), [...] quando pedia as doação pra construção da capela”

A capela se situa na comunidade de Coalhadas. “Aí foi mais fácil e é até hoje, né, mais fácil essa organização até das famílias por causa da parte religiosa, porque já tão ali, né, em celebração, tá ali no mês de maio, tá ali em campanha de fraternidade, em advento, em Natal, nas missas... Aí a partir dali você já tem esse, esse... Envolvimento com as pessoas, essa proximidade, e a partir daí foi onde surgiu, né, à partir da participação dessa organização nos outros espaços, né, quando chegou as cisternas da água de beber, que *Myrsine* foi quem foi pra reunião, e a partir disso foi surgindo outras coisa e a gente foi só se... Envolvendo. Aí foi onde surgiu-se a necessidade de formar, montar, também, esse grupo devido à questão de que tinha muito imbu, né, que tinha muito caju. Que na época tinha, né, muito caju em todo canto tinha. Hoje não, os cajueiro já morreram devido à seca”.

O marido para ela se tornou um parceiro até nas questões religiosas. “Hoje, como eu já dizia no início, meu marido tá comigo nessa e quando eu preciso, né, ele também vai comigo, se for precisar pedir alguma coisa pra alguém, ele vai comigo. Eu digo ‘Vamo, porque se a gente não tem pra dar, mas tem alguém que tem’. Eu peço a quem tem, quando eu quero pedir uma coisa eu vou mermo na cara dura. [...] Esses dias a gente fez até uma feijoada beneficente, aí eu ‘Tô precisando disso!’, se alguém num quer dar é outra história. Eu peço mesmo, num tem isso não. Se alguém tá precisando e eu num tenho pra dar, mas eu sei que o povo tem, então vamo pedir. Se não der, o não eu já tenho. E pronto, se não quiser ajudar, azar do lôro!”.

O grupo surgiu na mesma época em que as comunidades reativaram a associação⁸⁷, sempre com as mulheres afrente. “Já tinha existido a associação, mas aí tinha tido alguns problemas, aí foi... E acabou dormindo. Aí a gente reativou a própria associação, aí começou, né, as reuniões mensais aí foi pela questão que a gente dizia, tanto pelo reaproveitamento das frutas, quanto a questão nos hábitos alimentares mesmo, que era a questão que a gente fazia reunião, faz até hoje, e fazia sorteio pra que alguém fosse levar o lanche. Aí surgia, né, no início com kisuki, surgia a questão do refrigerante. E quando a gente iniciou o trabalho aí foi incentivando as pessoa pra fugir disso. Pra levar suco de fruta. Mudança de hábitos alimentares tanto em casa com a família, quanto na própria comunidade”.

Ela conta que quando começaram não tiveram muito apoio. “No início era mais complicado, mas aí devido as formação e as informação, né, a questão da própria divisão do trabalho... Aí os marido começou a ajudar, né, a tirar as fruta, a contribuir no trabalho, mas no grupo mesmo só trabalha mulheres”.

Fridericia comenta que o grupo é importante por proporcionar renda às famílias, mas tem algo além disso. “Eu acho que... A questão não é nem da... Assim, que eu digo, que naquele dia até as menina em relação ‘Não num é a renda’... É a renda também! A gente num pode dizer que a gente tá no grupo só por causa da renda, porque passa às vez três, quatro, cinco mês sem a gente receber nem um centavo. Então se fosse mode o dinheiro a gente não estava lá. Mas é a questão desse grupo, né, porque no grupo é onde você, um grupo só de mulher onde você vai, onde é um espaço onde você conversa, né, só com mulher, que você pode conversar tudo que você quiser, se depila [risos]. Desopila! Né, *Myrsine*? É, e eu acho que é isso, é mais esse engajamento. Assim, a gente já, infelizmente, né, já enfrentou alguns problemas... É que, quando se junta, né... Até os dedos da mão da gente, cada um é dum tamanho diferente, né, imagina quando juntar sete mulher, cada uma... É o mesmo ideal, mas cada uma pensa da sua forma, né. E isso, de vez em quando nós se pega, de vez em quando tem uns gargalozinho, mas assim, foi uma luta tão grande que eu digo ‘Eu num saio, não’, a gente lutou tanto que eu num acho nem justo hoje depois de uma caminhada, tudo pronto, você deixar pra trás, eu digo ‘Deus me livre!’, até porque foi por causa do nosso trabalho, de meter a cara, de tá nos canto, de tá passando dois, três dia fora de casa, ou de passar um dia inteiro que você, hoje você tem o que você tem. Não é justo você jogar pro alto, jogar a toalha... não existe isso, né. O grupo pra gente hoje é uma parte da gente. E assim, a gente fica

⁸⁷ Associação de Desenvolvimento Rural de Coalhada, Capoeiras e Região (ADERCCOR).

conhecida, né, ‘Ah, as menina lá da associação, é as menina lá do grupo!’, né, termina tendo essa ligação da gente”.

O início, como ela frisa muito, não foi fácil, e precisam reconhecer o que já conquistaram até hoje. “E assim, se fosse pra desistir, porque a gente hoje tá com a casa montada, né. Pode dizer que hoje tá *ok*, mas e se a gente vê quando a gente iniciou em 2009?! Se fosse esperar por beleza, né, a gente iniciou na casa de uma família, na casa de minha irmã, passou um tempo lá, depois foi pra casa da mãe de nossa amiga. [...] E se fosse desistir a gente tinha motivo de sobra pra parar no mêi do caminho, até conseguir um espaço hoje que é só nosso, é só da gente trabalhar”.

E pelo trabalho define as Mulheres Camponesas do Semiárido. “O grupo pra mim mesmo é resistência, é força, né, é fortalecimento do trabalho da gente, é um pedaço da gente, né, e é uma responsabilidade nossa. É muito bom, sinceramente. Não é fácil, porque quanto mais a gente consegue as coisa, mais a gente sabe que é responsabilidade, né, mas a palavra de Deus diz que a gente, Ele num dá a cruz se a gente num pode carregar... Toquemos o barco adiante, né? [...] A gente ganha mais do que dinheiro, né, porque ganha conhecimento, esclarecimento, autonomia... E isso ninguém compra, né?”.

Fridericia faz uma avaliação com *Myrsine* sobre as conquistas do grupo, e começa: “Primeira coisa positiva foi o reconhecimento da gente enquanto mulher. É uma das coisas principais, né. Esse envolvimento nos trabalhos, né, é uma das conquistas muito louvável, né, a você a partir desse trabalho você poder ir pra outros locais, você ter mais autonomia, você falar... Até enquanto mulher o grupo foi muito bom pra isso. [...] O próprio projeto que veio agora pra melhorar a questão dos equipamentos, vai ser bom, que a gente tá iniciando agora... [...] Uma das conquistas também que foi muito boa, o espaço da casa também, né, que no início a gente se reunia de todo jeito e hoje a gente tem a casa. Uma casa e equipada! É fruto do trabalho da gente”.

Depois *Myrsine* complementa: “Não sei se o PNAE também, que desde que a gente começou, a gente acessa... É uma conquista! Ó, o município aqui vizinho de nós, Pedra Lavrada, elas não acessam o PNAE, né, e nós desde o início, quem faz sou eu o projeto, são sete mulheres, mas quem vem fazendo sou eu. Todo ano eu digo ‘Esse ano eu não vou, que eu tenho medo de perder meu Bolsa Família’, aí vou, faço projeto, faço isso, quando elas dão fé eu já tenho assinado. E esse ano a gente já até recebemos. Naquele dia que tava repassando, era do PNAE que eu recebi e passei pra elas. Eu creio que é, que foi uma conquista, né desde o início a gente acessando PNAE”.

E como desafios *Fridericia* indica que ainda é a questão da comercialização, porque só conseguem acessar o PNAE. Além disso, tem a questão do selo de inspeção, que não conseguiram. “É desafio, porque o cerco vai se fechando, né? Compara as polpa que a gente faz, praticamente artesanal, com fábrica, né, então precisa do selo do mesmo jeito. Dependendo do mercado que você faça isso sempre precisa. [...] e outro desafio que é menor, é que ainda existe, assim, uma falta de comunicaçãozinha entre o grupo, e sempre existiu e sempre vai existir. A questão de pessoas mesmo... Muitas decisões, num comunica ao grupo, você toma sozinha... Isso num é pra acontecer, isso é um desafio, né. A questão que a gente tinha um calendário fixo pra trabalhar, tinha não, ainda tem, mas se surgiu uma fruta, você faz sozinha e num chama ninguém, aí depois se você recebe por dias trabalhado, eu vou ter trabalhado só, vou passar na sua frente bonitin. Isso é um desafio, isso num pode acontecer. Terminei eu querendo passar a perna no grupo, né, [...] a questão também da entrada e saída de pessoas, não é comunicado... [...] Tem coisa que foge da... Que a gente não consegue resolver, mas tem coisa que dá pra conviver, numa boa, sem precisar nem tá com guéri-guéri com ninguém. É porque, assim, eu sempre tenho muito cuidado com isso, eu tenho medo com isso, porque comunidade todo mundo é da família, se tá na religiosidade é tudo ali da família, cê fica medindo as palavra pra dizer com o povo, porque qualquer coisa que você disser, você vai ofender o povo praticamente de casa, aí o grupo de beneficiamento também, são só gente família, qualquer coisa que você disser pode ofender a família... É complicado! Aí tem que ir caçar a melhor maneira de resolver os problema sem trazer problema maior. Pra ninguém”.

O trabalho das mulheres nas duas comunidades despertou o interesse de muita gente depois que viram que elas estavam desenvolvendo o local em que vivem, e isso exigiu que elas tivessem uma maturidade de não atrair interesses alheios a eles. “No início do programa das cisterna mermo, teve um que começou, né, querendo ter vantagem nisso, mas aí quando a gente descobriu, quando a gente vai aprendendo as coisa, né, a gente vê que sabe fazer sem precisar de tá com essa questão de colocar política. Porque a gente quer políticas públicas e não política partidária, porque a política [até que] é boa, o problema é que a gente foi ensinado a achar que a política num presta, aí a gente diz ‘Mas os político num presta e num sei o quê’, a gente é muitas vezes quem não sabe escolher, e não estamos escolhendo a pessoa certa pra representar a gente”.

Além de ser complicada essa relação com a política, dentro das comunidades como em qualquer outra, ocorrem conflitos de interesses, sendo muitas vezes elas quem intermediam as conciliações. E quando é lidar com mulheres, *Fridericia* fala que já tem um pouco de experiência, visto já ter trabalhado com formações em temáticas de gênero. Assim, conta

como vem sendo difícil a superação de conflitos quando envolve violência contra a mulher. “Ainda tem, porque tem coisa que a gente não vê como violência e é, né. Principalmente a violência física pode ter, ainda tem, né, que ainda existe. Mas num é tanto quanto antes. Mas a psicológica, né, que é uma das mais forte que tem, né, porque... Claro que a física você apanha, mas aí a psicológica é aquela que você fica, né... Às vezes a física é como *Myrsine* traz, né... Ela hoje conta com uma naturalidade que qualquer pessoa poderia ainda até ter esse trauma, né, mas ela conta, que a gente percebe no próprio relato dela, que é uma coisa que passou, né, ela conseguiu virar essa página da vida dela com uma naturalidade que não é qualquer pessoa que faria, né. Enquanto acho que a psicológica é uma das mais fortes que tem também, né, que você fica só martelando aquilo, né, da pessoa dizer... A violência do esposo, né, com a esposa, de chamar de feia, de gorda, de uma série de coisa assim que, às vezes, né, que você fica achando que é, e chega até a uma depressão devido a essa violência psicológica, que você nem acha que é violência. Mas existe, infelizmente ainda existe. Não tanto quanto antes, mas ainda existe”.

Em seguida ela fala do que significa ser uma mulher com as responsabilidades que ela conquistou, baseando-se principalmente na construção de um discurso próprio, que para ela todo mundo deveria ter. “Tem decisões que é até bom outra pessoa interferir nelas, mas tem coisa que não. E aí, eu não posso decidir minhas coisas porque eu sou mulher?! Alguém vai me dizer? O marido vai dizer em quem eu vou votar, eu digo ‘Meu fii diga em quem você quer que eu vote!’, só que quando eu for votar eu tô só... Ele pode até dizer, né, mas eu vou votar com ele?! Tem coisa que eu vou fazer se eu quiser, porque eu vou tá só mesmo. Então ser mulher é enfrentar, né. Cada dia é desafio de todo lado, mas você não vai deixar de ter opinião própria porque você é mulher. Você não pode deixar de ter opinião própria. Tem momento que você precisa [se] silenciar, mas tem momento que você tem que falar. E eu fico doente num momento que é pra decidir uma coisa que as pessoa fica calada, aí quando sai na porta diz ‘Fosse eu tinha dito assim, assim, assim...’, eu digo ‘Não, aqui não resolve nada, não. Você tem que dizer na hora, no ato: não, é assim, assim, assim’. Não é que você é o Deus da história não, nem você vai dizer ‘Todo mundo tem que me seguir’, mas você precisa ter opinião própria. Você precisa dizer ‘Não, eu penso assim’, não é que a forma dos outro pensar tá errado, não, mas você tem que ter sua opinião. Você vai ser sempre maria-vai-com-as-outra?! De forma nenhuma! Você tem que ter opinião. Ser mulher é você ocupar, realmente, o seu espaço. É você ter essa dignidade, é saber estar nos espaços. Não é levando, não é querendo ser mais que ninguém, mais que o homem, não é isso, né. É ocupando, realmente, o seu espaço de mulher. O espaço do homem é do homem e o seu é o seu, e que o homem

também não pode interferir nesse espaço, porque esse espaço é seu, unicamente seu. [...] É isso, né, ocupar o espaço, não ter medo de falar, de agir, de fazer nada”.

Consciente de seu papel e de seu espaço político, ela conta que construiu essa maneira de pensar se inspirando em algumas mulheres. Uma delas foi uma antiga coordenadora do Coletivo, que as acompanharam no início, com a organização da associação. As outras moram mais próximas dela. “Eu admiro *Myrsine*. Num é porque tá aqui, não, mas assim, eu admiro sempre ela, a história dela, que é uma história de superação, que eu conheço de perto. É uma história de superação. E hora ela é uma pessoa que podia ter todos os motivos pra ser triste, pra ser... Por tudo que ela já passou, no entanto ela só passa alegria, felicidade... Na minha mente sempre que vem, né, *Myrsine* é uma pessoa que eu admiro muito enquanto mulher [...]. Claro, que se for puxar da nossa família, né, claro que nossa mãe, mas assim, são mulheres do trabalho, mulheres de luta que traz essa força pra gente continuar também”.

Seu sonho é... “Aprender andar de moto! É! Eu tenho esse sonho! Eu queria ter o meu transporte, EU comprar o meu transporte com o meu dinheiro, e aprender também, porque eu não sei. Aqui tem um transporte, que meu irmão quem deu pra gente, é uma moto, mas meu esposo começou a me ensinar e diz que eu num vou aprender... Aí até ontem eu tava lendo um livro que é *O Poder em Suas Palavras*⁸⁸, aí é o que a gente diz, né, acontece o que a gente diz. Aí às vezes a gente tá tanto num negativismo, [...] e isso é muito ruim, né, mas eu tenho esse sonho mesmo. É comprar minha moto e eu andar na minha moto sem precisar ser no bagageiro de ninguém [risos], porque agora não, hoje é muito bem obrigado, mas antes pra ir pra igreja meu sobrinho era quem me levava, meu esposo nem ia mais eu pra missa, nem ia me levar e era aquele muído⁸⁹, tinha que uma pessoa ir me levar, terminava a missa, ia me buscar...”. Como uma líder comunitária, esse seu desejo em aprender parece que está sempre direcionado a compartilhar para trazer mudanças, o que fica evidente quando ela diz “A gente não muda o mundo, mas muda primeiro a gente, depois a comunidade, depois a sociedade vai sendo a partir disso”.

6.13 *Myrsine*, a raiz da felicidade e da superação

Myrsine é de Cubati e faz parte do Grupo Mulheres Camponesas do Semiárido, que trabalham no beneficiamento de frutas nativas, e vive na comunidade de Coalhadas. Sua

⁸⁸ Escrito por Don Gossett, publicado em 2010 pela Editora Vida Livros.

⁸⁹ Na Paraíba o termo ‘muído’ se refere principalmente a situações de confusão ou perturbação.

entrevista foi em conjunto com *Fridericia*, na casa da amiga. É uma mulher bastante espirituosa e animada, que leva sua graça, suas piadas e seus sorrisos por onde passa. Mãe, e avó, *Myrsine* tem um sonho de ter uma nova casa, é uma mulher dedicada à família e sente falta pela ausência de suas pessoas. “Eu nasci aqui. Nasci e me criei naquele torrãozinho que você teve lá agora. [...] Morava eu, minha mãe, minha filha. E meu marido só vem final de semana, que trabalha distante, e... 11 meses hoje que minha mãe faleceu, e dezembro minha filha viajou pra São Paulo... Ficou eu só, e Deus. No final de semana é que meu marido vem. Aí agora, não, tô com meu filho mais eu em casa, mas já vai voltar a trabalhar e eu vou ficar só. E [meu vizinho] dorme mais eu, afilhado meu. [...] Quem morava comigo era meu outro neto, desde quando nasceu. Aí foi inventar de passear em São Paulo aí diz eles que vem em Dezembro, mas até inda agora ele tava dizendo que tá louco pra vim embora. Eu digo que esse mês eles ainda bate aqui”.

Ela conta com bastante tristeza sobre a ausência da mãe, que era sua companheira de vida, e de uma maneira humorada sobre sua relação com o pai. “Mamãe acho que de uns 70 ano pra cá ela foi perdendo a saúde. Ela tinha diabete, pressão alta, sempre nós vivia em hospital, ia, voltava, a gente ia... Ela ficava às vez na UTI, às vez eu vinha com ela, voltava... Sempre tinha problema de saúde, mas era uma pessoa lúcida, animada, feliz... Quando passava aquela dor já era uma pessoa feliz, nera? Criou os filho, aí criou os quatro neto [...], aí os neto que ela criou foram embora muitos pra São Paulo, aí eu fiquei com ela. Aí eu, com minha filha e com ela. Passamos 18 anos com ela dentro de casa. Passei uns tempo sem morar com ela antes. E eu num tenho pai, não [risos]. Não... Tenho. Mas minha mãe criou a gente sem pai, é. Tem, até agora ele tá ajudando eu e tudo, depois que mamãe faleceu, todo mês ele traz uma feirinha pra eu, todo mês. Não, mas todo mês desde os 11 mês, não. Faz quatro meses, acho, que ele dá todo mês, porque nunca dava nada, agora dá... [risos]. Essa gravação vai pra ele? Tomara que vai que mode ele saber e me dar atenção [risos]”.

Sua mãe foi mãe solo e depois de algum tempo que tinha se relacionado com seu pai, casou-se com seu padrasto. “Não, foi dirmantelo [risos]. Um casamento de... Assim, ela num era casada, não, aí ele, um homem inxirido, né, aí bate na janela, as muié vai fora... [risos] Aí aconteceu! Ela foi, ela casou... Ela casou depois com um senhor que apareceu, de Juazeirinho, aí ela passou uns... Pouco tempo, né, casada. Um viúvo, aí ele enfartou, faleceu. Era de Juazeirinho, lá, duma família lá”. A mãe é lembrada por *Myrsine* sempre a relacionando a algum tipo de trabalho. “Até hoje eu cuidando do almoço e lembrando que ela... Era uma pessoa trabalhadeira, foi quem criou os filho, né, trabalhando, nós... Aí ela criou a gente, foi quem criou nós, e depois criou os neto, trabalhando, e bem dizer no dia que ela faleceu ela

tava trabalhando, que ela fazia os fuxico dela. Num parava, não. Se ela parasse era porque tava doente. Era uma pessoa animada”.

A história de *Myrsine* carrega um passado de sofrimento e superação. “Eu era casada com o pai do meus filho. Passei nove anos apanhando dele, baixando a cabeça e ele dando em mim, riscando eu de faca, darra de cinturão n’eu, bainha de, de facão... Só uma coisa que eu tinha medo que ele dizia que ia dar n’eu era com, com cabo de aço. Eu morria de medo, vendo a hora ele dar em mim, mermo, bebo. Era, eu tinha um medo grande dele. Eu grávida dessa menina que tá em São Paulo, ele arranhou eu todinha de faca, ficou os arranhão em mim, e eu baixei a cabeça, porque se fosse... Vem hoje! Fai 20 anos que tô com esse outo, que trabalha fora... Eu queria que ele arranhasse eu pelo meno com um beliscão p’ele ver agora [risos]. Passei nove ano nas unha desse...”. Ela conta que na comunidade ainda existe violência contra mulher.

Myrsine se considera agricultora e camponesa. Na sua propriedade conta o que vem cultivando dentro da perspectiva da agroecologia e da convivência com o Semiárido. “A gente planta milho, feijão, semente de melancia... Se fosse no INSS eu dizia semente de melancia, semente de jerimum., ninguém num vai dizer que planta jerimum, num é? [risos]. E a hortaliça eu já cheguei a plantar muito, mai agora num tem, não, mas eu vou voltar com meus canteiro, que tem água na cisterna, antes não tinha, mas agora tem, né, tá mais de meia. Eu vou voltar e... Crio bode, cabras, galinha, peru... é uma danação que num tem milho que chegue!... E, antes, sobre o veneno, antes que num conhecia, eu trabalhava mais junto meu sobrinho, aí era... Nós usava pulverizando, não, na formiga. Eu comprava veneno. Até eu mermo saía, mas depois que eu comecei a ver, participando e vendo [das dinâmicas do Coletivo]... Aí eu trabaiava com ele e me dizia ‘Se num comprar veneno, ói, eu num chego nem perto!’, eu dizia ‘Oxen, vai comprar!’, aí ele num comprava com o dinheiro dele, aí usava cal, cinza... E nunca mais na minha vida. Acho que faz uns cinco ano que eu comprei um, um veneno pra colocar em formiga. [...] Assim, pras hortaliça a gente faz, assim, um defensivo natural, né, e quando tem que... É danado pra quando a gente começa plantar, aí começa aparecer uns negoço”.

O trabalho, assim como nas experiências de muitas mulheres camponesas, é uma grande característica na vida de *Myrsine*. Ela evidencia uma vivência de ter por perto pessoas da família que poderiam colaborar na divisão dos trabalhos produtivos e reprodutivos, porém não possuem o que se pode chamar de uma identidade na agricultura. “Lá em casa esse ano mermo eu não plantei roçado, não. Também não deu muita chuva, não. Mas meu filho sempre tá... Me ajuda, mai eu brigando com ele, gritando, mas eles num gostam muito de ajudar, não.

Mas é eles, que ele também, é... Ele morava em Campina [Grande], três anos que eles moravam em Campina, aí chega... É, diferente de quem vive aí, né, mas ele sempre me ajuda. Eu gritando ele me ajuda [risos]. Hoje mermo eu comecei lavar roupa aí fui tirar comer pras cabra. Quando voltei já vinha com a carroça de palma, chego, eles dormindo... Aí foi, findei de lavar a roupa, entrei pra dentro 11 hora, essa muié (a nora dela) levantou-se e só era no celular, aí eu digo 'Hoje eu num faço cumê aqui, não! Nem eu como, nem eles come', mas findei fazendo, e eles comendo... Aí, porque eu digo, é melhor do que ir pras casa, comer nas casa".

Além de colaborar com os afazeres domésticos e da criação animal apenas quando solicitado, ela acusa uma dependência do filho para tudo. "Meu filho ele pede toalha à mulher, pede tudo! 'Me dá isso, me dá aqui', eu fico doidinha, porque a infeliz tem 18 anos, ela vai fazer 30 anos, nos 30 anos ela num vai fazer mais, não. Aí começa... Que eles são casado mermo. Porque num é brincadeira! Agora ela faz e talvez ela faça porque seja lá em casa, na minha vista, até que ela diz 'Eu vou fazer', mas quem sabe dento duma casa... Aí começa a desunião. Porque eu tô dizendo por eles, que é outa vida, num é".

Em falando de trabalho, *Myrsine* comenta como é visto o que elas tem feito na casa de beneficiamento e suas conquistas. "Nos quatro canto do município eles só dizem que nós somos organizadas, né, a associação Coalhada é organizada, tem isso, tem aquilo, outro... Mas eles num sabe a luta que nós temos, né, pra ter a organização. A gente trabalhava artesanal lá. Era peneirinha réia, essas garrafa pet a gente fazia o funil de encher as sacola, e passamos quatro anos esperando os equipamento do Procace, fizemo o projeto no Procace e... Graças a Deus o ano passado a gente recebeu. A gente colocou em prática esse ano. [...] É uma conquista da gente a casa, aí agora fizemo o projeto, ganhamos duas freezer, a despoldadeira, envasador, mesa... Um monte de coisa!"

O grupo, composto exclusivamente por mulheres, além de ser um espaço para trabalho, se torna também um local de partilha, de amizade, onde elas riem e choram juntas. *Myrsine*, com seu humor e irreverência, diz que ser mulher, apesar de todo o sofrimento que ainda passam, é bom e homem só faz falta em alguns momentos. "Eu num me arrependo de ter nascido mulher, não. Tem coisa que a gente ainda não, né... Assim, pronto! Eu crio [caprinos], aí apareceu um bode lá em casa, agora eu tô com medo daquele bode, eu digo 'Oxen, eu maior do que o bode?!' [risos], morrendo de medo do bode! Bebê, o nome! [risos] Só porque ele me deu duas surrinha beeem de leve, eu fiquei com medo dele, aí tô precisando dum homem quando eu vou botar a palma".

No grupo, essas mulheres nutrem sua admiração uma pela outra, muitas vezes atribuída à própria amizade que compartilham. Quando perguntada quem a inspirava ela disse: “Até quando *Fridericia* disse que, dei até uma risadinha, num foi? [risos] Porque eu admiro *Fridericia*. Quando ela disse *Myrsine*, eu ri, porque admiro ela... Ela ter coragem de falar a verdade, assim, ela num treme, não. Agora isso num é porque teja aqui ou onde tiver, não. [...] Eu admiro ela por ter começado depois de mim muito, ela vai fazer formação fora e não tem medo de dizer a verdade, porque às vezes a pessoa teme de falar a verdade assim, né. E [uma amiga] essa noite quando eu tava chorando com saudade de minha mãe, tava conversando com ela, e ela me disse muitas palavra bonita e disse que qualquer dia vem aqui dar umas gargalhada mais nós”.

Após a conclusão da entrevista, que foi vista por ela apenas como uma conversa normal, no final disse: “Apois eu pensava que era tanta coisa difícil!”

6.14 *Dalbergia*, eu o pai e ele a mãe, igual diz o ditado

Imersa no silêncio de dentro da capela situada na comunidade de Coalhadas foi como *Dalbergia* escolheu conversar sobre sua vida. “Eu era da comunidade de *Fridericia*, da comunidade de Capoeiras. Eu moro aqui desde oitenta e sete (1987), mas porque essas comunidade são vizinha, aí todo mundo se conhece. Como a gente falou antes, é uma família só. Agora, participar, assim, é... Tipo assim, em grupo, né, todo mundo junto, como nós vévi hoje foi a partir de 2009, foi quando iniciou essa associação”.

À medida que ela narrava sobre sua vida, sempre com bom humor, revelava a organização de sua família que, possivelmente, seja a mais diferente daquele lugar. “Eu tenho duas moça, uma de 25 anos e uma de 16. Essa bem bonitinha que tá aí é minha filha, afilhada de *Myrsine*. Mas... É... E sim! Tenho um esposo. Aí a gente é uma família que tem quatro pessoas. E vai muito bem obrigado! Em termo de tudo. Só não de saúde, né, que saúde, um dia ou outro a pessoa adoce. [...] Essa história da gente é... Hoje eu tava pensando... Assim, quando ele trabalhava, num lembro há quantos ano, ele ficou sem o emprego, porque o patrão dele faleceu. Aí ele passou mais a se dedicar às coisa de casa, ajudar. Antes ele ajudava, mas num era tanto. Aí depois que ele ficou em casa diretamente até a data de hoje, aí ele passou a ajudar mais. Assim, porque ele é uma pessoa que... Assim, não precisa de você tá mandano, num precisa você tá exigindo, num precisa tá dizendo ‘Ah, por que você num fez isso? Você num sabia que era pra fazer?’, não, ele faz porque gosta. Ele ajuda, porque ele gosta das tarefa de casa. Ele prefere fazer as coisa de casa, as tarefa de casa, do que pedir pra duas moça que

tem fazer, né, ele tem o prazer de fazer e elas ficar bem quetinha no canto delas, pra num incomodar as bichinha”.

Suas meninas ainda moram com ela e cada uma leva uma vida bem diferente. “A que tem 16 ano tá no primeiro ano [do ensino médio], e a que tem 25 ela já... Já terminou os estudo. Ela, ela num fez faculdade porque ela tem problema de asma, aí num teve como ela... Ela estudou três mês, é Filosofia, aí num levou afrente não, porque o pobrema dela num deixou, aí quando foi descoberto o pobrema dela em 2014, aí o ano passado ela teve que fazer uma cirurgia de pulmão. Aí por isso que ela hoje mora com a gente. Num tem, num tem renda de nada, por causa que ela faz fisioterapia na UEPB em Campina Grande três dia por semana. Segunda, quarta e sexta. Vai toda semana nos carro da prefeitura. Aí num tem loja nenhuma, nem fábrica nenhuma que queira um funcionário três dia por semana faltando, né. Aí por isso que hoje ela vévi mais nós, graças a Deus. [A outra menina], o que ela pensa é estudar pa cuidar de animais. Gato e cachorro é o foco dela. Ela só pensa nisso, é [risos]. Mai é fazer que nem diz o ditado, esses adolescente, esses jovem, eles pensa uma coisa hoje, o futuro a Deus pertence, né. Eu possa pensar de querer uma coisa hoje, mas só Deus que vai prever meu futuro, d’eu mudar, né. O meu estudo é o que vai me guiando... Se ela vai estudando e se for melhorano, vai que queira que arrume outa coisa melhor, né, um trabalho até, mai que... Isso dela disse de estudar pra cuidar de animais, só vévi falando, mas isso é coisa porque ela gosta mermo de gato e cachorro, e num tem quem tire dela, não. Eu dou o maior apoio. Ela inventa dizer que vai pra fora, pra outo país, eu digo ‘Que Deus te abençoe, mas já que eu num pude ir, tu vai’ [risos]. Ela disse ‘Um dia ainda chego aqui no meu carrão cobrindo todo mundo de poeira’, eu digo ‘Num se orgulhe, não! Vá cuspir pra cima, não! Vá devagar!’ [risos]”.

Ela tem o maior orgulho de dizer que é agricultora. “Graças a Deus! Fazer que nem diz *Myrsine* ‘Amém e aleluia!’. Toda vida, nasci e me criei filha de agricultor, e continuei”. No entanto, em seu passado estudar foi uma das maiores dificuldades, não pela falta de acesso à educação, e sim por outro motivo. “Até porque no meu tempo essas, é... A escola... É que nem diz o ditado, vai quem... Ia quem queria, né, ia quem queria. No meu tempo, eu comecei estudar com sete ano de idade. Hoje em dia, os pirrainho com três ano já tem acesso a escolinha. Antes vem a creche e depois vem a escolinha, né, pra alfabetizar. E no meu tempo, não, eu com sete ano fui pra escola, Armaria!⁹⁰ Pra mim era as maravilha do mundo, eu com sete ano na escola, mas tinha aquele ditado tanto faz você ir como não. Eu num tinha apoio de pai, num tinha apoio de mãe, pa dizer assim ‘Você vai, você tem que ir, você tem que estudar,

⁹⁰ “Armaria!” é uma expressão nordestina. Contração da expressão “Ave Maria!”.

que é o seu futuro’, eu num tinha. Eu digo isso a todo mundo hoje. Eu num tinha esse incentivo da família pra o estudo. Mas, mas hoje eu tenho pras menina, eu digo ‘Ói, se vocês num estudar, o futuro... Filho de agricultor? O futuro é esse, ó. Se arrumar um rapaz fíi de agricultor também, vai arrancar toco. Esse é o futuro. Se num estudar, agora se estudar, talvez mude’.”.

Dalbergia é a responsável em sua família por toda a renda que entra e sua estratégia para que esta possa suprir a necessidade de todos se revela bem diversificada. Com sua fala fica evidente como é fundamental o acesso a políticas públicas de assistência social para formações familiares como a dela. “Por quê que hoje eu num tenho emprego de nada? Num tenho, vivo da agricultura, a renda principal, que nem eu falei antes, é o Bolsa Família, mas aí eu complemento. Na minha casa o marido não trabalha, não, porque ele num pode, ele tem cisto no rim, ele tem cálculo, ele tem um defeito, assim, num sei se é no fêmur, ou é... Assim, o defeito dele é na perna, que ele tem uma perna mais curta que a outra. Aí ele num se abaixa, que ele num pode, ele num senta numa cadeira dessa, porque num pode. Aí eu sou quem vivo, assim. Eu sou quem faço artesanato. Hoje mermo eu entreguei uma... Uma mini sacolinha de crochê. Uma mulher mandou fazer, aí eu fiz, aí tive uma renda de... Hoje, ói, hoje eu tive uma renda de 20 reais. Hoje. Mas uma vez e outra de artesanato, uma vez e outra uma pessoa encomenda uma peça aí eu faço. E também assim, eu também vendo, que nem tu sabe, que a menina falou, que a gente tem a feirinha da agricultura ali; aí eu levo fubá, levo banha de porco, levo artesanato e hortaliças e o que tiver. Num vou identificar de um a um, não. Porque se for esperar só... Que nem o povo diz o Bolsa Família é coisa de preguiçoso. Pode ser pra uns e outros não, né. Pra outros, pra mim é uma fonte de renda, porque eu ajudo, eu procuro, eu faço com que aquilo ali dê pra o mês, porque se eu ficar esperando só por aquela renda do Bolsa Família, se eu num correr atraí de outra coisa, num dá pra nada, né, uma casa de, uma família de quatro pessoa... Fazer que nem diz, num dava nem pu básico, nem pro grosso, que nem diz, pu fubá e o feijão, que é o principal. Num dava, mas aí eu vivo... Enquanto o marido tá em casa abanando o fogo eu tô trabalhando pra arrumar”.

Pelo marido ficar em casa e ela fora, em busca de renda, poderia ocorrer certo preconceito na comunidade, mas ela diz o contrário. “Não, até porque... Eu num, eu num sei muito assim, se as pessoa sabe. Eu acho que quem sabe mais é as menina que a gente convivi junto, as menina do grupo de beneficiamento. Até porque ele vem duma família que o pai dele também, e os irmão dele, eles também são assim. Eles são... Tanto faz as mulher tá em casa, como não. Eles fazem queijo, eles cozinha, eles limpa a casa, eles cuida de animais. E se as mulher tão doente, os homem toma conta da casa... Aí ele vem duma família, que já é a

tradição da família, aí acho que o pessoal nem estranha isso, nem ignora, não. [...] Até porque nunca comentáro, porque é... A família é... As pessoa das Capoeira é a família das pessoas daqui da comunidade de Coalhada. Então, família com família se entende, né, mas ele sabe, maisi, já outros, outros homens e outras colega minha, ou até parente minha já são diferente, já tem aquela história de ‘Dá a toalha na mão!’, ‘Dá a cueca na mão!’, ‘Bota água pa eu tomar banho!’, ‘Se varrer casa, é coisa de mulher’. Eu digo ‘E por que de na hora de lavar as cueca dos homem num é coisa de homem?’. Era pa ser coisa de homem, de mulher, não [risos]. Se sobra tudo pas mulher, não, eu digo ‘Lá em casa é diferente, lá em casa o homem assiste a novela e eu o futebol’ [risos]. Essa noite mesmo eu vou assistir o jogo”.

Sobre existência dos comentários maldosos ela continua... “Aí tem gente que diz ‘Ah, fulana sustenta a casa, porque o marido é preguiçoso’. Né, usa esses termo, ‘Porque o marido é preguiçoso’, mas como todo mundo sabe, da, da vida dele e do pobrema que ele tem, aí o povo num comenta, não. Todo mundo sabe, só faz dizer ‘Não, lá em *Dalbergia* ela é quem, ela é quem sustenta a casa, ela é a chefe da família, lá é o contrário’, igual eu falei a tu. As menina quando chega, às vez as menina com brincadeira, olha pra ele diz ‘Mamãe a janta já tá pronta?’ [risos]. Elas troca, diz que eu sou o pai e ele a mãe. Pronto, agora mermo eu tô aqui [na capela], mas ele tá em casa fazendo comida. Mas assim, tanto comentário malicioso, fofoca maldoso, num tem, não. Só tem elogio”.

Sobre o relacionamento dos dois, ela fala existe bastante respeito, e que nunca perderam tempo com ciúmes. “E, assim, essa história de ciúme, até porque a idade não permite mais nós ter ciúme um do outro [risos], mas nunca houve. Nós se juntemo em 87, em junho de 87. Essa frescura entre nós de ciúme? Pra onde você vai? Com quem você tava? Que horas chegou? Você saiu e num me disse? Não, isso num existe não, porque eu digo ‘Isso é frescura! Isso é frescura de gente besta!’. Isso num existe e nem vai existir. [...] Já faz uns 30 ano que nós tamo junto, 30 ano, e nunca teve essa coisa de ‘Não, vamo se desentender? Vamo brigar por conta de ciúme?’, eu digo ‘Só se tu fizer que nem aquela música⁹¹ que tem: eu varro a casa, mas num apanho o lixo, eu balanço o bebê, mas num canta’ [risos], eu digo ‘Você vai varrer, apanhar o lixo, balançar o bebê e vai cantar! Cê vai fazer tudo! Vai fazer tudo!’ [risos]”.

Depois ela conta como foi que conheceu seu marido. “Ele é daqui dessa comunidade Coalhada e eu da comunidade Capoeiras, aí ele ia daqui pra lá. Antigamente lá tinha uma

⁹¹ Essa música se chama “Barriga Branca” da banda cearense Mastruz com Leite, oitava faixa de “Cabeça com Bob's x Barriga Crescida”, sétimo álbum de estúdio do grupo, gravado em 1995.

vendinha de, de cachaça e uma sinuca pros minino brincar, aí a diversão do povo da zona rural é sempre isso. Antigamente, né, era sempre isso. Hoje não, hoje o jovem vão pra rua, pra uma história dumas balada de num sei de quê, né, mas antigamente num tinha isso, não”.

“Antigamente era o povo, amanhecia e anoitecia, cada cá na suas casa, os jovem. Os rapaz e as moça. Aí ele namorava uma moça bem mais distante, mas ainda da família dele e de *Myrsine*, aí eles fazia sete ano que eles namorava. Aí eu passei por eles, eles tava, assim, os dois conversando de frente, aí ele foi e disse ‘Ôh moça bonita! Eu ainda vou namorar com ela!’, aí a namorada dele foi e disse ‘Vai atrás!’, ele disse ‘E eu vou mermo!’. Aí só foi deixar a namorada que fazia sete ano que namorava e foi atrás d’eu [risos]. Aí por aí começou mandano recado pelas menina ‘Diz aquela menina que ela é muito bonita’, num sei o quê... Quando eu era nova eu era bonita! [...] Aí pronto, por aí... Aí nós num casou, não. Nós fugiu! Nós num sabia o que era casamento... Foi, a gente fugiu. Era chique, né? Era do tempo de fugir! [risos] Hoje em dia ajunta os trapo... Hoje em dia o rapaz chega, carrega a moça, bota num bagageiro duma moto, ó... Perna pra quê te quero, né? [...]. Aí ele disse ‘Bora morar mais eu?’, aí eu disse ‘Aonde?’, ele disse ‘Lá em madrinha!’ – Madrinha que ele dizia era um casalzín de idoso, que ele dormia [na casa deles], como acompanhante, que e tí e tia dele, nessa casa aí grande – Aí... Oxe! Isso pra mim Ave Maria isso era um convite maravilhoso! Aí eu disse ‘Nam, vou não! E as menina, tuas irmã? Quando eu chegar lá elas vão arengar com eu’ – Eu com 19 ano tinha a palavra ‘Vão arengar com eu!’ [risos] – Ele disse ‘Nam, a minhas irmã num diz nada, não’. Que de fato, que até hoje eles são, eles são, assim, uma família que num é de viver dando fé da vida dos outro, de viver falando, de viver brigano, ‘Pra quê você veio? Pra quê você trouxe?’, né, elas nunca foram assim até essa data de hoje. Mais de 30 ano, elas nunca... Era como que fosse da família, como que elas tivesse resgatando uma pessoa pra família delas. Era como quem dissesse assim ‘Se é o meu irmão, então que você também seja parte da minha família, que seja minha irmã’, né, pronto, aí elas acolhero eu. Até hoje assim. Por isso que até hoje tô plantada aqui nessa comunidade Coalhada”.

Ela comenta que sair de casa foi uma maravilha principalmente porque sofria no convívio com a mãe na juventude. E sobre a vida na casa de sua mãe ela fala como era difícil por conta do temperamento da mesma. “Ah! Brigando com nós! [risos] Você pensa que é esse mundo de hoje? Que as jovem anoitece e amanhece com o dedo no celular?! [...] Era muito diferente! Oxe, bota brabeza nisso! Quero nem lembrar, que se eu lembrar, eu choro. Mas pra aprender o artesanato, ela ensinava, queria que a gente aprendesse à força sem a gente saber, ensinava botar um tricô que usarra duas agulha, que pa botar a linha entre os dedo, assim, a gente num sabia o que é que tarra fazeno e ela achava que a gente sabia e tome-

le cacete! [...] Os [irmão] homem também, eles são bem inteligente, aí eles diz ‘Eu quero saber a quem a gente puxou, se foi a mainha ou foi a painho’, aí uns diz ‘Ah, se tivesse sido a painho nós num sabia de nada, porque painho num faz nada! Foi a mainha, que mainha é que é criativa, que fazia artesanato’. Ela fazia crochê, tricô, bordado, e... Pintura”.

Ela aprendeu a bordar com a mãe, que atualmente tem 79 anos. E seu pai tem 78. Sobre a convivência com a mãe, continua falando: “[...] Acho que hoje eu tenho uma doença na cabeça de tanto ela dar n’eu [risos]. Dava crote na minha cabeça. Aí pu detrai, assim, sem ela me ver eu dava o dedo. A vingança [risos]! Se ela visse, me matava. Quando ela tinha raiva de painho ela, ela se vingava em nós. Ela dizia que ia juntar nós tudin, ia juntar as roupa de casa tudin, quando acabar ia pegar nós, ia jogar dento e ia tacar fogo. Só ela [brigava], ela sozinha. Você sabe aquela história quando um não quer, dois não briga? Então, era só ela. Até hoje! Ela já vai fazer 80 ano e até hoje ela briga sozinha com ele, diz que vai matar, diz que vai botar fogo na moto, chama de tudo quanto é... [risos]. [...] Mas é... Nós sofremo que nem burro de carga. Eu tem pra mim que da minha infância, do tempo de criança pra 19 ano, eu tenho pra mim que foi um séculos antes de Cristo, [porque] demorou tanto a passar, e hoje em dia, vixe, o tempo num instante passa!”.

Ela fala que por causa da mãe tiveram que fazer diversas mudanças de casas, e parecia uma cigana. O pai sempre acatou às decisões da mãe. “Ele é que nem aquele cachorrin de madame, faz os gosto dela. Acho que no casamento dele deve ter feito um juramento muito grande aos padre, porque aguentar uma cruz dessa [risos]. Aí no sítio ali tinha duas casa, assim, aí ele disse ‘Ah, mas aqui se ela quiser se mudar, é muito fácil, vai pra casa de baixo, quando passa um tempo volta pra de cá de novo’. Oxente, num deu outa, não! Bem um mês ou um mês e quinze dia ela disse ‘Eu vou mimbora dessa casa!’, aí botou defeito na casa, painho disse ‘Então vai morar naquela...’, [ela disse] ‘Vamo morar naquela’. Aí construiu um banheiro, fez mais outro quarto, num sei o que... quando chegou a nem terminar o quarto que começou ‘Ah! Vou mimbora daqui! Quero ficar nessa casa, não!’, pai disse ‘Então volte pra casa de cima!’. Bota puxincói⁹² nisso! [...] Faz os gosto dela. Só faz o que ela quer. Porque se fosse eu, num fazia, não. Entrava num ouvido, saía no outro”.

“Dizem que a vida de casado é muito boa e a de solteiro é bem melhor [risos]. O tempo passa e a gente ri atoa. É, eu num achei diferença, não. [...] de 19 até a idade que eu tenho hoje, 50 ano, assim, parece a vida tá passano tipo um raio, um passe de mágica assim.

⁹² Significa "puxa-encolhe" e no Nordeste descreve uma situação marcada por indecisão. Popularmente a expressão é sinônima de chove-não-molha.

Mas, assim, da vida de solteiro pra vida de casado, eu preferi e prefiro hoje a vida de casado do que o tempo que eu vivi em casa, de 19 anos pra trás. Eu num queria viver em casa. De jeito nenhum. Porque eu sabia o que eu passava. E eu demorei a sair! Eu saí de dentro de casa com 19 ano e a minhas irmã saíram com 11, com 12... Saíram tudo... Eu saí com 19 ano! [...] Eles foram saindo e só... Tipo assim, era oito filho, aí eles ia saindo de um em um, saindo, saindo... Aí só ficou eu e minha irmã mais nova e outro irmão mais novo, só que o irmão mais novo saiu, ó, como é homem, né, que nem diz o ditado, como ele é homem, ele saiu primeiro. Ficou eu e minha irmã mais nova. [...] olhe, a primeira, que saiu de casa com 11 anos e foi morar João Pessoa, aquela ali parece que foi a luz para todos! Ela abriu caminho”.

E ela justifica como era complicado para sair daquele ambiente familiar que a oprimia. “Porque você pensa que a gente com 19 ano tinha namorado? Que nem hoje que as frangota véia com 12 ano já, me parece... [risos] deixa! Vou encurtar as palavra! Hoje as frangota véia com 11 ano, 12 ano até barriga arruma! No meu tempo, eu com 19 ano, num sabia, num sabia o que era festa. Era criada que nem índio, que nem bicho, num sabia o que era festa, num sabia o que era conhecer um rapaz... Se visse um rapaz era mermo que num ver nada, porque num sabia nem o que era intimidade, o que era liberdade, num sabia nada disso”.

Depois que se estabeleceu em sua nova casa, com o tempo foi investindo na criação animal. “A gente não tinha, porque a gente não podia comprar, mas aí eu fui sorteada, eu digo porque foi um sorteio, porque o que eu recebi a palavra do técnico da EMATER foi ‘sorteio’. Ele chegou lá em casa, me fez uma surpresa, chegou, sentou-se e disse ‘*Dalbergia*, me dá teus documento pra fazer um cadastro aqui’, eu olhei assim pa ele e disse ‘Pra quê? Esse cadastro é sobre o que?’, ele disse ‘Você quer criar bode? Galinha? Porco?’ e foi dizendo, eu disse ‘Oxen, vai resumindo, meu filho, pa eu entender melhor!’, aí disse ‘Não é porque veio o sorteio de 20 pessoas e você, e seu nome veio, que é diretamente de Brasília’, tu sabe, fundo perdido, né, pelo Governo, pela EMATER, aí a gente é... Optou pela criação. Pra criar bode. Aí a gente começou em 2017. A gente começou com três, já tem, se não me engano, nove... Deixa eu ver quantas mamãe tem... quatro mamãe, quatro filhinho. No caso, já tem oito. De criação de porco tem quatro. E galinha, até 2011 eu tinha galinha, aí, foi aquele ano que bateu a seca e deixei de criar, aí eu fui e abandonei. Aí foi tempo que começou o grupin de beneficiamento, *Myrsine* me convidou ‘*Dalbergia*, nós vamos formar um grupo de beneficiamento aqui na comunidade e aí vai ser muito bom e tu vai ser uma das tal, que eu vou participar também e aí é bom demais, que nói vamo aproveitar as fruta...’, eu disse ‘Eeu?! Que história de grupo, menina?! Grupo que eu conheço é só grupo escolar! Somente’,

aí *Myrsine* foi logo assim e foi uma surpresa pra mim. Ela ficou contano, porque ela já sabia de quê se tratava e eu só escutano e não sabia o que ela tarra dizendo, como diz o ditado”.

“Sabe a primeira resposta que eu dei a *Myrsine*? Quando ela explicou bem direitin, disse ‘Não, é pra participar de reunião?’, ela disse ‘É’, eu disse ‘Quero não! Eu num entro nesse grupo de vocês de jeito nenhum!’ [risos]. Aí ela disse ‘Não menina, mai tu num vai reunião fora, não, é só aqui mermo na comunidade’, eu disse ‘Se for só na comunidade eu fico, mas se for pra ir reunião fora da minha comunidade eu não vou’. [...] As dita cuja que tão hoje, pra elas ‘Ah, tudo bem, né’... Rhum... Assim com um pouco [de tempo, elas disseram] ‘Vai ir em reunião num sei aonde?’, eu disse ‘Eeeeu?’, [e responderam] ‘Sim, porque o pessoal lá de fora querem conhecer as mulheres do grupo de beneficiamento da comunidade Capoeiras!’. Eu digo ‘Eita lasqueira!’ [risos]. Ainda fui umas ainda. Parece que o mais distante que eu fui foi Soledade, num foi *Myrsine*? (ela tinha chegado à capela nesse momento). De João Pessoa! Aí teve dois. Sim! Fui em, em, ali perto de Campina. Matinhas! Pronto, fui lá em Matinhas, o mais longe que eu fui. Aí teve dois de João Pessoa, eu botei ar menina pra ir no meu lugar, eu digo ‘Vocês vão! O que aprender lá, passam pra mim, que eu num vou, não, pra João Pessoa, até porque eu num gosto de viajar, porque eu enjoou’.”.

E ela, que gosta muito de falar, foi perguntada se também expressa sua opinião nas reuniões. “Bom, se o assunto me pertencer, eu entro que nem faca em melancia [risos]. Agora se não pertencer, eu fico na minha. Se der pra levar afundo o que eu tô vendo, o momento... Tipo assim, se uma representante lá da reunião fizer uma pergunta lá à pessoa e a pessoa não quiser responder, que seja da minha comunidade... É assim, tipo assim, pergunta a *Myrsine*, e ela tá esquecida, aí eu vou e falo por ela. Aí se eu começo, eu paro, ela vai e continua. Porque tipo assim, às vezes você tá tapado, tá no mundo da lua, né e... E se esquece das coisa. Num é que não sabe, é porque esquece”.

Antes de ser criado o grupo, a dinâmica que mobilizou as comunidades foi a das cisternas e *Dalbergia* relata que foi através de *Myrsine*, que foi convidada a participar de uma reunião do PIMC. “Aí *Myrsine* saiu daqui, aí ficaram lá sem... Fazer que nem, igual diz o ditado, igual quando o caba vai a Roma, que num sabe de nada. Chegou lá, sentou, escutou...”. Depois ela comenta que a gestão dessas cisternas foi decidida que seria através do Fundo Rotativo Solidário, que sortearia a cada período uma cisterna para uma família das comunidades. “Com poucos dia vêi o sortei ‘Vamo fazer o sortei?’ pra cisterna. Parece que foi uma coisa enviada por Deus. A primeira pessoa a ser contemplada com a cisterna foi *Myrsine* e a mãe dela. Eu digo ‘Mai repare mermo!’ [risos]. Que antes num tinha, não. A cisterna que tinha era no grupo [escolar] ali das Capoeira, ali naquela escola. A gente ia pegar água lá, cê

acredita? O [caminhão] pipa botava pra muita gente... Vinha com balde, com lata, com baldin, de carrin de mão, com jumento... Isso era tanta da briga! Ai, Jesus! [...] Foi uma bença começar essas cisterna. Aí foi só sucesso essas cisterna até essa data de hoje”.

Quando da criação do Grupo Mulheres Camponesas do Semiárido, todas as famílias já possuíam sua cisterna. E ela comenta sobre o que mudou na comunidade com essa iniciativa das sete mulheres, como foram desenvolvendo e sua expectativa. “Agora, melhorou na renda. Eu já ouvi, assim, as menina dizer ‘Eu vou deixar, eu vou sair’, eu digo ‘Eu não deixo, eu não saio, porque desde 2009 a gente plantou ele ali, a gente vamo ter que sustentar até quando Deus quiser’. Porque o que a gente pensa é que ele cresça mais, que ele tenha mais renda e não sair pra ele se acabar. Eu digo ‘Eu não saio’, *Myrsine* ‘Eu também não’, digo ‘Apois...’. Pra você ver, é tanto que as que já entraram, já saíram, né, [...] porque elas pensava na renda. Mas entraram no interesse na renda, e a gente que construiu ele, a gente num só pensou na renda, não. A gente pensou em ter, em ter na comunidade, pra dizer assim que tem um grupo de beneficiamento na comunidade. A gente pensou nisso também assim, como que... Seja um ponto de referência, tipo assim. Mas aí... Até hoje tá tudo bem, graças a Deus. A renda não é essas coisa toda, porque a dificuldade da venda, né, dos selo, mas é muito bom. A gente, a gente tem conhecimento, a gente recebe as pessoas na nossa comunidade. Tem essa parte boa também, que a gente conhece outras pessoa, recebe intercâmbio, e sai pra fora...”.

Depois aponta os entraves que precisam encarar. “É a escoação de alimento, que nem diz os rico. É a escoação do alimento. Porque, assim, a gente produz, mas ali, se eu num tenho pra quem eu vender, o produto vai ficar na freezer. A maior dificuldade do grupo de nós hoje é esse maldito selo⁹³, que ele vévi dento dum nó que num tem no mundo quem desate, porque todo mundo, todo mundo que a gente conversa, que a gente senta, que a gente conta nossa história, o povo escuta, entra num ouvido, sai no outro. Por isso mesmo fica. E eu num sei porque é tão difícil. Porque a gente tem vigilância sanitária, a gente tem todo aquele processo de higienização, de fabricação dos alimento, e a gente num pode levar pro mercado da nossa cidade, pro comércio da nossa cidade! A gente num pode... Pronto! A maior dificuldade é essa. Mas nói vamo! Aos trancos e barrancos nói sustenta. E um dia nói chega lá, né *Myrsine*?. Eu já vi na televisão uma mulher que ela faz [polpa] artesanal, eu esqueci o Estado, e elas tem o selo. Elas criaram pras mulheres. Elas mesmo criaram o selo e elas mesmo fornece as polpa delas na cidade delas... E por quê que a gente num tem, num chega uma pessoa pa dizer ‘Eu consegui, tá aqui o selo de vocês, vocês agora vão chegar num

⁹³ Selo do SIF.

supermercado de Cubati e vão dizer: tô entregando tantos quilo de polpa’. Por quê que é tão difícil e a gente não consegue isso desde 2009? Eu num sei onde tá a ponta do nó, mas ele tá num canto que um dia nói vamo desatar e vamo conseguir”.

Quanto às conquistas do grupo, seu relato foi semelhante ao das amigas que tinham sido entrevistadas antes. “O que a gente conquistou foi o conhecimento, foi o aproveitamento e... Que a gente não, não tinha conhecimento do mal que traz o pózin do kisuki, o refrigerante. Isso também foi muito bom. E outra coisa também, que eu tenho em mente, é que antes de formar o grupo, eu num darra valor às fruta que tem na comunidade, tipo assim, o caju, o acelora e o umbu, né, que era desperdiçado e a gente não tinha como aproveitar, e se tivesse também não sabia. Esse também foi muito bom pra nossa comunidade, foi uma ajuda boa. E hoje eu planto as fruta em casa. Planto as acelora e no ano passado eu colhi no meu quintal, ao redor de casa, 218 kg de acelora e levei pra casa de beneficiamento. Aí esses é dum ponto que eu me orgulho muito de, de ter entrado nesse grupo, de ter conhecido, porque começou assim, o conhecimento começou assim através das cisterna, né, das cisterna vêi pra o grupo de beneficiamento, vêi pa fundo rotativo, vêi pra um bocado de coisa, que cada vez mais só melhorando, graças a Deus, cada vez mais só melhorando... E o que eu tenho a dizer é que até agora tá muito bom, graças a Deus. Num, num me arrependo de, de, de tá participano, porque, assim, as coisa a gente vai consertano, um errinho aqui outro aculá, e vamo continuano. Quando tem qualquer uma coisa assim, né, a gente é um grupo de, de sete, aí informa uma pra outra ‘Ah, é assim, assim, assim’, aí a gente vive... Tipo... Um carritéi, assim. Enrola, desenrola, enrola, desenrola, vai, num vai [risos], mas tudo na paz, entende? Tudo pra melhor”.

Ela fala de uma dessas mulheres e da admiração que tem por ela. “*Myrsine* desde... 2003, 2000 e num sei quanto que... Ela é como, aqui na comunidade, é como que ela fosse a raiz de uma árvore. Essa comunidade de Coalhada e Capoeira, ela foi transformada, ela foi levantada através de *Myrsine*, porque ela é a raiz duma árvore e hoje as comunidade são a copa da árvore”. Quando perguntada se existe mais alguma outra mulher que a inspirava ela fala... “Eu acho que não, porque, assim, quando eu vejo uma mulher com sucesso... Pode ser no manequim, pode ser na renda, pode ser... Eu dou os parabéns a ela, eu digo ‘Que Deus abençoe e você continue assim’. Agora que eu, uma coisa que eu penso, se eu pudesse me encostar a uma mulher dessas, dessas que enfrenta o dia a dia mermo, na renda, eu vou puxar pa renda, na renda, eu desejaria [...] ser sócia de uma mulher assim. Tem uma mulher ali que ela é, a vida dela é fazer renda, é bem parecida com a minha, só que o marido dela tem saúde, é diferente. E ela é daquelas que, que ela trabalha pra sustentar a casa, e eu dou o maior valor

a ela. Eu digo ‘Ah se eu morasse perto de tu, que eu ia me encostar a tu, que a minha fonte de renda ia melhorar!’ , mas como eu sou sozinha, num tem como levantar”.

A mulher que ela é também foi perguntada sobre seu ser mulher... “Eu, com muito orgulho, não queria estar na pele de um homem, de ser um homem em nada no mundo [risos], porque eu me orgulho de ser mulher! Porque mulher é agro, mulher é tudo, mulher é top [risos]. A indústria, mulher é indústria, é agro, é top... – Eu tô bagunçando a tua pergunta! – Aí, por isso mermo. Eu não tenho o que reclamar, assim... Por que eu sou mulher?! Não. Eu agradeço a Deus. Quem sabe se Ele, se Ele tivesse me feito homem, quem sabe se eu num já tinha morrido de acidente, de viver dirigindo na estrada, de drogas, de coisa ruim. E eu sendo mulher?! A mulher é mais sensível, é mais doméstica, a mulher é mais carinhosa, entende, é compreensiva... Aí em todos os sentidos a mulher, a palavra mulher vai muito bem, obrigado. Onde você procurar uma mulher, você encontra”.

Com seu bom humor e irreverência, tece a ideia de seu sonho. “Na idade que eu tô hoje... ih... num tem mais sonho, não... Ah! Agora uma coisa que num fiz, se eu disser a você, você vai achar tão esquisito! É de conhecer uma fábrica de tecido. Pra mim ver como é que eles faisi os tecidos... Os bordado, os desenho, as estampa no tecido... Ai, é que eu fico, assim, incrível! Não, sardinha eu sei que coloca na lata, mas agora o tecido?!... Você pegar um tecido e ele sair bem bonitinho... Hôôômi eu... Se um dia eu pudesse, meu sonho eu realizaria era isso, conhecer uma fábrica de tecido. [...] Mai é ilusão! Tsi... Caí da moda já, num tenho mais idade pra isso não [risos]”.

6.15 *Cattleya*, a que cultiva margaridas

Cattleya assumiu o missão de coordenar o Grupo de Animação, e em meio à efervescência da mobilização feminina para compor uma comitiva paraibana para a Marcha das Margaridas em Brasília, ela parou para contar um pouco sobre sua vida. A entrevista se deu após uma reunião do GA, na Bodega Agroecológica, em Soledade, PB. “Eu nasci numa comunidade rural chamada Estreito, que é na zona rural de Campina Grande, próxima da Boa Vista. Então ela fica entre Campina Grande e Boa Vista. Essa comunidade é uma comunidade tradicionalmente camponesa, de agricultores familiares. Meu avô era agricultor familiar. E a gente foi criada nessa terra do meu avô materno, pai da minha mãe, que casou e construiu uma casa vizinha à dele. Aquela organização camponesa mesmo, que o filho casa e fica lá no quintal de casa. Então a casa dos meus pais é construída nesse quintal do meu avô. E aí eu me

criei nesse mundo rural, vivenciando as coisas do mundo rural, porém meu pai e minha mãe não trilharam pelo caminho da agricultura”.

Ela acredita que pelo fato do pai ter passado muita dificuldade na juventude, resolveu não considerar a agricultura como um meio de vida. “Casaram muito novos, minha mãe se casou com 16 anos, ele com 19 anos, e eles assistiram às dificuldades que os pais passaram na agricultura, que não existe nenhum tipo de incentivo nessa época para a agricultura e as pessoas viviam praticamente do seu próprio suor, ou então do seu próprio sangue. Não existia aposentadoria rural, não existia o Bolsa Família, não existia nenhuma política pública de apoio a quem vivia na zona rural. E aí meu pai, vendo isso do pai dele com [...] meu avô materno, ele decidiu pela cabeça dele que ele não queria ficar naquela vida de agricultura, que ele queria um emprego com carteira assinada”.

Apesar da negação pela agricultura o primeiro emprego que seu pai conseguiu foi numa atividade rural. “Era fazendo Agave, no motor de Agave, como chamava antigamente. Meu pai não estudou. Ele só tem até a segunda série do ensino fundamental. E aí trabalhou um tempo com esse fazendeiro lá [...] e teve um tempo que a fazenda deixou de receber aqueles recursos que veio com a história do pacote da Revolução Verde, aquelas coisas, a fazenda deixou de receber esse recurso e o fazendeiro pagava os funcionários com esse recurso, né, com dinheiro que vinha do Governo. Aí houve um corte muito grande nos funcionários e meu pai foi um deles que foi botado pra fora. E ele botou pra fora sem pagar nenhum direito trabalhista”.

Então seu pai e outros homens que trabalhavam nessa fazenda decidiram entrar na Justiça para receber esse dinheiro e enfrentaram uma luta que afirma ter sido muito ferrenha com essa rescisão contratual. “Pra receber esse dinheiro houve muito desgaste, tiveram muitos momentos de humilhação e tudo. E aí nesse mesmo período minha mãe começa a estudar de novo, incentivada pelo meu pai, né, pra estudar pra melhorar a situação financeira, porque era muito ruim. De ruim a péssima. Tanto que meus irmãos mais velhos contam das dificuldades que passaram, né. E aí, minha mãe começou a estudar, fazia o Logos II⁹⁴, que é um curso de Pedagogia, que você fazia em casa, mas tinha que fazer as provas e tinha um dia na semana que tinha aulas presenciais. Era tipo o sistema da UVA⁹⁵. E aí minha mãe trilhou por esse

⁹⁴ O Projeto Logos II, implantado em 1976, visava à qualificação, via supletivo (hoje chamado de EJA - educação de jovens e adultos), com o objetivo de habilitar professores leigos em nível de ensino médio (na época chamado de 2º grau), através do uso de módulos de ensino, para lecionar nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, nos Estados do Piauí, Paraná, Paraíba, Rio Grande do Norte e Rondônia (ANDRE e CANDAU, 1984, p. 23).

⁹⁵ Universidade Estadual do Vale do Acaraú.

caminho da Pedagogia e meu pai conseguiu na Justiça contra esse fazendeiro. Foi uma vitória deles, conseguiram receber esse dinheiro. E ele já conseguiu um emprego melhor que foi no Hospital Pedro I em Campina Grande, pra trabalhar no almoxarifado. Aquele tipo faz tudo, daquele funcionário faz tudo. De maqueiro a entregar medicação, ele fazia de tudo no hospital. Ele sabia ler e escrever, mas não tem muito estudo, certo? E ele foi ficando nesse emprego e depois os diretores do hospital viram que ele tinha uma capacidade de pegar as coisa muito rápido, é uma pessoa muito inteligente. Aí botou ele pra trabalhar como recepcionista. Sem curso. E isso é uma coisa que só existia naquela época. [...] De lá da recepção, ele avançou um pouquinho mais. Passou para a função de telefonista, começou a ganhar um pouco melhor”.

Com o pai de carteira assinada e recebendo um salário todo mês no hospital, sua minha mãe terminou o curso do Logos II, e ingressou no serviço público, conseguindo um emprego na Prefeitura de Campina Grande. “Naquela época não existia concurso, né, então ela entrou por indicação do prefeito da época. Isso lá pelos anos que eu num era nem nascida. E eles tiveram uma trajetória muito difícil, perderam dois filhos. Crianças ainda, por falta de vacinação, que não existia na época. Minha irmã foi um dos primeiros casos de meningite de Campina Grande. Então, uma trajetória muito dolorida e sofrida. [...] Essa minha irmã já morreu grandinha e meu irmão também morreu grandinho, vítima de doenças, assim, que hoje são combatidas com vacina, como a meningite e a difteria, né. Foram. [...] Naquela época eram doenças que estavam vindo de fora, né”.

Então, seus pais, depois disso, se organizaram e começaram a “se equilibrar financeiramente nesse sentido de arrumar emprego, então começaram a viver do emprego e a agricultura ficou como uma questão assim de... Um *hobby* de fim de semana. Meu pai sempre plantou roçado atrás de casa. [...] Minha mãe começou a dar aulas nesse mesmo sítio, lá na escola Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, aonde a gente mora até hoje. E ele trabalhava na cidade. Tinha uma bicicleta e ia nessa bicicleta. Ele saía do Estreito pra o Hospital Pedro I, dava quase 10 km. Quando a bicicleta tava com pneu furado, ele ia à pé. Ou então pegando carona até chegar lá, porque não existia transporte público”.

Seu pai ficou trabalhando 23 anos no Dom Pedro I. “Do meio pro fim, claro, ele comprou um carro, tava melhor a situação. [...] Ele não se dedicou exclusivamente à agricultura. Pra educar a gente ele teve que sair do campo e fazer essa migração, né, e vim todos os dias pra... Agora uma coisa que ele fazia para a gente é que queria que a gente estudasse, que não queria que a gente se acabasse no cabo da enxada como o pai dele e o pai minha mãe. Então, assim, era aquela coisa, assim, a agricultura foi por aquela ideia de que era

uma coisa muito ruim, que não tinha como sobreviver daquilo... De fato era muito difícil mesmo. Naquela época só existia as Frentes de Emergência⁹⁶ como política pública, não existia mais nada, que era a cachorra magra, que o povo chamava”.

Seu pai sempre foi uma liderança muito grande na comunidade. “Todas as coisas da comunidade, que hoje a gente tem, ele participou do processo de trazer, porque ele via que a gente precisava e como ele decidiu criar os filhos ali, no sítio, porque ele não queria criar na cidade, ele foi quem foi em busca de escola. Conseguiu abrir a escola que tava fechada, que minha mãe passou a ser professora. Ele quem movimentou a questão dos transportes públicos. Os primeiros ônibus que começou a se fazer linha para lá foi ele que... Todas as coisas da comunidade sempre teve a participação dele e a participação da minha mãe. Primeiro, porque, como professora, ela se tornou indiretamente uma liderança. E ele, porque já tinha esse instinto de liderança de dentro dele, assim. Fundou a associação de moradores, construiu Igreja. Então assim, não é que ele fizesse sozinho, mas ele conseguia agregar pessoas que ajudavam, né”.

Em todo esse processo da comunidade a família de *Cattleya* esteve inserida. “Tudo o que foi vindo, né... Estrada, colégio, a escola de ensino fundamental, ônibus, tudo isso... E a gente foi se distanciando da agricultura. Então irmãos mais velhos estudaram na cidade, fizeram ensino médio, tentaram vestibular, minha irmã não conseguiu logo assim que fez, meu irmão mais velho não estudou muito também, foi se desestimulando com o estudo até parar de estudar mesmo... E aí o sonho da universidade pra filho de pobre naquela época era muito distante. Minha mãe até dizia assim ‘Vocês pensam que vocês vão entrar numa universidade? Universidade é coisa de rico, filho de rico!’, e a gente via as primas da gente entrar, que já tinham uma condição de vida um pouquinho melhor, então todo mundo sonhava em entrar numa universidade”.

Porém seu avô continuou na agricultura, o pai da sua mãe e faleceu aos 71 anos como agricultor, conseguiu se aposentar ainda pela aposentadoria rural, que era meio salário mínimo na época. “E minha avó também conseguiu se aposentar não como agricultora, mas era um benefício que amparava quem nunca tinha contribuído naquela época. Mas os dois recebiam meio salário mínimo. Não existia essa aposentadoria de um salário mínimo como existe hoje, né, pra quem mora no sítio, na zona rural. E meu avô foi ficando doente por conta

⁹⁶ Com vistas a minimizar os impactos socioeconômicos causados pela seca, as Frentes de Emergência consistia na construção de obras de pequeno e médio portes em grandes propriedades. Essa política pública pouco conhecida em todo território brasileiro, foi a principal fonte de “sobrevivência” para muitos agricultores do sertão do Nordeste brasileiro, principalmente nos anos 1990 (TORRES e SOUSA, 2017).

do trabalho, que era muito exaustivo. Ele não conseguia parar, porque quem é agricultor não consegue parar, e ele precisava parar porque ele tinha problema no coração. Não conseguia, aí então acabou morrendo com um infarto. E aí meu pai continuou plantando no arredor de casa, mas não era um agricultor. [...] E criava gado, depois ele foi também se desestimulando com a criação de gado, porque meus irmãos casaram e também não queriam tocar aquela vida de sítio, de coisa... Meu irmão foi morar na cidade. Casou o mais velho depois casou o mais novo, também se tornou professor. Fez vestibular, passou, se tornou professor... Minha irmã, que não conseguiu entrar cedo na universidade, entrou depois que se separou do marido, já agora a pouco. Aí a mais nova também não quis nada com a agricultura, estudou, mas não entrou na universidade ainda. Pretende ainda. Hoje já tá casada, tem dois filhos, mas ainda pretende fazer um curso superior. Então a gente se distanciou da agricultura”.

“Eu fui para o curso de Comunicação Social, fiz jornalismo. Terminando o curso de Jornalismo, eu fui trabalhar na prefeitura de Campina Grande como assessora de imprensa da prefeitura. Trabalhei oito anos. Então saí totalmente da rotina da vida rural. Fui morar na cidade, morei oito anos na cidade. E aí é... Depois que eu saí desse emprego de oito anos, eu passei seis meses em casa sem trabalhar. Aí eu decidi que ia estudar de novo. Aí me matriculei como aluno especial do mestrado em Ciências Sociais na disciplina de Sociedades Camponesas, que para mim foi uma base extremamente importante para esse trabalho que eu faço hoje, porque até eu chegar naquela disciplina eu não tinha nenhuma leitura sobre agricultura, apesar de ter sido criada no sítio e neta de agricultor. Neta de agricultores, né, porque meus dois avôs eram agricultores”.

Ela se entristece um pouco pelo posicionamento do pai com relação à agricultura. “Meu pai diz isso, que ‘eu não sobrevivi de agricultura’, tem hora que ele diz, assim, estufando até o peito, que me choca, sabe, que eu não gosto de ouvir quando ele diz isso, porque eu sei que por mais que seja sofrida na agricultura, mas é a vida que alimenta o povo, né. Se não fosse a agricultura familiar, como é que a gente se alimentava?”

Cattleya se considera camponesa. E sobre isso ela tem bastante propriedade para falar. “Sim, a gente tem essa identidade muito forte de se sentir do campo mesmo. Até pelos hábitos, né, é a família que reza antes de comer, a família que reza depois que come, é a família que no domingo tem que tá todo mundo na mesa, tem os horários certos de comer... Então, às vezes chega gente assim, de fora lá em casa e diz ‘Oxe, como é que vocês... Parece um quartel, tem hora de comer...’, mas tem mesmo, a hora de comer, a hora da janta, a hora do café da manhã, a hora do almoço... É tudo certinho”.

Para ela, hoje, a melhor coisa de sua vida foi ter nascido no campo. “Eu não podia ter tido uma vida melhor que essa, ter uma infância no campo, correndo dentro dos roçado, isso pra mim... Isso é uma coisa que não tem preço, assim, e eu lembro disso com muita saudade, sabe. Do meu avô, dos roçados que ele plantava no quintal de casa... Que, assim, atrás da minha casa tem 4 ha de terra e ele plantava tudo. Tudo ficava cheio de fava, de feijão... E ele plantava de variedade, consorciado, né. Até hoje a casa tá lá. Quem mora nessa casa hoje é minha irmã”.

Sobre sua infância *Cattleya* relembra com saudade. “A gente foi criado assim, pegando água em açude, andando de carroça de burro... Embora eu sempre fosse mais protegida, porque era uma das mais novas, então, eu criança andava com meus irmãos mais velhos, mas eu ia só pra passeio, num trabalhava, né, ia só pra brincar. Mas isso pra mim hoje tem uma significância muito grande, de lembrança, do contexto rural da comunidade, das quadrilhas que a gente fazia, das festas juninas, da comida que a gente sempre fazia coletivamente, com os vizinhos, com a família mesmo, e hoje a gente não tem mais essa tradição no sítio de fazer essa... Juntar todo mundo para fazer a pamonhada do São João, como era nessa época, né”.

Criada num quintal onde todos os vizinhos se visitavam muito, *Cattleya* conta que corria de um quintal pro outro sem medo nenhum. “Eu fui criada muito liberta, assim, no quintal dos meus vizinhos, passava por debaixo de cerca e ia pra casa de fulano... Tinha uma neta de um vizinho meu que morava em Recife, então todo fim de ano, quando ela chegava, era uma festa pra mim, que era uma companhia pra brincar. Foi uma infância muito boa, pra mim tem um valor muito grande”.

Então, chegando nessa disciplina, na UFCG, sobre Sociedade Camponesas, foi quando ela veio ter uma leitura acerca do que era a história do campesinato no Brasil. “Eu não tinha essa leitura. Sobretudo no Nordeste, porque é uma história que foi invisibilizada, a gente quase não tem registro disso. E assim, dos sindicatos, o que foram as ligas camponesas... Uma das professoras era de São Paulo e filha de caipira, lá eles chamam de caipira, né. E aí foi muito bacana, porque a gente pode fazer vários seminários, eu comecei a conhecer mais [...] da história dos sindicatos da Paraíba e da história de Lampião. A gente teve muitos seminários interessantes... E aí em plena execução dessa disciplina, quando eu terminei, [...] eu apresentei o trabalho. No último dia, que eu cheguei desse trabalho, recebi uma ligação de uma amiga minha que trabalhava nessa época numa entidade de assistência técnica aos assentamentos, no

tempo que existia a ATES, né. Ela trabalhava em uma cooperativa chamada COONAP⁹⁷. Ela me ligou perguntando se queria fazer um trabalho na COONAP. Era os boletins sistematizados sobre as experiências de um evento. [...] Ela já trazia essa metodologia, que já tinha trabalhado na ASA”.

Assim, ela foi pra COONAP com o desafio de escrever sobre agricultura, sobre as experiências dos assentamentos em relação aos alimentos, fazendo os primeiros boletins na linguagem jornalística mesmo. “Aí fiquei lá, quando eu apresentei o primeiro material, o presidente da cooperativa gostou e eu assinei um contrato com eles, de ficar trabalhando meio expediente, porque eu queria fazer mestrado. [...] E aí eu comecei, fiquei, aí comecei a fazer serviço de assessoria da cooperativa e a produção dos boletins sistematizados. Só que eu escrevia os boletins sistematizados na linguagem jornalística. Eu não tinha o entendimento que hoje eu tenho sobre o que é um boletim sistematizado”.

Ela então conta como iniciou os trabalhos envolvendo mulheres. “Aí antes d’eu chegar na COONAP, no tempo que eu tava na prefeitura ainda, eu trabalhei seis anos com uma assessora do gabinete do prefeito de Campina Grande. Com seis anos, aí uma pessoa da Coordenadoria das Mulheres solicitou uma assessora de imprensa para fazer uma matéria sobre um evento que elas tavam fazendo. Coordenadoria das Mulheres de Campina Grande, até hoje esse órgão existe lá. Eu fui fazer esse trabalho, fiz o trabalho e ela gostou. Aí ela disse ‘*Cattleya*, eu queria trazer você pra cá, pra trabalhar como assessora da gente aqui’, aí eu disse ‘Então, você tem que me requisitar, no gabinete’. Ela me requisitou, o gabinete me liberou e eu fiquei com uma assessora de imprensa da Coordenadoria, que era uma coordenadoria que tinha poder de Secretaria”.

“Aí eu fiquei na Coordenadoria e aí começou o meu trabalho com as mulheres, porque eu estava como assessora, mas eu ajudava a receber os casos de violência, porque eu tinha que fazer a escuta e fazer as anotações. E aí foi quando eu dei de cara a primeira vez com a violência doméstica, só assim, dentro, pra eu me conscientizar o que era, porque até então eu via casos de violências, mas não sabia o que era. E à partir desse trabalho na Coordenadoria de Mulheres foi que eu entendi o que era violência doméstica, e como aquelas mulheres precisavam de ajuda, porque até então eu achava ‘não, apanhou do marido e voltou pra ele, é porque, né, gosta, eu sei lá o que é que acontece...’. só que não é esse o entendimento e a coisa é muito mais profunda do que a gente possa imaginar. Ninguém sofre violência porque

⁹⁷ Cooperativa Trabalho Múltiplo de Apoio às Organizações de Auto Promoção.

gosta de sofrer violência, ou gosta do marido porque gosta de apanhar, né. Isso é uma coisa machista e imbecil que a gente termina reproduzindo sem nem saber o que tá dizendo”.

Cattleya conta sobre o choque que foi ter se deparado pela primeira vez com a violência contra a mulher. “E aí quando eu vi aquelas mulheres eu comecei a entender o que era violência. Eu vi que minha irmã mais velha tinha passado por uma situação muito terrível, e que a gente na época não sabia, e ninguém tomou atitude de nada. Inclusive o filho dela passou pela mesma violência também com o pai. E aí depois que eu comecei a comparar. [...] Minha mãe vivia isso, minha vó vivia isso... Aí começou a ter umas oficinas de preparação, porque a gente tinha que ter um certificado de que era capacitado para trabalhar naquele órgão... Eu fiz as oficinas todas. E comecei a me dar muito bem com a coordenadora também. A gente trocava muita ideia e tudo mais e a gente ficou muito amiga. Então pra todos os espaços de formação ela me colocava [...]. Só que quando foi 2012, a gestão perdeu a prefeitura, aí todo mundo foi demitido”.

Nessa fase ela entra para a equipe do COONAP. “Com quatro meses que eu tava na COONAP, aí surgiu uma vaga de comunicador popular no PATAC, que era pelo P1+2 que tem esse tipo de contrato. Aí eu tava já gostando do trabalho, já familiarizado com o pessoal da cooperativa e tudo mais, e eles também tavam gostando. Aí vou pra um encontro de agricultoras experimentadoras em Lagoa Seca (PB). Quando chego em Lagoa Seca, eu fui pela COONAP, né, chegando lá encontrei essa minha amiga que tinha me colocado lá [nesse cargo], aí lá encontro com uma das coordenadoras do PATAC. Fiz a entrevista da seleção do PATAC e ela disse ‘Pronto, pra mim a vaga é sua. Agora quem vai decidir é você se quer ficar na COONAP ou quer vim pra cá’.”.

Com isso, ela voltou no COONAP e conversou com a coordenação. “Aí o presidente até disse ‘Lá você vai ter carteira assinada? Então, pronto, vá pra lá, que vai ser melhor pra você. E um dia, quando você quiser voltar, você volta pra cá, não tem problema’. Aí pronto, e assim foi feito, eu fui pro PATAC; a entidade é o PATAC, mas o contrato era feito pela ASA, que é a rede maior. [...] Aí pronto, fiquei, e tô lá até hoje”.

De 2016 até 2017 *Cattleya* trabalhou no INSA, no Instituto Nacional do Semiárido, numa perspectiva de popularização da ciência, mas que dialogava com a questão do campo e da linguagem da sistematização de experiências. “No caso, a gente pegava os textos científicos e trabalhava pra ficar na linguagem mais popular”.

Então ela volta pro PATAC de novo no final de 2017. “Quando eu cheguei no PATAC de volta, ainda em relação à questão das mulheres, aí outra companheira estava conduzindo esse GA, que o GA tinha sido tirado como encaminhamento de um encontro de Canoa de

Dentro, em Pedra Lavrada. Esse evento foi a nível de território, com todas as comunidades e municípios, e as mulheres demandaram isso, que precisavam de um espaço onde elas pudessem colocar suas pautas. Então desse dia deu pra iniciar esse processo. [...] E aí essas mulheres não tinham conseguido se reunir ainda, quando eu cheguei no PATAC, na minha volta. Aí essa companheira veio conversar comigo. À partir das visitas que a gente fez do projeto de agroecologia, ela percebeu que eu tinha um diálogo muito fácil com as mulheres, assim, em termo de puxar coisas em questão de violência e tudo mais”.

“Aí nós fizemos o primeiro encontro [do GA] aqui [na Bodega Agroecológica] em Maio de 2018. E aí o primeiro encontro foi bom, o segundo já foi bom também. Aí do segundo encontro em diante, aí o PATAC dialogou a questão d’eu ficar responsável pelo tema das mulheres na instituição. São temas que a instituição definiu como prioridade: sementes, água, fundo rotativo, criação animal, juventude e mulheres. São seis temas. Então juventude e mulheres estavam como questão transversal, que apareciam dentro desses projetos. Não era um tema ainda assumido pela instituição. Então à partir de 2015 o PATAC assume o tema de juventude e à partir de 2016 assume também o tema de mulheres como uma temática eixo. Não mais transversal”.

Assim, foi desse processo, dela se inserir nesse contexto, que começou de fato o GA. “Fiquei receosa ‘Não, gente, pelo amor de Deus eu não tenho essa apropriação toda sobre o movimento feminista, tem que discutir gênero...’, mas eu tinha uma certa leitura disso, né, e aí fui lendo mais, fui me apropriando mais, e aí hoje a gente chegou aqui nesse grupo, que hoje tinha 16 mulheres”.

Então ela resume a sua trajetória. “Primeiro eu me vi jornalista, depois do curso de jornalismo me vi como assessora de uma entidade pública, migrei para uma secretaria especial para trabalhar com mulheres. E aí começou a minha trajetória de trabalho com mulheres e depois disso, veio a experiência com agricultura familiar. Sendo que a primeira vez que eu sentei para escrever sobre agricultura familiar, no PATAC, quando eu escrevi a primeira sistematização, foi a de Dona Rosimery e Seu Djalma⁹⁸, de Gurjão, quando ela olhou o texto, ela disse ‘Minha filha, você nasceu na agricultura?’, eu disse que sim [...]. Porque até então, o outro comunicador, que tava antes de mim, não conseguia, ele não conseguia trazer a linguagem para a sistematização. Deixava tudo muito jornalístico, sabe. Aí ela [disse pra

⁹⁸ A ASA tem uma orientação metodológica para sistematização, que consiste em começar a contar a história da família desde o início. É tipo uma linha do tempo, com a mesma lógica, mas só que em texto. Este boletim que *Cattleya* produziu está no Anexo A para exemplificar.

mim]: ‘Porque só quem conhece realmente a essência da agricultura familiar, é que poderia escrever dessa forma’.”.

Ela conta que teve que reaprender a desempenhar seu trabalho de jornalista. “Porque é uma desconstrução do que você aprende na universidade, dos conceitos de escrita, por exemplo, é tudo desconstruindo, porque a sistematização, ela vai muito além do que um texto técnico, né, em trazer a essência da família, aquela coisa de você ver a história do outro e você se comover com aquilo... De resistência, que às vezes a família... Você chega na propriedade de um agricultor e de uma agricultora, e você às vezes quer ver tudo verde, só que, você não vai ver um quintal sempre verde, porque tem outros momentos, de período de estiagem que aquele quintal não vai tá verde. Mas tem uma experiência ali, às vezes um pé de hortaliça plantado, que tá ali resistindo e tá alimento aquela família. Então, assim, é muito mais do que olhar para a produção, para o mercado e para o lucro, né. Mas a história de resistência, de tá ali, não querer sair daquela terra, de prezar pela agricultura familiar, de prezar pela comida sem agrotóxico, de prezar pela semente crioula... Então, tem toda uma relação de afetividade que se você não tem a sensibilidade de já ter vivenciado aquilo você simplesmente... É uma técnica que ignora aquilo”.

Cattleya faz uma análise muito importante para a perspectiva de trabalhos que envolvam a presença de um agente externo. “E assim, eu acho que eu peguei muito rápido a essência do trabalho do PATAC, porque o PATAC trabalha à partir da experiência da agricultura mesmo, e não da nossa experiência como técnico, que é diferente de alguns órgãos, que chegam já impondo as coisas e tal. Eu acho que eu peguei muito essa essência a partir disso, dessa vivência no meio rural, que eu já tinha. Talvez se eu tivesse sido uma jornalista que não tivesse vivenciado a experiência do mundo rural, eu não tinha me tornado comunicadora popular, porque eu não ia conseguir escrever sobre isso, eu não ia conseguir sentir o que sinto quando eu vejo um agricultor e uma agricultora dizer, chorando, que quem guarda a água de reuso tem chuva todo tempo, sabe. Porque essa prática do reuso da água é muito antiga no Semiárido, só que nunca foi valorizada por nenhum governo. E hoje a gente tem tecnologia de reuso, eles implementando e eles mesmo usando essa água sem nunca ter sido um cientista”.

Ela conta que na produção do boletim, os agricultores e agricultoras que participam passam por um processo de aprendizagem com as reflexões e avaliações que fazem. “No processo de formação, quando a gente faz a linha do tempo... Porque o ideal é você fazer a linha do tempo antes de escrever... E aí eles colocam sempre isso, a prática que foi boa, que não foi, que eles usaram veneno até tal ano e de tal ano, eles pararam de usar, que quando

parou de usar veneno percebeu isso, e isso e isso. E a linha tempo geralmente é uma parte a gente analisa a relação da família com a comunidade e a relação da família com o mundo exterior. Sempre contem as duas coisas, né [...]. Agora nem tudo cabe naquele boletim, porque o ideal é que aquele boletim seja só frente e verso e a história seja sintetizada, pra quem for ler, não passar muito, porque é uma leitura rápida, a ideia é que seja uma leitura rápida. Mas nem sempre a gente consegue, tem uns que ficam com quatro páginas, por exemplo. A experiência de *Mikania* é muito grande, o boletim de *Mikania* tem quatro páginas”.

Sobre essa participante do GA, *Cattleya* conta uma breve história. “Ela veio morar na terra dos sogros, depois de um certo tempo foi que ela conseguiu o lote dela. E *Mikania* veio de uma região riquíssima no litoral [paraibano], e chegar aqui, em Cubati, no semiárido, que não chove... Como ela diz que tomou um choque quando viu a terra. E hoje *Mikania* tem uma paixão pela agricultura familiar como se fosse uma nativa daqui. É uma resistência muito grande. Como ela diz que a primeira vez que viu o sogro dela plantando feijão, que pediu pra ele, que ensinasse a ela plantar, que ela queria gerar renda de alguma forma, que ela não tinha renda nenhuma. E a partir daí, como ela disse, quando eu me senti agricultora foi à partir do momento que eu aprendia plantar o feijão. E assim, *Mikania* veio de uma região onde as feiras agroecológicas são muito ricas de alimentos, porque é uma região que chove muito, que tem muita água... Região de pescador, que não tem nada a ver com agri... Assim, tudo bem, é... Povos tradicionais, mas um povo tradicional que tem um outro tipo de cultura, da pesca, diferente de uma família agricultora que vive no Semiárido. Então ela se adaptou... Acho que *Mikania* teve que morrer pra nascer de novo, pra viver em Cubati hoje, como ela vive, com autonomia, gerando renda, produzindo alimento... Hoje ser uma pessoa que tem um poder de fala muito grande, porque ela tem uma apropriação política muito grande no que ela faz. *Mikania* fala em qualquer lugar do mundo e todo mundo compreende o que ela tá dizendo. *Fridericia*, a mesma forma, né, só que *Fridericia* é nativa. A diferença entre uma e outra é essa. *Fridericia* é nativa, então já tá calejada de viver, né, no caso de *Mikania*, não. *Mikania* teve que aprender, e aprendeu do zero mesmo, porque ela chegou aqui e parece que tinha 16 anos quando chegou”.

Cattleya fala em seguida da função do trabalho que desempenha, que é o de comunicar sobre um tipo de trabalho, que até então era invisibilizado. “Hoje eu vejo o seguinte... Que o profissional que tá na academia, a pessoa que tá na academia, se formando em alguma profissão, ela não pode ter apenas a experiência da academia. É uma experiência rica sim, do ponto de vista teórico ela é muito rica, mas do ponto de vista do contexto humano e de

convivência com as pessoas, se o cientista não faz esse processo, que é basicamente isso que você tá fazendo também, de sair das esferas da universidade e ir às experiências do povo, então ele é um profissional incompleto. Ele não vai ser um profissional completo. E até mesmo de desconstruir conceitos que você tem como plena verdade, que quando você chega na prática da vida, é outra totalmente diferente. Porque até então, pra mim, eu sempre valorizei os produtos da agricultura familiar, mas eu não entendia, por exemplo, o que era agroecologia. Isso pra mim foi um aprendizado muito grande, até porque o termo também é muito novo, agroecologia”.

“E assim... Se olhar para a *Cattleya* de 2003 quando saiu da universidade, eu não me vejo mais naquela *Cattleya*. Hoje eu sou uma outra pessoa, com uma outra perspectiva de vida de... Assim, profissionalmente para mim foi muito rico, porque tive que sair da minha zona de conforto e partir pra coisa do ser agente mesmo das coisas, né, das ações, de entender, de perceber... Não foi fácil, porque quando a gente tá na esfera pública é uma lógica e quando chega na esfera das organizações sociais é outra lógica totalmente diferente. Sendo que eu sempre tive um perfil muito ligado às organizações sociais, porque eu sempre acreditei no trabalho que parte da experiência das pessoas. E o serviço público não tem essa lógica, né, ele já chega com uma coisa pronta para você levar pronto. Se você olhar, por exemplo, o trabalho de uma Secretaria de Agricultura e o trabalho de uma organização social na agricultura é totalmente diferente. Então assim, que essa coisa da construção coletiva do diálogo foi um desafio muito grande pra mim, porque eu tive que aprender a ouvir também as pessoas pra poder, por exemplo, fazer uma agenda dessas (do Coletivo e PATAC). Porque na minha cabeça de jornalista a gente podia sentar e diagramar, entregar o projeto gráfico pronto, e pronto. [...] Então um produto desse, por exemplo, uma agenda pra você fazer, ela faz o ponto de vista frio, né, e apresenta a proposta e pronto. Já um produto desse construído dentro de um diálogo coletivo, não é um produto, não é simplesmente uma agenda, né. É uma história que tá sendo contada, é um texto que traz uma concepção sobre como as mulheres estão se organizando no território, é uma foto de *Mikania* que diz muito da experiência dela, é um olhar pra *Mikania* e lembrar de um banner que já foi para o México... Sabe... Então, assim é muito mais do que simplesmente um instrumento, um produto, mas tem toda essa coisa da trajetória das pessoas, que eu acho que a linguagem científica, se ela não dialoga com isso, principalmente da pesquisa, ela se torna uma pesquisa vazia, porque eu tô fazendo pesquisa pra quem?! Pra mim mesmo? Pra academia? Pro instituto de pesquisa? Quando eu tava no INSA eu sempre dialogava isso com os pesquisadores, né. Porque a lógica da academia é uma

lógica de muita autossuficiência, de dizer que sabe tudo. O instituto de pesquisa também, né, aquela coisa ‘Não, nós sabemos tudo, nós somos o dono da ciência’.”.

“Só que eles esquecem de referir que tudo tá pronto aí, ninguém criou nada, não, tá tudo aí prontinho. O que a gente precisa fazer é esse processo de melhorar, adaptando, descobrindo, mas ninguém inventou, por exemplo, a água. A água já tava aí pronta, ninguém inventou a diversidade das frutíferas... O que cientista faz é apenas descobrir uma forma melhor de usar aquilo. Por exemplo, a gliricícia⁹⁹, né, que é uma forrageira que tem um alto teor de proteína, que melhora a alimentação dos animais. A gliricídia já existia, agora faltava alguém que descobrisse que ela tinha essa função, de agregar à palma pra melhorar a forragem. Então assim, não dá pra você se sentir o máximo porque você descobre uma coisa que já... Que não foi descoberto, que já existia, você apenas foi o canal de fazer aquilo ali melhorar. Por exemplo, a questão da pesquisa do reuso de água. O reuso de água já existia no território, os agricultores faziam sem reator, com seu próprio filtro de pedra. O INSA melhorou, porque trouxe um reator que tá purificando cada vez mais a água, entendeu? Mas não foi uma criação do Instituto Nacional do Semiárido. É uma criação da cabeça dos agricultores e das agricultoras. Apenas o pesquisador viu naquilo ali, naquela experiência uma forma de melhorar aquele experimento. Eu acho que a gente que vem das academias, a gente tem que ter essa concepção, de que a gente não tá inventando nenhum conceito. Os conceitos estão aí. E agora nós estamos melhorando. E quando a gente se toca desse diálogo entre pesquisa, escolas, instituto de ensino como universidades, e organizações sociais... Quando a gente parte desse pressuposto, o pressuposto da agroecologia, o trabalho coletivo conjunto, então a gente vai avançar anos pra frente. Que é a lógica da solidariedade, né. Aí vem gerando a economia solidária, aí vem gerando a diversidade, aí vem gerando alimento saudável... Que agroecologia é isso, né, não é uma ação isolada, mas é um conjunto de ações que tanto fomentam o conviver com o Semiárido como o bem viver. São dois conceitos que estão muito atrelados, mas que tem uma diferença”.

Ela explica que o Semiárido tá dentro do processo de convivência em que daqui pra frente vai se avançar para um bem viver, acreditando que, mesmo com todo esse contexto político desfavorável à agricultura familiar que está acontecendo no país, o povo do Semiárido caminha para este bem viver. “Mas o que está valendo pra mim é um processo de formação pela qual as pessoas passaram nesse período todo, né; digamos, se a gente contar do ano 2000 até hoje, o que a agricultura familiar passou de transformação dentro dos processos

⁹⁹ *Gliricidia sepium* (Jacq.) Walp.

de organização de formação, não tem quem arranque dessas agricultoras o que elas aprenderam, ou o que elas melhoraram, né. Não tem quem arranque de *Guzmania* a experiência, não tem governo no mundo que arranque de *Caesalpinia* o que ela sabe, que arranque de *Cariniana* o que ela sabe, de *Fridericia*, e assim todas as outras. Não tem governo no mundo que destrua uma organização formada por pessoas, porque virou uma ideia. É uma ideia, não tem como mais destruir isso. Então por mais que essas agricultoras e essas famílias passe por um governo que não vai apoiar isso, a agroecologia em si, mas a prática tá dentro delas. Então a minha esperança é isso, minha esperança é de que não só o povo agricultor, mas o povo das comunidades tradicionais mantenham suas tradições a partir dos seus conhecimentos, como nossos antepassados sobreviveram, como os índios estão aí até hoje formando a história, mesmo passando por massacres, mas tão aí sobrevivendo e cultivando sua cultura, né”.

E ao citar essas mulheres atuantes do Seridó, *Cattleya* conta da importância de “comandar” o GA. “Para isso você tem que ter uma concepção de militância, que muitas vezes a gente não tá fazendo pelo salário, pelo contrato, pelo projeto, né... Aquela questão da militância de fazer pra melhorar a vida das outras pessoas. Porque, por exemplo, quando eu me desloco de Campina Grande pra cá (Soledade), tudo bem, eu venho num carro da instituição, eu recebo um salário por determinada função, mas não é só isso, né, porque se você juntar o valor material perto do valor de conhecimento que você tem agregado, então, do conhecimento dispara lá na frente, e o material é importante também, mas não é tudo. Claro que ninguém vai dizer que dinheiro é ruim, que ganhar bem é ruim, mas assim, não é só apenas o dinheiro, não é só apenas o contrato, não é só... Às vezes eu até digo isso em casa e minha mãe não compreende muito meu trabalho”.

Em seguida ela fala como sente-se pela possibilidade de transformar a vida de pessoas. “Eu acho isso muito, muito, muito significativo, assim, como pessoa humana, né. Porque de que valia tem a gente, se não for pra contribuir? Se eu sou um profissional que não sirvo pra contribuir? Eu não diria nem de melhorar a vida da pessoa, mas fazer a pessoa se despertar pra se melhorar, porque acho que é um papel de educador também, né. Não é simplesmente ser uma técnica que presta uma assessoria a um grupo de mulheres, mas acho que o papel da educação, né, do educar, de fazer com que essas mulheres entendam que elas são importantes, que elas têm um poder político... Então acho que é muito significativo isso. Não tem salário no mundo que pague isso. Que é diferente de um profissional que simplesmente vem exercer... E acho que até em outras profissões tem as pessoas que fazem aquilo ali pela militância e tem as pessoas que fazem pelo dinheiro. E aí você vê a diferença gritante de

quando um médico te atende, tem uma conversa humana contigo, do que um médico que te atende e mal olha pra tua cara e já receita uma medicação. Então acho que é a mesma relação, sabe. Não tinha como a gente fazer esse trabalho sem se envolver com essas mulheres, sem ir na casa delas, sem conhecer, porque aqui praticamente eu conheço todas elas nas suas experiências domésticas. São raros os casos aqui que eu não conheço elas em casa, a família, o marido, os filhos. Então assim é preciso ter muita noção do que você é como profissional e como pessoa pra embarcar nisso, porque não é todo mundo que quer, né. E assim, não é todo mundo que consegue também equilibrar essas energias, que às vezes você vai na casa de uma pessoa e tá numa situação tão complexa, que você sai com a sensação de impotência. Por exemplo, a própria *Aechmea* mesmo, quando sofreu aquela agressão... Teve momentos que eu me senti um nada, que eu achava que não tava fazendo nada, mas pelo depoimento dela você viu que, assim, ela se sentiu apoiada aqui dentro [do GA]. Então, pra mim já valeu, já valeu... Dez anos de experiência de vida, assim. Quando ela diz assim ‘Naquele momento que eu tava precisando, eu encontrei apoio aqui nesse grupo’ e eu achava que não tava fazendo nada por elas... Pela situação, porque se eu pudesse tinha prendido o cara na mesma hora [...], sabe? Mas a impotência é muito grande ainda, principalmente diante da violência. Nós ainda estamos muito impotentes. Até porque a gente também é mulher e tem momentos que a gente teme pela vida da gente. Porque, tem casos, por exemplo, quando eu trabalhava na prefeitura, que no caminho da delegacia, você acompanhando uma mulher, o agressor vinha e te agredia também. E ainda perguntava ‘O que é que você tá querendo fazer com minha mulher? Quer mexer no meu casamento?’.”.

Cattleya também fala da importância da luta feminina e da sua militância enquanto mulher. “É uma transformação inclusive pra mim, enquanto mulher, de muitas coisas que eu me questionei a vida toda, né, e que hoje eu tenho respostas. E de muitas coisas que eu vivencio, que eu preciso também tomar certas atitudes em relação, por exemplo em uma relação com um companheiro... Tenho a consciência do feminismo, mas eu preciso tomar coragem de resolver isso. Como já teve situações na minha vida que eu tive que fazer isso. Aquele velho ‘cortar na carne’, né. E assumir a posição feminista é uma posição também de muita dor, porque você sofre pela dor das outras mulheres, mas você também sofre pelas suas ‘impotencialidades’ de resolver as suas dores. Porque, ao contrário do que muita gente pensa, o movimento feminista não é um movimento que vem com tudo resolvido, né, é um movimento que a todo dia ele se refaz. Então se dizer feminista não é dizer que eu sou a mulher superpotente do mundo, que eu não sofro, que eu nunca me apaixonei, que eu nunca sofri uma violência... Isso é mentira. Eu acho que todas as mulheres que se assumiram

feministas, todas elas tiveram histórias de vida muito trágicas. Então, assim, o feminismo, ele não te isola do sofrimento, ele não te coloca na situação de super mulher, ele não te coloca na situação de mulher que não gosta de homem, como eu já vi por aí ‘Toda feminista é sapatão, e tal’... Não tem nada a ver com nada disso. O feminismo é uma luta de todos os dias, e é um movimento que se refaz a cada dia diante da necessidade de cada mulher. Então assumir um comportamento de, por exemplo, ‘Eu não me depilo, eu não vou ter mais relação com homem’, para mim isso não é o feminismo. Para mim o feminismo é um movimento que luta pela equidade. Mulheres e homens diferentes, mas que tem direitos iguais... Independente dela ser hétero, dela ser cis, ser trans, dela ser o que ela for, ela possa ser o que ela quiser ser”.

“E também os homens, porque o machismo também impede dos homens serem o que eles quiserem ser. Assim a gente não veria tantos casos de homens que tiveram que enrustir a homossexualidade pra virar marido, hétero e pai de família pra dar uma satisfação à sociedade. Então, assim, é uma coisa cruel, né, de você querer que o ser humano entre num padrão, porque você acha que é o padrão ideal, que é basicamente a ideia do nosso atual contexto político de conjuntura, que todo mundo entre naquela caixa de que todo mundo é igual e é um padrão. E isso não existe”.

Dentro da perspectiva feminista ela discorre sobre três mulheres que nutre forte admiração. “Eu acho que a própria Simone de Beauvoir pelo histórico de vida dela, a relação que ela tinha com o companheiro, que é uma relação muito comum que as mulheres passam, né, que é uma relação de muita traição, muita humilhação... E ela se sobressair daquilo tudo, se tornar a cientista que ela foi, a professora que ela foi, e tá ali naquele patamar de igualdade com ele, intelectualmente, mesmo sabendo que ela sofria o pão, que era apaixonada por ele, mas que não se abatia por isso, tava ali, né, tête-à-tête¹⁰⁰, no mesmo grau de intelectualidade, e exercendo cargos e funções tanto quanto ele assumia. E assim, essa coisa dela ter passado esse tempo todo casada com ele e morando em lugares diferentes, eu acho que é uma experiência que toda mulher deveria passar. E todo homem também. Era um casamento intelectual. Pelas mentes, que eram brilhantes, mas era um casamento que se vivia cada um na sua e quando dava era que existia encontro, né. E isso fazia Simone sofrer muito, mas ao mesmo tempo também, a partir dali ela descobriu outras questões dela como mulher, que ela se sobressaiu... Ela descobriu a bissexualidade dela ali, naquela ausência do Sartre. E ela foi uma mulher que transgrediu muito. E isso chocava as pessoas, né”.

¹⁰⁰ Em 2005 a biógrafa Hazel Rowley lançou um livro intitulado *Tête-à-Tête*, pela editora Harper Collins, de Nova Iorque, que conta por meio de entrevistas originais e materiais inéditos, sobre o relacionamento do casal de escritores-filósofos Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre.

“A própria história da Chiquinha Gonzaga, que acho que foi a primeira mulher que como adolescente eu conheci a história. Me chocou muito a história de Chiquinha Gonzaga. E assim, sofreu horrores na mão do pai, depois na mão do marido, teve que abandonar os filhos pra seguir o que ela queria, né... A própria Anita Garibaldi... Que não eram mulheres feministas, mas eram mulheres que transgrediram. Nessa transgressão elas conseguiram revolucionar a vida de muitas mulheres. A própria Manuela Garibaldi¹⁰¹... Ela não tinha nenhum papel político fora daquela casa onde ela vivia, mas pelas cartas que ela escrevia, ela conseguia movimentar a própria estrutura de política da Guerra dos Farrapos, né. [...] Então, o papel intelectual era todo dela. E, assim, são mulheres que foram invisibilizadas pela história, quase não aparecem, são citadas apenas nas cenas românticas”.

Cattleya responde também à pergunta que foi feita a todas, sobre como se sente sendo mulher. “Mulher pra mim é ter noção dessa capacidade de intervenção política, de ser político também. Ser mulher é também ter a questão do acolhimento, né, que eu acho que as mulheres têm uma facilidade muito grande de acolher e de entender, de ouvir. Até mesmo pelo instinto, né, da coisa do materno. E ser mulher pra mim é... Uma experiência que se eu vim pra esse mundo, né, do ponto de vista espiritual, passar por essa experiência de ser mulher, é uma coisa pra mim de muito aprendizado, que todo dia eu aprendo mais. E sofro, e choro, e sou feliz e... Não é uma coisa romântica de ser. Ser mulher é muito penoso nesse mundo que a gente vive, de misoginia, de assédio, e... Não é simplesmente ser linda, ser bela, ser meiga, ser doce. Muitas vezes a gente tem que ser rebelde, arisca, espinhosa, chata. É difícil pela condição física, também, porque a gente tem uma fisiologia totalmente diferente do funcionamento de um corpo masculino... Com o passar do tempo, você vai vendo que as exigências do mundo, do mercado vão se tornando mais cruéis ainda pra você, né, porque você não pode ter o cabelo branco, você não pode ter uma ruga... Então assim, essa questão da estética, da beleza é uma coisa que escraviza muito as mulheres, ao ponto de muitas entrarem em depressão. E... Não é fácil. Ser mulher não é fácil. Porém é uma coisa muito... BOA! E hoje, com entendimento que eu tenho, do meu ser mulher e do meu ser político mulher, eu acho que eu tinha que ter nascido mulher mesmo nessa encarnação. Não podia ter nascido homem. Eu acho que eu tinha um papel pra cumprir aqui e, não sei se bem ou mal, tô tentando cumprir”.

Ela fala que é necessário ter um equilíbrio na relação com as pessoas, da relação consigo mesma, da relação com a sua família. “São muitas pessoas que não tem essa

¹⁰¹ Manuela de Paula Ferreira.

apropriação do seu papel enquanto ser um humano na transformação da realidade das outras pessoas. É aquela coisa, a lógica muito ocidental de ser, de que: eu quero melhorar a minha vida, quero passar num concurso público, eu quero ter um carro, quero ter um apartamento, eu quero ter um atendimento de saúde de qualidade e eu acho que eu consigo ir sozinho. E aí eu pensei isso pra mim e não penso nas outras pessoas. Que aí eu acho que é o que foi que aconteceu com muita gente que votou nesse governo que tá aí. Porque quando a gente tem um sonho de bem viver, um sonho de bem viver é coletivo”.

“Bem viver é um conceito de diversidade atrelado à agroecologia, que é justamente essa coisa de permitir que todas as pessoas tenham os mesmos direitos, de permitir que todas as pessoas tenham a mesma assistência... É tipo uma lógica meio socialista de ser, que pra alguns é falida, mas pra mim não. Eu acho que o bem viver passa pela lógica humana de ser, né, porque não adianta eu querer avançar e dez pessoas ficarem atrás, eu ser uma mulher que me emancipei e dez mulheres estarem em situação de violência. De quê que adianta isso? Que sentido faz?”.

7 QUE SENTIDO FAZ?

Um autor de romances chamado Julian Barnes escreveu em seu livro *O sentido de um fim* uma frase que diz “[...] nossa vida, não é nossa vida, mas apenas a história que nós contamos a respeito de nossa vida” (p. 144). Esta obra aborda sobre a escolha de nossas memórias e como sobrevivemos a essas escolhas. E esta tese se tornou algo semelhante, como um conjunto de histórias que trazem à tona memórias que foram escolhidas para serem contadas. Cada história tem por trás interlocutoras que fizeram e fazem escolhas na vida, e o que as reuniu aqui foi que uma dessas escolhas refere-se a se envolverem coletivamente em diferentes cenários de articulação.

Contudo, elas não se ativeram somente a memórias. Refletiram também sobre o porquê de estarem juntas e formaram suas próprias opiniões acerca disto. E assim, nestes cenários do Seridó paraibano foi possível encontrar uma diversidade de pensamentos sobre a ação coletiva. Estes, conduzem a reflexões sobre os motivos de se estimular estratégias de articulação grupais dessa natureza, sobretudo para organizações que se propõem a trabalhar diretamente com estes públicos, sejam ONGs, projetos, empresas de assessoria e extensão rural, ou outro tipo de organização.

Mas antes de falar sobre esse estímulo vamos recapitular alguns conceitos para tentar encontrar o sentido ou os sentidos dessas ações coletivas. Como foi dito lá no início, Weber listou quatro tipologias para explicar a ação social: a racional com relação aos fins, a racional com relação aos valores, a afetiva, e a tradicional. E nos relatos das mulheres os temas que se sobressaíram quando falaram dos sentidos de participar dos seus respectivos grupos foram pelo menos sete: união, família, acesso e partilha de novos conhecimentos, saúde e bem-estar, melhoria da renda, empoderamento político da mulher e felicidade.

A partir dos relatos delas poderia arriscar em dizer que prevaleceram duas ações dentro dessas tipologias weberianas: a racional em relação aos valores e a afetiva. Porém eu nomearia de outras maneiras, porque acredito que por mais que se assemelhem ao que o sociólogo teorizou não se enquadram bem em virtude da especificidade dos grupos, e por estas não serem fixas, nem tampouco uma continuidade uma do outra, ou seja, não serem uma imposição; os grupos transitam entre elas. Dessa maneira, para o primeiro tipo chamaria de ação coletiva militante e para o segundo de ação coletiva familiar.

A ação militante se apresenta muito evidente em grupos como o de Pedra Lavrada e Cubati. Como também quando nas falas das mulheres aparecem palavras como o engajamento da mulher, ou o acesso a conhecimentos para posterior partilha. Nestes casos, como Weber

coloca, não é o fim que orienta a ação, mas os valores que os sujeitos possuem. E esses valores para os casos em questão vão mais além de pensar em valores éticos, religiosos, políticos ou estéticos. Além disso, tem a questão da militância que move estas pessoas, porque acreditam que suas ações podem transformar as vidas de outros, podem tirar suas companheiras de situações de opressão, é uma ação pensada por elementos não ligados diretamente ao econômico ou ao emocional. Um exemplo muito claro dessa ação é quando o grupo de Pedra Lavrada coloca que a atividade de beneficiamento das frutas é apenas uma forma de estarem juntas para se organizarem e se mobilizarem enquanto comunidade.

Para a segunda ação, a familiar, associa às palavras: união, família, alegria, felicidade, saúde e bem-estar. Neste, o critério para agir baseia-se em questões mais imediatas, porque as pessoas são movidas pelo sentimento. Só que esse sentimento é específico, ele é construído baseado nas relações familiares. Portanto, está em todos os grupos pesquisados aqui, visto todos terem uma forte conexão de parentesco entre seus membros. Está mais forte no grupo de Juazeirinho visto a família ser numerosa, porém este grupo não parece ter a ação militante ainda bem desenvolvida. Acredito que isto se justifica por conta que no grupo a figura da liderança que norteia as atividades, causa certa expectativa nas (os) integrantes que ela continue nessa posição, e que o restante vá para os encontros a fim de colherem os sentimentos familiares, sem assumirem grandes responsabilidades.

Desta maneira, acredito que podem ocorrer dosagens dessas ações em todos os grupos. A depender da ação que desenvolvam podem ser alteradas essas doses de ação militante e de ação familiar. E isso pode tomar uma complexidade grande para quem quer trabalhar com grupos como estes, mas não entende ainda como se articulam as mulheres dentro de uma lógica caracterizada por vínculos familiares, costumes camponeses, laços comunitários e uma forte relação com o território.

Em vista disto, analisando de maneira direta e simples estas ações sociais coletivas, os sentidos que as movem resumem-se ao convívio, ao trabalho e à renda. O grupo de Juazeirinho, por ter a questão do envolvimento de mulheres de toda a comunidade para ações diversas ligadas às atividades lúdicas e físicas, é o que mais fortemente se articula em virtude do convívio. É o convívio que preocupa Dona *Jacaranda* todas as semanas a encontrar seus amigos no sábado, é o mesmo convívio que motiva a jovem *Myrcia* a se encontrar com as senhoras alegres da comunidade todos os finais de semana.

Já os grupos de Cubati e Pedra Lavrada possuem ações centralizadas entre os sentidos de trabalho e renda. De acordo com a metodologia weberiana, o sentido da ação não precisa justificar a ação, o sentido será a intencionalidade do sujeito. Assim, as mulheres destes dois

últimos grupos podem dizer que o sentido da ação é o trabalho, e este ter um forte apelo pela militância na agroecologia, mas simplesmente irem para lá para se encontrarem, para desopilar, como *Fridericia* colocou. Portanto, o sentido não é o que você consegue com a ação, é o que subtende esta ação.

Só que em tese, para alguns o sentido pode parecer com relação aos fins, ao que se consegue com as ações. Uma situação que ilustra bem esta questão é a do caso dos maridos das integrantes do grupo de Pedra Lavrada, quando se organizou uma reunião em que *Cariniana* teve que se sentar com os maridos das companheiras para explicar qual era o sentido do grupo, ou seja, explicar que estavam ali pelo trabalho, por mais que para elas o sentido não é tão simples assim. Então, à medida que os maridos racionalizaram desta forma, eles entendem e não implicaram mais com as esposas que fazem parte do grupo.

O método weberiano fala que pode não ser racional, mas o que importa é que é o sentido da ação, e não o resultado da ação. Assim, percebe-se que por mais que elas se articulem para trabalho e renda, o sentido do convívio por vezes é o que mais prevalece.

Decifrar o sentido dessas ações, portanto, torna-se uma tarefa muito subjetiva. Talvez, você que leu todas as histórias, pense de outra maneira, teorize outros sentidos. Só que mais importante do que saber isso, considero que é realizar o exercício de ouvir as pessoas, sobretudo ao se propor em trabalhar com processos que tem a comunicação como uma das principais ferramentas. Ouvir é essencial, e ouvir supõe esforço e empatia. É necessário conhecer as pessoas, ter um tempo para ouvi-las antes do que você tem a dizer.

No caso da extensão rural, às vezes as equipes extensionistas podem se deparar com desafios que não sejam exatamente o que imaginam. Às vezes, para que o processo dialógico da comunicação na extensão rural aconteça, para que um desenvolvimento real ocorra, não se deve pensar primeiramente em produção, em metas a serem cumpridas, como recorrentemente ocorre em projetos desta natureza. Por vezes, as pessoas das comunidades, dos assentamentos, dos quilombolas, dos grupos tradicionais estão precisando melhorar a sua autoestima, aprender a ler e escrever, ou qualquer outra demanda que, direta ou indiretamente, interfere no que o extensionista idealiza como trabalho, como meta de desenvolvimento. Só por este motivo já torna necessário que a extensão rural seja promovida por equipes interdisciplinares, que entendam que cada local passa por um processo único e específico.

Vão existir locais ou comunidades que as metas dos projetos de extensão serão facilmente atingidas, mas em outros não. Isto porque as pessoas que povoam os diferentes locais simplesmente são também diferentes. As realidades ambientais, sociopolíticas e econômicas interferem em suas vidas de modos singulares até mesmo dentro de um território teoricamente homogêneo. Acontece que estas que possuem mais “dificuldade” em atingir metas, muitas vezes, não são assistidas pelos programas de extensão rural, porque não irão oferecer os “resultados positivos”, que as equipes esperam. Dessa forma, para atingir metas de desenvolvimento em programas de extensão, é crucial que previamente se leve em consideração um outro tipo de desenvolvimento, que seja mais intrínseco aos interesses dos espaços sociais que estão compondo aquele cenário rural, que converse com as reais necessidades do povo, que seja como *Cattleya* comenta, partindo da experiência dos indivíduos envolvidos, considerando seus conhecimentos e histórias.

É nesse sentido que esta tese vem ressaltar a importância de se entender a extensão voltando-se para o cenário rural como um espaço essencialmente repleto de subjetividades. Considerando que estas, por sua vez, sugerem uma diversidade de anseios e vontades de grupos e de indivíduos, que possuem trajetórias de vidas completamente diferentes, mas que estão ali interagindo e construindo seus desenvolvimentos coletivos e únicos.

Existem muitos abismos entre expectativas de se trabalhar com comunidades rurais e as realidades que elas se encontram. A ação coletiva muitas vezes parece ser um processo homogêneo, mas nem sempre é. Isto se percebe no caso do grupo de Cubati que, do momento da construção da linha do tempo e dos sentidos, encontrou um empasse entre se o grupo seria mais voltado ao sentido de trabalho da militância ou ao sentido de gerar renda. Isso é importante para que os agentes externos perceberem que mesmo aparentemente existindo uma homogeneidade, está imersa em muita subjetividade.

Tomando alguns temas-chave das entrevistas, é possível trazer mais alguns elementos para pontuar sobre a convivência no Semiárido. Pelo que as experiências mostraram, todas as realidades passaram por problemas decorrentes da escassez de água. A seca é um fenômeno anual na região Semiárida, e não existe possibilidade de combatê-la, apenas de conviver. Mas conviver com estratégias adaptadas. Não temos mais as Frentes de Emergência, a cachorra magra do Governo, como única política pública, como *Cattleya* recordou. Hoje já foram conquistadas mais políticas públicas favoráveis à agricultura familiar no horizonte semiárido

brasileiro, assim como os incentivos do Estado, como no caso do Procase; mesmo ainda sendo insuficientes para trazer a soberania e autonomia que todo o povo desta região merece.

Essas políticas públicas são verdadeiros motivadores para estas organizações continuarem suas atividades. Como *Cariniana* colocou, as “meninas” de sua comunidade tinham apenas a fruta e a coragem, e com os apoios institucionais conseguiram que a iniciativa de Canoa de Dentro fosse desenvolvida e reconhecida além dos limites territoriais.

E os engajamentos das mulheres nestes grupos, sejam para convivência, para trabalho ou para renda, dialogam muito com o que foi narrado na última entrevista sobre o bem viver. Nos relatos delas sobre as épocas anteriores às concepções dos grupos apareceram fatores como tristeza, desmobilização e desinformação. Ao passo que foram se organizando, e recebendo motivações e estímulos, a narrativa começa a mudar, e elas começam a enxergar suas comunidades e suas vidas sob novas perspectivas.

Outro fator muito relevante para estes grupos terem se desenvolvido foi a influência das lideranças locais, como *Caesalpinia*, *Cariniana* e *Myrsine*. A disposição em mobilizar destas mulheres certamente foi crucial para os seus grupos. O trabalho com estas organizações sociais comunitárias precisam, portanto, levar em consideração esta influência política local, e entender que um trabalho com cada um destes grupos não deve ir pronto, como argumenta *Cattleya*, tem que ser construído. Este trabalho possivelmente precisará ser, como ela disse, partindo da experiência, e sabendo que a realidade semiárida demanda políticas públicas específicas, que consideram o saber popular como um saber genuíno, o que *Griffinia* ressalta quando disse que “os conhecimentos são diferentes, mas tenho o meu, né”.

Assim, o agente externo se responsabiliza em assumir alguns papéis, como o de educador e o de militante, que se preocupa em fazer a pessoa se despertar para uma melhoria em sua vida e na vida de sua comunidade.

Espera-se que este trabalho possa também contribuir minimamente para as discussões e os estudos dentro da academia, e fora dela principalmente, com relação a questões de gênero envolvendo mulheres camponesas que trabalham seus desenvolvimentos aliados aos seus sentidos, sejam eles grupais ou individuais. Muitas ainda estão silenciadas pelo machismo e pelo patriarcado que existem no meio rural e também invisibilizadas para políticas públicas e para demais organizações que trabalham com agricultura familiar.

Quando se fala em desenvolvimento é crucial entendermos que na mesma sociedade, num mesmo território, e até mesmo num coletivo ou grupo vivem-se variados tempos, como Ortiz (2009) aborda quando fala na sobreposição de temporalidades. Por exemplo, você pode se organizar em um grupo de produção de frutas, mas sua vizinha sofre com uma infinidade de violências. Então são tempos distintos que vocês vivem. Tempos de aprendizado, de empoderamento, tempos de escolhas, tempos de organização e mobilização.

Eu diria que o desenvolvimento precisa ser testado, experimentado, avaliado. Este tem que emergir da vida dos sujeitos envolvidos. É experimentando que, desde crianças, sabemos o que serve e o que não serve pra gente. É experimentando, que uma agricultora sabe se uma tecnologia nova é boa ou não para a propriedade dela. À partir do momento que se vai testando, supõe um aprendizado. E é nesse aprendizado que as ideias podem se sustentar, serem inovadas, “colocadas de molho” pra mais tarde, ou serem rejeitadas (e não há nenhum problema nisto).

Por fim, é preciso lembrar que nenhuma dessas discussões últimas estão esgotadas. A intenção desta tese foi valorizar principalmente a voz das pessoas tendo a memória e os pensamentos como principal fonte de dados. É como a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie em uma apresentação no TED (Technology, Entertainment, Design), em 2009, conta sobre o risco de se contar uma só história. São necessárias muitas versões para que perspectivas de desenvolvimento sejam embasados com mais fidelidade à realidade. É essencial que muitas dessas narrativas comecem a surgir através dos discursos acadêmicos. As ações das mulheres que fizeram parte desta pesquisa não se encerram nesses sentidos e racionalizações pensados aqui, pois estão se transformando constantemente.

REFERÊNCIAS

ALTIERI, M. A. **Agroecologia: as bases científicas da agricultura alternativa**. 2. ed. Rio de Janeiro: PTA-FASE, 1989. 240 p.

ANDRE, M. E. D. A.; CANDAU, V. M. O projeto Logos II e sua atuação junto aos professores leigos do Piauí: um estudo avaliativo. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 50, p. 22-28, 1984.

ASA. **PATAC celebra 45 anos com ações em Campina Grande e no Semiárido**. Articulação do Semiárido, 2015. Disponível em: <<http://www.asabrasil.org.br/26-noticias/ultimas-noticias/9208-patac-celebra-45-anos-com-aco-es-em-campina-grande-e-no-semiarido>>. Acesso em 29 Jul. 2019.

ASA. **Sobre nós - História**. Articulação do Semiárido, 2019. Disponível em: <<https://www.asabrasil.org.br/sobre-nos/historia>>. Acesso em: 29 Jul. 2019.

AS-PTA. **Encontro de formação sobre os Fundos Rotativos Solidários**. Esperança: Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa, 2010. Disponível em: <<http://aspta.org.br/2010/08/encontro-de-formacao-sobre-os-fundos-rotativos-solidarios/>>. Acesso em: 30 Jul. 2019.

AS-PTA. **Fundo Rotativo Solidário: um instrumento de autonomia da agricultura familiar**. Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa, 2013. Disponível em: <<http://aspta.org.br/2013/04/09/fundo-rotativo-solidario-um-instrumento-de-autonomia-da-agricultura-familiar/>>. Acesso em: 29 Jul. 2019.

AXELROD, R. M. **The evolution of cooperation**. New York: Basic Books, 1984. 241 p.

BATLIWALA, S. The meaning of women's empowerment: new concepts from action. *In*. SEN, G., GERMAIN, A.; CHEN, L. C. (Orgs), *Population policies reconsidered: health, empowerment and rights*. **Harvard University Press**, Boston, p.127-138, 1994.

BENJAMIN, W. **Teses sobre o conceito da história**. In: LÖWY, M. *Alarme de incêndio: uma leitura das teses sobre o conceito de história*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

BÍBLIA VIRTUAL. **Como rezar o terço? O que orar em cada ministério e em cada dia**. 2019. Disponível em: <<https://bibliavirtual.com.br/como-rezar-os-misterios-do-terco/>>. Acesso em: 23 Jul. 2019.

BRASIL. **Cajuína do Piauí é o mais novo patrimônio cultural brasileiro**. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2014. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/286>>. Acesso em: 28 Jul. 2019.

BRASIL. **Programa de aquisição de alimentos da agricultura familiar**. Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, 2012. Disponível em: <http://www.mda.gov.br/sitemda/sites/sitemda/files/user_arquivos_64/CARTILHA_PAA_FI_NAL.pdf>. Acesso em: 22 Jul. 2019.

BRUBAKER, R. **The limits of rationality**. Londres, Allen & Unwin. 1984.

BRUMER, A. **Mulher e desenvolvimento rural**. In: PRESVELOU, C.; ALMEIDA, F. R.; ALMEIDA, J. A. (Orgs). *Mulher, família e desenvolvimento rural*. Santa Maria: UFSM, p. 39-58, 1996.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. RIBEIRO, V. (Rev.). Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2003, 185 p.

CAPORAL, F. R.; COSTABEBER, J. A. Agroecologia: enfoque científico e estratégico. **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, v. 3, n. 2, p. 13-16, 2002.

CARVALHO, M. E. P.; ANDRADE, F. C. B.; JUNQUEIRA, R. D. **Gênero e Diversidade Sexual: Um glossário**. Escolas Plurais. João Pessoa: UFPB, 2009. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/escolasplurais/contents/noticias/didaticos/genero-e-diversidade-sexual-um-glossario/glossarioEscolasPlurais1.pdf>>. Acesso em: 23 Jul. 2019.

CASTEL, O. La dynamique institutionnelle de l'économie populaire solidaire dans les pays du Sud. **Cahier de la Chaire de Recherche en Développement des Collectivités**, Outaouais, p. 1-21, 2003.

CATTANI, A. D. Ação coletiva. In: CATTANI, A. D.; HOLZMANN, L. (Orgs). **Dicionário de trabalho e tecnologia**. 2. ed. Porto Alegre: Zouk, p. 15-19, 2011.

CHAGAS, M. C. M.; SILVA, E. C. S.; NASCIMENTO, S. M.; LIMA, G. F. C.; LIMA, T. C. C. **Cochonilha do carmim na palma forrageira: conheça a praga e as estratégias de controle** (Folder). Petrolina: Embrapa Semiárido, 2018. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/busca-de-publicacoes/-/publicacao/1094393/cochonilha-do-carmim-na-palma-forrageira-conheca-a-praga-e-as-estrategias-de-controle>>. Acesso em: 23 Jul. 2019.

CINEMA NOSSO. **Nossa História**. Rio de Janeiro: Cinema Nosso, 2019. Disponível em: <<http://www.cinemanosso.org.br/site/nossa-historia/>>. Acesso em: 29 Jul. 2019.

COWEN, M.P.; SHENTON, R.W. **Doctrines of Development**. Londres: Routledge, 1996.

CUSTÓDIO, H. F. F. **A fundamentação do conceito de possibilidade objetiva na metodologia weberiana**. 2012. 95 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Universidade Federal de Uberlândia, 2012.

DIAS, M. M. **As ONGs e a construção de alternativas para o desenvolvimento rural: um estudo a partir da Assessoria e Serviços a Projetos em Agricultura Alternativa (AS-PTA)**. 2004. Tese (Doutorado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica - RJ, 2004.

DUQUE, D; ARAÚJO, M. G. B. O protagonismo da juventude no semiárido: a experiência do Coletivo Regional do Cariri, Seridó e Curimataú (PB). **Revista Agriculturas**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, 8-12, 2011.

- DUQUE, G. “Conviver com a seca”: contribuição da Articulação do Semi-Árido/ASA para o desenvolvimento sustentável. **Desenvolvimento e Meio Ambiente**, Curitiba, n. 17, p. 133-140, 2008.
- EISEN, A. The meanings and confusions of Weberian ‘rationality’. **British Journal of Sociology**, v. 29, n. 1, p. 57-70, 1978.
- FARIA, A. B. Amélias: Imagens da Mulher de Verdade na Canção de Ataulfo Alves. **Revista Brasileira de Estudos da Canção**, Natal, n.6, p. 104-124, 2014.
- FARIAS, M. F. L. **Assentamento Sul Bonito: as incertezas da travessia na luta pela terra**. 2002. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara - SP, 2002.
- FERREIRA, A. P. L.; MATTOS, L. C. Convergências e divergências entre feminismo e agroecologia. **Ciência e Cultura**, São Paulo, v. 69, n. 2, 2017.
- FONSÊCA JÚNIOR, G.; BRASIL, J. D. O. A resistência das mulheres ao “Projeto da Morte”: uma análise acerca da possível autonomia feminina da Chapada do Apodi/RN. **Revista Gênero & Direito**, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 166-187, 2015.
- FRIEDMANN, J. **Empowerment: uma política de desenvolvimento alternativo**. Portugal: CELTA, 1996.
- GOHN, M. G. **Teorias dos Movimentos Sociais - paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Loyola, 1997.
- GOMES, R.; BARBOSA, A. G. A ecologia política da algaroba: uma análise das relações de poder e mudança ambiental no Cariri Ocidental - PB. In: Reunião Brasileira de Antropologia, 26., 2008, Porto Segura/BA. **Anais...** Campinas/SP: UNICAMP, 2008. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2036/Ramonildes%20Gomes.pdf>. Acesso em: 30 Jul. 2019.
- GUDYNAS, E. Buen Vivir: Today’s tomorrow. **Development**, v. 54, n. 4, p. 441-447, 2011.
- HABERMAS, J. **Teoria da la acción comunicativa: racionalidad de la acción y racionalización social**. Madri, Taurus. 1987.
- LIMAS, C. R. **Desconstruindo a binariedade de gênero no Brasil**. São Paulo: Empório do Direito, 2017. Disponível em: <<https://emporiiodireito.com.br/leitura/desconstruindo-a-binariedade-de-genero-no-brasil>>. Acesso em 29 Jul. 2019.
- LISBOA, D.; CARVALHO, L. L. O Método Fenomenológico de Investigação em Edmund Husserl. In: MATTOS, A. B. et al. (Org.). **Ciências humanas em foco**. Diamantina: UFVJM, 2017, p. 135-148.
- LISBOA, T. K.; MANFRINI, D. B. Cidadania e equidade de gênero: políticas públicas para mulheres excluídas dos direitos mínimos. **Katálisis**, Florianópolis, v. 8, n. 1, 2005, p. 66-77.

LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós-estruturalista.** Petrópolis: Vozes, 1997. p. 14-36.

MANESCHY, M. C.; CONCEIÇÃO, M. F. C.; MAIA, M. L. S. **Estudos sobre as dinâmicas das associações rurais no nordeste Amazônico.** In: GOMES, A. C.; MANESCHY, M. C.; MAGALHÃES, S. B.; FERREIRA, J. M. C. (Orgs). Organização social e associativismo no contexto da mundialização: estudos em Portugal, África e Amazônia. Belém: NUMA/UFGA, p. 143-168, 2010.

MARTINELLI, G.; MORAES, M. A. (Orgs.). **Livro vermelho da flora do Brasil.** Trad.: Flávia Anderson, Chris Hieatt. Rio de Janeiro: Andrea Jakobsson: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 1. ed., 2013, 1100 p.

MAUSS, M. **Ensaio sobre a dádiva: forma e razão da troca nas sociedades arcaicas.** In: MAUSS, M. Sociologia e antropologia. NEVES, P. (Trad.). São Paulo: Cosac Naify, p.183-314, 2003.

MEIHY, J. C. S. B. **Manual de História Oral.** São Paulo: Loyola; 1996.

MELUCCI, A. **Challenging codes: collective action in the information age.** Cambridge, Mass.: Cambridge University Press, 1996.

MEYER, D. E. Do Poder ao Gênero: uma articulação teórico - analítica. In: LOPES, MEYER E WALDOW. **Gênero e Saúde.** Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

MICHAELIS. **Ditafone.** Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, Editora Melhoramentos, 2019. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=ditafone>>. Acesso em: 23 Jul. 2019.

MOLYNEUX, M. Change and Continuity in Social Protection in Latin America: Mothers at the Service of the State? **Gender and Development Paper.** Geneva: UNRISD, n.1, 2007.

MORIM, J. **Cajuína.** Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2014. Disponível em: <http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&id=1022:cajuina>. Acesso em: 28 Jul. 2019.

MOSER, C. La planificación de genero en el tercer mundo: enfrentando las necesidades prácticas y estratégicas de género. In: GUZMÁN, V.; PORTOCARREO, P.; VARGAS, V. Una nueva lectura: género en el desarrollo. Lima: **Entre Mujeres/Flora Tristán**, p. 55-124, 1991.

NEUKIRCHEN, C. B. S. Sou mulher, mas sou machista. In: Seminário Nacional de Literatura, História e Memória, 13., e Congresso Internacional de Pesquisa em Letras no Contexto Latino-Americano, 4., 2017. Cascavel/PR. **Anais...** Cascavel/PR: Unioeste, 2017. Disponível em: <<http://www.seminariolhm.com.br/2018/simposios/30/simp30art16.pdf>>. Acesso em: 1 Set. 2019.

NEVES, O. S. C.; CARVALHO, J. G. **Tecnologia da Produção do Umbuzeiro *Spondias tuberosa* Arr. Cam.** Lavras: UFLA, 2005. 101p.

OLSON, M. **A lógica da acção colectiva: bens públicos e teoria dos grupos**. Tradução M. D. C. GUERREIRO e M. L. FARIA. Oeiras: Celta, 1998. 168 p.

ONU MULHERES BRASIL. **Princípios de Empoderamento das Mulheres**. Brasília: Organização das Nações Unidas, 2016. Disponível em: <http://www.onumulheres.org.br/wp-content/uploads/2016/04/cartilha_WEPs_2016.pdf>. Acesso em: 30/05/2017.

ORTIZ, R. Globalização: notas sobre um debate. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 24, n. 1, 2009, p. 231-254.

OSTROM, E. A behavioral approach to the rational choice theory of collective action. **American Political Science Review**, v. 92, n. 1, p. 1-22, 1998.

OSTROM, E. Analyzing collective action. **Agricultural Economics**, v. 41, p. 155-166, 2010.

OSTROM, E. **Governing the commons: the evolution of institutions for collective action**. Cambridge/New York: Cambridge University Press, 1990. 280 p.

PACHECO, M. Sistemas de produção: uma perspectiva de gênero. **Revista Proposta – Desenvolvimento Sustentável**, v. 25, n. 71, 1997.

PATAC. **Relatório de Ações da Temática de Mulheres**. Campina Grande: Programa de Aplicação de Tecnologias Apropriadas às Comunidades, 2018 (documento interno).

PAULILO, M. I. S. O peso do trabalho leve. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro: SBPC, v. 5, n. 28, p. 64-70, 1987.

PISCITELLI, A. Reflexões em torno do gênero e feminismo. In: COSTA, C. L.; SCHMIDT, S. P. **Poéticas e Políticas Feministas**. Florianópolis: Ed. Mulheres, 2004.

POLLAK, M. **Memória e identidade social**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-212, 1992.

PORTELLA, A. P.; GOUVEIA, T. **Idéias e Dinâmicas para Trabalhar com Gênero**. Recife: SOS CORPO Gênero e Cidadania 1998. Disponível em: <https://www.academia.edu/34765692/Ideias_e_din%C3%A2micas_para_trabalhar_com_genero>. Acesso em: 23 Jul. 2019.

PRADO, M. A. M. Da mobilidade social à constituição da identidade política: reflexões em torno dos aspectos psicossociais das ações coletivas. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 59-71, 2002.

RIBASKI, J.; DRUMOND, M. A.; OLIVEIRA, V. R.; NASCIMENTO, C. E. S. **Algaroba (*Prosopis juliflora*): Árvore de Uso Múltiplo para a Região Semiárida Brasileira**. Colombo: Embrapa Florestas, Comunicado Técnico, n. 240, 2009.

RIBEIRO, D. **As diversas ondas do feminismo acadêmico**. São Paulo: Geledés - Instituto da Mulher Negra, 2014. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/diversas-ondas-feminismo-academico/>>. Acesso em: 23 Jul. 2019.

RUBIN, G. Traffic on Women: Notes on the 'Political Economy' of Sex. In: REITER, R. (Ed.). **Towards an Anthropology of Women**. New York: Columbia University Press, 1979, p. 157-210.

SABOURIN, E. **Camponeses do Brasil: entre a troca mercantil e a reciprocidade**. Tradução Leonardo Milani. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, 336 p.

SABOURIN, E. Teoria da reciprocidade e análise de políticas públicas rurais. **Revista Ruris**, Campinas, v. 6, n. 2, p. 53-90, set. 2012.

SAFFIOTI, H. I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. 1 ed. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004, 151 p.

SCHLUCHTER, W. **Paradoxos da modernidade: cultura e conduta na teoria de Max Weber**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

SCHMITZ, H.; MOTA, D. M.; SOUSA, G. M. Reciprocidade e ação coletiva entre agricultores familiares no Pará. Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. **Ciências Humanas**, v. 12, n. 1, p. 201-220, 2017.

SCOTT, J. W. Gênero: Uma Categoria útil para Análise Histórica. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 20, n. 2, 1995, p. 71-99.

SEGATO, R. L. **Gênero e colonialidade: em busca de chaves de leitura e de um vocabulário estratégico descolonial**. E-Cadernos Ces [online], Epistemologias feministas: ao encontro da crítica radical, 2012. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/eces/1533>>. Acesso em: 29 Ago. 2019.

SELL, C. S. Racionalidade e Racionalização em Max Weber. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 79, 2012.

SEMEAR. **Projeto Procace – Paraíba**. Salvador: Semear Internacional, 2019. Disponível em: <<http://portalsemiar.org.br/fida/projeto-procace-paraiba/>>. Acesso em 29 Jul. 2019.

SILIPRANDI, E. O que se pensa, o que se faz, o que se diz: discursos sobre as mulheres rurais. **Educação em Debate**, v. 2, n. 44, p. 106-110, 2002.

SILVA, S. L. Razão Instrumental e Razão Comunicativa: um ensaio sobre duas sociologias da racionalidade. **Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas**, n. 18, 2001.

STARK, W. **Empowerment: neue handlungskompetenzen in der psychosozialen praxis**. Freiburg und Breisgau: Lambertus, 1996.

THIOLLENT, M. J. M. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária**. São Paulo: Polis. 1982.

THOMPSON, P. **A voz do passado – historia oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992, 104 p.

THOMPSON, P. **A voz do passado**. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

TILLY, C. Introduction. In: TILLY, L. A.; TILLY, C. (Eds). **Class conflict and collective action**. London: Sage Publishers, p. 13-25, 1981.

TORO, B.; WERNECK, N. M. D. **Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação**. Ministério da Justiça, Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, Programa Nacional de Direitos Humanos, 1997, 194 p.

TORRES, A. T. G.; SOUSA, G. C. A memória oral dos flagelados da seca: o caso das “Frentes de emergência” no Sertão do Pajeú. In: Simpósio Internacional de Geografia Agrária, 8., 2017, Curitiba/PR. **Anais...** Curitiba/PR: SINGA, 2017. Disponível em: <https://singa2017.files.wordpress.com/2017/12/gt05_1506904119_arquivo_trabalhosinga2017pronto1.pdf>. Acesso em: 26 Jul. 2019.

TORRES, E. J. M. **Estrutura, distribuição espacial e atributos de solos com ocorrência de Spondias tuberosa Arr. Câm. em agroecossistemas do curimataú paraibano**. 2015. 100 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Agrárias). Universidade Federal da Paraíba. Bananeiras, 2015.

TRIBUNA DO NORTE. **A civilização singular do Seridó**. Natal: Tribuna do Norte, 2011. Disponível em: <<http://www.tribunadonorte.com.br/noticia/a-civilizacao-singular-do-serido/204016>>. Acesso em: 6 jul. 2019.

WEBER, M. “**Vorbemerkung**”, in *Gesammelte Aufsätze zur Religionssoziologie I* [GARS I], Tübingen, Mohr Siebeck, p. 1-16, 1988.

WEBER, M. **Economia e sociedade**. 3. ed., v.1. Brasília: UnB, 1994.

WEBER, M. **Ensayos sobre sociología de la religión**. Madri, Taurus, v. 1, 2001.

WILLIAM, B. **Formal structures and social reality**. In: GAMBETTA, D. (Ed.). *Trust: making and breaking cooperative relations*. Oxford/Cambridge: Basil Blackwell, p. 3-13, 1988.

YIN. R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 3 ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

ZIRBEL, I. **Estudos Feministas e Estudos de Gênero no Brasil: Um Debate**. 2007. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política). Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC, 2007.

APÊNDICE A - PRIMEIRA INSPIRAÇÃO

SISTEMATIZAÇÃO DE EXPERIÊNCIAS AGROECOLÓGICAS COMO ESTRATÉGIA ORGANIZACIONAL PARA O GRUPO DE MULHERES ASSENTADAS ROSELI NUNES, IBIAÇÁ, RS¹⁰²

*Ewerton José de Medeiros Torres¹⁰³
Clayton Hillig¹⁰⁴*

RESUMO: Objetivou-se neste trabalho registrar as percepções de avanço organizacional em virtude da realização da sistematização de experiências focada nas integrantes do grupo de mulheres Roseli Nunes do Projeto de Assentamento Seguidores de Natalino, localizado no município de Ibiaçá, RS. Para tal, realizou-se revisão bibliográfica, visita a campo, roda de diálogos com o grupo de mulheres, e observação das expressões e impressões das falas das mulheres, possibilitando identificar historicamente como foram construindo as propostas de organização e ação coletiva que impulsionaram a intervenções de demandadas no assentamento onde suas famílias se estabeleceram. A estratégia metodológica de utilizar a sistematização como ferramenta de trabalho serviu para o grupo reforçar suas relações sociais e fortalecer o capital social. Percebe-se que a questão do método utilizado com uso da sistematização é precisamente importante, por proporcionar uma maior reflexão crítica da vivência e prática da organização das mulheres.

Palavras-chave: organização de mulheres; assentamento rural; enfoque de gênero; empoderamento; gênero rural.

SYSTEMATIZATION OF AGROECOLOGICAL EXPERIENCES AS AN ORGANIZATIONAL STRATEGY FOR THE GROUP OF SETTLED WOMEN ROSELI NUNES, IBIAÇÁ, RS

ABSTRACT: The aim of this work was to record the perceptions of organizational progress due to the accomplishment of the systematization of experiences focused on the members of the Roseli Nunes women group of the Seguidores de Natalino's Settlement Project, located in the municipality of Ibiaçá, RS. To this end, a bibliographical review, a field visit, a dialogue with the women's group, and the observation of the expressions and impressions of the women's speech were carried out, making it possible to identify historically the proposals of organization and collective action that have led to interventions of defendants in the settlement where their families settled. The methodological strategy of using systematization

¹⁰² Manuscrito a ser enviado ao periódico Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional. Qualis CAPES na área Interdisciplinar: B1.

¹⁰³ Doutorando em Extensão Rural pelo Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria - PPGExR/UFSM. Mestre em Ciências Agrárias pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Agrárias (Agroecologia) da Universidade Federal da Paraíba - PPGCAG/UFPB. ewerton@agronomo.eng.br

¹⁰⁴ Professor do Departamento de Educação Agrícola e Extensão Rural da UFSM.

as a work tool served for the group to strengthen its social relations and strengthen social capital. It is perceived that the question of the method used with the use of systematization is precisely important, since it provides a greater critical reflection of the experience and practice of women's organization.

Key words: women's organization; rural settlement; gender focus; empowerment; rural gender.

1 INTRODUÇÃO

Por ser uma ciência de cunho pluriépistemológica, no enfoque agroecológico se desfruta de técnicas participativas em que as metodologias utilizadas priorizam uma perspectiva dialética (SEVILLA-GUZMÁN, 2002, p. 25). Com isso, a agroecologia, além de ser entendida como um enfoque científico é também um enfoque “teórico, prático e metodológico, com base em diversas áreas do conhecimento, que se propõe a estudar processos de desenvolvimento sob uma perspectiva ecológica e sociocultural” (ABA, 2004), e compromete-se com uma nova reflexão das ações realizadas. A sistematização de experiências é uma ferramenta que vem a contribuir nesse sentido, com a possibilidade de integrar múltiplos conhecimentos, produzir novas maneiras de desenvolvimento das experiências, contribuir por meio da reflexão crítica nas estratégias de ação organizacional e estender essas informações geradas a fim de que outras experiências semelhantes também possam assimilá-las.

Deste modo, a sistematização de experiências agroecológicas toma também a configuração de uma ferramenta de qualificação das ações de extensão rural, o que inclui o processo de entendimento do sentido e da lógica desta metodologia, para proporcionar com sua aplicação o aprendizado a partir da compreensão do porquê da experiência escolhida para sistematizar estar se desenvolvendo ou o motivo para o qual foi desenvolvido de determinada maneira, interpretando criticamente o que fora realizado ou alcançado e não simplesmente relatando uma situação que se julga interessante (MIRANDA; ZARNOTT, 2013, 2015).

No estado do Rio Grande Sul (RS), o Programa de Assessoria Técnica Social e Ambiental (ATES), orientado pela Política Nacional de Assessoria Técnica e Extensão Rural (PNATER), tem buscado construir ações com base em um paradigma fundamentado nos princípios da agroecologia com enfoques metodológicos participativos (INCRA, 2008). Assim, visando estimular as equipes técnicas de ATES a promoverem a agroecologia com a adoção de metodologias participativas nos seus trabalhos cotidianos, se estabeleceu no Programa como meta obrigatória a partir de 2013 a sistematização de experiências

agroecológicas como metodologia de trabalho, a qual visa auxiliar, suplementar ou embasar o trabalho dos extensionistas rurais, constituindo um espaço de aprendizagem mútua para técnicos e famílias, e apresentando as experiências como modelos referenciais (MIRANDA; ZARNOTT, 2013).

O Centro de Tecnologias Alternativas Populares (CETAP) é uma das prestadoras de serviços de ATES no RS e atua no assentamento Seguidores de Natalino, em Ibiaçá, RS. Em 2015, tendo como um dos objetivos da ATES a promoção da igualdade nas relações de gênero e geração nas áreas de assentamento (INCRA, 2008), foi sistematizada a experiência do grupo de mulheres que se organizou nesta localidade.

Logo, quando se propõe um processo de reflexão que traz consigo certas mudanças, é requerido certo grau de criticidade diante das experiências vividas para um processo de aprendizagem, o qual culmina na tomada de novas decisões ou reafirmação do que se acredita serem as escolhas certas. Essa capacidade de refletir as ações passadas e repensar as futuras traz um autoconhecimento que proporciona ganhos nas relações dialógicas entre extensionistas e famílias rurais.

Esse processo de reflexão traz consigo um maior entendimento da realidade, o que possibilita uma reorganização para a comunidade do assentamento. A esse respeito, Breinbauer e Maddaleno (2008) colocam que a organização comunitária vai se desenhar na ação conjunta de indivíduos de um dado local que se propõem em obter melhorias para as pessoas que lá vivem, contando com parcerias; que aí entram as figuras do Estado e outros atores sociais, como as empresas e organizações não governamentais; na qual se busca a identificação de necessidades ou carências da comunidade, a mobilização de recursos e a formulação de estratégias de ação.

Para tanto, o objetivo deste trabalho centra-se em registrar as percepções de avanço organizacional no assentamento Seguidores de Natalino a partir das impressões e falas das integrantes do grupo de mulheres Roseli Nunes em virtude da realização da sistematização de experiências, possibilitando identificar historicamente como foram construindo as propostas de organização e ação coletiva que alavancaram intervenções demandadas no local onde suas famílias se estabeleceram.

Além desta introdução, o trabalho está subdividido em outras três seções: na que segue, apresenta-se a natureza da pesquisa, como ela se desenvolveu, quem são as pessoas que participaram e uma breve descrição do local; na terceira seção, discorre-se sobre a construção das informações do grupo, na qual se aborda sobre o significado de sistematização de experiências, o porquê de essa metodologia priorizar a agroecologia, trazendo também

elementos sobre o cenário da luta pela terra; e, por fim, na quarta seção, resgatam-se alguns dos principais resultados e reflexões, bem como se colocam novas proposições acerca da temática.

2. PERCURSOS METODOLÓGICOS

2.1 Cenário do local e dos sujeitos

Este estudo foi desenvolvido juntamente ao grupo de mulheres assentadas Roseli Nunes do Projeto de Assentamento (PA) Seguidores de Natalino, que está localizado no município de Ibiaçá, o qual se encontra na mesorregião Noroeste do Rio Grande do Sul, ou, conforme Silva Neto e Oliveira (2008, p. 98), na denominada Região de Colônias Novas, uma das três do Estado onde a agricultura familiar concentra-se.

Conforme o censo populacional do IBGE de 2010, o município possui uma população de 4.710 habitantes, com a maior parcela das pessoas (2.849 habitantes ou 60%) vivendo na área urbana, e com 1.861 (40%) no meio rural (IBGE, 2016). O PA se localiza a leste e a cerca de 30 km da sede do município, na fronteira com o município de Sananduva. O assentamento foi criado no ano de 2007, a partir da desocupação da Fazenda Três Pinheiros, com a confluência de pessoas provenientes de diversos acampamentos no Estado do Rio Grande do Sul. Foram assentados 39 homens e 29 mulheres. Destes, 22 são crianças, sete jovens e quatro idosos, constituindo 23 famílias (SIGRA, 2014). Do total de mulheres, 14 delas participam do grupo.

2.2 Sustentação metodológica

O modelo teórico-metodológico que se adotou neste trabalho foi da abordagem qualitativa. Tendo como objeto de estudo e análise as percepções de avanço organizacional das integrantes do grupo de mulheres, o trabalho foi orientado por uma pesquisa exploratória de campo, recorrendo-se também à pesquisa bibliográfica.

O primeiro momento de investigação foi uma roda de conversa acerca do surgimento e da constituição do grupo, quando, em reunião com a maior parte das integrantes, apresentou-se a proposta da pesquisa e se propôs fazer um resgate da memória coletiva, inferindo questões as quais elas pudessem responder conjuntamente, tais como: o que estimulou o grupo a se organizar, como elas se lembravam do percurso de construção do coletivo, quais foram os marcos, e o que consideravam importante e desafiante no processo. O momento também serviu para resgatarem um pouco do histórico de luta pela reforma agrária.

Conforme Mélló et al. (2007, p. 30), a metodologia das rodas de conversa privilegia discussões acerca de uma temática e, por meio de um processo dialógico, os indivíduos podem expor seus pensamentos, mesmo que contraditórios, ao passo que cada pessoa encoraja outra a falar. Afonso e Abade (2008) sublinham que as rodas de conversa são importantes recursos utilizados em metodologias participativas.

Nesse âmbito, posteriormente recorreu-se a técnicas combinadas de coleta de dados e observações *in loco*, de modo a enriquecer a análise. Para isso, realizaram-se entrevistas focalizadas, com a presença da equipe técnica do CETAP, que foram os informantes-chave que acompanharam ao local. De acordo com Gaskell (2002), as entrevistas permitem uma compreensão mais detalhada das motivações, atitudes, valores e crenças dos sujeitos pesquisados. E a entrevista focalizada é tão livre quanto uma entrevista informal, mas pretende focar um tema específico, que para o entrevistado é possível falar livremente sobre o assunto, no entanto com certa acuidade do entrevistador para retomar ao assunto quando começa a distanciar-se (GIL, 1999).

Do total das 14 mulheres que participam do grupo, sete delas foram entrevistadas. As entrevistas seguiram por uma perspectiva aberta, possibilitando a elas se expressarem à vontade para relatarem sobre suas experiências e as percepções do protagonismo coletivo do grupo.

3. CONSTRUÇÃO COLETIVA DAS INFORMAÇÕES

3.1 O que é a sistematização de experiências? E por que agroecológica?

A modo de definir o termo sistematização de experiências adotou-se o conceito de Holliday (2006, p. 24) que a define como “a interpretação crítica de uma ou várias experiências que, a partir de seu ordenamento e reconstrução, descobre ou explicita a lógica do processo vivido, os fatores que têm intervindo em dito processo, como se tem relacionado entre si e por que o tem feito desse modo”.

Assim sendo, o autor traz diversas possibilidades de interpretação da palavra 'sistematização', que primeiramente pode ser entendida como uma reconstrução ordenada da experiência, visto que "por envolver diversos atores, tenta elucidar também o sentido ou o significado que o processo teve para os atores que dela participaram". Como também pode ser um processo produtor de conhecimentos, ou uma conceitualização da prática, para dar coerência a todos os seus elementos, e ainda pode ser um processo participativo (Ibid., 2006, p. 22).

Esta metodologia, portanto, aborda sobre experiências vitais, "carregadas de uma enorme riqueza acumulada de elementos que, em cada caso, representam processos inéditos e irrepetíveis", e "parece que o mais característico e próprio da reflexão sistematizadora é que ela busca penetrar no interior da dinâmica das experiências" (Ibid., p. 24).

Assim, o autor lança mão de uma síntese das múltiplas possibilidades e utilidades que a metodologia possui, tais como: ter uma compreensão aprofundada das experiências realizadas, com o fim de melhorar a própria prática; compartilhar com outras práticas semelhantes os ensinamentos obtidos; conduzir à reflexão e construção teórica dos conhecimentos surgidos de práticas sociais concretas (Ibid., p. 24).

E depois nos pontua evidências do que não pode ser concebido como sistematização de experiências: apenas narrar experiências; descrever processos (visto que é preciso passar do nível descritivo ao interpretativo); classificar experiências por categorias comuns; ordenar e tabular informação sobre experiências; e teorizar exemplificando com algumas referências práticas, já que não seria uma conceitualização surgida da interpretação desses processos (Ibid., 2006).

Destarte, a sistematização é uma ferramenta a serviço do aprendizado e do seu compartilhamento, sendo por isso necessária a incorporação pelas organizações que pretendem contribuir para a transformação paradigmática da sociedade à qual a agroecologia se propõe intervir (SANCHES, 2011, p. 59).

Tal metodologia se constitui também como um importante processo de educação popular, mas que dificilmente entra nos planos de execução de empresas de extensão rural. No entanto, na contramão desta lógica, ao Programa de ATES incluir a proposta da sistematização de experiências como ferramenta de trabalho obrigatória a partir de 2013 (MIRANDA; ZARNOTT, 2013, 2015), é uma tentativa de imputar a agroecologia como prioridade. Deste modo, por se pensar que a sistematização poderia ser uma ferramenta promotora da agroecologia, e por encerrar a metodologia em experiências com este enfoque, foi que ficou sendo denominada pelo Programa de "Sistematização de Experiências Agroecológicas".

O Programa de ATES vem sendo executado desde 2009 pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) através de contratos, envolvendo 304 assentamentos no RS, com 11.387 famílias que são assistidas por 138 técnicos organizados em 20 Núcleos Operacionais (NO), os quais são gerenciados por três prestadoras de serviço de ATES (MIRANDA; ZARNOTT, 2013). O CETAP acompanha um NO, no qual se localiza

a experiência objeto deste estudo em Ibiaçá, a qual passou pela reflexão sistematizadora durante o ano de 2015.

3.2 Da luta ao nascimento do assentamento

Para compreender como se decorreu a história da conquista do território do assentamento foi necessário recorrer aos dados da sistematização agroecológica da organização comunitária do PA Seguidores de Natalino, construída durante o ano 2015, que tinha como uma das propostas analisar a importância do papel das mulheres na organização das famílias do assentamento e identificar estratégias que reforçassem o embate aos conflitos sociais existentes.

Assim, o documento aborda que a organização do acampamento iniciou-se por volta do ano de 2000, na Encruzilhada Natalino, entre os municípios de Pontão e Ronda Alta, RS. E ao analisar a história relatada pelo grupo, identificou-se que existia certa dificuldade das famílias em resistir na luta pelos locais que determinavam para ocupar quando, em diferentes situações e anos, retornaram aos acampamentos de origem (REIS et al., 2015). Em 2001 ocupou-se as Fazendas Fabiani (em Ronda Alta) e Formigueri (em Pontão), mas as famílias foram despejadas dos dois locais. Em 2002 tiveram duas tentativas de ocupação da Fazenda Bom Retiro (em Júlio de Castilhos, RS), e novamente as famílias foram despejadas, voltando para Pontão. Na mesma época, três famílias formavam o acampamento Lagoinha (em Lagoa Vermelha, RS), onde resistiram por três anos (REIS et al., 2015).

Em 2003, um conjunto de famílias formou em Júlio de Castilhos o acampamento Guerreiro Zumbi. No mesmo ano organizaram a marcha para São Gabriel, RS, e muitas migraram para o acampamento Santa Rita. Em 2004 a Fazenda Guerra (em Coqueiros do Sul, RS) foi ocupada durante 45 dias, de onde as famílias novamente foram despejadas e voltaram para Pontão, mas em 2005 novamente ocuparam esta fazenda. Em 2006 ocorreram as ocupações de terras da União (em Sarandi, RS) e da Fazenda Três Pinheiros em Sananduva, RS, município vizinho a Ibiaçá. Este é o local que hoje existe o assentamento. Tão só em julho de 2007 foi que um total de 15 famílias foram selecionadas para serem assentadas, seguindo o critério de maior tempo de permanência em acampamentos (7 a 8 anos), e posteriormente, no dia 19 de novembro de 2007, ocorreu a instalação coletiva das famílias, mesmo que ainda de forma improvisada, na área da sede. Mais tarde, em 2008, foram assentadas no local mais oito famílias, oriundas de Tupanciretã, RS, e em junho do mesmo ano houve a divisão dos lotes através de sorteio respeitando a organização anterior já formada (REIS et al., 2015).

Dentro desta realidade de incertezas e privações, ainda na fase de acampamento as mulheres já se organizavam em um agrupamento inicial, sendo aos poucos construída uma liderança feminina, mas como sinalizam Reis et al. (2015), não lograram de grandes conquistas em virtude de problemas nas relações conflituosas entre as famílias.

3.3 O despertar do grupo de mulheres¹⁰⁵

Quando estabelecidas como assentadas as mulheres resolveram criar o grupo, pensando inicialmente se reunirem para desenvolver atividades como pintura, horto medicinal, sabão caseiro, dentre outras. Conforme Reis et al. (2015), essa iniciativa foi tomada em 2012, no entanto ocorreram poucos encontros e o processo não deu continuidade.

Begonia afirma que esse ponto de partida do grupo foi iniciado a partir da primeira assessora técnica do CETAP que as acompanhou, trazendo uma proposta de organização das mulheres, mas ela contribuiu por pouco tempo. Depois chegou uma segunda técnica, em 2014 que tinha a intenção de se trabalhar com o cultivo de plantas medicinais, no entanto, também foi um projeto que não se desenvolveu como esperado. Foi só quando a terceira equipe técnica começou a trabalhar com elas, a qual trouxe junto a proposta de trabalho com a metodologia da sistematização agroecológica, que elas começaram a se movimentar mais.

Assim, foi a partir de 2014 que algumas mulheres, motivadas pela equipe técnica, se desafiaram a retomar a organização do grupo e a superar suas divergências. A partir de então, com um planejamento coletivo, o grupo organizou uma série de atividades voltadas para a construção de estratégias de organização e gestão do espaço comunitário, como mutirões de revitalização e plantio de flores no espaço da sede; confraternização de Natal em parceria com a Secretaria Municipal de Assistência Social e o CETAP; e oficinas com temas variados (REIS et al., 2015).

Este grupo ainda classifica-se como uma organização informal e não compreende todas as mulheres do assentamento, outras participam esporadicamente. O coletivo leva o nome de Roseli Celeste Nunes da Silva, uma mulher que foi acampada e que tinha o sonho de conquistar o seu próprio lote de terra, mas que foi interrompido em consequência de seu

¹⁰⁵ A fim de proteger a identidade das mulheres entrevistadas e citadas, por estas assumirem posições de liderança, neste trabalho seus nomes foram substituídos por gêneros de espécies ameaçadas de extinção da flora do Rio Grande do Sul, encontradas em Giehl (2016). Optou-se por essa substituição por também remeter à vulnerabilidade de gênero que as mulheres ainda estão submetidas. As espécies com gênero mencionado foram: *Begonia descoleana*; *Calliandra brevicaulis*; *Isabelia violacea*; *Thalia multiflora*; *Salvia congestiflora*; *Jodina rhombifolia*; *Lilaea scilloides*; *Petunia exserta*; *Magnolia ovata*; e *Vanilla angustipetala*. Obs.: Na nomenclatura científica binária dos seres vivos, o gênero corresponde à primeira parte do nome das espécies. E nos nomes citados acima não foram mencionados os autores que descreveram estas espécies.

assassinato na beira de uma estrada numa caminhada em Sarandi, RS. “Rose, como era popularmente conhecida, estava entre os mais de 7 mil trabalhadores que ocuparam, na madrugada de 29 de outubro de 1985, a então Fazenda Annoni, um latifúndio improdutivo de mais de 9 mil hectares localizado no município de Pontão” (MEDEIROS, 2018). A morte da militante simbolizada um marco no Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra (MST) no Rio Grande do Sul. As mulheres do grupo admiram a luta da companheira e se orgulham em poder homenageá-la.

No entanto, o que motivou o despertar das mulheres do PA Seguidores de Natalino a se organizarem foi mais do que se espelhar na luta de companheiras. Hoje elas têm clareza de que o espaço coletivo possibilita uma maior convivência e interação entre elas, reforça os laços de amizade, e oferece atividades que fornecem novos aprendizados e as fazem mais cooperativas umas com as outras.

Essas ações de reciprocidade vêm sendo praticadas a mais ou menos sete anos e desde 2016 colocaram em prática uma ideia, segundo elas, atrativa à participação das mulheres, que seria a de comemorar os aniversários das participantes e dos filhos a cada encontro mensal, quando elas levam lanches e os aniversariantes se encarregam do bolo. Essa estratégia, de acordo com os relatos, tem contribuído para uma participação mais frequente das mulheres nas reuniões. Para *Calliandra* “foi muito bom esse resgate, porque nunca tinha acontecido das mulheres do assentamento se reunirem num espaço como esse”.

Como relatado anteriormente, um processo decisivo para a sustentação do entusiasmo das mulheres a se movimentarem mais foi o desenvolvimento da sistematização de experiências, a qual teve como referência as ações do grupo Roseli Nunes. Isto acarretou numa maior reflexão sobre esta experiência de organização, como também se revelou um importante momento para se prosseguir em discussões sobre o avanço de lutas e conquistas que as mulheres do campo vêm se valendo.

De acordo com o relatório da sistematização, dentre outros resultados, a experiência conferiu maior capacidade de mobilização do grupo, bem como conquistas em um processo de organização coletiva, estreitamento de laços e vínculos entre as famílias, os quais podem ser evidenciados na fala de uma assentada: “É outra coisa nós chegar lá na sede, fazer a reunião; agora é outra coisa, a gente se sente bem e até as pessoas de fora; a gente vê que quando se organiza consegue” (REIS et al., 2015).

Um dos objetivos desta metodologia adotada foi a de elaborar uma estratégia de organização para a realização de um seminário, que ocorreu em outubro de 2015 em comemoração aos oito anos do assentamento. O evento tinha como tema “Organização

Comunitária e Reforma Agrária”, tendo a participação de 150 pessoas. Ocorreu no galpão ao lado da sede do PA e foram criadas equipes de trabalho para a cozinha, a mística, a limpeza e o churrasco. Para isso, o grupo das mulheres definiu funções aos homens e estes já esperavam que as mulheres tomassem a frente no comando do assentamento.

A mística de início do seminário retratou a época de acampamento e a chegada ao assentamento. Foi relatado que desde a época do acampamento já existia um trabalho com as mulheres. Disseram que esse trabalho foi uma preparação pra chegada delas no assentamento, mas depois que conquistaram o lote, contam que “deram uma relaxada”, e por conta disto pararam um pouco as atividades, que posteriormente foram reiniciadas com a organização grupal. Como relatou uma das assentadas, “no acampamento as coisas andavam porque tinha a esperança do lote, tinham o lote como horizonte de chegada. Quando recebemos o lote, o sonho estava na mão. E aí nesse processo de aquisição, o povo foi se acomodando. Mas daí surgiram outros sonhos como a moradia, a luz... e tudo nós tivemos que ir atrás”.

Em vista disso, as mulheres possuem sonhos em comum, como a proposta de se reunirem uma vez ao mês sem a presença técnica do CETAP para então começarem a fazer dias de lazer, abrindo para interagir com pessoas de fora do assentamento também, com a finalidade de entreter a comunidade.

Além de elas conseguirem atrair mais assentadas com iniciativas como os aniversários, o grupo vem conquistando responsabilidades importantes no horizonte de decisões do assentamento. Em janeiro de 2016 foi realizado um encontro de avaliação, no qual se conseguiu reunir quase todas as famílias do PA, que delegaram ao grupo a indicação de algumas pessoas para comporem a coordenação do assentamento. Dessa maneira, o grupo decidiu que esta coordenação deveria ser assumida por homens e mulheres, elegendo dois casais (*Calliandra e Isabelia* e seus respectivos companheiros) e dois jovens, *Thalia* e o filho da *Salvia*.

No mesmo ano de 2016 começaram o que elas chamam de associação informal, que assemelha a um fundo coletivo, o qual todo mês se paga uma mensalidade para o grupo, sendo que só quem quer ser sócia do grupo é que paga. A coordenação acreditava que poucas iriam contribuir, mas o que ocorreu foi o inverso. Todas começaram a contribuir porque querem participar do grupo, fazem questão. O recurso está sendo apurado para custear ações em benefício do coletivo, como a compra de algum material, ou mesmo a viagem pra algum local. A coordenadora do grupo diz que a partir do momento que o caixa estiver maior, dará pra se pensar em comprar presentes pras aniversariantes de cada mês e presentes para o dia das mães.

Esse protagonismo e a autonomia revelado nelas se manifesta até nas pequenas conquistas, como no caso do abastecimento de água, que elas falam que conseguiram sem a ajuda da assessoria técnica do CETAP. Uma das técnicas disse que “antes precisavam de um empurrãozinho, agora estão caminhando com as próprias pernas”. Como relatado em Reis et al. (2015), as mulheres analisaram o processo de reorganização destacando que seria necessário um estímulo externo por parte da equipe técnica, mas hoje, quando dizem se reconhecerem mais empoderadas, percebem que não é mais tão necessário este impulso da equipe.

Ainda assim, mesmo com pequenos e grandes avanços e conquistas das mulheres nos contextos rurais locais, persistem muitos obstáculos a ser ultrapassados em toda parte do mundo (SUÁREZ, 2008; MACIAZEKI-GOMES; NOGUEIRA; TONELI, 2016), especialmente nas opressões causadas pelo machismo.

De acordo com as falas das assentadas, se percebe que elas vêm se valendo de muitas conquistas tanto nos seus núcleos familiares assim como no assentamento de maneira geral, embora ainda que frequentemente enfrentem muitas dificuldades. No começo da estruturação do grupo um dos maridos ficava falando que elas estariam se reunindo para formar um bordel e por conta de vários posicionamentos machistas como este, mulher que era sua esposa, se separou dele. Ela percebia essa fala do antigo companheiro como uma questão política de querer desacreditar o grupo para poder fragilizar a articulação. Segundo ela, “esse posicionamento de ficar difamando a mulherada era uma maneira de desarticular todo mundo para evitar que uma hora fizessem algum comentário para o INCRA e ele tivesse que sair do lote”.

Além deste exemplo, repetidas vezes no assentamento os homens foram se posicionando com discursos negativos, falando que não daria certo a organização, mas, em oposição a este pensamento, a unidade do grupo foi garantindo uma apropriação que se nega a aceitar esse tipo de comportamento, denunciando o machismo e não mais admitindo sua reprodução.

Estas mulheres possuíam na luta pela terra um sonho comum e hoje se redesenham outros sonhos em suas vidas, como a necessidade de melhores estradas, de dar estudo mais próximo para os filhos, ter um posto de saúde para trazer médicos e dentistas para atenderem no assentamento, de serem realizadas missas no local, que só ocorrem no assentamento do município vizinho, de possibilitar a construção de um grupo de jovens, dentre outros não identificados. Junto com seus sonhos individuais casam-se perspectivas coletivas, que irromperam-se de seus momentos de reflexão, os quais resultaram em múltiplos aprendizados.

3.4 Aprendizados com o coletivo de mulheres

As mulheres do grupo falaram dos resultados, avanços e aprendizados que conseguiram obter tanto proveniente da experiência da sistematização, como do que se decorreu posteriormente a essa experiência. De acordo com *Begonia*, “o grupo de mulheres está se entrosando cada vez mais e as questões relativas às fofocas estão sendo superadas”, visto que estão deixando de se importarem com isso pelo menos nos espaços do grupo. Para ela, “foi à partir da convivência cotidiana que foram se conhecendo, e assim, as pessoas que faziam implicância passaram a ser ignoradas”. Um dos pontos negativos no assentamento seriam essas implicâncias que os vizinhos tinham uns com os outros, pois “saía bastante fofoca” e, segundo ela, os que não ajudam os outros são exatamente os que fazem as fofocas. Contudo, com a ação do grupo de mulheres esse cenário de desarmonia vem sendo modificado.

Begonia conta que a participação das mulheres no início do processo de sistematização era pequena. Algumas só iam se suas amigas fossem e outras se tal pessoa fosse elas não iriam para a reunião. No entanto, relata que com o tempo foram deixando esses pensamentos de lado, pois viram que o grupo estava dando certo, mesmo que algumas mulheres do assentamento não se envolvessem desde o início das reuniões, algumas até pelo próprio machismo dos companheiros. De acordo com *Calliandra* ainda existe mulher no assentamento que o marido proíbe de participar do grupo e obriga que fique em casa nos serviços domésticos.

Para *Calliandra* as desavenças e desentendimentos entre as famílias pararam um pouco. Revela que no passado, por terem muitas reuniões, as pessoas se cansavam mais e os desentendimentos aumentavam. Avaliam que as pessoas amadureceram mais, e os motivos pessoais pararam de serem levados para as assembleias do coletivo. *Calliandra* citou como um grande avanço do grupo a organização da festa de aniversário do assentamento, porque deixou as mulheres com mais vontade de participar e superou expectativas de todos, bem como mostrou pra quem desacreditava no grupo, o que elas são capazes de fazer.

Petunia comenta da união do grupo, que é o que realmente reafirma a cada dia a existência dessa organização. Conta que ter avançado na superação das primeiras impressões e das diferenças, visto que as mulheres compartilham das mesmas realidades de assentadas, foi o ponto chave, e completa: “Todas nós temos uma igualdade, porque cada uma tem um valor”. E de acordo com *Salvia*, a superação das diferenças se deu muito em virtude da ação da equipe técnica de ATES, que mostrou para elas que “todas vieram de debaixo de uma lona, passaram pelas mesmas dificuldades, compartilham da mesma realidade”.

Salvia acredita que “a organização para a festa foi o grande empurrão que faltava”, e pensa que ainda tem bastante a fazer, porque “dois puxam em favor, e três contra”. O que ela nota é que quando os assentados não tinham a posse da terra, eram mais unidos, e depois que conquistaram, ficaram mais distantes uns dos outros, e isso refletiu na maneira de se organizarem. Sua esperança é que no futuro as mulheres tenham um espaço de produção de artesanato.

Elas contam também sobre seus resultados pessoais. *Begonia* pensa que participar do grupo de mulheres é a atitude de buscar coisas não só pra ela, mas que sirva também para as outras, porque, como ela disse, “se eu quero alguma coisa só pra mim eu não preciso de um grupo, eu vou lá sozinha, busco e pronto”. Assim, além de valorizar os laços de amizade e solidariedade criados a partir do grupo, *Begonia* disse que tem pertencimento do grupo de mulheres porque se sente útil na medida em que ajuda o outro de alguma forma. Ela sempre gostou de estar envolvida em movimentos e quando da época da segunda técnica do CETAP, ela era uma das poucas que ficavam estimulando a participação das companheiras.

Calliandra conta que participar do grupo de mulheres proporciona fazer coisas diferentes e não ficar somente dentro de casa, sendo motivos que a estimulou para a participação. Ela não participava no começo, mas quando observou que o grupo estava dando certo e as mulheres estavam fazendo outras atividades que não apenas as domésticas ou vinculadas ao arredor de casa, se interessou e permanece.

Jodina relata que o grupo foi muito importante para ela principalmente em virtude das mulheres a apoiarem quando ela denunciou o ex-marido por agressões à sua filha, amparada pela lei Maria da Penha (Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006). Em virtude desse apoio e da relação que foram construindo, ela acredita que deixou as pessoas mais unidas e solidárias. A partir do grupo, começaram a conhecer melhor as vizinhas, que antes só se cumprimentavam, mas agora se consideram amigas, visto que se visitam com mais frequência e se telefonam. Ela acredita no grupo, porque alguma atividade se torna necessária para se envolver na vida em assentamento. Assim, o que mantém ela no grupo é a interação.

Muitas mulheres falaram que depois da criação do grupo as famílias começaram a se visitar com maior frequência, possibilitando a construção de novas interações no espaço social. Antes, quando chegaram ao assentamento, as famílias tinham reuniões quinzenais, mas atualmente ocorre a depender da demanda. Só o grupo de mulheres que se reúne uma vez ao mês, e em virtude do surgimento de novas demandas, ultimamente estão ocorrendo até três encontros em alguns meses.

Thalia, a mais jovem das entrevistas, relatou que no início da organização do grupo de mulheres ela pouco ia para as reuniões, porque na mesma época casou e ficava cuidando mais da casa. E começou a participar com mais frequência porque a mãe estimulava e a levava junto. Ela não se enxergava como mulher, se considerava a menina, a filha, “eu não ia pra reunião das velhas!”. Ao invés de ir para a reunião preferia jogar bola com os outros jovens.

Com relação ao grupo, o que a mantém pertencendo a essa organização seria a amizade e as ideias novas que surgem a partir dali. Por causa do grupo elas começaram a criar relações que vão além da amizade, e no caso da *Thalia*, tinha uma mulher a qual ela mal falava, a *Begonia*, que hoje é a madrinha da filha dela. Ela achava que a distância social das duas era o que impedia essa amizade, porque *Begonia* tem uma casa de alvenaria, bem estruturada enquanto *Thalia* ainda mora numa casa de madeira, mas isso é apenas um detalhe. Ela conta com humor que se hoje as duas fizerem compras no mercado juntas a sua feira chega a ter muito mais coisas da que a da comadre, o que torna essa percepção de distância social apenas um ponto de vista.

Para *Salvia*, participar do grupo é uma maneira de se manter atualizada, pela participação da equipe técnica. É um espaço de aprendizagem que sempre tem uma novidade, trazendo sempre benefícios socioculturais. E com a união das mulheres, automaticamente elas conseguem atrair a participação também dos homens quando tem atividade coletiva no assentamento, visto que os homens só se reúnem quando tem reunião do assentamento ou mutirão pra limpeza da sede.

Sobre o futuro do coletivo *Calliandra* comenta que “o grupo de mulheres vai ir mais pra frente e que formarão uma unidade mais consolidada”. Como lado negativo vê que algumas famílias estão se endividando muito e não vão conseguir viver da terra daqui um tempo, visto que algumas nem plantam hortaliças para consumo, segundo ela.

Isabelia acredita que para essa unidade ficar mais consolidada e o grupo conseguir avançar mais é necessário o envolvimento não só das mulheres, mas dos homens também, para conseguirem resolver as coisas do coletivo, que afetam não só as vidas das mulheres. Na avaliação do assentamento o que se foi acordado foi que as mulheres continuassem tomando a frente e chamando os homens. Mas para ela, se for esperar que todas as famílias participem, não vão conseguir fazer nada, não se vai avançar, porque foi assim no grupo de mulheres.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A estratégia metodológica de utilizar a sistematização como ferramenta de trabalho serviu para o grupo reforçar suas relações sociais e fortalecer o seu capital social. Resultados semelhantes foram encontrados por Wanvoeke et al. (2008, p. 40) com um grupo de mulheres do Noroeste da África, utilizando a metodologia da pesquisa-ação participativa, com a qual conseguiram se estruturar de tal forma que o grupo contribuiu para a infraestrutura do local, conseguindo se tornar também o que chamam de um núcleo de influência.

A ferramenta da sistematização de experiência agroecológica atuou como um fator que estimulou ainda mais a organização do grupo, visto que já existia um potencial de iniciativa ora adormecido nas pessoas envolvidas, que foi reanimado pela assessoria técnica do CETAP e pelos assessores técnicos pedagógicos (ATPs) do programa de ATES, posto que ambas as equipes tinham assumido a ferramenta participativa como meta de trabalho. É dentro desta concepção que Jara (2006) conseguiu distinguir duas categorias condicionadoras para que a sistematização ocorra, as pessoais e as institucionais. Para as primeiras, é necessário estar de fato interessadas em aprender com a experiência, ter a sensibilidade e permissão para deixá-la falar por si e desenvolver a habilidade de análise e síntese; já para as segundas, é preciso que nas instituições se assumam a metodologia como uma identidade (Ibid., 2006, p. 68).

Um dos critérios para se realizar uma sistematização agroecológica é a escolha de exemplos bem sucedidos ou em potencial de sucesso, uma vez que o compartilhamento de avanços e o reconhecimento das fragilidades são benéficos para o fortalecimento e promoção da agroecologia como ciência, política pública e movimento social. E ao passo que se dá o processo investigativo e questionador da metodologia, percebe-se que até experiências muito boas possuem suas falhas, já erraram, aprenderam com o que consideraram que foram seus erros e continuam a aprender. A escolha do grupo Roseli Nunes para ser objeto da sistematização certamente levou em consideração este critério. Percebe-se que a partir da manutenção do contato rotineiro entre as mulheres envolvidas, proporcionou que elas se conhecessem mais, observaram onde poderiam avançar e quais foram os fatores limitantes a superar. Como resultado decorrente nota-se um maior amadurecimento e consolidação do grupo.

Percebe-se que a questão do método utilizado é precisamente importante, e deve ser bem pensado cuidadosamente visando os objetivos para seu uso. Tanto quanto isso, o comprometimento do técnico envolvido com o grupo é outro fator que se torna um decisivo para a efetividade da metodologia, visto que o acompanhamento contínuo garante ganhos de

confiança que conduzem a resultados bem mais significativos. Deste modo, quando a figura do técnico estabelece certa confiança com a(s) comunidade(s), cria nos indivíduos uma motivação que os apropria para determinado trabalho que o extensionista esteja disposto a colaborar e, com isso, se consegue acessar informações próprias dessas comunidades, que eles não revelariam em outras circunstâncias (SEVILLA-GUZMÁN, 2002, p. 22).

Desta maneira, a influência do ator externo e a confiança por ele adquirida ao longo do tempo são fundamentais para o sucesso da aplicação de uma sistematização agroecológica como esta. Depois da permanência da terceira técnica do CETAP, que atuou por mais tempo, e que se submeteu a uma preparação ao trabalho com a ferramenta da sistematização, foi que se adquiriu tal confiança, possibilitando ao grupo de mulheres acatar propostas inovadoras e desafiantes como esta.

É importante destacar também a relevância de programas de extensão rural que valorizem esse tipo de trabalho, que considere que os resultados não devem ser imediatistas, que cada comunidade vai obter um resultado diferente, ao seu tempo. Assim, além de ter essa preocupação, é crucial que este tipo de trabalho seja construído em uma dinâmica com caráter de continuidade.

O que se percebeu com a experiência do grupo de mulheres Roseli Nunes foi que a necessidade de estarem dispostas, de quererem, de se interessarem e aceitarem esta proposta metodológica que ocasiona numa práxis científica de autoconhecimento, era o primeiro pré-requisito, o primeiro passo para dar continuidade. Após avançar nesta parte, a metodologia acionou uma rotina de encontros para avaliação, reflexão e tomada de decisões ao longo do ano. Esse regime proporcionou um maior envolvimento entre as mulheres, que ocasionou num reconhecimento enquanto indivíduos e enquanto coletivo, que as tornou capaz de superarem os impasses que as impediam de trabalharem juntas. Essa conquista refletiu na capacidade de se colocarem à frente nas deliberações do próprio assentamento. E revelou um exercício de empatia interessante entre as companheiras, o que num primeiro momento não foi uma coisa fácil, e no decorrer do processo, pressupondo por trás um esforço e um capacidade de autorreflexão, conseguiram superar suas distâncias individuais no entendimento enquanto grupo.

5. AGRADECIMENTOS

À equipe técnica do CETAP pela valiosa colaboração no trabalho, e a todas as mulheres do grupo Roseli Nunes que concederam as entrevistas para compartilhar suas impressões e opiniões.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABA - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE AGROECOLOGIA. **Estatuto da Associação Brasileira de Agroecologia - ABA**, [2004]. Disponível em: <http://aba-agroecologia.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2013/06/Estatuto-ABA.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2019.

AFONSO, M. L.; ABADE, F. L. **Para reinventar as rodas: rodas de conversa em direitos humanos**. 1 ed. Belo Horizonte: RECIMAM, 2008. 63 p.

BRASIL. 2008. **Manual Operacional de ATEs**. Disponível em: http://www.incra.gov.br/media/servicos/publicacao/manuais_e_procedimentos/manual_ates_2008_revisado.pdf. Acesso em: 22 jun. 2019.

BREINBAUER, C.; MADDALENO, M. **Jovens: escolhas e mudanças: promovendo comportamentos saudáveis em adolescentes**. Editora Roca: 2008. 162 p.

GASKELL, G. (2002). **Entrevistas individuais e grupais**. In: M. W. BAUER; G. GASKELL, G. (Orgs.), Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático (p. 64-89). Petrópolis: Vozes (Original publicado em 2000).

GIEHL, E. L. H. **Projeto Flora Digital - UFRGS**. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/fitoecologia/florars/>. Acesso em: 3 mai. 2019.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999. 202 p.

HOLLIDAY, O. J. **Para sistematizar experiências**. 2. ed., rev. Brasília: MMA, 2006. 128 p.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Rio Grande Do Sul, Ibiacá** [2016]. Disponível em: <http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=430980&search=rio-grande-do-sul|ibiaca>. Acesso em: 13 mai. 2019.

JARA, O. **Para sistematizar experiências**. Série Monitoramento & Avaliação 2. Ministério do Meio Ambiente. Brasília: Ed. Revista, 2006.

MACIAZEKI-GOMES, R. C.; NOGUEIRA, C.; TONELI, M. J. F. Mulheres em contextos rurais: um mapeamento sobre gênero e ruralidade. **Revista Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 28, n.1, p. 115-124, 2016.

MEDEIROS, C. **O legado de Roseli Nunes, um símbolo da luta pela terra no Brasil** [2018]. Disponível em: <http://www.mst.org.br/2018/03/31/o-legado-de-roseli-nunes-um-simbolo-da-luta-pela-terra-no-brasil.html>. Acesso em: 23 jun. 2019.

MÉLLO, R. P.; SILVA, A. A.; LIMA, M. L. C.; DI PAOLO, A. F. Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa. **Revista Psicologia e Sociedade**, Belo Horizonte, v. 19, n. 3, p. 26-32, 2007.

MIRANDA, F. Q.; ZARNOTT, A. V. A sistematização de experiências agroecológicas como ferramenta de qualificação das ações de extensão rural em assentamentos no Rio Grande do Sul. **Cadernos de Agroecologia**, Recife, v. 8, n. 2, 2013.

MIRANDA, F. Q.; ZARNOTT, A. V. Capacitando equipes técnicas para sistematizar experiências agroecológicas em assentamentos de reforma agrária do RS. **Cadernos de Agroecologia**, Recife, v. 10, n. 3, 2015.

REIS, E O.; MARTINS, E. C.; CARVALHO, J. S.; GUSSOM, M. F.; SANTOS, N. G.; MIRANDA, F. Q. **A Organização Comunitária das Famílias do PA Seguidores de Natalino / Ibiacá**. In: Sistematização de Experiência Agroecológica: Núcleo Operacional Vacaria. CETAP: Sananduva, 2015 (documento interno).

SANCHES, C. A. **A contribuição da sistematização de experiências para o fortalecimento do campo agroecológico e da agricultura familiar no Brasil**. 2011. Dissertação (Doutorado em Agroecologia e Desenvolvimento Rural). Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, 2011, Araras - SP, 181 p.

SEVILLA-GUZMÁN, E. A perspectiva sociológica em agroecologia: uma sistematização de seus métodos e técnicas. **Revista Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**, Porto Alegre, v. 3, n. 1, p. 18-28, 2002.

SIGRA, **Sistema Integrado de Gestão Rural da ATEs**. 2014 (documento interno).

SILVA NETO, B; OLIVEIRA, A. Agricultura familiar, desenvolvimento rural e formação dos municípios do Estado do Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Sociológicos, Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p 83-108, 2008.

SUÁREZ, N. C. R. Procesos y dinámica rurales: una lectura desde el enfoque de género. **Revista Luna Azul**, v. 1, n. 27, p. 94-103, 2003.

WANVOEKE, J.; DACKO, R. M.; YATTARA, K.; MELE, P. V. Mulheres rompem barreiras no Mali. **Revista Agriculturas**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 4, p. 38-40, 2008.

APÊNDICE B - SEGUNDA INSPIRAÇÃO

TRAJETÓRIAS DE VIDA E PROTAGONISMO FEMININO NA MOBILIZAÇÃO DO ASSENTAMENTO SEGUIDORES DE NATALINO, IBIACÁ, RS¹⁰⁶

Ewerton José de Medeiros Torres¹⁰⁷

Clayton Hillig¹⁰⁸

RESUMO: As trajetórias de vida possibilitam tomadas de decisões que mobilizam os indivíduos a ações que poderão ser coletivas. Mulheres assentadas da reforma agrária que estão engajadas em espaços feministas possuem trajetórias e modos de vida muito marcados pela militância. Objetivou-se neste trabalho compreender a trajetória de vida destas mulheres, analisar suas estratégias sociais bem como suas formas de pensar e agir incorporadas na militância, e perceber como se dá sua organização e ação coletiva. Para isso foi adotado o recurso metodológico da história oral. Considerou-se principalmente que as trajetórias de vida determinam demandas diferenciadas que os técnicos em extensão rural podem desconhecer, que o comprometimento destes é fundamental para as ações transformadoras e que a ação deste grupo é fundamentada em valores que intrínsecos das mulheres que o compõe.

Palavras-chave: Gênero e ruralidade; Contextos rurais; Feminismo; Grupo de mulheres; Extensão rural.

LIFE TRAJECTORIES AND SETTLED WOMEN PROTAGONISM IN THE MOBILIZATION OF SEGUIDORES DE NATALINO SETTLEMENT, IBIACÁ, RS

ABSTRACT: Life trajectories enable decision making that mobilizes individuals to actions that may be collective. Women settled agrarian reform who are engaged in feminist spaces have trajectories and ways of life very marked by militancy. The aim of this work was to understand the life trajectory of these women, to analyze their social strategies as well as their ways of thinking and acting incorporated in the militancy, and to perceive how their organization and collective action take place. For this, the methodological resource of oral history was adopted. It was mainly considered that the life trajectories determine different demands that the technicians in rural extension can not know, that the commitment of these is fundamental for the transformative actions and that the action of this group is based on values that are intrinsic of the women who compose it.

Keywords: Gender and rurality; Rural contexts; Feminism; Women group; Rural extension.

¹⁰⁶ Manuscrito a ser enviado ao periódico Revista Ideas. Qualis CAPES na área Interdisciplinar: B2.

¹⁰⁷ Doutorando em Extensão Rural pelo Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural da Universidade Federal de Santa Maria - PPGExR/UFSM. Mestre em Ciências Agrárias pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Agrárias (Agroecologia) da Universidade Federal da Paraíba - PPGCAG/UFPB. ewerton@agronomo.eng.br

¹⁰⁸ Professor do Departamento de Educação Agrícola e Extensão Rural da UFSM.

1 INTRODUÇÃO

Teoricamente, qualquer trajetória presume um ponto ou um objeto que se movimenta e um espaço em relação ao qual ocorre o deslocamento, supondo distintas direções, distâncias e velocidades deste ponto ou objeto (NOGUEIRA; FORTES, 2004, p. 59). As trajetórias de vidas são equiparáveis a estes preceitos físicos, visto que estas induzem a tomadas de decisões ou escolhas (próprias ou não), que vão mobilizar os indivíduos a ações dentro de um meio social, que podem distanciá-los ou aproximá-los do que desejam, e o conjunto daquilo que se faz e que se vive constitui suas histórias.

O verbo mobilizar em sua origem tem sentido de “dar movimento a” ou “por em movimento, em circulação”. Toro e Werneck (1997) argumentam dizendo que mobilizar é convocar vontades para um propósito determinado, com vistas a uma mudança na realidade. E se existem problemas na realidade de uma sociedade, é porque as mudanças se fazem necessárias. Algumas pessoas atuam como autênticos catalizadores dessas mudanças nas sociedades, os chamados mobilizadores, ou animadores. E é na transição da mobilidade à mudança social que está compreendido o processo de mobilização social da ação coletiva (MELUCCI, 1996).

Nesse sentido, Prado (2002, p. 60) define mobilização social como sendo “um processo de desenvolvimento de condições materiais, psicossociais e políticas que são necessárias para a constituição de ações coletivas”. Para o autor, mobilizar uma ação coletiva leva em conta aspectos como a identidade coletiva, a mobilização de recursos, a transformação das relações de subordinação em relações de opressão, e a demarcação das fronteiras políticas.

Movimentos de ação coletiva, como o movimento feminista, que põe a discussão de gênero em pauta, indicam que são necessárias transformações na sociedade. O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra (MST) compartilha da bandeira de luta do feminismo e vem atuando conforme os contextos rurais das militantes.

Desde o início da década de 2000, Gomes, Nogueira e Toneli, (2016) perceberam que as produções na temática da discussão de gênero nos contextos rurais vêm crescendo em todo o mundo e ganhando destaque em virtude destes proporcionarem realidades singulares que contribuem para sua compreensão de modos de vida, possibilitando construções sociais.

Diversos autores, dentre eles Moser (1991), Brumer (1996), Farias (2002), Fonsêca Júnior e Brasil (2015), que se debruçam a refletir as conquistas das mulheres nos contextos

rurais, frequentemente pautam a necessidade de elas alcançarem mais autonomia e empoderamento, sobretudo no âmbito produtivo da agricultura, no qual concernem questões como a divisão sexual do trabalho, violência doméstica e da tomada de decisões no âmbito familiar. O que pouco se aborda é sobre quando elas já se comprometeram – talvez apenas internamente – em superar estes limites, transpondo os papéis tradicionalmente impostos e assumindo novos papéis sociais de autonomia e empoderamento, sobretudo em cenários de luta pela terra, palco de diversos conflitos.

Diante da vulnerabilidade feminina, que permite as mulheres estarem mais susceptíveis a variados graus de violência física e simbólica, que ocorrem todos os dias em nível global, a luta feminista torna-se necessária e primordial para se estabelecer a equidade, na qual o gênero seja problematizado com a intenção de amenizar os conflitos da hierarquia machista. Aqui se argumenta que as mulheres são capazes de se organizarem e terem as mesmas conquistas que os homens podem ter, ou até mais devido a essa capacidade organizativa. As assentadas do Projeto de Assentamento Seguidores de Natalino, em Ibiaçá, RS, reafirmam isto com o arranjo de um grupo composto por elas, do qual se valem para atuarem como mobilizadoras sociais.

Para tanto, objetivou-se neste trabalho conhecer a trajetória de vida de mulheres assentadas da reforma agrária em Ibiaçá, RS, para compreender como foram ou estão sendo seus processos, analisando suas estratégias sociais bem como suas formas de pensar e agir incorporadas na militância, possibilitando perceber como se dá a organização e ação coletiva que impulsionam as intervenções no assentamento onde suas famílias se estabeleceram.

Portanto, o propósito é mostrar, por meio do recurso da história oral, quem são as mulheres deste assentamento, e como seus variados modos de vida adentram no âmbito da questão de gênero, fornecendo evidências para que equipes de apoio e mobilização, como as assessorias técnicas de extensão rural, percebam as subjetividades que cada pessoa assistida possui; para que assim, equipes como estas possam refletir como desenvolver ações junto a um grupo específico como este, compreendendo que até em um coletivo aparentemente homogêneo existem particularidades importantes a se levarem em conta na condução de ações de extensão rural adequadas às diferentes realidades, que se propõem em adotar ferramentas participativas para construção coletiva de conhecimento.

Assim, além desta introdução, o trabalho está subdividido em outras três seções: na que segue, apresenta-se a caracterização da área de estudo e os recursos metodológicos empregados no trabalho; na terceira seção, discorre-se sobre o cenário da luta pela terra e o nascimento do grupo de mulheres; por fim narra-se o histórico de seis mulheres integrantes

que tomam-se de diferentes níveis de participação e frações distintas de contribuição no grupo. Nas considerações finais, recapitulam-se alguns das principais reflexões.

2 METODOLOGIA

2.1 Caracterização da área de estudo

Este estudo foi desenvolvido no Projeto de Assentamento (PA) Seguidores de Natalino, que está localizado no município de Ibiaçá, na mesorregião Noroeste do Rio Grande do Sul, ou conforme Silva Neto e Oliveira (2008, p. 98), na denominada Região de Colônias Novas, uma das três do estado onde a agricultura familiar concentra-se.

De acordo com o censo populacional do IBGE de 2010, o município possui uma população de 4.710 habitantes, com maior número de pessoas (2.849 habitantes ou 60%) vivendo na área urbana, e 1.861 (40%) no meio rural (IBGE, 2016). O PA se localiza a leste e a cerca de 30 km da sede do município, na fronteira com o município de Sananduva. O assentamento foi criado no ano de 2007, a partir da desocupação da Fazenda Três Pinheiros, com a confluência de pessoas provenientes de diversos acampamentos no Estado do Rio Grande do Sul. Foram assentados 39 homens e 29 mulheres. Destes, 22 são crianças, sete jovens e quatro idosos, constituindo 23 famílias (SIGRA, 2014). Do total de mulheres, 14 delas participam do grupo.

2.2 Recursos metodológicos

O trabalho foi orientado por uma pesquisa exploratória com abordagem qualitativa, tendo como objeto de estudo e análise a trajetória de assentadas que compõem o grupo de mulheres Roseli Nunes do PA Seguidores de Natalino. O primeiro momento de investigação foi acerca do surgimento e da constituição do grupo, quando ocorreu uma reunião com a maior parte das integrantes, ocasião na qual teve a intenção de apresentar a proposta da pesquisa e inferir questões as quais elas pudessem responder conjuntamente, resgatando a memória coletiva, tais como o que estimulou o grupo a se organizar, como elas se lembravam do percurso de construção do coletivo, quais foram os marcos, o que consideravam importante e desafiante no processo. O momento também serviu para resgatarem um pouco do histórico de luta pela reforma agrária.

Como ferramenta metodológica foi utilizada a história oral, instrumento que se torna de fundamental importância, sobretudo para a preservação da memória, e resgate de identidade, visto que as histórias são transmitidas oralmente desde a antiguidade, mas ao

passo que algumas informações são reproduzidas, outras tão importantes podem se perder (THOMPSON, 1992).

Para fundamentar as histórias orais, foram realizadas entrevistas individuais com perguntas norteadoras. As entrevistas tiveram um aspecto aberto, deixando as entrevistadas à vontade para relatarem sobre suas vidas, suas trajetórias, seus anseios, lutas e conquistas. As perguntas direcionaram a investigação sobre o histórico de vida das assentadas desde a época que não faziam parte do local onde vivem atualmente, como também indagaram sobre como vem sendo construída a composição dos seus núcleos familiares, dos seus modos de vida, de que maneira conseguiram se organizar para formar o grupo, as motivações para participar do mesmo, bem como sobre a compreensão e interpretação de determinados comportamentos, se valendo também da apreciação da opinião e das expectativas das participantes.

Ao total foram seis mulheres entrevistadas, as quais possuem representatividades distintas de acordo com o tipo de participação no grupo, sendo duas que se apresentavam com fortes lideranças, duas que participavam sempre, mas não tomavam tanto a frente nas ações do grupo e duas que se envolviam esporadicamente, sem muita atuação.

Além da análise dos discursos e histórias orais dos atores envolvidos, utilizou-se ainda da pesquisa em documentos produzidos pelo CETAP e equipe da Assistência Técnica e Extensão Rural (ATES), ao Sistema Integrado de Gestão Rural da ATES (SIGRA), bem como à sistematização de experiência agroecológica da qual o assentamento participou, intitulada “A Organização Comunitária das Famílias do PA Seguidores de Natalino / Ibiacá”.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Da luta pela terra ao nascimento do grupo

Entre os anos 2000 e 2006 ocorreram sucessivas ocupações em diferentes localidades do Noroeste rio-grandense, mas foi em neste último ano que ocorreram as ocupações de terras da União (em Sarandi, RS) e da Fazenda Três Pinheiros em Sananduva, RS, local onde hoje se situa o assentamento Seguidores de Natalino (REIS et al., 2015).

Apenas em de julho de 2007 um total de 15 famílias foram selecionadas para serem assentadas, seguindo o critério de tempo de permanência nos acampamentos (7 a 8 anos), que foram sendo formados em diferentes municípios. E no dia 19 de novembro de 2007, ocorreu a instalação coletiva das famílias, mesmo que ainda de forma improvisada, na área da sede (REIS et al., 2015). Em virtude das origens das famílias serem distintas, as assentadas relataram que a separação das terras foi dada mais ou menos por conta da proximidade entre

essas famílias e com a afinidade no planejamento de plantio que tinham elaborado. Formou-se, então, três grupos de produção, e cada um tinha um coordenador. Juntos formavam a coordenação do assentamento.

Em meio ao cenário de incertezas e privações ainda na fase de acampamento as mulheres já se organizavam em um agrupamento inicial, sendo aos poucos construída uma liderança feminina. Quando estabelecidas como assentadas, resolveram criar o grupo de mulheres, e se reuniam pra desenvolver atividades como pintura, horto medicinal, sabão caseiro, dentre outras. De acordo com Reis et al. (2015), essa iniciativa foi tomada em 2012, no entanto ocorreram poucos encontros e o processo não continuou.

Assim, foi a partir de 2014 que algumas mulheres¹⁰⁹, motivadas pela equipe técnica, se desafiaram a retomar a organização do grupo e a superar suas divergências. A partir de então, com um planejamento coletivo, o grupo organizou uma série de atividades voltadas para a construção de estratégias de organização e gestão do espaço comunitário, como mutirões de revitalização e plantio de flores no espaço da sede; confraternização de Natal em parceria com a Secretaria Municipal de Assistência Social e o CETAP; e oficinas com temas variados (REIS et al., 2015). Um dos processos decisivos para a sustentação do entusiasmo das mulheres a se movimentarem mais foi o desenvolvimento da sistematização de experiências agroecológicas, que o assentamento participou em 2015. Foi uma proposta trazida pela equipe de ATES com vistas a promover a agroecologia com adoção de metodologias participativas nos seus trabalhos cotidianos Miranda e Zarnot (2013 e 2015).

E as expectativas individuais dessas mulheres se retratam tendo em vista suas personalidades, desafios e escolhas de vida singulares, que refletiram em modos de vida e estratégias sociais que serão evidenciados em relatos de trajetórias sociais nas sessões seguintes deste trabalho. As duas primeiras se referem a mulheres mais deliberativas, que assumiram cargos de liderança no grupo. As duas seguintes participam, mas não se encarregam de grandes responsabilidades no comando do grupo, e as duas últimas são as que pouco participam devido às suas próprias circunstâncias.

¹⁰⁹ A fim de proteger a identidade das mulheres entrevistadas e citadas, por estas assumirem posições de liderança, neste trabalho seus nomes foram substituídos por gêneros de espécies ameaçadas de extinção da flora do Rio Grande do Sul, encontradas em Giehl (2016). Optou-se por essa substituição por também remeter à vulnerabilidade de gênero que as mulheres ainda estão submetidas. As espécies com gênero mencionado foram: *Begonia descoleana*; *Calliandra brevicaulis*; *Isabelia violacea*; *Thalia multiflora*; *Salvia congestiflora*; *Jodina rhombifolia*; *Lilaea scilloides*; *Petunia exserta*; *Magnolia ovata*; e *Vanilla angustipetala*. Obs.: Na nomenclatura científica binária dos seres vivos, o gênero corresponde à primeira parte do nome das espécies. E nos nomes citados acima não foram mencionados os autores que descreveram estas espécies.

Todas as mulheres descritas nesse trabalho são militantes do MST e nos seus discursos se legitima muito a luta e se valorizam muito as conquistas alcançadas nos últimos tempos com os Governos Federais do Partido dos Trabalhadores, mesmo que consideravelmente insuficientes.

3.2.1 *Begonia*, uma liderança doce e solidária

A primeira entrevistada foi *Begonia*, que atua como coordenadora do grupo. Ela e o marido estão no assentamento desde o começo. *Begonia* é filha de assentados e o marido ficou oito anos acampado em Sarandi, RS, já ela permaneceu no assentamento que morava, local da antiga Fazenda Annoni, região onde marca historicamente a luta do MST no Estado do Rio Grande do Sul.

O motivo que a fez ir para o local do assentamento Seguidores de Natalino foi em virtude do casamento, pois logo após o matrimônio o marido conseguiu a posse da terra. Ela considera que sua vida melhorou muito depois que foi para Ibiaçá, mas que ainda não se sente completamente realizada, porque ainda existem pendências para se terminar no assentamento e também sente falta dos pais pelo fato de morarem longe. Mas para ela, em compensação já possuem “uma casa estruturada, um filho saudável, uma lavoura que dá lucro, então tudo isso já vale a pena”.

Ela é conhecida no assentamento pelos trabalhos de panificação e culinária. Faz compotas, bolos, doces, chocolate, trufas, ovos de páscoa e o que for demandado. As pessoas encomendam pão, cuca, e vão à casa dela buscar, e quando as encomendas são na cidade ela leva com o carro. Outros produtos como as trufas ela faz para revenda, mas comenta que o comércio varia muito dependendo da época do ano, é muito sazonal, o que não garante uma quantia de renda certa todo final do mês.

Além desse trabalho com uma pequena agroindústria caseira, *Begonia* se considera também agricultora. Ela diz que cuida principalmente das ‘miudezas’¹¹⁰, que o casal planta junto, mas que na hora de limpar o mato na enxada é de sua responsabilidade. Além desses cultivos possuem criação de galinha poedeira, terneiro *guaxo* (que é criado com leite comprado), novilha e suínos. Com a produção, a família consegue se alimentar e também vender o excedente para a vizinhança.

¹¹⁰ Entre as mulheres do assentamento essas miudezas sempre incluem os cultivos de mandioca, amendoim, abóbora, batata, melancia, feijão, hortaliças, bem como criações de galinha e suíno.

Pelo fato deles terem carro próprio também conseguem ajudar os vizinhos que precisam de algum deslocamento, visto que o transporte para dentro e para fora da área do assentamento é uma das maiores dificuldades. *Begonia* já possui carteira de motorista e fica mais tempo em casa, então acaba se prestando mais a esses favores. O marido é pedreiro e passa o dia todo nos locais de trabalho, ficando mais ou menos 12 horas fora de casa. Segundo *Begonia* tem até fila de espera, porque o serviço dele é muito bom.

Quando é época de plantio o marido permanece mais em casa, auxiliando nas lavouras dos vizinhos também, que pagam para ele trabalhar com o trator. No lote eles possuem lavoura de soja e todo serviço de plantio e aplicação dos agrotóxicos o marido é quem exerce. Ele usa EPI, mas não com a proteção ideal. Ela revela que possuem bastantes problemas com os granjeiros vizinhos, que fazem aplicação do agrotóxico com avião, o que acaba afetando outras lavouras deles. Já quando é época de colheita eles terceirizam este serviço.

Na tomada de decisões o casal sempre senta antes de qualquer deliberação e avaliam onde vão plantar a soja e onde vão plantar as miudezas utilizadas para alimentação, para que o veneno da lavoura da soja não contamine os alimentos.

Para ela, um momento marcante de interação com o grupo foi quando tinham assistido ao documentário “Terra para Rose”, de 1987, que conta da história de vida de Roseli Nunes, e que narra também um pouco da luta dos pais de *Begonia*, que inclusive o seu pai aparece no filme. Quando perguntada sobre a mulher que ela tem como referência, foi precisa em afirmar que seria a própria Roseli, “porque a luta dela não era apenas para ela, mas para seus companheiros também”.

O maior sonho dela é continuar fazendo o que faz e cada vez mais aumentar em produção, principalmente em criar um espaço maior para lhe dar com a cozinha e fazer seus pães e doces. Ela se imagina no futuro com outro filho, com a casa concluída, pensa em continuar empreendendo na panificação e com o grupo de mulheres mais consolidado. Para o filho, ela quer que ele faça uma faculdade nem que seja particular, na esperança de ter um futuro melhor. Para ela, não faz sentido a formação do grupo se não for para beneficiar todas igualmente.

3.2.2 *Calliandra*, a destemida frente às adversidades

A segunda a ser entrevistada foi *Calliandra*, que atua como vice coordenadora do grupo de mulheres. Na ocasião seu marido estava presente. Ela conta que da luta pela terra foram sete anos que passaram no acampamento e na época já pensaram em desistir por causa de

todo o tempo de espera embaixo da lona. Optaram por este assentamento porque a área do lote é pequena e pensavam que seria mais fácil de organizarem seu sistema de produção.

Eles estão desde o início do assentamento e o que os fizeram ir para esta área foi a perspectiva da busca por uma vida melhor para depender mais dos outros e não trabalhar mais como empregados. Até 2015 o marido ainda trabalhava fora da propriedade, mas em 2016 esteve dedicado em tempo integral para as atividades do lote, na lavoura de milho e no leite.

Na família de *Calliandra*, o pai não impedia a mãe de fazer qualquer coisa, e essa relação se reflete na sua com seu marido. *Calliandra* não é filha de assentados, no entanto sempre se considerou agricultora, porque os pais trabalharam toda a vida em granjas no seu município de origem e reconhece no ofício dos pais sua identidade na agricultura. O marido também é filho de agricultores não assentados, embora todos os irmãos dele sejam assentados. A granja que os pais dela trabalham lida com leite e a principal atividade dela com o marido também se tornou esta, já possuindo atualmente toda a estrutura básica, com estrebaria, resfriador e ordenhadeira de dois conjuntos. Eles raramente saem de casa por conta das vacas e por enquanto não pensam em aumentar o rebanho.

Quando eles foram acampar em 2001 já sabiam desta área e enquanto estavam acampados não saiu nenhuma área na região deles, somente na área de fronteira, que não lhes interessavam. Assim que chegaram ao lote pensavam em trocar para um lugar mais próximo dos pais, mas hoje que eles já estão estabelecidos e estruturados não pensam em sair mais do local, visto que suas vidas melhoraram bastante depois que foram viver neste assentamento, como argumentam. Ela conta que não tinham nada quando chegaram e começaram morando em barraco de lona, depois passaram para um galpão de madeira, que pagaram aos poucos, para enfim chegarem a morar numa casa de alvenaria e conseguirem comprar um carro próprio.

Na época em que chegaram à região não existia assentamento e o preconceito das pessoas para com os assentados era muito evidente. De acordo com eles, essa situação já mudou bastante, porque os granjeiros vizinhos precisam deles principalmente quando está na fase de plantio e colheita, épocas em que eles cuidam das máquinas agrícolas dos granjeiros, que ficam estacionadas próximas ao assentamento à noite, permanecendo ali para serem utilizadas no dia seguinte.

O marido falou que o tempo que passaram no acampamento só estiveram gastando. Tiveram que fazer financiamento no banco para conseguir produzir, e quando se mudaram para o assentamento já foram com dívidas, que conseguiram quitar parte por meio de um arrendamento.

Os 20 mil reais que os assentados acessaram logo de início o casal não pode adquirir, porque seus nomes ainda estavam negativados por conta daquela dívida anterior, então a solução foi recorrer a um empréstimo com a família do marido para que na próxima oportunidade conseguissem acessar os recursos. Eles se atrasaram em dois anos até que conseguiram quitar tudo.

Mas durante esse tempo eles não pararam de produzir e todas as tomadas de decisões no sistema de produção foram feitas entre o casal, embora as negociações e questões relativas ao plantio são de responsabilidade exclusiva do marido, tanto é que ele demonstrou mais conhecimento da lavoura de milho e falou mais sobre. Durante a entrevista sempre fora ele que tomava a vez para falar da lavoura, e disse que sempre gostou de plantar milho. *Calliandra* não trabalha muito nas lavouras grandes, ficando responsável mais com a atividade do leite e com as miudezas.

O marido aplica agrotóxico no milho, mas revela usar o EPI de forma inadequada. Nos serviços de aplicação de dessecante e demais tratamentos na lavoura ele mesmo faz, mas para plantar e colher contrata mão de obra externa. E embora o uso de agrotóxicos seja constante, eles não acusam sentir grandes efeitos dessa aplicação. Alegam somente dores de cabeça e, ainda assim, sabem do risco que isso pode ter para o futuro. No ano anterior a aplicação de agrotóxico por meio de avião matou toda a plantação de melancia da família.

Em meio a esta realidade, as duas filhas do casal não demonstram interesse nas atividades agrícolas, preferindo ajudar mais nos serviços de casa, ou permanecer estudando. Com relação ao sentimento de querer continuar na terra, eles não sabem dizer o que as filhas pensam, porque ainda estão muito novas e, todavia definindo suas vontades. Levando isto em conta, sonham em poder dar estudo para as filhas. Para isso estão se organizando financeiramente para possibilitar as filhas fazerem faculdade no futuro.

No futuro *Calliandra* pensa em não ter muita dívida, espera estarem mais organizados no assentamento e terem um local para se reunir no final de semana. Espera que mude para os outros também, principalmente para as famílias que estão em situação de risco e para as que se desentendem a todo o momento.

No assentamento, ela também revela ter conhecimento de violência contra mulheres, mas assim como *Begonia*, não interfere. E de acordo com *Calliandra* ainda existe mulher no assentamento que o marido proíbe de participar do grupo, obrigando que fiquem em casa lidando com os serviços domésticos.

O marido acha importante o grupo de mulheres uma vez que os homens do assentamento não conseguiram entrar numa organização para compor uma associação atuante.

De acordo com ele, os homens só conseguem se reunir se for às bodegas, ou quando as mulheres organizam algum evento que lhes colocam alguma função, e até mesmo nas visitas que se fazem entre eles, pois geralmente quando as mulheres se visitam vão com a família. No começo ele não estava acostumado com a ideia da mulher sair de casa e deixar o serviço das vacas para ir se reunir com outras mulheres, mas foram entrando em acordos e conseguiram se organizar quanto ao tempo, possibilitando dela participar tanto do grupo como das atividades produtivas do seu núcleo familiar.

Constantemente, durante a entrevista, ambos falaram que deveria existir uma “comunidade”, no sentido de que deveria se haver mais sentimento coletivo das famílias assentadas. Isso revela que por mais avanços que já tenham conseguido, ainda persistem desafios a serem superados no que diz respeito à convivência comunitária.

Ao final, ela disse que uma mulher que admira também é a Roseli Nunes, e como possui muitas críticas à situação política do país, citou em seguida o nome da ex presidenta Dilma Rousseff, uma mulher que acredita ser muito forte e destemida, e busca se espelhar nesta essência dela.

3.2.3 Dona Jodina, mulher forte como Penha

Jodina é uma senhora que vive hoje apenas com sua filha mais nova, *Lilaea*, e possui outros três filhos já casados. Até chegar ao assentamento ela ficou sete anos acampada e mudou quatro vezes o local do acampamento. Antes de virar assentada trabalhava de agregada em uma chácara de padres e também de faxineira.

Apesar de já ter idade suficiente e não ter conseguido acessar a aposentadoria, se revela bastante satisfeita em morar no local e não pretende sair. Ela e o ex-marido preferiram ir para esta área porque já conheciam, devido ao último local de acampamento ter sido próximo.

Em virtude dos últimos anos de convivência com o ex-marido, ela carrega na história um passado de sofrimento. Teve que se separar com um litígio judicial, acionado pela Lei Maria da Penha (Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006). Ele agrediu fisicamente a filha mais nova dela, mas não chegou a fazer o mesmo com ela, no entanto, sofria principalmente com a violência verbal. Quando a filha enfrentou o seu ex-marido, dizendo que não aguentava mais os seus desaforos, ele a atacou, e só não bateu mais porque Dona *Jodina* segurou uma foice e o enfrentou dizendo que “é a última vez que você bota a mão na minha filha!”. Ela não é filha de sangue dele e nunca o tratou com falta de respeito. A mãe notou que a intenção do ex-marido com sua filha seria outra, a de “guardar a menina para mais tarde”, então alertou para

a filha não permitir mais que ele continuasse passando a mão nela, botá-la no colo e acariciar. Ele, além de ter cometido toda essa violência, ainda falava mal das mulheres do assentamento, inclusive das companheiras de grupo de Dona *Jodina*.

O assentamento todo se uniu para apoiar Dona *Jodina* na denúncia, mas ela não imaginava que iriam apoiá-la tanto. Contando sobre a decisão tomada nesta história, ela dizia que “tinha dias que deitava na cama e pedia a Deus que só me desse coragem”.

O ex-marido, ao sair da casa, ficou alojado na casa de outro assentado que também tinha agredido a mulher, e que, do mesmo modo, não é bem visto por muitos do assentamento, porque “se faz de vítima e outros homens se compadecem”. Atualmente não se tem notícia do paradeiro do ex-marido de Dona *Jodina*. Ela só gostaria de saber para poder resolver problemas jurídicos que teve no seu bloco, visto que ele era o primeiro beneficiário e se ele não “der baixa”, ela corre o risco de perder a inscrição do lote.

Diante destes fatos vividos, ela não pensa em encontrar um novo companheiro, porque como ela conta, “tem o dedo podre para homem, antes sozinha do que mal acompanhada, porque hoje em dia é difícil encontrar um que vale à pena”. E ainda complementa: “a gente sozinha faz o que quer, vai dormir a hora que quer, levanta na hora que quer, faz as coisas que quer, não tem ninguém mandando ou dando ordem... porque eu e a minha filha aqui nos últimos tempos éramos que nem escravas”.

A renda dela é proveniente basicamente da lavoura de milho e do benefício do Bolsa Família. A sua produção vem sido prejudicada pela presença de animais dos vizinhos que invadem as plantações. Ela disse que fica chateada quando algum vizinho permite que os animais invadam sua lavoura, porque considera os vizinhos a sua primeira família, “são as pessoas que estão mais perto, mas que ao invés de ajudar, atrapalham”. Por um lado, para ela, a presença do marido no lote pelo menos “colocava lei” no lugar e as pessoas não faziam o que quisessem dentro de seu lote. Ela acredita que o principal fator que leva as pessoas a desrespeitarem ela é pelo fato de ser mulher, porque no lote só mora ela e a filha.

Com relação a essa falta de respeito, alguns filhos de vizinhos iam dentro de sua propriedade e matavam passarinhos. Como eles sabiam em Dona *Jodina* não gostava disso, ainda colocavam pendurados em cordas nas árvores os passarinhos mortos como se estivessem enforcados.

Antigamente ela produzia leite na propriedade, mas hoje tem apenas para o consumo. Outra cultura que é produzida nas suas terras é a soja, a qual terceiriza totalmente o sistema de produção. Uma renda que complementa é do arrendamento, mas vem surgindo muitos problemas com essa experiência, que não foram detalhados. Além disso, planta ela mesma

mandioca, batata doce, feijão, alface e beterraba. Antes comercializava o excedente, mas parou porque suas compradoras não estavam pagando.

Quando perguntada sobre qual seria o seu sonho, Dona *Jodina* teve dificuldade de dar uma resposta, alegando que já tinha realizado tudo, mas ao final ela disse que conseguir aposentadoria seria um sonho. Ela sonha também que a filha mais nova faça uma faculdade e pensa que quando a menina encontrar alguém pra casar vai querer sair do lote. Daí em tom de brincadeira disse que já que os filhos não queriam ficar com ela, iria "arrendar" o sobrinho da companheira *Salvia* para ela, pra ficar morando e cuidando dela. Ao ouvir essa proposta dela, ele, que passa os dias fazendo companhia para a vó postiça, prontamente gritou do outro cômodo da casa "eu fico!".

3.2.4 *Thalia*, a menina que se descobriu mulher

Thalia é filha de *Petunia*, e ambas participaram da entrevista. Dona *Petunia* teve cinco filhos e dois vivem na cidade. “Eles pensaram em estudar, trabalhar e ser alguém na vida”, como diz a mãe. *Petunia* vive com dois filhos, o mais velho trabalha na cidade e o mais novo tem nove anos e frequenta a escola ainda.

Thalia se casou com 16 anos e foi morar na própria casa com o marido, com seu pequeno rebanho de vaca leiteira. Ganhou uma fração do terreno da mãe e dos sogros e construiu a casa por lá mesmo. Ela largou um pouco os estudos, mas pretende cursar Agronomia, Arquitetura ou Veterinária. A jovem possui uma percepção muito crítica sobre sua realidade e faz reflexões que contribuem bastante para o avanço do grupo de mulheres, embora não assuma muita liderança.

Quem veio primeiro ao assentamento foi seu pai, e o restante da família depois. Passaram por várias privações na fase do acampamento, mas as condições da família delas melhorou bastante depois que conquistaram o lote. Antes *Petunia* morava na zona urbana, em Santo Ângelo, RS, onde ela originalmente trabalhava com atividades não agrícolas, de vendedora ambulante, e vendia de tudo, desde remédios, a urso de pelúcia, capas de sofá, gamelas (bacia de madeira para churrasco), dentre outras coisas.

Thalia se criou “embaixo da lona”, e para ela ter hoje o seu pedaço de terra e ter a liberdade de escolher o que vai plantar, quando vai plantar, sabendo que a mãe passou pelo sofrimento de viver em acampamento, mas hoje terem seus 10 hectares de terra, para ela, é muito valioso. Ela preza muito em participar da luta, desde quando se considerava sem-terrinha, como ela disse (na terceira pessoa mesmo): “qualquer tipo de coisa que reúne o povo, a *Thalia* tem que estar lá”.

Aos 11 anos, quando a mãe teve uma gravidez de risco, o que a fez ficar boa parte do tempo na cama, *Thalia* teve que tomar à frente para cuidar da casa e fazer as refeições da família. A mãe passava as instruções e ela seguia. No entanto, ela não vê isso como de todo um mal, porque foi a partir dali que se interessou a aprender tudo. *Petunia* conta que não queria ter ocupado tanto a filha, porque ela brincou muito pouco na infância, mas hoje, mesmo com essas circunstâncias que ocorreram, se orgulha disso, porque ensinou a filha a trabalhar e se tornou uma mulher que não precisa da ajuda de ninguém pra trabalhar, “ela faz tudo que um homem faria e não tem medo do serviço”.

Quando tinha 14 anos praticamente quem sustentava a família com o trabalho era *Thalia*, porque era quem lidava com as vacas de leite, principal renda na época. Assim, nesta idade tinha que estudar, tirar o leite e a mãe sempre ajudava. Hoje ela continua ajudando a mãe, em virtude de um problema da vesícula que a acometeu, obrigando-a a parar um pouco com o trabalho pesado. A mãe auxilia *Thalia* principalmente no cuidado da neta.

Percebe-se que o pai em todo esse cenário desenhado sempre foi muito ausente e negligente. *Thalia* falou que o pai era muito folgado e não fazia nenhum esforço para contribuir com a família, então devido a isso, por ela ter que trabalhar desde cedo, reitera a fala da mãe, que perdeu muito do tempo de criança.

A primeira coisa que o pai dela fez quando acessou uma linha de empréstimo foi gastar de outras maneiras, que não explicou à família, o que acarretou em diversas dívidas, que o obrigou a vender 13 vacas por 10 mil reais. Neste dia da venda do rebanho, quando ela estava chegando da escola, viu um caminhão sendo carregado com todas aquelas vacas, e neste momento diz que caiu a ficha de que a partir daquele dia teria que caminhar com as próprias pernas. Pensou: “ou eu estudo e viro alguém na vida, ou trabalho”.

Não bastasse isso, o pai de *Thalia* já agrediu sua mãe e ameaçou abertamente matar *Petunia*, mas como alerta a filha, ela não pode denunciar como *Jodina* fez, “porque ele pode ser preso e, quando for solto, volta e mata ela”. E assim, com esse exemplo, dá pra se perceber que a tentativa da lei de proteção à mulher existe, é necessária, mas só funciona no papel em casos como estes, ou seja, não se aplica, não consegue ser operacionalizada em todos os casos particularizados. Este homem foi um dos que ficavam dizendo que o grupo de mulheres não daria certo, e foi o que apoiou o outro agressor anteriormente citado, o ex-marido da Dona *Jodina*.

Thalia só vive da agricultura, com a lida diária com as vacas e das lavouras. Ela se reconhece como agricultora e tem uma identidade muito fortalecida. O marido trabalha fora da propriedade, no silo de uma fazenda granjeira¹¹¹ vizinha ao assentamento e ela fica em casa sozinha o dia inteiro. Nos finais de semana ele tem a folga do trabalho e colabora no que pode no pedaço de terra deles.

Ela cuida do manejo das vacas dos sogros também, que já são idosos. Tira o leite e dividem os lucros. Além disso, cria terneiros, galinhas, suínos, planta mandioca, batata doce, milho, feijão, pipoca, dentre outras culturas.

A cultura da soja é secundária, e o vizinho é quem planta, porque eles não possuem o maquinário adequado. Ela e o marido decidiram plantar para que a renda da colheita possibilite aumentar o rebanho de vacas leiteiras. O marido da *Thalia* ganha cerca de mil reais no emprego dele e ela também, aproximadamente mil reais com as vacas todo mês. Ela coloca que o companheiro também gosta de lidar com as vacas, mas não pode largar o emprego dele agora visto que isso os faria perder mil reais do orçamento familiar. No entanto, aumentando o rebanho eles vão conseguir isso, trabalhando em um só lugar. Ela sonha que o marido volte a trabalhar em casa, porque teria mais tempo para os afazeres domésticos, a se dedicar mais à filha, trabalhar na horta, no pomar, nas atividades no arredor de casa. Ela conta que precisa fazer tudo isso, e não fica 100% nenhum dos trabalhos.

Quanto às decisões do sistema produtivo, são bem divididas. Quando influencia muito na rotina de vida de *Thalia* ela mesma toma as decisões, mas quando é com os dois, eles fazem em conjunto. Em sua fala é notório certo empoderamento: “Eu lido com as vacas, eu lido com a terra, eu lido com a casa, então quem manda sou eu. Você¹¹² só vai trazer o dinheiro pra sustentar sua filha e sua mulher e acabou pra ti”.

Ela expressa que se reconheceu como mulher somente quando ficou grávida, o que foi uma surpresa essa descoberta. E ao mesmo tempo complementa dizendo “mas se for analisar, eu era mulher desde os 12 anos, porque desde essa idade eu já trazia mil e poucos reais para dentro de casa, que era só de leite”. Nesta fase da gravidez ela já estava fazendo parte do grupo, mas começou a frequentar menos ao final da gestação. Na mesma época os pais se separaram, e ela conta que lhe deu depressão. Quando as mulheres descobriram que ela estava assim, decidiram convidá-la de volta ao grupo.

¹¹¹ Entendidas como propriedades de agricultores patronais em ascensão social (Rückert, 2003) no qual os estabelecimentos não se enquadram na categoria “agricultura familiar” de acordo com a Lei 11.326, de 24 de julho de 2006 (Zanella, Torres e Bonza, 2019, p. 144).

¹¹² Ela falou como se estivesse se dirigindo ao marido.

Thalia não conseguiu identificar pontos negativos no grupo; para ela, não são percebidos, pois no grupo, cada mãe leva seus filhos e esse se torna um espaço interessante também para a juventude. Quando perguntada sobre qual a opinião do marido em ela participar do grupo de mulheres, foi muito categórica em dizer que “ele não tem muito o que achar”. Como ela mesma diz, depois que fez 18 anos é “dona do próprio nariz”. A mãe dela disse que a filha é muito mandona e que manda até na própria mãe, “tanto é que depois que *Thalia* ficou mãe, eu virei a filha”. *Thalia* afirma dizendo que aconteceu muito dela proibir marido a ir para algum lugar, o contrário nunca. Ela, por exemplo, permite que nos finais de semana ele vá para a bodega encontrar com os amigos e jogar sinuca, contudo exige ir junto.

Petunia se considera uma pré-adolescente, e *Thalia* reafirma dizendo que a mãe é bem mais jovem do que ela. Isso porque as duas têm formas de ver a vida diferentes. Para *Thalia* a casa e o trabalho exigem uma organização da qual *Petunia* não costuma seguir muito. *Thalia* conta que quando foi no último mês de gravidez, ela não aguentava tirar o leite, então a mãe fazia esse serviço para ela, e na visão dela fazia tudo errado, porque era diferente da forma como convencionalmente vinha fazendo.

Petunia se vê no futuro do mesmo jeito, com o mesmo espírito jovem, brincando de boneca com a neta. Na fala dela, transparece que leva um modo de vida mais leve e sereno. Conta que quando ensinou os filhos mais novos a trabalhar dizia que “estudar e trabalhar tudo pode ser uma diversão, então se nós formos trabalhar nós podemos trabalhar brincando, se nós formos estudar, nós podemos estudar brincando sério. Eu expliquei que o trabalho é um ato sério, mas que podemos trabalhar feliz”. *Thalia* conta, nesse exemplo de trabalhar brincando que se tem um esporte que ela gosta de fazer é lascar lenha, mas não faz com maior frequência porque não tem mais o fogão à lenha.

O maior sonho da *Thalia* é ter seu próprio bloco de terra para poder pegar os seus próprios financiamentos, para poder aplicar no que quisesse e construir sua casa do jeito que idealiza. Ela queria muito ter que comprar as próprias coisas e não morar numa casa com tudo ganhado, bem como ter mais que quatro vacas. Ela conta que esse é “um sonho quase impossível”, porque se for ter que acontecer, os pais teriam que falecer para ela ficar com a herança.

Ela pensa em ter mais um filho, e o marido quer mais dois, mas ainda não conseguiu prospectar um futuro desejável para a filha, porque “ainda não consigo pensar na ideia dela longe”, contudo, gostaria muito que a filha continuasse por perto dela, porque pensa em permanecer no assentamento.

Por fim, uma mulher que ela revelou admirar é a *Isabelia*, uma companheira do assentamento, a qual diz possuir uma dinâmica de trabalho que gostaria de se espelhar. *Thalia* diz que passa o dia todo trabalhando e parece que a *Isabelia* faz muito mais coisas que ela. A experiência desta mulher admirável é descrita a seguir.

3.2.5 *Isabelia*, a que transcende o amor e a coragem

Na vida, *Isabelia* certamente deve colocar seus valores de humanidade como norteador para seguir em frente. Ela nunca morou na cidade, sempre viveu na zona rural e nunca tinha vivido em assentamento antes. Depois que casou, seguiu o marido aonde ele ia, até o ponto do que parece ter sido uma escolha dele, a ficar sozinho. Primeiramente foram morar próximos à terra do pai dele, em virtude de uma doença que ocasionou no pai. Assim, arrendaram a terra de um vizinho e lá viveram por oito anos.

Ele era fumante e alcólatra e no ano que parou de beber, eles tiveram a terceira filha. Depois dessa época foram viver numa granja em Sarandi, RS, e ela disse que nessa época “comeu o pão que o diabo amassou”, porque a doença do alcoolismo o sucumbiu ao vício novamente. Ficaram nesta granja durante três anos e depois ele abandonou de vez a família.

Antes do abandono da esposa e das três filhas, tinha se inscrito para receber um lote em um assentamento no mesmo município, mas fez sem contar nada a *Isabelia*. Ela ficou sabendo por meio de um vizinho na ocasião de um jantar em família, momento que ela foi perguntada se já tinham organizado as coisas para ir para o acampamento, pois o vizinho achava que ela obviamente sabia desta informação.

Diante disso, *Isabelia*, com suas filhas, ficaram morando 11 anos perto dos seus pais, na zona rural de Sarandi. As crianças já estudavam e ela começou a trabalhar com costura dentro de casa e com faxina nas casas de outras pessoas.

O marido acabou indo para o acampamento sem comunicar *Isabelia*, e ela não sabe até hoje qual foi a real intenção dele, só consegue pensar que simplesmente queria acampar sozinho sem levar a família. De tempos em tempos voltava para a casa dela para ver as meninas, mas em condições precárias devido à doença. No entanto, ela nunca negou um prato de comida quando ele ia até lá. Chegou um momento em que ela disse que ele tinha que fazer as escolhas da vida dele, pensava que já que ele não queria mudar essa condição que eles viviam, o melhor seria se separarem oficialmente, no papel. No entanto, nenhum dos dois se prontificou a levar o divórcio à frente.

Ela trabalhou durante 15 anos na mesma propriedade como faxineira, como também em outras casas ao redor. E recomeçou a vida dela ali, ao lado da família que sempre a

ajudava na criação das filhas, e com o marido longe, vivendo no acampamento. Nesse momento da vida ela não queria mais casar com ninguém, estava muito bem resolvida, independentemente de não ter separado “no papel”. Ela não ficou com nada que ganhou quando se casou. Tudo que tinha na sua casa nesta época comprou de novo como resultado do esforço de seu trabalho.

O marido entrou no assentamento logo de início, na ocasião de divisão das terras. Ele fez toda a documentação com o nome dela junto, já que não tinham se separado judicialmente. Na época que chegou, morava sozinho e não tinha água no lote. Dependia de um vizinho que tinha uma fonte, e também se alimentava na casa deste, dando suas contribuições com a feira. As atividades de plantio também eram em sociedade com ele.

Com o tempo, o marido de *Isabelia* veio apresentando mal estares e doenças decorrentes dos vícios do álcool e do cigarro. Ele acusava de dores no braço, depois com o tempo foi se agravando e o braço começou a ficar amortecido. Além disso, manifestava problemas de pulmão por conta do tabaco. A filha mais velha, já adulta, o levava com frequência para fazer exames.

Ao longo desse tempo, *Isabelia* fez amizade com um companheiro de trabalho, que pouco tempo depois começaram um relacionamento, e hoje vivem juntos. Depois que ela já estava junta com este companheiro, comprou um terreno próximo à propriedade do antigo patrão deles, local que planejavam começar uma nova vida. Mas foi um projeto pessoal que, depois de tanto esforço, foi vão, pois passaram pouco tempo neste local.

Na mesma época um fato marcou drasticamente a história de *Isabelia*, fazendo-a tomar outro rumo. Quem dera a notícia deste divisor de águas foi o vizinho assentado do marido. Ele ligou comunicando que seu marido estava hospitalizado. Ele foi acometido por um acidente vascular cerebral (AVC), que o deixou com diversas sequelas irreversíveis. Ela disse que se sentiu na obrigação de cuidar do marido, porque a família dele não quis saber, nem tampouco ela quis deixar que as filhas, já casadas, cuidassem do pai doente e completou: “daí eu pensei: não ‘tou separada no papel, vou fazer minha obrigação e seja lá o que Deus quiser”. O marido hoje está em interdição total, e quem responde por tudo relativo ao nome dele é ela, como procuradora legal.

Frente a esse novo desafio que encarou, *Isabelia* teve total apoio do companheiro, o qual fez a mesma coisa que ela fez com o marido no início do casamento, acompanhou seus passos. Ela decidiu então ir morar no assentamento que o primeiro marido vive, mas antes nunca passou por sua cabeça ir morar lá, pois achava um fim de mundo e já estava acostumada a viver num local arrodada de vizinhos. No assentamento ainda não tinha água

quando chegou em 2013, e assim, ela conseguiu organizar todas as irregularidades com relação a dívidas e pendências. As pessoas diziam a ela que não iria se adaptar à vida em assentamento, mas foi mais tranquilo do que ela imaginou.

Dificuldades eles ainda passam. Por conta de o assentamento ser localizado na divisa entre Ibiaçá e Sananduva, os assentados encontram diversas dificuldades quando precisam acessar recursos, como por exemplo, a energia elétrica, que consta como sendo de Sananduva, RS, mas que está no território de Ibiaçá, o que causa problemas quando precisa comprovar o local de residência.

O atual companheiro de *Isabelia* vive junto com ela e com o marido na mesma casa e cuida do marido doente quando ela precisa sair. Dá comida e faz tudo que ele necessita. Os dois se dão bem, e segundo ela, são muito parceiros. Na época quando eles assumiram a tutela de cuidar do marido, os vizinhos ficaram se perguntando como era que o companheiro iria aceitar uma situação dessas, todavia foi uma relação construída com o tempo.

No passado o marido ia visitar a família dela, e nessa convivência os dois maridos de *Isabelia* foram fazendo amizade, sendo que o primeiro sempre buscava criar algum conflito, demonstrando certo ciúme do segundo, no entanto, atualmente não tem mais importância todas as desavenças por ele arquitetadas. O marido é para *Isabelia* hoje como um irmão doente, a quem ela diz ter conseguido perdoar todas as suas falhas e erros, e que está presente na vida do atual casal também para lembrar o quão devotado o amor do companheiro se tornou para a mulher, provando que o sentimento de humanidade é intrínseco a qualquer ser humano.

O companheiro não é oficialmente assentado, mas se prontificou a ser o representante atual do assentamento juntamente com *Isabelia*. E como eles chegaram dois anos depois de estabelecido o assentamento, e desconheciam muito do que tinha sido dialogado anteriormente ou ocorrido no início, os assentados mais antigos o ajudaram nesta função, principalmente o marido da *Begonia*. O companheiro no passado foi acampado, era menor e idade, e já participava da coordenação de um acampamento junto com seu pai. Com o tempo foi aprendendo o posicionamento de liderança do pai.

No lote deles três, se planta somente soja, mas também vendem bolachas, pão, cucas e batatas. Comercializam entre os vizinhos, clientes e amigos. Pretendem comprar um transporte para poder organizar a produção e comercializar em feiras, com a intenção de o companheiro sair da granja externa a qual trabalha atualmente e começar a trabalhar mais dentro do lote.

A decisão do que vai se plantar, quando vai colher e como são feitos os cultivos se dá em conjunto. Ela diz que entende de lavoura, mas quanto à aplicação dos agrotóxicos deixa com o companheiro. Se precisar pagar alguma coisa, como a renda deles é dividida, eles se ajudam e negociam.

Quanto ao grupo de mulheres, ela gosta de participar, mas por conta que tem que cuidar do marido sempre, acaba não frequentando muito as reuniões, porque teria que levar ele de carro e não é sempre que tem essa disponibilidade. Ela diz que fica ressentida, porque gostaria de poder participar mais.

Ela considera que sempre foi bem ajudada quando necessitou em questões de saúde no município e como é de seu costume, sempre presenteia as pessoas com suas produções caseiras. Ela se retrata como uma pessoa feliz no lote, porque “tem um companheiro dedicado, todas as filhas estão bem casadas, tem uma netinha abençoada e a lavoura é boa”. Para quem não queria ir morar no assentamento, ela hoje não pensa em sair, inclusive está concluindo a construção de uma casa nova de alvenaria.

3.2.6 *Salvia*, uma batalhadora devotada e gratificada

A última entrevistada foi *Salvia* e sua mãe, Dona *Magnolia*. A família vem passando por uma série de problemas, principalmente de saúde. *Salvia* recentemente foi diagnosticada com fibromialgia, uma síndrome que provoca dores crônicas por todo o corpo por longos períodos. Sua mãe, *Magnolia*, é alcóolatra e fumante. A irmã de *Salvia* é a *Vanilla*, que está internada e é a mãe do menino que vive com Dona *Jodina*.

Salvia é casada e tem dois filhos, o mais velho já está casado e o mais novo ainda mora com ela, estuda e às vezes trabalha. Além dele, também cuida do filho mais novo de *Vanilla*. *Salvia* não morava no assentamento, e está no local há apenas 10 meses. A mãe dela, que está desde o início e foi acampada, escolheu ir para este lote quando já estava separada. O nome da escritura do lote conta o de Dona *Magnolia* e de um irmão de *Salvia*. O irmão dela foi morar com a mãe no início, permaneceu seis meses, mas foi embora junto com a esposa e os filhos, alegando que aquela vida que levavam no assentamento não era futuro pra ninguém. *Salvia* nesta época morava na cidade e ia passear no lote da mãe uma vez ao ano.

Disse que nunca pensou em morar no assentamento, porque ainda não gosta, mas está começando a se acostumar, porque a vida dela era muito diferente. Passou a morar neste local, porque em acordo com os seus outros irmãos, decidiram que ela deveria cuidar da mãe, que já vem apresentando diversas doenças em virtude da idade. Os irmãos dela não pensam de maneira alguma em ir morar no assentamento e a mãe, que já tem 60 anos, não deve ficar

sozinha perante a lei. A decisão de ir morar com Dona *Magnolia* foi reforçada por seu marido que disse que se fosse sua mãe, ele não pensaria duas vezes. A mãe é aposentada do INSS pelo auxílio doença, então não poderia exercer nenhuma atividade produtiva, nem possuir nenhuma vaca em seu nome. Assim, os animais passaram para o cuidado do núcleo familiar de *Salvia*.

Ela e o marido veem esse primeiro ano no assentamento como um ano de experiência, porque no sistema de produção de Dona *Magnolia* não tinha mão de obra. Dentre as famílias entrevistadas eles foram os únicos que mostraram que guardam sementes em casa, fazendo questão de apresentar os recipientes cheios de feijão e de milho. A produção de leite fornece a maior renda à família, e eles também plantam mandioca, batata, árvores frutíferas, hortaliças e soja. Possuem 10 vacas e comercializam o leite numa cooperativa, mas a um preço muito barato em relação às empresas privadas.

Ultimamente por conta da doença que ela foi acometida, não trabalha mais, fica só dentro de casa, é o marido que faz todos os serviços. Mas antes dela da doença se revelar separavam todos os serviços meio a meio.

Ela também não consegue participar mais do grupo de mulheres por causa da doença. Diversas vezes na fala de *Salvia* ela se refere ao grupo de mulheres como ‘elas’ ou algo relativo ao grupo como ‘delas’, como se ela também não se incluísse. Isso pode ser devido ao fato de não participar muito do grupo, como também por conta dela não compartilhar do mesmo histórico de luta das companheiras, visto que é relativamente nova no assentamento e viveu mais tempo na cidade.

Sua mãe sempre morou na zona rural e foi morar na cidade quando se casou. Mas Dona *Magnolia* nunca conseguiu se adaptar à cidade, e *Salvia* comenta que foi criada “perambulando”, porque dependia dos pais encontrarem empregos em granjas. Depois que *Salvia* casou, ficou sempre morando na cidade e já trabalhou como babá, em frigorífico, em restaurante, dentre outros locais.

Ela não sabe se pode se considerar agricultora ainda, porque não está bem segura disto, e se tivesse uma oportunidade melhor, sairia do assentamento, não pensaria duas vezes. O que prende ela ao assentamento é somente a mãe, que não pensa em sair dali. Apesar de todo o sofrimento da família com as doenças que acometeram as mulheres, *Salvia* se considera feliz porque a mãe ainda está viva. E tem certeza que se ela estivesse numa situação dessas, a mãe largaria tudo para viver com ela.

O marido dela a ajuda muito, principalmente depois dessa doença, e fala que ele é muito mais que um companheiro, se sente muito grata pela cumplicidade. O maior sonho dela

é se curar da doença, porque a torna muito dependente da ajuda dos outros e como sempre fora muito ativa, nunca esperou que os outros fizessem as coisas por ela, e se sente incomodada por isso. Sonha que o filho mais novo continue com os estudos. Ele não pretende ficar no assentamento, não tem afinidade com a agricultura e quando fizer a maioridade ela acredita e apoia que ele vá embora, sendo uma possibilidade para ela ir junto também.

Uma mulher que ela admira muito é a *Isabelia*, porque a vê como uma pessoa que sempre está trabalhando, nunca para e se dedica aos que vivem com ela. “É uma pessoa que não tem preguiça de fazer as coisas”.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho compreendeu-se como se deu a trajetória de vida de seis mulheres com modos de vida completamente diferentes apesar de compartilharem da mesma condição de assentadas, e que se organizam em um contexto local de grupo de gênero, no qual contribuem com frações de participação e intervenção variadas. O relato de suas trajetórias de vidas permite ter clareza do quão específicas são suas demandas quando se voltam aos seus núcleos familiares, refletindo em suas próprias maneiras de pensar e agir individualmente em seus núcleos familiares, como também incorporam a coletivamente do grupo em suas dinâmicas. Tais inferências se configuram como evidências reais para as equipes técnicas, sobretudo as que trabalham com extensão rural, considerarem que seus públicos não irão ter as mesmas expectativas em seus trabalhos.

Percebe-se que o comprometimento dos técnicos envolvidos com um grupo, e a confiança por eles adquirida, são fatores decisivos para a eficácia na execução de ações, visto que foi a partir da atuação de uma técnica que o grupo conseguiu ficar mais consolidado, mas é importante ressaltar, todavia, a questão do protagonismo do grupo como condicionador determinante para os avanços, independente de ser um grupo de mulheres, visto que a organização do grupo foi oportunizada, porque já existia um potencial de luta e militância, ora adormecido nas pessoas envolvidas, e que foi reanimado pela equipe técnica.

Quanto ao valor das mulheres em locais diversos do mundo este nem sempre é visível e reconhecido, podendo ocorrer três situações frequentes. Primeiramente podem permanecer sujeitadas a serem encaradas como ajudantes, depois podem ser consideradas como dependentes, mesmo quando assumem grande parte das responsabilidades do núcleo familiar, ou podem ser reconhecidas como autônomas, quando são capazes de tomar suas próprias decisões. É possível notar pelo discurso das mulheres entrevistadas que muitas se enquadram

nesta última perspectiva, atuando como protagonistas de seus próprios desenvolvimentos, no entanto, para estarem atualmente nessa posição, certamente já experimentaram as outras duas categorias.

Em relação aos níveis de organização e ação coletiva que fomentam intervenções no assentamento, estes possibilitaram com o passar tempo ao grupo transformarem as relações de companheirismo, como também ofereceram mais clareza de que o espaço coletivo possibilita uma maior convivência e interação, reforça os laços de amizade, oportunizam a execução de atividades que fornecem novos aprendizados, e reforçam a cooperação.

As contribuições dessas mulheres para a coletividade do grupo se entrelaçam de maneiras diferentes, cada uma assumindo um papel diferenciado. O grupo serve também como um refúgio ou uma fortaleza para estas mulheres se sentirem mais encorajadas e seguras de suas ações dentro do assentamento, sobretudo quando se impõem politicamente.

Compartilhando seus conhecimentos, sonhos e solidariedades e se beneficiando disso tudo mutuamente. Assim é como são pensadas as ações do grupo Roseli Nunes, que, além disso, colocarem valores norteadores, como o trabalho, o respeito e a amizade, sempre à frente.

5. AGRADECIMENTOS

À equipe técnica do CETAP pela valiosa colaboração no trabalho, e a todas as mulheres do grupo Roseli Nunes que concederam as entrevistas para compartilhar suas impressões e opiniões.

6. REFERÊNCIAS

BRUMER, A. **Mulher e desenvolvimento rural**. In: PRESVELOU, C.; ALMEIDA, F. R.; ALMEIDA, J. A. (Orgs). *Mulher, família e desenvolvimento rural*. Santa Maria: UFSM, p. 39-58, 1996.

FARIAS, M. F. L. **Assentamento Sul Bonito: as incertezas da travessia na luta pela terra**. 2002. Tese (Doutorado em Sociologia). Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, Universidade Estadual Paulista, Araraquara - SP, 2002.

FONSÊCA JÚNIOR, G.; BRASIL, J. D. O. A resistência das mulheres ao “Projeto da Morte”: uma análise acerca da possível autonomia feminina da Chapada do Apodi/RN. **Revista Gênero & Direito**, João Pessoa, v. 4, n. 1, p. 166-187, 2015.

GIEHL, E. L. H. **Projeto Flora Digital - UFRGS**. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/fitoecologia/florars/>>. Acesso em: 5 jun. 2019.

GOMES, R. C. M.; NOGUEIRA, C.; TONELI, M. J. F. Mulheres em contextos rurais: um mapeamento sobre gênero e ruralidade. **Revista Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 28, n.1, p. 115-124, 2016.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Rio Grande Do Sul, Ibiacá**, 2016. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/xtras/perfil.php?lang=&codmun=430980&search=rio-grande-do-sul|ibiaca>>. Acesso em: 10 Maio 2016.

MELUCCI, A. **Challenging codes: collective action in the information age**. Cambridge, Mass.: Cambridge University Press, 1996.

MIRANDA, F. Q.; ZARNOTT, A. V. A sistematização de experiências agroecológicas como ferramenta de qualificação das ações de extensão rural em assentamentos no Rio Grande do Sul. **Cadernos de Agroecologia**, Recife, v. 8, n. 2, 2013.

MIRANDA, F. Q.; ZARNOTT, A. V. Capacitando equipes técnicas para sistematizar experiências agroecológicas em assentamentos de reforma agrária do RS. **Cadernos de Agroecologia**, Recife, v. 10, n. 3, 2015.

MOSER, C. **La planificación de genero en el tercer mundo: enfrentando las necesidades prácticas y estratégicas de género**. In: GUZMÁN, V.; PORTOCARREO, P.; VARGAS, V. Una nueva lectura: género en el desarrollo. Lima: Entre Mujeres/Flora Tristán, p. 55-124, 1991.

NOGUEIRA, C. M. M.; FORTES, M. F.A. A importância dos estudos sobre trajetórias escolares na sociologia da educação contemporânea. **Revista Paidéia**, Belo Horizonte, n. 2, 2004.

PRADO, M. A. M. Da mobilidade social à constituição da identidade política: reflexões em torno dos aspectos psicossociais das ações coletivas. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 8, n. 11, p. 59-71, 2002.

REIS, E O.; MARTINS, E. C.; CARVALHO, J. S.; GUSSOM, M. F.; SANTOS, N. G.; MIRANDA, F. Q. **A Organização Comunitária das Famílias do PA Seguidores de Natalino / Ibiacá**. In: Sistematização de Experiência Agroecológica: Núcleo Operacional Vacaria. CETAP: Sananduva, 2015 (documento interno).

RÜCKERT, A. A. Metamorfoses do território. **A agricultura de trigo/soja no planalto médio rio-grandense**. Porto Alegre: Editora da UFRGS. 2003.

SIGRA, **Sistema Integrado de Gestão Rural da ATEs**, 2014 (documento interno).

SILVA NETO, B; OLIVEIRA, A. Agricultura familiar, desenvolvimento rural e formação dos municípios do Estado do Rio Grande do Sul. **Revista Estudos Sociológicos, Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 1, p. 83-108, 2008.

THOMPSON, P. **A voz do passado – historia oral**. São Paulo: Paz e Terra, 1992, 104 p.

TORO, B.; WERNECK, N. M. D. **Mobilização social: um modo de construir a democracia e a participação**. Ministério da Justiça, Secretaria Nacional dos Direitos Humanos, Programa Nacional de Direitos Humanos, 1997, 194 p.

ZANELLA, F. C.; TORRES, E. J. M.; BONZA, A. L. B. Condicionantes e diversidade de estratégias entre agricultores familiares no Noroeste do Rio Grande do Sul. **Revista Raízes**, v. 38, n. 2, 2018, p. 144.

APÊNDICE C - GUIA DE PERGUNTAS NORTEADORAS DAS ENTREVISTAS

1. Qual seu nome?
2. Como é a composição da família? É casada? Possui filhos? Netos?
3. Na sua família de origem sua mãe é ou foi atuante na comunidade dela?
4. Como era sua mãe? Como você se lembra de sua mãe?
5. É desta comunidade ou veio de outra? Qual motivo fez vir?
6. Quais foram os motivos que fizeram vir morar na comunidade?
7. Quanto tempo mora na comunidade? Está feliz de morar aqui?
8. Participa de algum movimento social? Em que movimento vem atuando?
9. Se considera agricultora?
10. Está inserida nas atividades produtivas?
11. O que se planta ou cultiva na sua propriedade?
12. Usam agrotóxicos e proteção? Recebem assessoria técnica?
13. O trabalho produtivo é separado entre homem e mulher?
14. A renda de sua família é de base agrícola? Produz algo não-agrícola?
15. Possui dependência do marido? Em que sentido?
16. Ocorre divisão com o marido nos serviços domésticos?
17. De onde vem e quem é que provém a renda familiar?
18. Existe discriminação do trabalho da mulher na comunidade?
19. Quem toma as decisões na sua família?
20. Como imagina o futuro da comunidade e do grupo de mulheres?
21. Como você chegou ao grupo? O que te fez participar do grupo? Reação do marido?
22. Qual a importância do grupo pra você? O que te mantém?
23. Como imagina o futuro de sua família?
24. Como você se vê daqui a cinco anos?
25. Os filhos/netos demonstram querer permanecer no local?
26. Tem conhecimento de algum caso de violência contra mulher na comunidade?
27. O que significa ser mulher para você? Como se sente sendo mulher?
28. Existe alguma mulher que você admire ou que tenha como referência?
29. Qual seu sonho?
30. É feliz?

APÊNDICE D - RETRATOS DA PESQUISA

Figura 18 – Detalhes dos desenhos retratando o presente do Grupo Vitalidade, de Juazeirinho, PB. Os retângulos brancos são supressões de nomes pessoais.



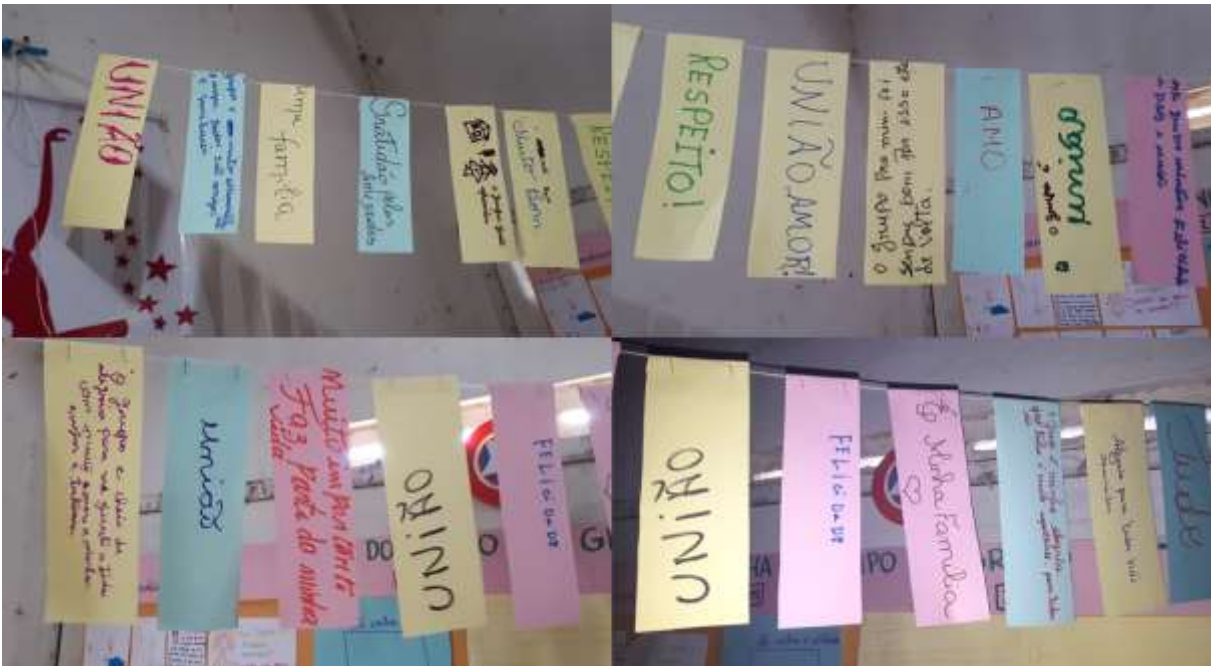
Fonte: Autoria própria.

Figura 19 – Detalhes do da linha do tempo do Grupo Vitalidade, de Juazeirinho, PB com destaque aos três períodos: antes, meio e agora.



Fonte: Autoria própria.

Figura 20 – Detalhes do varal dos sentidos do Grupo Vitalidade, de Juazeirinho, PB.



Fonte: Autoria própria.

Figura 21 – Dança de carimbó com as jovens do Grupo Vitalidade, de Juazeirinho, PB.



Fonte: Autoria própria.

Figura 22 – Construção da Linha do Tempo do Grupo Vitalidade, de Juazeirinho, PB.



Fonte: Larissa Queiroz de Medeiros Torres.

Figura 23 – Junina Paixão Nordestina se apresentando na 8ª Festa Estadual da Semente da Paixão, em Soledade, PB.



Fonte: Autoria própria.

Figura 24 – Banner da Junina Paixão Nordestina, grupo de quadrilha junina dos jovens da comunidade Olhos D’Aguinha, de Juazeirinho, PB. As fotos foram do primeiro ano (2018) de apresentação do grupo, com roupas alugadas.



Fonte: Autoria própria.

Figura 25 – Casa de beneficiamento do Grupo Mulheres Filhas da Terra, de Pedra Lavrada, PB, e tarjetas amarelas simbolizando os sentidos de participar do grupo pelas integrantes.



Fonte: Autoria própria.

Figura 26 – Produtos originados do trabalho do Grupo Mulheres Filhas da Terra: A) Polpa de goiaba; B) Polpa de umbu; C) Cerveja Saison Umbu fabricada pela empresa paulista Experimento Beer a partir de polpas de umbu do grupo.



Fonte: Arquivo do Grupo Mulheres Filhas da Terra.

Figura 27 – Processo de fabricação do doce de umbu pelo Grupo Mulheres Filhas da Terra: A) Umbu despolpado; B) Preparação do doce; C) Doces de umbu envasados.



Fonte: Arquivo do Grupo Mulheres Filhas da Terra.

Figura 28 – Colheita do fruto do umbuzeiro em Pedra Lavrada: A) Árvore no auge da frutificação; B) Frutos maduros adquiridos pelo grupo de mulheres; C) Detalhes dos frutos maduros, que permanecem verdes.



Fonte: Arquivo do Grupo Mulheres Filhas da Terra.

Figura 29 – Equipe da TV Paraíba durante a reportagem em Canoa de Dentro (2014).



Fonte: Arquivo do Grupo Mulheres Filhas da Terra.

Figura 30 – Momentos dos eventos promovidos pelas mulheres inseridas no Grupo Mulheres Filhas da Terra, de Pedra Lavrada, PB.



Fonte: Arquivo do Grupo Mulheres Filhas da Terra.

Figura 31 – Sentidos das integrantes do Grupo Mulheres Camponesas do Semiárido em fazer parte do grupo e banner de divulgação em feiras e eventos.



Fonte: Autoria própria.

Figura 32 – Interior do Banco de Sementes Comunitário das comunidades Coalhada e Capoeiras, em Cubati, PB.



Fonte: Arquivo do Grupo Mulheres Camponesas do Semiárido.

Figura 33 – Salão anexo à paróquia da comunidade Coalhada, de Cubati, PB, no dia que foi realizada a dinâmica da linha do tempo.



Fonte: Autoria própria.

Figura 34 – Casa de beneficiamento de frutas do Grupo Mulheres Camponesas do Semiárido, em Cubati, PB: A) Mulheres do grupo trabalhando na seleção dos frutos; B) Mulheres preparando os frutos de goiaba; C) Polpa de goiaba em embalagem; D) Frutos de goiaba prontos para passar no liquidificador.



Fonte: Arquivo do Grupo Mulheres Camponesas do Semiárido.

Figura 35 – Evento prévio de articulação para a 8ª Festa Estadual das Sementes da Paixão, em Soledade, PB: A) Sementes levadas pelas famílias agricultoras; B) Mapa do território de atuação do Coletivo com agendas de 2019; C) Local do evento.



Fonte: Autoria própria.

Figura 36 – 8ª Festa Estadual das Sementes da Paixão, em Soledade, PB: A) Plenária onde ocorreram os debates e a feira agroecológica; B) Ato público nas ruas de Soledade; C) Bandeira “Paraíba livre de Transgênicos e Agrotóxicos”.



Figura 37 – Diversidade na 8ª Festa das Sementes da Paixão: A) Estandarte das Famílias Guardiãs; B) Rótulos de 2018 para as embalagens; C) Biodiversidade de alimentos da agricultura familiar na Feira da Semente da Paixão, com destaque na fruta pinha; D) Representando a sementes animal, um caprino Landi, raça protegida por famílias guardiãs.



Fonte: Autoria própria.

Figura 38 - Tanque de Pedra da comunidade do Lajedo de do Marinho, em Cabaceiras, PB.



Fonte: Autoria própria.

APÊNDICE E - PLANTAS REPRESENTADAS

Este apêndice é dedicado a apresentar as 38 plantas personificadas neste trabalho na figura de mulheres do Semiárido paraibano. Como Engenheiro Agrônomo e militante da Agroecologia, e, antes de tudo como brasileiro, tenho certeza que a biodiversidade de nossa nação é um dos maiores patrimônios que possuímos.

Assim, no Quadro 1 são apresentadas essas plantas, que estão distribuídas entre três riscos de extinção: vulnerável, em perigo e criticamente em perigo. Muitas destas espécies habitam mais de um bioma brasileiro, e, com exceção do Amapá, estão ocupando todas as unidades federativas do Brasil, embora o que as reúne nesta lista é o fato de todas terem a Caatinga como uma de suas “casas”. O quadro traz também uma breve descrição da justificativa delas estarem em risco. Todas as informações contidas abaixo foram retiradas do Livro vermelho da flora do Brasil, organizado por Martinelli e Moraes (2013).

Quadro 1 – Plantas encontradas na flora da Caatinga que foram referenciadas neste trabalho. As informações foram obtidas no Livro vermelho da flora do Brasil.

Nome científico	Risco de extinção	Distribuição	Justificativa
<i>Aechmea werdermannii</i> Harms	Em perigo	PB; PE	A espécie ocupa uma área bastante reduzida, restrita aos Brejos de Altitude e as Florestas Estacionais Semidecíduais do Nordeste brasileiro. Esses ambientes se encontram extremamente fragmentados devido à perda de cobertura vegetal original nos diferentes municípios e ao declínio contínuo da qualidade do habitat.
<i>Annona pickelii</i> (Diels) H. Rainer	Vulnerável	AL; PB; PE; SE	A espécie é endêmica do Brasil e está sujeita a situações de ameaça por conta da expansão imobiliária nos locais de ocorrência da espécie, as matas densas de Restinga.
<i>Apuleia leiocarpa</i> (Vogel) J.F.Macbr.	Vulnerável	AC; AL; BA; CE; DF; ES; GO; MA; MG; MS; MT; PA; PB; PE; PI; PR; RJ; RN; RO; RS; SC; SE; SP; TO	Espécie amplamente utilizada pela indústria madeireira, principalmente no Estado de Santa Catarina. Portanto, considerando o alto valor econômico da espécie, suspeita-se que, em 100 anos, a população tenha sofrido uma redução de pelo menos 30%. Recomenda-se o monitoramento a fim de estabilizar a população, e a implementação do manejo sustentável da espécie.

<i>Barjonia harleyi</i> Fontella & Marquete	Em perigo	BA	Espécie de distribuição restrita, tem extensão de ocorrência de 2.331,27 km ² . Está sujeita a quatro situações de ameaça, nos municípios de Abaíra, Mucugê, Piatã e Rio de Contas. É ameaçada pelo declínio contínuo em extensão de ocorrência (atividades agrícolas para a formação de pastagens e cultivo de frutas), área de ocupação, extensão e qualidade do habitat (utilização de fogo e extração ilegal de madeira e lenha).
<i>Byrsonima microphylla</i> A. Juss.	Em perigo	AL; BA; PI; SE	Se caracteriza por ser uma espécie arbustiva de ocorrência principalmente em restingas da região Nordeste do Brasil. Apresenta ampla distribuição, porém sua área de ocupação tem se reduzido drasticamente ao longo dos anos, em especial em função da especulação imobiliária.
<i>Caesalpinia echinata</i> Lam.	Em perigo	AL; BA; ES; PB; PE; RJ; RN	Conhecida como pau-brasil, é uma espécie de grande importância econômica com histórico de mais de 500 anos de exploração. Ocorre em ambientes que vem sendo severamente degradados desde a colonização até os dias de hoje, o que causou um intenso declínio na qualidade do habitat e a extinção local, as quais foram responsáveis pela fragmentação da espécie, que passou a apresentar distribuição agregada, causando redução da variabilidade genética com fluxo gênico cada vez menor. Embora o cultivo tenha sido iniciado, sua população não pode ser considerada estável, pois as principais ameaças (exploração e perda do habitat) não cessaram.
<i>Cariniana legalis</i> (Mart.) Kuntze	Em perigo	AL; BA; ES; MG; PA; PB; PR; RJ; SP	É considerada a maior árvore da Mata Atlântica, sendo também muito longeva, com indivíduos que podem atingir mais de 500 anos. As subpopulações são, em geral, compostas de vários indivíduos de grande porte, supostamente muito antigos. Suspeita-se que tenha sofrido com a exploração madeireira sistemática. Além disso, a espécie vem enfrentando um forte declínio contínuo na qualidade e extensão do seu habitat ao longo de praticamente toda a sua distribuição.
<i>Catolesia mentiens</i> D.J.N. Hind	Criticamente em perigo	BA	A espécie é endêmica dos campos rupestres do Estado da Bahia, e ocorre em solo arenoso com afloramentos rochosos, na região da Chapada Diamantina. Tem extensão de ocorrência menor que 100 km ² e área de ocorrência original menor que 10 km ² . Além

			disso, está sujeita a uma situação de ameaça que considera a incidência de queimadas provocadas pelo homem e a intensa visitação de turistas como principais ameaças.
<i>Cattleya granulosa</i> Lindl.	Vulnerável	BA; PB; RN	É uma espécie de orquídea que ocorre principalmente na faixa litorânea, em áreas de restinga. A espécie tem como ameaças a fragmentação do habitat onde ocorre, ocasionada principalmente pelo desenvolvimento imobiliário, e pressão de coleta predatória, pelo seu valor ornamental. Devido às ameaças incidentes sobre a espécie, suspeita-se que haja uma redução populacional de 30% dos indivíduos maduros nos próximos 30 anos.
<i>Cedrela odorata</i> L.	Vulnerável	AC; AM; BA; CE; DF; ES; GO; MA; MG; MS; MT; PA; PB; PE; PR; RJ; RO; SC; SP	É uma espécie madeireira de alto valor comercial, que vem sendo francamente explorada ao longo de toda a sua distribuição há dois séculos. As informações disponíveis apontam para um altíssimo ritmo de extração da espécie ainda hoje e por isso suspeita-se que sua população já tenha declinado ao menos 30% ao longo de três gerações.
<i>Dalbergia nigra</i> (Vell.) Allemão ex Benth.	Vulnerável	BA; ES; MG; PE; RJ; SP	Tem valor econômico extremamente alto, tendo sido considerada a melhor madeira do Brasil para construção civil e fabricação de móveis finos e instrumentos musicais. Apesar de amplamente distribuída pelo país, é considerada rara em floresta primária. A extração de sua madeira no passado foi muito intensa e estima-se que pelo menos 30% da população da espécie tenha sido perdida. Além disso, a extração ilegal da madeira é uma realidade, principalmente de raros indivíduos de grande porte.
<i>Eriope anamariae</i> Harley	Em perigo	BA	Arbusto saxícola, ocorre em Caatinga e possivelmente Cerrado, em altitudes entre 1.600 e 1.800 m. Como nos registros de ocorrência não há indicação de que esteja dentro de unidades de conservação, e como os ambientes de Caatinga e Cerrado estão sujeitos ao fogo e a outros fatores de deterioração, tais como pastoreio, agricultura e turismo, supõe-se que a espécie venha sofrendo perda da qualidade de habitat.
<i>Fridericia crassa</i> (Bureau & K.Schum.) L.G.Lohmann	Vulnerável	MA; PI	É uma liana endêmica do Brasil, restrita aos biomas Cerrado e Caatinga. Ocorre em menos de cinco situações de ameaça. Está protegida pela unidade de conservação Parque Nacional da Serra da Capivara. Encontra-se ameaçada

			pelo intenso desmatamento, já que os Estados do Maranhão e Piauí são o primeiro e o quinto, respectivamente, em desflorestamento da vegetação nativa. São necessários investimentos em pesquisa científica e esforços de coleta a fim de verificar a existência de subpopulações, considerando a viabilidade populacional e sua proteção.
<i>Griffinia gardneriana</i> (Herb.) Ravenna	Em perigo	BA; CE; MG; PE; PI	A espécie ocorre nas regiões Nordeste e Sudeste. Encontrada em vegetação xerófila, suas principais ameaças são a perda e degradação de habitat. A espécie é odorífera e ornamental e está protegida em uma única unidade de conservação, o Parque Nacional do Catimbau, no Estado de Pernambuco.
<i>Guzmania monostachia</i> (L.) Rusby ex Mez	Vulnerável	CE; PE	A espécie não é endêmica do Brasil, e tem registros em três serras no Estado do Ceará e em uma localidade no Estado de Pernambuco, com área de ocorrência original de apenas 6 km ² , ocupando remanescentes de Florestas Ombrófila Densa e Estacional Semidecidual em regiões de brejos de altitude da Caatinga que estão altamente fragmentados no Nordeste brasileiro. Foram identificadas seis situações de ameaça distintas, sendo a coletada para uso forrageio uma delas.
<i>Harpalyce lanata</i> L. P. Queiroz	Em perigo	BA	Restrita aos campos rupestres, e encontrada em solos arenosos entre afloramentos de rochas quartzíticas. Está sujeita a menos de cinco situações de ameaça, considerando as atividades antrópicas, como agricultura e queimadas, as ameaças principais à sobrevivência da espécie.
<i>Huperzia martii</i> (Wawra) Holub	Em perigo	BA; ES	É uma pteridófito rara, encontrada apenas em Ilhéus (BA), Cachoeira do Itapemirim e Castelo (ES) e, possivelmente, Serra do Cipó (MG). Tem uma área de ocorrência original bastante pequena, de 28 km ² , que possivelmente reflete sua raridade. Por ocorrer em áreas distantes entre si, suspeita-se que sua população seja severamente fragmentada. Apesar de estar presente em duas unidades de conservação, os demais locais onde a espécie foi registrada sofrem com diversas ameaças, como a perda de habitat.
<i>Hymenaea parvifolia</i> Huber	Vulnerável	AC; AM; MA; MT; PA; PI; RO; RR	Apesar da ampla distribuição, a espécie é utilizada por apresentar madeira adequada para construção civil, de embarcações, móveis e artigos feitos de madeira e, por isso, estima-se que pelo menos 30% da população tenha

			<p>sido extraída da natureza nos últimos 100 anos. A extração seletiva legalizada no Estado do Mato Grosso rendeu 102.747,32 m³ de madeira da espécie no período de 2006 a 2011. Estima-se que esse volume corresponda à supressão de 30.912 indivíduos. Portanto, a espécie deve ser monitorada, e sua extração devidamente fiscalizada a fim de garantir a diversidade genética das subpopulações e sua sobrevivência na natureza.</p>
<i>Hyptis bahiensis</i> Harley	Em perigo	BA	<p>Liana escandente de locais úmidos, se desenvolve entre 700 e 1.100 m de altitude. A espécie ocorre no Estado da Bahia, na região da Chapada Diamantina, em dois municípios, com extensão de ocorrência original de 3.574,47 km² e está sujeita a menos de cinco situações de ameaça. As principais ameaças são a degradação do habitat e poluição das águas por ação antrópica.</p>
<i>Jacaranda grandifoliolata</i> A.H.Gentry	Em perigo	BA; PB	<p>Encontra-se sob constante ameaça devido à intensa supressão de seus habitats. São necessários investimentos em pesquisa científica e esforços de coleta a fim de verificar a existência de subpopulações, sua viabilidade populacional e proteção.</p>
<i>Janusia schwannioides</i> W.R. Anderson	Em perigo	BA; PB	<p>É uma espécie amplamente distribuída no Nordeste do Brasil. No entanto, os ambientes de ocorrência da espécie são altamente influenciados por ações antrópicas causando instabilidade em suas subpopulações, que são, geralmente, pouco abundantes, assim, acredita-se que estejam em declínio contínuo. A perda de habitat e a perda de qualidade de habitat configuram sérias ameaças.</p>
<i>Lippia alnifolia</i> Mart. & Schauer	Vulnerável	BA	<p>Espécie considerada rara e endêmica do Estado da Bahia, possuindo área de ocorrência original inferior a 20.000 km². Ocorre em local com exploração agrícola, agropecuária e garimpeira. Verifica-se uma tendência de declínio progressivo na qualidade do habitat, e a espécie está sujeita a pelo menos seis situações de ameaça.</p>
<i>Luziola brasiliensis</i> (Trin.) Pilg.	Vulnerável	BA; PB; PE; RN; SC; SP	<p>Tem área de ocorrência original igual a 44 km² e suas subpopulações estão sujeitas a, pelo menos, 10 situações de ameaça distintas. É principalmente encontrada em fendas de rocha com água acumulada, sendo este um habitat específico da Caatinga que sofre com a transformação para áreas agrícolas.</p>

<i>Marctia formosa</i> Wurdack	Em perigo	BA	Espécie endêmica do Estado da Bahia, no Pico das Almas, a cerca de 1.600 m de altitude. Tem área de ocorrência original calculada em 76 km ² e está sujeita a apenas uma situação de ameaça. A região passa por um processo de antropização que resulta no declínio da qualidade do habitat.
<i>Marsdenia queirozii</i> Fontella	Em perigo	BA	Espécie de liana da Caatinga. Tem distribuição restrita, com extensão de ocorrência de 518,14 km ² . Está sujeita a duas situações de ameaça, nos municípios de Barra e Bom Jesus da Lapa. É ameaçada pela perda de área e qualidade do habitat, em decorrência do desmatamento, estimado em 30% a 51% em toda a caatinga. Nos municípios de ocorrência, são fortes as atividades de extração de lenha e madeira em tora.
<i>Metastelma giuliettianum</i> Fontella	Em perigo	BA	Espécie rara de liana, encontrada nos campos rupestres na região sul da Chapada Diamantina. Tem distribuição restrita, com área de ocorrência original e 28 km ² . É ameaçada pelo declínio de habitat em decorrência do aumento da frequência de magnitude de incêndios por alteração do uso do solo, como desmatamento e manejo de pastagens.
<i>Mikania glauca</i> Mart. ex Baker	Em perigo	BA; MG	A espécie é endêmica dos Estados de Minas Gerais e Bahia, com área de ocorrência original de 80 km ² , sendo encontrada em cerca de cinco locais em situação de ameaça. Este arbusto dos campos rupestres do Cerrado, na região da Serra do Cipó, é ameaçado pela ocorrência de queimadas, por atividades de mineração e práticas agropecuárias.
<i>Mimosa mensicola</i> Barneby	Em perigo	BA	Apresenta área de ocorrência restrita, estimada em 356, 60 km ² , e está sujeita a menos de cinco situações de ameaça, considerando sua presença e ausência em unidades de conservação. Ocorre em habitat severamente fragmentado e degradado, o que afeta diretamente a dinâmica de suas subpopulações e a qualidade do seu habitat.
<i>Myrcia isaiana</i> G.M. Barroso & Peixoto	Em perigo	BA; ES; PE; PR; SC; SP	Apesar de ocorrer em diversos locais no Brasil, tem subpopulações disjuntas e apenas em determinadas regiões, dessa maneira, podemos considerar sua população severamente fragmentada. Em todas as regiões em que a espécie ocorre, há declínio na qualidade do habitat. Além disso, sua área de

			ocorrência original (34 km ²) e densidade populacional são baixas.
<i>Myrsine congesta</i> (Sw.) Pipoly	Em perigo	BA; MG; RJ	Trata-se de um subarbusto ou arbustos terrícola endêmico do Brasil, encontrado em afloramentos rochosos. Apresenta área de ocorrência original de 52 km ² , e encontra-se sob quatro situações de ameaça: expansão urbana, agricultura, mineração e expansão industrial. A espécie está protegida pelo Parque Nacional da Chapada Diamantina, Parque Estadual do Ibitipoca (MG) e Parque Estadual do Desengano (RJ).
<i>Paliavana werdermannii</i> Mansf.	Vulnerável	BA; MG	Tem distribuição restrita à região norte da Cadeia do Espinhaço, na BA e em MG, sendo encontrada nos campos rupestres. Apresenta extensão de ocorrência de 16.612,63 km ² , e está sujeita a menos de cinco situações de ameaça. Atividades de turismo ecológico e constantes incêndios comprometem a área e a qualidade dos habitats de ocorrência da espécie.
<i>Passiflora hatschbachii</i> Cervi	Em perigo	MG	Ocorre nos Estados de MG e, possivelmente, BA, entre 150 e 250 m de altitude. Restrita ao bioma Mata Atlântica, em Floresta Estacional Semidecidual, habita a copa das árvores em orla de mata. Apresenta área de ocorrência original de 12 km ² . Não recoletada desde 1998, é conhecida apenas por coletas pontuais, nos municípios de Leopoldina, Manga e Jaíba, região centro-norte de Minas Gerais, onde apresenta baixa densidade populacional, e está sob constante ameaça devido à existência da rodovia BR-101 e seus impactos indiretos.
<i>Persea glabra</i> van der Werf	Criticamente em perigo	BA	Tem área de ocorrência original igual a 53,34 km ² , estando sujeita a uma situação de ameaça que é o desenvolvimento de atividades agrícolas para a formação de pastagens e o cultivo de frutas; em geral, essas atividades têm sido realizadas com a utilização de fogo e a extração ilegal de madeira e lenha. Tem sido registrado também o extrativismo ilegal de plantas.
<i>Piper bennettianum</i> C.DC.	Em perigo	BA; MG; RJ	É uma espécie com distribuição ampla, porém marcadamente disjunta, ocorrendo em áreas montanhosas do Estado do RJ e na região da Chapada Diamantina. A espécie encontra-se sujeita a uma série de fatores que podem levar à degradação do seu habitat, como a ocorrência de incêndios periódicos severos.

<i>Simira grazielae</i> Peixoto	Em perigo	BA; ES	Espécie arbórea de grande porte da Floresta Pluvial Atlântica. Está suscetível à extinção devido ao declínio de sua área de ocorrência original e da qualidade do habitat, em consequência do desmatamento histórico da região para agropecuária e silvicultura. Há oito coleções da espécie, que é considerada planta rara do Brasil, ocorrendo em baixa densidade na natureza.
<i>Sinningia harleyi</i> Wiehler & Chautems	Em perigo	BA	É endêmica da Chapada Diamantina (BA), restrita à região de Rio de Contas, Pico das Almas. Apresenta extensão de ocorrência de 1.021,61 km ² , e está sujeita a menos de cinco situações de ameaça, considerando sua presença ou não em unidades de conservação.
<i>Xyris fibrosa</i> Kral & Wand	Criticamente em perigo	BA	É uma espécie rara, que ocupa uma área de ocorrência original de 4 km ² . Está sujeita a uma única situação de ameaça nos campos rupestres da Chapada Diamantina, que são impactados pela incidência de incêndios e atividades agropastoris.
<i>Zygostates kuhlmannii</i> Brade	Em perigo	ES; PB; PE	Foi descrita em 1951 a partir de um espécime coletado no ES em 1943. Desde então, a espécie não foi mais encontrada na localidade-tipo, sendo por isso considerada extinta nessa região. O elevado grau de desmatamento no município de Colatina, no qual 94% da área original de Mata Atlântica encontra-se desmatada, corrobora a suspeita da extinção local desta espécie. Os brejos nordestinos onde a espécie foi registrada também são fortemente ameaçados pela ação humana, principalmente devido à expansão agropecuária. Com área de ocorrência original de 24 km ² .

ANEXO A - MODELO DE BOLETIM SISTEMATIZADOR

Este boletim é composto de quatro páginas, mas normalmente são duas, frente e verso.



SONHO QUE VIROU REALIDADE: “TER UMA TERRA BONITA E COM ÁRVORES”



O casal camponês Djalma e Rosimery se casaram em 1988, época em que não tinham terra e, na condição de moradores, foram trabalhar e morar na terra dos padrinhos de Djalma, localizada na comunidade Pascácio, no município de Gurjão, no Semiárido Paraibano. Constituíram uma família e tiveram uma filha, Djailma e três filhos, Danilo, Darlan e Djavan. Quando chegaram à propriedade, a terra encontra-se desmatada, toda a mata nativa havia sido destruída para a produção de carvão. “Da antiga mata só restava os buracos de carvoeiras e mais de sessenta bocas de formigueiros, que no início foram tratadas com veneno”, explica o agricultor.

Djalma, muito observador da natureza, ia percebendo que para o solo voltar a ser produtivo, tinha que haver um equilíbrio na diversidade de espécies nativas da região e viu que a “formiga não só destrói, mas ela tem sua função na Natureza de transportar e semear as sementes das plantas nativas”. Quando descobriu isso, ele observava que os formigueiros que se situavam na antiga mata semeavam pelo caminho por onde passavam e esse trabalho das formigas foi uma ajuda fundamental para recuperar e conservar a mata e a melhorar a pastagem para os animais, porque segundo ele, “as formigas levavam a semente de angico, da baraúna, do umbuzeiro, do cajá, da catingueira, do pereiro, e por aí vai ... e a mata foi se recuperando”.

E foi nesta sabedoria popular herdada da avó, como ele faz questão de lembrar que sua avó era rezadeira e fabricava medicamentos caseiros, que a cada dia ele aprendia mais com a própria dinâmica da natureza. Ele explica, “onde tem galinha, nunca tem cobra nem carrapato, ciscando as folhas elas espantam as cobras e se alimentam dos carrapatos. Também onde se cria bode não há cobras, porque eles vão comendo a folhagem e isso ajuda a espantar as cobras”.

Todas estas coisas, no cotidiano do seu trabalho na propriedade, Djalma ia colocando em prática e foi assim que tudo começou a mudar.





Sendo o ano de 1988, ano em se casou com Rosimery, muito bom de inverno, logo que chegou a terra resolveram plantar algodão e lucraram 700Kg, em meia hectare. Nesta época, o casal trouxe para o sítio uma vaca com um bezerro que Djalma já criava antes do casamento.

Foi desta vaca que ele começou a tirar o dinheiro da feira, "ela dava três litros de leite todo dia e eu vendia um litro na usina para arrumar o dinheiro da feira". Também nesta época, lembra, que trabalhava de alugado para o dono da terra (seu padrinho). "Trabalhei de alugado até 1993, de lá até 2006, o dono da terra deixou de pagar minha diária, chegou uma hora que o proprietário me devia mais do que a terra valia".

Devido a falta de pagamento, ele foi fazendo tudo por conta própria, plantou palma, cercou a terra, aumentou o rebanho, das duas vacas que o dono deixou ele aumentou para dez, tudo isso já somado a um rebanho dele originado da primeira vaca que levou para o sítio.

Já neste período (2006), o proprietário lhe procurou para negociar a terra, queria lhe vender por 22 mil, "mas quando juntou tudo o que eu já tinha feito aqui, somou 14 mil". Depois de muita negociação e com a intermediação da sua madrinha (mulher do proprietário) que reconhecia seu trabalho e via nele o melhor comprador para aquela propriedade, o dono resolveu lhe passar a terra por 13 mil, e assim fizeram.

"Eu vendi dois porcos, por mil, sete reis por 7.200, mais três reis por 1.800 e fui depositando tudo nos Correios em Gurjão, quando completou dez mil, liguei para o dono. Os outros três mil paguei em 2007 com a venda de três bezerros".



No decorrer da história do casal, desde a juventude atuaram nos grupos sociais de evangelização, fé e política da Igreja Católica na região do Cariri Paraibano. Foi neste período que eles se conheceram, iniciaram o namoro e depois se constituíram como família agricultora. Sobretudo, Djalma participou de encontros da juventude do meio rural, tanto no Estado da Paraíba, como em outros estados do Brasil. O camponês participou de vários eventos, onde se discutia práticas de desenvolver a produção agrícola e a criação animal sem agredir a Natureza.





Seu engajamento nos movimentos como a Animação dos Cristãos no meio Rural (ACR) e nas Comunidades Eclesiais de Base (CEB's) na década de 80, lhe deram base, anos mais tarde, para que conhecesse e fosse convidado a participar do trabalho desenvolvido pela ASA e no Coletivo, já como presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, isso no ano de 2003, quando participou de uma reunião do P1MC. A participação nos movimentos sociais e nas pastorais, fortalecidos por meio de intercâmbios de experiências e oficinas na perspectiva da convivência com o Semiárido, o tornou consciente em relação ao não uso de venenos nas formigas, "agora, só uso urina de vaca e cinzas, de 98 até aqui não uso mais venenos". Desde que parou de usar substâncias tóxicas observou que passou a lucrar mais, "mesmo que a lagarta comesse, mas o lucro era sempre melhor".



Começou a preservar as espécies de pássaros predadores de lagartas e foi fazendo o equilíbrio, junto com eles, da plantação "o próprio passarinho faz a defesa da lavoura". etação nativa plantando cardeiro, xique-xique, macambira e depois de conhecer a assessoria do PATAC/ASA passou também a cultivar espécies forrageiras, para enfrentar os períodos de estiagem com reserva de proteína para o gado como: Nim, Gliricídia e Moringa.

O camponês afirma "sou um agricultor que nunca gostei de queimar, fui morar numa propriedade que fazia carvão e criava gado, mas aqui não destruo um só pé de pau, porque um dos meus sonhos é manter uma propriedade bonita e com árvores". Hoje eu tenho aqui mais de 50 espécies de plantas nativas e adaptadas (angico, aroeira, baraúna, cajá, caibeira, catingueira, feijão brabo, juazeiro, turco, umbuzeiro,



paud'arco, pereiro, etc.), e mais ou menos 20 variedades de pássaros. A minha propriedade é uma das melhores da região, a mata nativa é conservada. Aqui existe mocó, peba, preá, seriema, tacaca, tamanduá, tejo, ... No tronco das árvores são conservadas vários tipos de abelhas nativas, tais com a cupira, jandaira, amarela, rajada e africanizadas".





Quando se fala em vender leite às usinas, ele diz seguramente que prefere fazer o queijo e vender e dá o soro aos porcos "no inverno chego a fabrica setenta queijos e na seca trinta, se eu entregar este leite em Gurjão tenho prejuízo, não há usina que dê mais lucro que os porcos, um porco custa R\$ 700, criado só com o soro do leite".

Já para Rosimery, o mais importante é manter o arredor de casa funcionando, com a plantação de ervas medicinais, fruteiras e hortaliças, além da criação de galinhas de capoeira, ela também cultiva plantas ornamentais.

A perspectiva de futuro para a agricultora é a construção de uma casa nova, "não quero desmanchar essa não, mas quero uma casa do jeito que sonho", diz falando da conservação da antiga casa, onde criou os filhos. Neste sonho de casa nova ela também inclui um quintal cada vez mais produtivo, "quero um quintal bem verdinho". Djalma quer aumentar a barragem e ver a cisterna - calçada construída e funcionando (projeto que já está em andamento). "Quero fazer um grande pomar e expandir a água na propriedade reformando o tanque de pedra, que já cabe 10 caminhões e passará a caber 20".

Para o casal de camponês comprar a propriedade foi uma conquista que será celebrada a vida toda e dizem "uma das maiores mudanças foi quando a terra passou a ser nossa, a pessoa com uma propriedade, sabendo trabalhar ganha mais, do que, com qualquer emprego", finalizou.

